PARAPHRASE

DA EPISTOLA AOS PISÕES,

COMMUMMENTE DENOMINADA

ARTE POETICA DE QUINTO HORACIO FLACCO,

COM ANNOTAÇÕES SOBRE MUITOS LUGARES,

POR

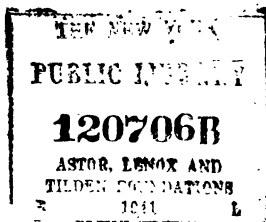
D. GASTÃO FAUSTO DA CAMARA COUTINHO

BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA DA MARINHA.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE JOSÉ BAPTISTA MORANDO,

RUA DO MOINHO DE VENTO N.° 59.

1853.

Medre engenho novel cõ as leis de Horacio,
Thesouros da razão.

BOCAGE. Epist.

Tout passe, tout périt, hors ta gloire et ton nom.

VOLTAIRE. EPIT. Á HORACE.

Tu se lo mio maestro, èl mio auttore:
Tu se solo colui, da cu'io tolsi
Lo bello stile, che m'ha fatto honore.

DANTE. CANTO 1.° VERSO 85.

A SUA MAGESTADE

EL-REI DOM FERNANDO II,

EM TESTEMUNHO DE RESPEITOSA CONSIDERAÇÃO

Offerecem

A VIUVA E FILHAS DO AUTOR.

PROLOGO.

É ao abrigo assombroso do nome de Horacio, que se-anima a apparecer hoje o meu, bem como um corpo opáco, que só reflecte os raios que lhe empresta o luminar alheio. Do grande Lirico, d'aquelle génio sem par, que, medrando em estima e perpetua veneração de todas as Nações cultas, reproduzido em multiplicadas edições e innumeraveis Commentarios, rompendo ovante pela noite de dezoito seculos, assoma, qual astro do dia, a diffundir suas luzes, sempre fecundas, pelas gerações presentes, e proseguindo luminoso pela estrada infinita da posteridade leva gravado em suas obras o indelevel cunho de respeitosa e geral admiração. Eis-aqui o immortal Escritor de todos os tempos e Nações, a quem não poderião illudir os repetidos applausos dos admiradores coetaneos (1) sabendo,

(1) O mesmo Horacio declara ésta sua opinião, dizendo no verso 270:

At nostri proavi Plautinos et numeros et
Laudavere sales: nimium patienter utrumque,
Ne dicam stulte mirati.

que lá o-estava esperando a posteridade como competente Juiz. Só o mesmo Horacio, diz um grande crítico, (2) sería capaz de nos-traçar dignamente o seu proprio retrato. Julgo por tanto, conclúe elle, ser de mais proveito empregar o tempo em o-ler e meditar, que em dar ouvidos aos que o-louvão.

Talvez, por vir a pêlo, me-perguntem agora: *que excitação febril o-empuxou e compellio a sotopôr seus débeis hombros a este commettimento tão*

O nosso Poeta, como tão versado nas lettras gregas, não se-esqueceria da recommendação de Longino, no Cap. 12 do Tratado do Sublime, quando pede que se-tenha sempre em vista o juizo, que a posteridade fará das nossas obras. Boileau tambem nos-adverte, que uma composição, tendo sido approvada por alguns conhecedores, se ella não é revestida de certo ar agradavel, e de um sal proprio para desafiar o gôsto geral dos homens, jámais passará por boa, e os mesmos louvadores se-verão assim constrangidos a confessar que se-enganárão, rendendo-lhe a sua approvação. Este mesmo Horacio Francez, na Reflexão 7.ª da traducção de Longino, torna a repetir, que sómente a declaração da posteridade em abono poderá firmar o verdadeiro merecimento, pois ainda que o escritor, durante sua vida, consiga alguma reputação, e celebridade; ainda que lhe-rendão repetidos louvores; não se-deverá inferir disto com certeza, que as suas obras sejão excellentes. Um falso brilho, a novidade do estilo, certa subtileza d'espirito, que estavão então em moda, e erão do gôsto do seculo, as poderião ter feito valer; e bem poderá acontecer, que nos tempos futuros se-abrão mais os olhos, e se-desprese aquillo mesmo, que tanto se-havia admirado.

(2) *Aguesseau. Letr. Instructi.*

arduo como arriscado, e a sahir a campo com uma Paraphrase, depois de tantas traducções e Commentarios, que se-tem dado á luz, como acaba de referir, meditados com vagar, e escritos pelos mais respeitaveis humanistas? Responderei: dous fôrão os motivos, que me-obrigárão a dar este passo, a pezar da firme antevidencia de perigoso; o primeiro a segura persuasão em que estou, de que Horacio em alguns lugares desta Epistola não se-acha ainda explicado como, talvez, precisem e desejem os principiantes estudiosos, o que por certo não deverá provocar grande admiração se nos-recordarmos que Mr. Dacier (póde dizer-se ainda hontem) dissera, que, a pezar de tantos Commentadores, que o-havião precedido, Horacio se-achava em alguns lugares muito mal entendido; verdade ésta que quasi todos os interpretes, que se-seguírão, claramente reconhecêrão, abraçando como genuinas as suas mais estudadas opiniões. E tenho até ainda mais por persuadivel que, só com o mesmo Horacio entre mãos, lendo e relendo todas as suas obras, se-poderia com maior segurança interpretar ésta Epistola, investigando e reconhecendo com razão palpavel a luz subsidiaria, que communicão umas a outras; e annunciar ésta Epistola, sem que desafiasse grande estranheza entre homens lidos, com este singelo titulo: = *Epistola aos Pisões commentada por Q. Horacio Flacco.* = E para mais reforçar ésta opinião invocaria a autoridade d'um Crítico, (3) de pêso quando diz: = A Arte Poetica

(3) *Rollin.* Hist. Anc. T. 11. pag. mihi 90.

de Horacio, acompanhada d'algumas das suas Sátiras e Epistolas, contém tudo o que ha de mais essencial para as regras da Poesia, e póde considerar-se este pequeno Tratado como um excellente Compendio de Rhetorica para formar o bom gôsto. =

Dêo-me segundo motivo certo calor de indignação, provocado por ver todos os dias abatida, e novamente ressuscitada, a ociosa e pueril questão, em todo o ponto já averiguada, de se pretender dar a uma simples Epistola ou Carta, ainda que instructiva, como são mais ou menos todas as que sahírão da penna de Horacio, o nome vasto e complexo de — *Arte Poetica, ou Tratado completo de Rhetorica* — exigindo com rigor magistral a divisão de Capitulos, Sessões, Cantos, ou Livros; tachando, por ésta pretendida falta, de monstruosa a denominada Arte, e propalando com a voz inteira, que a urdidura é má e confusa; que as cousas estão aqui ditas *a montão;* mal destribuidas, sem néxo algum, e fóra dos seus lugares; não se querendo lembrar estes Críticos praguentos, que o nosso Poeta escreveo uma *Epistola familiaris*, como todas as outras, e com aquella liberdade, que lhes é propria; e que, como grande Mestre, tem por costume dizer primeiro as cousas em geral, e especifical-as depois até ás vezes com prolixa miudeza, o que o leitor imparcial observará na maior parte dos seus Escritos, como francamente declara Candido Lusitano, a pezar de nem por isso se adjectivar muito com a ordem, que seguio o Poeta, como se ésta não fosse a melhor e unica que, como tal, deve-

ria seguir. Com effeito, este ridiculo debate, a que se não póde chamar litterario, semelha a famosa lucta entre Hercules e Anteo; pois quanto mais aquelle o-arrojava, tanto maiores erão as fôrças com que este se-levantava, communicadas pela terra, sua piedosa mãi; e, para comprovar ésta verdade, mencionarei aqui de passagem algumas autoridades dos melhores interpretes a favor do nosso Poeta, passando depois aos ferrenhos contradictores. Um, (4) o mais difuso e intelligente Commentador desta Epistola, diz que, pelo que respeita ao tódo, nenhuma obra appareceo ainda mais bem deduzida, nem em melhor ordem do que ésta, escrita neste genero. Outro Annotador (5) amigo de Torquato Tasso, e elogiado por este em um honroso Soneto, que corre impresso nas obras do Poeta contemporaneo, adianta ainda mais, assegurando, que nesta Epistola se-acha tal ordem e contextura de partes sempre seguida, que os élos de uma forte cadêa, perpendicularmente destribuidos, não correm com melhor connexão entre si. — Outro illustrador (6) mais flegmatico, escarnecendo da futilidade da questão, contenta-se com lhe-chamar *de lana caprina*. Outro (7) como consummado Poeta, que havia decorado quasi todas as obras do nosso autor, enfadado do ridiculo da questão, talvez só promovida e

(4) *Brueys*. Avert.
(5) *João Baptista Pigna*.
(6) *Henrique Estevão*.
(7) *Metastásio*. *Not*. — Il recitait presque tout Horace par cœur, c'etait son auteur favori. Dic. d' Hom. Illus. d'Italie.

sustentada pelos invejosos, diz ser uma verdadeira redundancia e superfluidade crítica, questionar se o nome desta obra deva ser Epistola ou Livro. Que, attenta a materia de que trata, talvez parecesse a alguns caber-lhe mal o nome de Epistola; mas que ésta, assim como outras quaesquer do mesmo autor, igualmente dilatadas, e só por se-lhe-haver dado ao argumento a inscripção de *Arte Poetica*, ou d'outro assumpto, nem por isto podia perder a qualidade e nome de Epistola, e que era deploravel perda de tempo entrar em questões, que mesmo averiguadas e decididas, não podem redundar em proveito do Mestre da Arte, nem dos estudiosos, que só desejão instruir-se. — Outro (8) grande Philólogo, cotejando Pindaro com Horacio, e fallando das Epistolas deste ultimo, diz que a endereçada aos Pisões *de Arte Poetica*, para cuja composição Horacio se-aproveitára d'um certo Pariano Neoptólemo, é uma obra acabada. — Outro (9) illustre traductor explica-se mais largamente. Não era este o caso de se-tornar o Poeta prolixo, diz elle, em detalhes, de discorrer sôbre a natureza da Poesia, de distinguir os generos, e as especies, e de examinar a maneira de construir as Fábulas, ou Acções Poeticas... Deve notar-se, continíua elle, que ésta obra de Horacio não deveria ser uma serie systematica de preceitos dispostos por sua ordem em artigos separados e distinctos; pois que nada podia ser mais

(8) *Padre Rapin*. Com. de Pind. et Hor. pag. mihi 69.

(9) *Batteux*. Avant. Prop.

que uma especie de Compendio de maximas de gôsto, de axiomas quasi destacados, encerrando todo o seu sentido debaixo d'uma fórma sentenciosa e applicavel cada uma ao seu objecto independentemente da materia, que o-precedesse, ou se-seguisse. Tudo o que cumpria ao Poeta praticar neste caso era principiar pelos elementos geraes; descer depois a algumas observações particulares, delinear logo as regras d'Arte, e dar por fim conselhos aos Artistas... Nesta Epistola, conclúe elle, observa-se a ordem e união de partes proprias d'um similhante excerpto, e com razão se-poderá dizer em abono do autor, o que Scaligero disse criticando-o, *que é uma arte ensinada sem arte.* — *De arte quœris quid sentiam? Quid: equidem quod de arte sine arte tradita.* — O mesmo erudito Philólogo acima mencionado (10) torna a dizer nas suas Reflexões sôbre a Poetica. — La Poétique d'Horace, qui a eté le premier interprete d'Aristote, n'est pas mieux ordonnée: peut etre parce qu'elle a eté écrite dans une Epitre, dont le caractere doit etre libre, et n'avoir rien de contraint. — Outro Philólogo Alemão (11) diz, que ésta obra é propriamente uma Epistola endereçada aos Pisões, como uma excellente peça de crítica, assim como as outras Epistolas e Satiras do mesmo autor. Outro (12) na compilação que escreveo sôbre as principaes obras dos au-

(10) *Padre Rapin.* Reflex. sur la Pidet. pag. mihi 130.
(11) Anonym. Bibliogr. curis. Hist. Philolog. pag. 46.
(12) *Baillet. Jugem. de Sav.* vol. 3.° pag. 242.

tores. fallando da ordem seguida por Aristóteles na sua Poetica, assim como na desta Epistola, diz —Plusieurs savans semblent tomber d'accord, qu'il n'a pas si bien fait qu'Aristote pour ce point. (segundo a ordem dos preceitos) Aussi n'a-t'il point êu dessein de faire un ouvrage si régulier; au sentiment de Barthius il ne s'y est prescrit ni ordre, ni méthode, et il s'est contenté de dire les choses de la maniére qu'elles se presentaient á lui, sans se géner pour tacher de les réduire en precéptes. — Outro (13) traductor Hespanhol, que tambem principiou maseando sôbre a indigesta distribuição desta Epistola, como reflectindo melhor depois, conclúe assim = Debe tambien observar-se que no fué el animo de Horacio componer una Arte Poetica, sinó um tratado sôbre el Arte Poetica; y que no es lo mismo, por exemplo, escribir una Gramatica ó una Logica, que escribir sôbre la Gramatica, ó sôbre la Logica. = Outro (14) diz terminantemente, que não foi da intenção de Horacio dar a ésta obra o titulo de *Arte Poetica;* que isto fôra deliberação dos Críticos posteriores, mas tão sómente o de uma Epistola do caracter das precedentes, como a escrita a Lucio Pisão contra alguns Escritores do seu tempo, que blasonavão de grandes Poetas, sem conhecerem as regras da verdadeira Poesia. — Bastará de cançar o leitor com a importuna relação de tantas autoridades, dentre as quaes não deverá esquecer a do nosso insigne Garção, como grande imi-

(13) *Tomaz d'Yriarte.* Not. á Poet.
(14) *Vossio.* De Instit Poetic. in Prefat.

tador de Horacio, exarada na sua Dissert. 3.ª, e rematàrei copiando a opinião do Sr. Pedro José da Fonseca, (15) por ser de todos os predictos Commentadores do nosso Poeta o màis moderno, e igualmente de summo aprêço. — A sem razão, diz elle, com que alguns, e entre elles particularmente Julio Cesar Scaligero e Nicoláo Heinsio, arguírão nesta Epistola falta de methodo, tem sido com tanta fôrça e tão repetidas vezes impugnada pelos seus Commentadores, e diversos Críticos, que não ha para que suscitar de novo uma tal questão, já de todo o ponto averiguada e decidida. — Averiguada e decidida, lhe-chama o Sr. Fonseca; pois bem, logo veremos se, a pezar da sua admoestação, ella terminou, ou se-tem proseguido com maior calor por illustradores, que se-tem seguido, e que cegos e surdos a tudo o que se-tem lido e ouvido appellão obstinados para as mesmas autoridades, victoriosamente já refutadas, a favor da sua opinião. Mr. Dacier já acima mencionado (nos-dizem elles por maior ostentação) traductor fiel de tantos autores Gregos e Latinos, assegura que Horacio derà a ésta Epistola o titulo de *Arte Poetica*. E' verdade; mas ainda que eu cegamente acreditasse tudo quanto este grande homem revéla no seu Commentario desta Epistola, no qual se-achão algumas decisões tão fantasticas, e interpretações tão singulares, que merecêrão chamar-lhes Boileau (16) *Revelações de Mr. Dacier* (nosso Lusitano disse no

(15) *Fonseca*. Prol.
(16) Dic. Univer. palavra Dacier.

seu Discurso Preliminar do traductor, na palavra *Dacier*, que só este havia explicado uns *misterios* em Horacio, que ou não se-alcançavão, ou escuramente se-entendião; tudo isto em elogio do interprete Francez) nem por isso neste ponto lhe-prestaria toda a fé; antes, por uma curiosidade litteraria, perguntaria: donde pôde Mr. Dacier haver ésta formal decisão? Será do que diz Quintiliano nas Instituições Oratorias, Liv. 8.º Cap. 3.º *de ornatu?* Se é apoiado por ésta autoridade, que resolve o problema, pois que não deparâmos com outra, que apparentemente se-apresente de maior pêso; nem por isto terei como certa a illação de haver o nosso Poeta, que floreceo mais de oitenta annos antes do Rhetorico, dado á sua Epistola familiar o nome de *Arte Poetica;* parece-me que iriamos mais seguros aventurando o seguinte raciocinio; Sabemos, que os preceptores romanos obrigavão os discipulos de tenra idade a recitar versos, afim de desembaraçar a voz, e adquirir uma boa pronúncia, a que chamavão *orthologia*, como o mesmo Horacio diz na Epistola 1.ª do Liv. 2.º verso 126: — *Os tenerum pueri, balbumque poeta figurat.* — Ninguem igualmente ignora, que nos tempos de Juvenal e Quintiliano já as Poesias do nosso Poeta e de Virgilio erão estudadas e lidas nos Lycêos de Roma; sendo isto assim, parece-me que não se-opporá á verosimilhança o induzimento a crer, que os mesmos Mestres, reconhecendo o grande preço da presente Epistola, a-adoptassem como Compendio Classico, e lhe-dessem como tal o titulo de *Arte Poetica;* parecer este que, em parte, se-confor-

ma com o expendido juizo do já citado Vossio. Posta pois de parte ésta simples persuasão, passemos agora a examinar se a accusação de falta de methodo nesta Epistola, com tanta fôrça, e por tantas vezes impugnada, como assegura o Sr. Fonseca, se-calou por uma vez, ou se tem proseguido com mais obstinação; e para seguir o fio da historia destes contumazes coordenadores principiarei por Daniel Heinsio, já commemorado, posto não haver sido elle o primeiro dos que perdêrão o seu tempo, dando-se a este esteril trabalho, mas sim Antonio Ricobono, natural de Rovigo na Italia, substituto de Robor-*tello*, mestre de eloquencia na famosa Universidade de Padua, a quem José Scaligero, pouco affeiçoado, chama *Porcus Ricobonus*. Foi pois Heinsio quem cuidadosamente se-dêo á notavel tarefa, (17) seguindo o predicto exemplo de desmembrar e revolver ésta Epistola, antepondo e pospondo os versos; porém tão mal se-houve neste sôfrego empenho, que os mesmos seus collegas, interpretes e amigos da novidade, nem por isso se-derão por satisfeitos, nenhum caso fazendo do seu scientifico trabalho. Não nos-deveremos comtudo admirar deste commettimento, ainda que mal logrado, se nos-lembrarmos, que o dito Heinsio ainda empunhava o trinchete com que acabára de golpear a Poetica d'Aristóteles, (18) que, a pezar de haver sido es-

(17) Diz Mr. Dacier, que a ordem, que Heinsio pretendeo dar a ésta Epistola, servio só para mostrar melhor a belleza da desordem com que o nosso Poeta escrevêra.

(18) Não faltou quem seguisse o texto da Poeti-

crita em prosa, nem assim mesmo lhe-pôde escapar, alterando a seu bel-prazer a ordem dos capitulos até então seguida, e ao mesmo passo admirando não haverem já notado aquella tão visivel falta de ordem os distinctos litteratos, que o-havião precedido. Deverá notar-se aqui de passagem, que, concordando todos os interpretes d'Aristóteles em que os lugares escuros, de que é accusado este Philosopho na sua Poetica, nascêrão talvez de não haver chegado inteira aos nossos dias; ainda assim mesmo se não quiz poupar ao trabalho de coordenar uma obra, que se-tem por imperfeita, e troncada. Muito desaira o infatigavel estudo deste Crítico haver-lhe escapado pela malha o *Tratado do Sublime de Longino*, que tambem se-reputa por incompleto.

Consta, que o Licenciado Francisco Cascales tambem imprimíra em Valença, no anno de 1659, uma obra com o seguinte titulo: = *Arte Poetica de Horacio reduzida a methodo*. = A pezar das maiores diligencias não nos-foi possivel ver ésta *reducção a methodo*, pois só possuimos deste autor as suas *Fablas Poeticas*, impressas em Murcia no anno de 1617, e que correm dadas na maior parte

ca assim alterado nas posteriores traducções, entrando neste número D. José Antonio Gonçalves de Salas na sua illustração ao Liv. da Poet., e depois o editor da traducção da mesma Poetica, por D. Alonso Ordonez, impressa em Madrid, em 1778. Não foi deste parecer, seguindo o mesmo exemplo, o erudito Metastásio, no seu excellente extracto da Poetica d'Aristóteles, nem nenhum outro traductor de madureza e nome.

em linguagem. Tambem sabemos, que o Jesuita Bouchier revolvêra ésta Epistola, cujo trabalho não quizera dar á luz, gloriando-se em dizer com ostentação, que era d'aquella guisa que o Poeta a-havia deixado, ou a-deveria (19) assim deixar. E'sta segunda parte é um rasgo pedantesco, pois que parece pretender revelar nelle, que dera a ésta Epistola aquella verdadeira ordem, que seu autor não fôra capaz de lhe-dar. Com tudo, alheios á menor sombra de predilecção, deveremos concordar em que alguns versos se-lêm nesta obra que, collocados n'outro lugar, talvez produzissem melhor effeito, ainda que raros, na nossa debil mas não prevenida opinião; porém onde estará o maior leigo em Poesia, que não conheça ser ésta ordem escrupulosa um insuportavel e reprehensivel defeito em Poesia? Seja como fôr, quanto a mim parece-me superfluo desafôro pretender emendar as faltas discursivas de Horacio, e antolha-se-me um destes emendadores um imperito *pinta-monos*, retocando e aperfeiçoando as obras primas de Rubens, ou Miguel Angelo. Mas proseguindo o nosso discurso: Entre o número dos descontentes da má digestão desta Epistola, como já dissemos, ainda nenhum levantou a voz a mais alto ponto, que Julio Cesar Scaligero; não sabemos se para alardear a sua penetração e vasta doutrina, se para arredar estrada larga á sua volumosa e enfadonha Poetica, a que

(19) J'ai donc essaié de faire ce que l'Auteur a fait vraissemblablement, ou du moins ce qu'il a dû faire. — Bouchier. Dissert. par Micaut. Tom. 1.º.

Mr. Dacier (20) e outros (21) dão o merecido aprêço, e que dorme ha tantos annos descançada, victima triste da traça e da poeira. Antes de passarmos mais adiante deveremos mencionar aqui uma flagrante contradicção, em que cahio Francisco Cascales, já acima citado, e que nos-hia escapando, quando escreveo a *Arte Poetica de Horacio reduzida a methodo*, afim de melhor se-conhecer a cega obstinação destes Críticos. Nas suas *Fablas Poeticas*, no dialogo de *Castalio* e *Pierio*, pergunta este interlocutor: = Pues si Horacio no escrive todo el oficio del Poeta, porque a su libro le dá titulo de Poetica? = Responde Castalio: = O, bien sea por arbitrio y juizio de los Gramaticos, ó por opiniõ recebida, ó parecer de los impressores, que no en pocas cosas se suelen tomar algunas libertades, esse titulo de Poetica se le â dado, y confirmado con millares de impressiones. Lambino y otros tienen lo contrario, que no se deve llamar sino Epistola: *porque realmente lo es*, y en ella escrive a los Pisones cavalleros romanos, ensenan-

(20) Nul précépte pour la grande poésie: nul chemin ouvert aux Poétes: nul secours pour un génie qui cherche á s'instruire: rien qui lui éleve l'esprit, et qui le dispose à l'enthousiasme: rien qui lui montre en quoi consistent les richesses de la poésie: en un mot rien qui découvre ce qui méne á la perfection, et ce qui en éloigne. = Dacier.

(21) Quoique cet ouvrage (a Poetica de Scaligero) soit plein d'une trés vaste erudition ... néanmoins nous n'y avons presque rien trouvé dont nous aions pû faire usage. = Gaullier. Regles de Poétique.

doles algunas cosas particulares desta arte, y reprehendiendo otras, que suelen usar malos Poetas. Robortélo dize, alegando á nuestro autor: *Horatius in sua de Poetice, et Poetis Epistola ad Pisones: sic enim potius vocanda, quam ars Poetica.* De manera que claro consta, *que no la emos de dezir Poetica mas que por estar del tiempo baptizada con este nombre.* Que si lo fuera, bien sabia Horacio quantas mas cosas de las que el dixò se deve dezir sôbre ésta arte: y la obligacion que tenia de tratarla en methodo, como preceptor della etc. = Depois desta ingenua declaração, nada nosresta mais a dizer. Todavia como dos maiores venenos se-extrahem os melhores medicamentos, talvez ésta tão propalada má ordem da presente Epistola nos-enriquecesse com as preciosas Poeticas de Boileau (22) e de Vida, escritas em verso, ainda que, no parecer dos intelligentes, achacadas ambas do mesmo maldito defeito de pouco regulares, não lhes-aproveitando ser a primeira dividida em Cantos (23) e a segunda em Livros. Um Escritor

(22) Comme j'ose croire que tout le monde sera en ceci de mon sentiment, je m'imagine qu'on aura un extrême regret de voir, que ce pretendû défaut de éconómie dans ce Poéme d'Horace, ait porté un de nos plus fameux Poétes á nous donner un Art Poétique effectivement sans ordre, quoique d'ailleurs admirable en toutes maniéres. — Brueys. Avert.

(23) Voltaire fallando da preferencia, que ás vezes se-deve dar aos modernos sôbre os autores antigos, diz: = Puisque nous avons parlé de la préférence, qu'on peut donner quelquefois aux modernes sur les

Francez, fallando do ensaio sôbre a Crítica de Pope, diz — On remarque de confusion et embarras dans le poéte Anglais. Rien n'y fixe l'esprit; il est difficile d'en lire deux chants sans fatigue, etc. — Vamos continuando, postas de parte éstas reflexões. Depois das mal logradas tentativas de Heinsio, a quem um illustre interprete portuguez (24) dá o nome de famoso reformador e emendador dos Poetas Latinos (Daniel Heinsio, nascido em Gand, nos Paizes-baixos, em 1580, emendador dos melhores Poetas do seculo de Augusto!) forçoso era não desanimar em tão proficuo trabalho, e por ésta causa, munido de maiores posses litterarias, o célebre Jurisconsulto Italiano, Pedro Antonio Petrini, dêo á luz em Roma no anno de 1777 (este anno foi fertil em versões e edições do nosso autor) *un altro pasticcio*, debaixo do titulo de — La Poetica de Q. Horacio Flacco restituta al ordine suo, e tradotta in terzine — (25) e dizem que com geral ap-

anciens, on oserait présumer ici que l'Art Poétique de Boileau est supérieur á celui d'Horace. = E mais abaixo — L'ouvrage est trés bon (diz elle, fallando da Poetica de Horacio) celui de Boileau parait encore meilleur. — Dic. Phil. Isto mesmo se-lê no Diccionario Historico, na palavra Boileau.

(24) *O Padre Thomaz José d'Aquino*, editor das Poesias de Camões.

(25) Não sei porque fôrça occulta, empregando os Italianos o verso sôlto em grande parte das suas obras originaes, quando passão ás traducções recorrem logo á rima que, de certo, pouco ou nenhum auxilio lhes-poderá dar, pelo que respeita á fidelidade e fei-

plauso dos eruditos, e da mesma Arcadia, de que era membro, dividida em tres Sessões. Póde affoutamente dizer-se, que este reformador, ou antes desfigurador de Horacio, não deixára um só verso no seu primitivo lugar; mas que revolvêra e baralhára todo o texto, manifestando summa pena de não poder transpôr e alterar os primeiros treze versos pelo respeito devido a Quintiliano (26) e ajuntando a isto na sua Prefação os vehementes e irresistiveis motivos, que o-compellírão a sacrificar as suas vigilias áquelle tão espinhoso, como indispensavel trabalho; e para mais justificar a sua firme convicção, invocando o testemunho respeitavel de dez expositores, de que cita os nomes, os quaes já havião reconhecido e anathematisado aquella mesma

ções do original; dando tratos ao juizo para achar um consoante, trazido as mais das vezes aos empuxões, e que, longe de exprimir o pensamento do autor, o-cala ou desfigura. Não sahindo mesmo de Horacio, lêa-se a traducção de todas as suas obras em verso rimado, pelo Doutor Francisco Borgianelli de Monte Lupone, e note-se o que por ali vai! Não deixo de dar alguma razão ao Poeta Trissino, inventor *di versi sciolti*, que na dedicatoria ao Papa Leão X, da sua Tragedia Sophonisba, ora rimada ora não rimada, diz que se na Tragedia a dor obriga a proferir palavras rápidas e não pensadas; a rima por este motivo, que demanda tempo para pensar, é claramente opposta e contrária á compaixão. —

(26) Non ho mossi dal principio questi primi tredici versi, perchè Quintiliano Scrittore di poco posteriori ad Orazio attesta, che erano in prima parte Libri de arte poetica. — Pet. Not. Poet.

falta de ordem. Ora todos sabem que o nosso Poeta empregou os primeiros vinte e dous versos em nos-dar o preceito da unidade, e que este finaliza, e fecha com o immediato: = *Denique sit quod vis simplex dumtaxat et unum.* = Pois que — *Humano capiti.* — *Incœptis gravibus.* — *Amphora cœpit institui* — éstas tres idéas referem-se umas a outras, e servem só para tornar mais claro o preceito da unidade. Para comprovar ésta verdade lêa-se o que diz o Abbade Batteux na competente nota da sua fiel traducção, a qual não copiâmos aqui por já se-achar exarada no Commentario Crítico do Sr. Fonseca, quando trata da unidade do todo e das suas partes. E deverá notar-se mais, que Metastásio sustenta, que o predito preceito abrange os primeiros trinta e sete versos, e acaba em — *Spectandum nigris oculis, nigroque capillo.* — Sendo pois ésta a disposição, que o nosso Poeta seguio, vejâmos agora como o emendador Petrini se-porta, coordenando a má ordem, que tanto o-tem mortificado nesta malfadada Epistola. Salta do verso 13 ao verso 408, quasi ao fim, e conduz-se com ésta mesquinhez de partir pelo meio o preceito da unidade, porque Quintiliano, como já dissemos, magistralmente o-prohibio, sob sua autoridade de fazer pé mais atrás. A' vista deste primeiro golpe, ou antes destruição do todo pelas suas partes, principiando logo por aquella, que é a porta, e principal apoio desta Epistola, e desmembrando por este modo o preceito da unidade em pequenas fracções, que nenhuma coherencia poderão ter umas com outras; que se-poderá esperar de bom desta confusão, a

que se-dá o titulo conciliador de *Poetica restituidà á sua ordem?!* Creio que nada, que interésse a quem desejar instruir-se.

Porêm como o podêr da novidade é habil em engodar, e seja naturalmente o (27) homem, como diz Quintiliano, *cupidus novitatis;* não tardou muito o Padre Thomaz José d'Aquino, de quem acima fallámos, em nos-presentear, a despeito da terminante advertencia do Sr. Fonseca, com a publicação d'uma traducção Paraphrastica em prosa, obra de autor anonimo, que diz elle, Editor, ter ha annos em seu podêr, seguindo em tudo, o dito Padre Thomaz, o modêlo de Petrini, a quem rende os merecidos applausos, exarados em uma carta que endereça a certo amigo, e que serve de Prologo á traducção; manifestando-lhe ao mesmo tempo os vehementes motivos, que o-compellírão a dar este passo tão prestadio á mocidade estudiosa, que erão aquelles mesmos, que já por vezes lhe-havia ponderado; isto é a má digestão e ordem, com que as cousas ali se-achavão tratadas; a confusão e perturbação das partes, que constituem aquelle todo; falta, que se não poderia attribuir ao Poeta, attento o bello methodo com que discorria nas materias, e tratava os assumptos com a maior circunspecção e ordem. Accrescentando a isto, que lhe-parecia mais

(27) Il n'est point d'empire ni plus généralement, ni plutot etábli, que celui de la nouveauté; en naissant elle regne; l'âge seul diminue ses forces, et elle n'est jamais si souveraine que dans sa minorité.

Palaprat. Lettre a Mr. Roudin.

natural, mais a propósito e provavel, haver o Poeta feito alguns apontamentos, os quaes, talvez, iria ajuntando para escrever e dirigir alguma obra aos Pisões sôbre a Poetica; e que cahindo estes nas mãos d'algum compilador ignorante, ou seu émulo, os-publicasse depois da sua morte naquelle estado lastimoso, para melhor o-desacreditar etc. Assim discorre o louvador de Petrini. Mas perguntarei agora: porque via segura soube o Padre Thomaz, que ésta Epistola fôra publicada sendo já morto Horacio? Se é simples conjectura, com ésta nada poderá provar. Que o nosso Poeta nascêra 63 annos antes da era christã, no consulado de L. Aurelio Cotta, e de Manlio Torquato, e que morrêra aos 34 annos do Imperador Augusto, seu fautor, isto sabem todos; mas daqui nada se-póde deprehender que dê a precisa luz de certeza. Dir-se-ha tambem, que ésta Epistola fôra escrita sendo já morto Quintilio Varo, ou Vario, parente de Virgilio, como se-colhe do verso 438, e a cuja morte o nosso Poeta dedicára a sentimental Ode 24, depois de-lhe-haver dirigido em vida a Ode 18, ambas do Liv. 1.º. Tudo isto sabemos, mas nada se-póde inferir daqui, que nos-satisfaça, lembrados de que o Poeta sobrevivêra áquelle Crítico pelo espaço de mais de 15 annos. Talvez o Padre Thomaz por nos-haver demonstrado na primeira nota da sua excellente traducção da Epistola 1.ª do Liv. 2.º do nosso autor, que ésta fôra escrita aos 55 de sua idade, pretenda persuadir-nos agora, que a Epistola aos Pisões fôra a ultima, que o nosso Poeta escrevêra; e isto por haver fallado naquella tão extensamente

da difficuldade, que se-encontra na composição dos dramas cómicos, assim como no cotejo de merecimento dos Poetas tanto gregos, como romanos, que mais se-havião extremado neste importante ramo de Poesia, quando nesta nada nos-diz a tal respeito, havendo-se cançado tanto em nos-dar os mais preciosos preceitos das composições tragicas; o que parece dar a entender não haver querido fallar de uma especie, de que já havia tratado. Responderemos ainda, que ésta illação não nos-parece genuina: Horacio copiando em muitas partes a Poetica do philósopho grego, calou algumas cousas, e disse outras, que escapárão a Aristóteles, ou este omittio de propósito; e ainda mesmo que nos-quizessemos resolver a dar anterioridade á publicação da Epistola a Augusto, escrita, como já se-disse, aos 55 de sua idade, deveremos lembrar-nos, que o Poeta fallecêra aos 57, e que nestes dous annos ultimos tinha tempo de sobejo para escrever muitas e differentes peças de Poesia, attenta a summa fertilidade de seu engenho; não se-podendo assegurar por isto que a Epistola aos Pisões fôra o marco extremo da sua carreira Poetica. Se o Padre Thomaz, assim como os outros interpretes, insistirem no argumento de ser ésta a ultima, estampada em todas as edições das obras do nosso Poeta, tambem diremos, que ésta asserção não é liquida, pois que o nosso Achilles Estaço (28) nos-affirma de haver li-

(28) Antiquissimus liber exaratus manu, in quo, in epistolarum volumine separato a cœteris, hœc tanquam epistola primo loco ponitur. = Achil. Stat. =

do um manuscripto muito antigo, no qual se-achava ésta Epistola occupando o primeiro lugar das demais Epistolas. Neste estado de controversia, e visto que *em tanta antiguidade não ha certeza*, como assegura o nosso Camões, não podêmos ter por indubitavel, o que é simples opinião; nem tão pouco pretendemos, que se-grave o cunho de *certo scire* no que a tal respeito acabâmos d'expender, tornando por tanto a tomar o fio do nosso discurso.

Depois de publicada a traducção paraphrastica em prosa do autor anonimo, segundo o modêlo de Petrini, em que declara o editor, que só tivera o trabalho de accommodar a mesma interpretação ao texto latino, novamente posto em ordem, não se-esqueceo o referido editor Padre Thomaz de dar á luz outra traducção sua, que nos-pareceo fiel, seguindo, já se-sabe, a applaudida norma do Jurisconsulto Petrini; mas ou fosse por nos-querer dar um conciso equipollente do texto, poupando palavras nesta versão, ou por insensivel negligencia, os versos dessemelhão muito dos que se-lêm da mesma penna na Epistola 1.ª do Liv. 2.º; cahindo até ás vezes em miseraveis (29) cacofonias. Posta de parte ésta digressão, como o traductor, que escreveo seis annos depois da reflexão exhortativa do

(29) Entre outras cacofonias, que se-lêm na versão do Padre Thomaz, que incommodão só um sentido, acha-se alguma, que descommoda dous; como ésta, no verso 275:

Ignotum tragicæ genus invenisse Camenæ etc.
De Tragica camena ignoto Poema etc.

Sr. Fonseca, houvesse dado antes em linguagem alguns excerptos da bellissima traducção de Metastásio, os quaes produzírão nada menos de 300 versos, achou ser de razão aproveital-os agora, honrando por este modo tanto a sua obra, como a memoria do original traductor italiano, seguindo em parte o exemplo do nosso João Franco Barreto para com os Lusiadas, na sua embrulhada traducção da Eneiada. Porêm, para mais enriquecer o seu trabalho litterario, traduzio igualmente as notas competentes de Metastásio, no que se-vio em apêrto, pois estendendo este mais, como já dissemos, o preceito da unidade, e dizendo em allusão: = *Ne primi trentasette versi raccomanda Orazio l'unitá del Poema, l'analogia delle sue parti con uno tutto e fra di loro etc.* e tendo o traductor saltado, com o seu guia, do verso 13 ao verso 408, de mãos dadas com o Petrini, desmembrando assim o predito preceito, traduz o trecho desta nota, persuadido que ninguem dará pela fidelidade da traducção, pelo seguinte modo: = Nos primeiros versos (deixando o *trentasette* do texto no tinteiro) recommenda Horacio a unidade do Poema, a analogia das suas partes com um só todo, e entre si. = Já se-vê que, por lhe não convir, deixou de ser fiel traductor da passagem a mais essencial. Reconcentrado capricho! e será este o mesmo homem, que tacha de obstinado (ainda que com sobeja razão) a Candido Lusitano, exprobrando-lhe com aspereza, que de propósito firme não quizera explicar Horacio, como devêra, na clara passagem do verso 133: *Nec verbum verbo*, só para sahir a campo com a

sua teima contra as versões litteraes? Ora: quando o Padre Thomaz traduzio a Epistola 1.ª do Liv. 2.º de que já fallámos, acharia ali a mesma presumida falta d'ordem, de que tão altamente se-tem queixado nesta appellidada Poetica de Horacio; e porque se não dèo tambem á preficua tarefa de a-coordenar, visto que se-limita a urdir só um dialogo de perguntas e respostas entre o Poeta e um anonimo, sabendo que Horacio tinha por costume fazer objecções e responder a éstas, nos seus soliloquios com visos de dialogo? Tornâmos a repetir, que ésta bella desordem reina em quasi todas as obras do nosso Poeta, mas desordem de tal vulto, que merece chamar-lhe Boileau *un éffet de l'art.* Ha todavia a notar nesta controversia uma circunstancia, que nos-parece ser pouco favoravel á ferrenha opinião dos austeros coordenadores, e que até eclipsa de uma maneira pouco respeitosa os geraes e superfluos elogios, que ao desvelado reformador Petrini rendêrão tantos eruditos, e a mesma Arcadia, de que era benemerito membro; e vem ésta a ser que, havendo alguns traductores tanto italianos como portuguezes, e de differentes idiomas, dado posteriormente á luz versões desta Epistola, ainda nenhum, que nos-conste, as-quiz modelar pela castigada coordenação de Petrini, e victoriada cópia do seu imitador, preferindo bem pelo contrário o informe e improperado texto. Entre nós, apenas Jeronimo Soares Barbosa alterou alguns dos ultimos versos da sua ordem primitiva, o que talvez fizesse para mais suavemente modular ou enfeixar os seus números pariados.

Não se-pretenda deprehender, do que havemos dito, que foi nosso propósito menoscabar a bem estabelecida reputação litteraria do illustre Padre Thomaz José d'Aquino, pois que qualquer das obras, que nos-deixou escritas, desmentiria severamente o nosso reprehensivel desafôro, se não fossemos os primeiros a confessar ésta reconhecida verdade; e só o que nos-obrigou a sahir a terreiro, honrando este Prologo com as opiniões de um autor tão respeitavel, foi unicamente o proverbio hespanhol: *Cada loco con su thema, yo con la mia.*

Ponderadas as razões, que deixâmos expendidas, e que não inculcâmos por boas, como diz Montagne, mas sim como nossas, e que todas dizem respeito á questão controversa da Hydra da Ilha de Lerne, deveremos declarar, que tambem forão motivos para nos-arrojarmos ao temerario empenho de escrever ésta Paraphrase, não só o de não possuirmos alguma escrita em verso, entre as muitas traducções com que os nossos litteratos e litteratas tanto se-tem cançado em illustrar a pública educação, como igualmente o de nos-parecer, que nesta qualidade de versão melhor se-poderia armar á tentativa de prestarmos mais vesivel connexão aos preceitos de Horacio, sem com tudo excedermos os escassos limites da Poesia, nem mudar um só verso do texto, e evitando todavia cahir na prolixidade de um Commentario enfadoso, em diffusa batologia.

Demais pela epigrafe, que se-lê no rosto deste escrito, colhida das obras do meu chorado amigo e mestre Manoel Maria Barbosa du Bocage, se-conhe-

cerá ás claras, que foi nosso principal designio escrever em proveito da mocidade estudiosa, e não para se-maravilharem os homens lidos, que não quizemos interromper, consultando, e que nada precisão das nossas mesquinhas lições, e tambem para seguir em parte a opinião de D. Francisco Manoel de Mello, que diz no Soneto 20 das suas obras. — *No quiero ser discipulo de todos.* —

Assim mesmo são innumeraveis os obstaculos, que se-offerecem a quem tenta a empreza ardua de compôr qualquer escrito que, dado á luz, vai ser lido por muitos, e por estes devidamente avaliado. Logo que principiámos a escrever ésta Paraphrase occorrêo-nos uma advertencia, que nos-faz o Abbade Banier, na prefacção da sua excellente traducção das Metamorphoses d'Ovidio, assegurando que toda a Paraphrase desfigura o texto; porque como o traductor, diz elle, pinta as imagens metade de fantasia, metade seguindo o original, pela maior parte não é original nem cópia. Se o Abbade Banier pretende dar-nos ésta proposição como universal, diremos que é falsa na maior parte, porque carece de distincção; mas se por acaso se-refere só ás producções de um éstro ardido, que abalão e arrebatão os sentidos, escritas em metro desenvolto e grandiloco, com ostentosos ornatos poeticos e figuras, e um movimento como vital, taes como as Odes d'alto estilo, convimos; porém se quer comprehender na sua proposição as obras instructivas, ou didácticas, bem como ésta Epistola aos Pisões, engana-se redondamente; pois que ninguem melhor que o Abbade Banier saberia pelo seu respei-

tavel ministerio, que os livros sagrados se-achão explicados em repetidas Paraphrases, nas quaes trabalhárão varões de consummado saber e virtude, afim de tornarem mais intelligiveis e palpaveis as verdades puras da nossa santa Religião.

Se o Abbade Banier attentar seriamente para a sua admiravel traducção (abundante de riquissimas explicações) das Metamorphoses d'Ovidio, de que acima fallámos, de versos latinos desfiados em prosa franceza, reconhecerá que, vendo-se obrigado ás vezes a exprimir o pêso dos pensamentos do texto, a desenhar as feições do estilo, e fôrça de frases, pois que a Poesia, como é sabido, tem a linguagem e figuras, que lhe-são particulares, passando de um idioma rico para outro falto de termos, cuja pobreza, a cada passo, confessão dous grandes mestres, Racine e Voltaire; recorrerá por necessidade ás perifrases, e espremidas circunlocuções, e que por este módo insensivelmente tornára Paraphrasticas algumas passagens da sua traducção; pois que uma Paraphrase, como todos sabem, não é outra cousa mais que a explanação do texto singela, ou floreada. Mr. Dacier, que traduzio em prosa todas as obras do nosso Poeta, tambem se-vio em igual apêrto, e por isto disse um atilado Crítico, que as flores do Poeta do antigo Lacio murchárão (30) passando pelas mãos do traductor francez.

Resta dizer, que não seguimos invariavelmente o rumo de rigoroso Paraphraste, pois nos lugares que nos-parecêrão claros nos-limitámos a uma tra-

(30) Dic. Univ. palavra Dacier. —

ducção litteral, deixando tambem a quem lêr, segundo a advertencia do Padre Rapin, (31) algumas occasiões de pensar; assim como n'outros, que os interpretes á porfia tem lidado por tornar escuros, nos-conduzimos com exuberante prolixidade, cahindo involuntariamente em avaliar a subtil percepção alheia pela nossa percepção. Mas como nesta Epistola se-tope com lugares summamente difficultosos, e com outros, que se-podem entender por diversos modos, pois que, pela sua amphibologia, tem aberto campo a debates renhidos, fica franco a todos, visto que uma simples opinião não é dogma da santa fé, nem tem fôrça de lei, seguir aquella que mais razoavel lhes-pareça.

Se neste, talvez, indigesto montão de Annotações várias, que apresentâmos aos nossos leitores, mais fiados no pêso que no feitio, o acaso deparar alguma cousa, que possa servir de proveito a quem deseja instruir-se; daremos por bem empregado o nosso trabalho, e contentar-nos-hemos com a sorte do pouco artificioso Poeta Ennio, cujo nome se-gloría de haver emprestado algumas folhas, com que se-enramou o laurel do primeiro E'pico latino. Não negaremos, que muitas faltas se-descobrirão nesta Paraphrase, umas filhas de natural descuido, outras de ignorancia; e que talvez serião de facil reparo se, com animo sereno, nos-restasse tempo a perder na escrupulosa revista de uma composição, que não

(31) C'est un grande talent que de ne pas dire tout ce qu'on pense, et de laisser penser aux autres ce qu'il faut pour les occuper. = Refl. sur la Poet.

damos por ultimada, e que será por isto de nullo proveito. Sirvão pois de desculpa, ao que poderão chamar *negligencia*, as ponderosas palavras de um illustre Escritor (32) nosso: = Entre o pó das minhas memorias, ou dos meus esquecimentos, diz elle, se-achão, como na officina de Vulcano, muitas peças meio forjadas; nem ellas se-podem já bater por falta de fôrças, e muito menos aperfeiçoar, e polir, por estar embotada a lima com o gôsto, e gastada com o tempo. = O mesmo poderemos, nós dizer não só deste escrito, mas d'algumas composições nossas alinhavadas ao tosco, e sem primor nos annos da mocidade, e que por ahi ficão soterradas no pó do esquecimento, mas de que sempre tirámos algum proveito, illudindo as horas de uma vida dilatada e pouco lisongeira, rematando com a advertencia do desterrado Ovidio:

Quidquid in his igitur vitii rude carmen habebit
Emendaturus, si licuisset erat.

(32) *Vieira*. Prefação do 1.º vol. dos Sermões.

PARAPHRASE.

Na harmonia louçã dos sons, das côres,
Se-desvela o Pintor, se-extrema o Vate;
Aquelle a natureza exprime (1) aos olhos,
Este aos ouvidos pinta a natureza.
Diz-se a Pintura Poesia (2) muda,
Falla a Poesia (3) e chama-se Pintura.

(1) Não me-lembra em que Poeta Hespanhol lêsse estes dous versos:

Marino gran Pintor de los oidos,
Y Rubens gran Poeta de los ojos.

(2) É antigo adagio Latino: —*Pictura poesis tacita, poesis pictura loquens.* — O Barão de Bielfeld diz, que quando o pincel quer agradar e mover recorre á ficção, e ésta parte da Pintura chama-se a composição poética do Quadro.

(3) *Feitos dos homens, que em retrato breve*
A muda Poesia ali descreve.

Camões, e n'outro lugar:

A' Pintura, que falla, querem mal.

Co'a verdade a ficção alternão ambas,
Ambas ao mesmo fim (4) seus passos guião,
E Irmãas inseparaveis se-nomêão.
E, já que é meu intento ora instruir-vos
No attractivo mister das arduas Musas,
Cumpre, ó claros Pisões, que vos-aponte
As mais proficuas leis, e que comece
Por aquella, que esteia e mune as outras:
Unidade E' a unidade o essencial preceito,
A unidade do assumpto em qualquer obra,
Que as várias partes de que fôr composta
Correspondão do todo á natureza,
Como membros do corpo a que pertencem:
E, para que impressão maior no esp'rito
Desta regra a infracção possa causar-vos,
Colherei da pintura idóneo exemplo:
Figurai, que ajuntava ao rosto humano
Insensato Pintor equino collo;
E que a fórma do corpo concertava
De estranhos membros de animaes diversos,
Parte por parte salpicando o todo
Da penna multicor de várias aves;
E de maneira tal que, começando
Pelo rosto gentil d'alva donzella,
Por maior desvarío, rematasse
Em negro peixe grandemente feio!

(4) Bocage, em agradecimento a Henrique José da Silva, por lhe-haver tirado o seu retrato, disse:

Honra Elmano o pincel, o plectro Henrino,
Compete aos Vates dous, aos dous Pintores
Correr na Eternidade igual destino.

Vós, ao voto geral exposto o Quadro,
Inda que fosseis do Pintor amigos,
Vendo um tal monstro, o riso conterieis?
Pois a ésta ridicula pintura
Crêde, que em fórma e similhante em tudo
Qualquer livro será em prosa, ou verso,
Seja qual fôr a producção do engenho,
Em que imagens sem nexo e extravagantes,
Quaes os sonhos d'enfermo se-exprimirem;
De tal modo, que as partes repugnando,
Sem relação que as-ligue, a um corpo, a um todo
Jámais possão fiéis accommodar-se.

Ao Poeta e ao Pintor (talvez nos-digão)
Sempre foi permittida a liberdade
De fingir a seu modo: bem sabemos,
E tanto que nós damos e pedimos
E'sta mutua licença; porém desta
Se não deve abusar, associando,
Contra o que é natural, o fraco ao forte;
Bem como se ostentassemos unidos
Tigres ferozes a cordeiros mansos,
Aves aéreas a reptis serpentes.

E já que da Pintura haveis o exemplo
Que ora vos dei, vejâmos em Poesia
O effeito, que produz: ao magestoso
Principio d'um Poema sério e grave,
Que o espirito convida a grandes cousas,
Muitas vezes vereis, que de repente,
Posto de parte o principal assumpto,
Se-alinhava um retalho e outro retalho

De purpũra, que brilhe e salte aos olhos;
Ou descrevendo um bosque, ou já pintando
As aras a Diana consagradas;
Ou d'um regato as agoas, que serpêão
Pelo verde matiz de ameno campo,
Ou do Rheno a corrente, ou da chuvosa
Iris celeste as cambiantes côres.
Tudo é bello por partes, porêm onde,
Similhânte ao Pintor, um tal Poeta
Poderá collocar éstas imagens,
Se coherencia não tem co'a acção proposta?

A causa do Escritor faltar ás vezes
Ao sólido preceito da unidade,
Vem do interno pendor de fazer campo,
Só por alardo vão, nas obras suas
A certas descripções, communs lugares,
Que são mais do seu gôsto, sem primeiro
Ver se vem a propósito; pois sendo,
Quando o ensejo os-requer, bons atavios,
Fóra delle, por optimos que sejão,
Nunca podem fazer um bello effeito.
Este Escritor bem póde comparar-se
Co'o Pintor imperito, que, sabendo
Desenhar bem ciprestes, se-fez cargo
De pintar um naufragio, e recebendo
Logo o premio ajustado, tratou logo
De escolher o lugar onde pintasse,
Obra prima, um cipreste, que é seu forte.
Porém este a que vem, se lhe-pedirão
Expressiva pintura, em que se-veja
Lutando a nado o náufrago, que p'riga,

Roto o baixel nas ondas marulhosas,
Perdidos os seus bens? Um tal cipreste
Não cabe ali, ao passo que faria
Grande effeito entre tumulos pintado.

Emfim, tanto o Pintor como o Poeta,
Que costumão juntar cousas sem nexo,
Sem proporção nos quadros, que nos-tração,
São a effigie do Oleiro, que começa
A formar grande talha d'ampla bôca;
Gira a roda veloz, e acaba em jarro,
Seja pois o Poema, que escreverdes
De perfeita unidade, inteiro e simples;
Cumpra-se este preceito, que não soffre
A menor infracção. Faltas menores
Embora se-tolerem, porém nunca
Se-peque contra a regra, que é o apoio
Substancial da Poetica estructura.

O' Pai, e Filhos d'um tal Pai bem dignos,
Nós outros, Vates, pelas mais das vezes
Co'a apparencia do bem nos-enganâmos;
Se lido por ser breve, com receio
De tornar-me enfadoso, fico escuro;
Se me-esmero em limar, polir o estilo,
Furto-lhe a fôrça, e o métrico denodo;
Quem deseja elevar-se, e não tem conta,
O sublime transpõe, e cahe no inchado;
E quem, por cauteloso, encolhe as azas,
Baixa, e se-afferra ao chão humilde e pobre:
De igual geito o Poeta, que se-espraia
Em variar a ficção por mil maneiras,

Foge ao que é verosimil, e nos-pinta
Delfins nos bosques, javalis nos mares.
Deste modo é que muito nos-illude
A especie do que é recto, e receiosos
De cahir n'uma falta, n'outra vamos
Cahir maior, se nos-fallece a arte.

¿Que aproveita ser bello em meus escritos
Um ou outro lugar, quando me-esqueço
Da perfeição do todo, em que consiste
De qualquer obra o merito acabado?!
Junto á eschola d'Emilio, onde trabalhão
Artistas d'Escultura, o mais somenos
Sabe exprimir ao natural em bronze
Finos cabellos, boleadas unhas;
E' nesta parte insigne, mas não sabe
Uma estatua acabar perfeita em tudo.
Quanto a mim se, compondo qualquer obra,
Seguisse este Escultor, que tanto lida
Na perfeição das partes, descuidado
Do inteiro complemento, que ideára,
Fico que, dada á luz, imitaria
A vaidade ridicula d'aquelle,
Que se-acclama gentil, alardeando
De negros olhos, e cabellos negros,
Tendo um grande nariz de vulto enorme.

D'espirito prestante a natureza
Não dêo dotes iguaes em preço a todos;
As fôrças da aptidão differem muito;
São destinctos os gráos, convém por isto,
Que, escrevendo, materia compassada

Busqueis ao podêr vosso; largo tempo
Meditai, com modestia, se a graveza
E' excessiva ou não aos hombros vossos.
Quem escolha fizer conforme as posses,
Conforme as proprias faculdades suas,
Não tema lhe-falleça em verso ou prosa
Ordem, facundia e discursiva fôrça.

Da contextura, e ordem d'um Poema,
Toda a belleza, e merito consiste
(Ou eu me-engano) na engenhosa escolha
De expôr, o que primeiro dizer deva,
E o que deva calar, e dizer logo,
Quando opportuna occasião se-offereça:
Isto aproveite aqui, e isto despreze,
Que convém omittir, o Autor, que intenta
Dar-nos á luz os versos promettidos.

Cumpre tambem, que fino e moderado
Sejas no modo de formar palavras;
Muitas vezes um termo conhecido,
Collocado com arte, adquire o garbo
D'um termo novo, e novo se-figura;
Pois que da nobre elocução se-encerra
Grande parte do bello, na agudeza
De arredar as palavras do sentido
Usado e litteral, afim de dar-lhes
Um rosto metaphorico, um rodeio,
Que torne a frase magestosa e tersa;
Se acaso fôr preciso explicar cousas
Inda té qui não vistas, nesta urgencia
Permittido será innovar termos,

Que os antigos Cethégos nunca ouvirão.
E'sta licença se-te-dá, mas deves
Nunca abusar da permissão pedida.
E éstas mesmas palavras, que de novo
Forjadas forem, serão logo acceitas.
Vindo d'origem grega, sem que soffrão
Violencia no trajar-se ao patrio uso;
Mas se-unão, se-entrelacem, se-aparentem
Co'o idioma, a que vem prestar socorro.

¿E porque hão de vedar-nos, que se-innovem
Termos, que a summa precisão demanda?
Se ésta licença concedida outr'ora
Foi a Cecilio, e concedida a Plauto,
Porque a Virgilio e Vário ha de negar-se?
Porque me-assacão a mim mesmo a culpa
De ornar a espaço a linguagem nossa
D'uma ou d'outra palavra, que aproveito?
Não foi Ennio e Catão, ambos não forão
Os primeiros, que a lingua opulentárão
Com vocabulos novos? Permittido
Sempre foi, e será crear um nome,
Mas co'as latinas inflexões, cunhado,
Que, sendo estranho, natural pareça.
Bem como os bosques, assomando o outono,
Despem as folhas, e outras folhas vestem,
De igual modo os vocabulos por velhos
Morrem ao passo, que outros novos nascem,
Medrando em fôrças no verdor das graças,
Que á mocidade a natureza empresta.

Prêsa da morte somos nós, e tudo,
Que é pelas mãos dos homens trabalhado:
Esses immensos levantados molhes,
Obra de Régio braço, onde o mar entra,
Prestando abrigo aos peregrinos lenhos,
Postos a salvo das fataes procellas;
Essa grande lagôa, que infecunda
Por largo tempo foi, mas navegavel
Por pequenos bateis, que hoje sustenta
Lidantes povoações, lavrando o arado
Onde inda ha pouco só aravão remos:
O Tibre que, por ser damnoso ás messes,
Foi por novos canaes, reparos novos
Constrangido a deixar o antigo leito;
São obras d'arte, são caducas todas.
Pois se cousas tão graves e importantes
Mudão dos annos na voluvel roda,
¿Só as tenues palavras deverião
Furtar-se á lei, que faz mudança em tudo?!
Não é crivel; das muitas que esquecidas,
E que em desprêzo estão, hãode algum dia
Algumas renascer; d'outras, que em voga
Com applauso geral ora campêão,
Hãode algumas cahir, logo que o uso
O-queira assim, que é o arbitro das linguas,
Que as leis da locução promulga, e marca.

Mas não pára na escolha só dos termos
Da Poesia a belleza, cumpre ao Vate
Igualmente escolher metro ajustado
Aos objectos, que trata; inda que seja

A Poesia por si uma só arte;
Como ésta se-divide e ramifica
Em diversos assumptos, deve a estes
A cadencia dos versos ser conforme.
Foi Homero o primeiro, que mostrára
A medida do metro, que convinha.
A's façanhas dos Reis, e aos bravos feitos
De illustres Generaes; e aos luctuosos
Quadros da guerra sanguinosa e triste,
Porque deste a harmonia grave e nobre
Corresponde do assumpto á dignidade.
Em versos desiguaes, grande e pequeno,
Em distico alternado se-exprimião
Os queixumes outr'ora, porque as vozes
Nas várias inflexões quasi parecem
Por soluços, por ais entre-cortadas.
Destes mesmos o jubilo nascido
De suspirado próspero succésso
Depois se-apoderou, porque os effeitos
Da mágoa e do prazer, inda que sejão
Por oppostos affectos produzidos,
Muitas vezes se-explicão derramando
Prantos de dôr, e lagrimas de gôsto.
Qual deste curto métro o inventor fosse,
Dos versos elegiacos chamados,
E' questão, que os Grammaticos debatem,
Mas inda do juiz pende a sentença.

A' cólera de Archilocho devemos
Os verdadeiros Jambos, que semelhão
Nas suas vibrações o tom picante
D'aquelle, que raivoso injúrias sólta.

Forão tres os motivos, que induzírão
A servir-se os dramaticos Poetas
Destes versos, que Jambicos se-chamão:
Sendo menos cadentes, e mais livres,
São por sua medida accommodados
Ao natural diálogo da scena:
Como correm mais graves, carregando
Nos accentos agudos, como a saltos,
Dão lugar, a que a voz se-eleve e sôe,
E suffoque dest'arte o borborinho,
Que o povo espectador inquieto excita;
E emfim, despidos de sonóra pompa,
São mais proprios da scena, onde se-pintão
Os costumes e acções da especie humana.

Foi dado aos Poetas liricos cantarem
Os Deoses, e os Heróes dos Deoses filhos,
O vencedor Pentathlo, e dos cavallos
O mais veloz nos jogos, e os amores
Da juvenil idade boliçosa,
E do vinho, que as fôrças refocilla.
O risonho prazer em lautas mesas;
Porque este metro festival e arguto,
Em medidas estancias descantado,
Aos requebros da lira auxilio pede,
E da lira nos sons aos astros vôa.
Se eu não posso, ou não sei, quando componho,
O cunho peculiar, e o proprio typo
Dar ás obras, variando os sons e as côres,
Não devo de Poeta gloriar-me,
E que pejo indiscreto me-aconselha,
Que antes quero ignorar, que dar-me ao estudo?!

O cómico argumento não toléra
O grave estilo altiloco e valente
Da sublime Tragedia magestosa;
Nem ésta altiva dos cothurnos baixa
Ao baixo socco; pois que a horrivel cêa
De Thyestes não deve ser tratada
Na frase usada em jovial Comedia.
Sendo ambas no seu genero diversas,
Dê-se o caracter, que é devido a ambas.
Acontece com tudo algumas vezes
A jocosa Comedia remontar-se
Nos improvisos lances, que se-off'recem
D'afflicção, de prazer, de susto ou de ira;
Assim Chremes ardido a voz levanta
Em vigorosa falla, e de seu filho
Tacha, e reprova os depravados feitos.
De igual modo, affrouxando o estilo e frase
A Tragedia na dôr tambem se-abate.
Quando Pelêo, e Télepho pretendem,
Ambos mendigos, desterrados ambos,
Tocar de perto, e commover com arte
Os corações d'aquelles, que os-escutão,
Deixão vozes pomposas, e se-explicão
Na linguagem rasteira, que lhes-presta
A situação miserrima em que vivem.

D'um Poema a belleza não se-fixa
Em ser escrito com lidado esmero;
Precisa-se inda mais, que elle interésse,
Que os animos captive, e que os-disponha
Aos affectos, que intenta excitar nelles;
Mas para o-conseguir deve o Poeta

Exprimir por si mesmo os sentimentos,
Que aspira a despertar. Por natureza
Temos interna fôrça, que nos-move
A chorar quando vemos, que alguem chora,
E rindo acompanhar os que estão rindo;
Assim quem pretender, que voluntarias
Dos meus olhos as lagrimas rebentem,
Solte primeiro as suas, consternado;
Os seus males então serão meus males.
E' dest'arte, que podem compungir-me,
O' Télepho, e Pelêo, vossas desgraças.
Mas expressando o trágico artificio
Com viveza as paixões, e os lances vários,
Inda resta, que os scenicos actores
No aspecto, agitações, e movimentos
Se-possúão do espirito d'aquelles,
De quem são viva cópia até no traje.
Pois se, ao caracter natural fugindo,
Mostrarem não sentir o que me-inculcão,
Dormirei, ou rirei de scena em scena.

Devem ao rosto similhar as vozes,
Mestas ao triste, ao iracundo iradas,
Facetas ao jocoso, ao grave graves.
A mesma natureza é quem primeiro
Nos-dispõe, e prepara internamente
Para sentir as impressões da sorte;
O prazer subitaneo, o fero impulso
D'exacerbadas iras, e a pungente
Solitaria tristeza cabisbaixa;
Depois recorre á lingua, que se-explica,
Interprete fiel dos sentimentos.

Mas se na falla tua fôr o estilo
Improprio do papel, que representas,
Tanto os nobres romanos, como a plebe,
Soltarão descompostas gargalhadas.

Tenha-se em vista a linguagem propria
Da profissão, idade, e patrio solo
Das personagens trágicas, que fallão:
Se é um Deos, ou Heróe; se um velho sério,
Se fogoso mancebo em tenros annos;
Se destincta matrona respeitavel,
Ama fagueira, ou mercador volante;
Se grosseiro cultor d'escasso campo.
Se é de Colchos, da Assyria, ou se nascêra
Em Thebas, ou se em Argos foi criado.
Destingão-se éstas fórmas, pois sabemos
Que em caracter, esp'rito, usos, costumes,
Os homens entre si differem muito.

Ou é já conhecido o Heróe, que pintas,
Ou criado por ti; se conhecido
Deves seguir o que te-inculca a fama;
Se de pura invenção, cumpre lhe-assignes
O que deve convir ao seu decóro.
Figuremos, que pões de novo em scena
O celebrado Achilles; rende a este
Um caracter guerreiro, surdo a rogos;
Incançavel, colerico, e vezado
A desprezar as leis, não conhecendo
Outro direito além da fôrça d'armas.
Pinta inflexivel, e cruel Medéa,
Aleivoso Ixion, Ino chorosa,

Io errante, e taciturno Orestes.
Mas se pozeres nunca ouvido assumpto,
E personagem nunca vista em scena,
Dá-lhe um caracter, que sustente exacto
Desde o principio até ao fim do Drama.

Ardua tarefa é dar os gestos proprios,
Os visos naturaes a um novo enrêdo
Puramente ideado; melhor fôra
Que extrahisses da Iliada de Homero
Um ou outro episodio, e formar delle
A fábula do Drama, do que expôres
Cousas ignotas, e não ditas inda.
E ésta acção, já do público sabida,
Tua será, com tanto que não sigas
A mesma contextura, que lhe-dera
Esse autor imitado; antes disponhas
Uma nova cadêa de incidentes,
E outras imagens; nem servil traslades,
Pois que imitas, palavra por palavra
Como fiel intérprete, pois podes
Topar com embaraços, que te-vedem
Proseguir sem que as leis offendas d'arte,
Ou tornar para trás sem que te-pejes.

Nem comeces no tom em que rompêra
Outr'ora o fôfo Cyclico Poeta:
« *Eu cantarei de Priamo a fortuna*
E a tão fallada guerra. ». Que prodigios
Nos-promette este autor n'um tal exordio?
Os montes parirão, verás dos montes
Ser o parto um ridiculo ratinho.

Quanto melhor aquelle se-annuncia
Simples, modesto, sem orgulho ou pompa:
« *Conta-me, ó Musa, inspira-me os succéssos*
« *Do Varão que, depois de Troia em cinzas,*
« *Víra longes cidades, e os costumes*
« *Profundára subtil d'estranhos povos.* »
Bem vês, que este facundo insigne Vate
Não quiz ao fumo anticipar a chama,
Mas sim que a chama succedesse ao fumo.
Ei-lo depois portentos ostentando
Em grandiloco estilo, como aquelles
Do antropóphago Antiphates, de Scylla
E Charybdes, e fero Polyphemo.
Nem de Diomédes o regresso á patria
Traz de longe da morte de Meleagro;
Nem da apertada Troia em duro assedio
Desde os ovos de Leda o excidio canta.
Tão miuda exacção fatiga o esp'rito,
E por isto o Poeta se-accelera
Ao que é mais principal; e, como dando
Por já sabidas outras muitas cousas,
Leva ao meio da fábula os ouvintes;
Menciona o que é melhor, e põe de parte
O que julga não ser d'ornato digno;
E com tanta destreza e engenho enlaça
Co'a ficção a verdade, que atavia,
Que, formando um só todo, corresponde
Sempre ao meio o principio, ao fim o meio.

Ouve agora, dramatico Poeta,
Ouve o que eu quero, e quer comigo o povo:
Se pretendes que attentos e assentados,

Já núa a scena dos lustrosos panos,
Té ao ponto fiquemos em que é uso
Sahir um dos do côro a pedir *vivas;*
Extrema-te em pintar de cada idade,
Dando aos annos a côr, que os annos pedem,
Os costumes, que são da idade proprios.
Um menino, que já se-exprime ás claras,
Que anda só por seu pé, e sôlto corre,
Descreva-se anhelando a companhia
D'outros meninos, com quem ria e brinque:
Facil, sem causa, em se-agastar com elles,
Facil com elles em perder o amúo;
Voluvel no que faz; contente, ou triste,
Ora quer uma cousa, ora quer outra.
Já não sugeito ao aio, o moço imberbe,
Figure-se empregando os seus desvélos
Em briosos cavallos, cães de caça,
Lédo co'as doces distracções do campo,
Para os moldes do vicio branda cera,
Surdo, rebelde a um salutar conselho,
Que os bens, que lhe-convém, tarde avalia:
Mãos largas, presumpçoso, e que suspira
Por mil extravagancias que, gozadas,
Subito deixa, e subito aborrece.
Fugindo os annos, mudão-se os cuidados;
Cumpre se-represente o homem feito
De assentado propósito, lidando
Por avultar em bens, ganhar amigos,
Merecer, e gozar de honrado o nome;
Que, prevendo o que faz, jámais lhe-fique
A minima razão de arrepender-se.
Cercão muitos incómmodos o velho,

Ou seja pela sede, que o-devora
De accumular thesouros, em que ceva
A vista aguda, sem ousar tocar-lhes;
Ou por medo e vagar com que faz tudo.
Sempre indeciso no que trata, e tardo
Em prestar fé a novas esperanças,
Como em perder aquellas, que inda nutre.
Remisso e receando a todo o instante
Algum futuro máo, que elle imagina.
Queixando-se de tudo, e rabugento,
Maldizendo o presente, e os áureos dias
Louvando sem cessar da infancia sua;
Severo reprehensor da mocidade.
Mil bens gozâmos quando os annos sobem,
Mil bens perdemos, quando os annos descem;
Por isto attente o Poeta as qualidades,
Que a mudança dos tempos traz comsigo;
Não succeda, que a um moço se-accommodem
Os costumes d'um velho, ou que um menino,
Qual prudente varão, discorra e obre.

Pede o decóro, que o Poeta faça
Distincção entre as cousas, que se-devem
Representar em scena, ou inferir-se
Como passadas já n'outros lugares:
E posto que impressão menor no esp'rito
Cause um facto, que ouvimos, que este facto
Pelos olhos fiéis presenciado,
Sem que d'alhea informação careção;
Ha comtudo succéssos que, por serem
Ou incriveis, ou barbaros, demanda
A prudente razão, que lugar tenhão

Fóra da scena arrebatando á vista
Do auditorio estes mesmos, de que logo
Passa a ser informado por sublime,
Nervosa narração d'um dos actores.
Fôra acaso decente, que Medéa
Despedaçasse os filhos, por vingar-se
Do perfido Jason, perante o povo?
Ou que o nefario Atrêo punisse a affronta,
Que Thyestes lhe-fez, em festim lauto
Dando a comer ao pai seus proprios filhos?
Tão execraveis, tão nefandos quadros
Nunca se-devem presentar aos olhos.
Tambem crivel sería, que mudados
Fossem Cadmo em serpente, e Progne em ave?
Quanto dest'arte se-expozer em scena,
Sendo atroz, aborrece-me e detesto;
Sendo incrivel nenhuma fé lhe-rendo.

Como esteja em costume, e se-precise
Dar á memoria e animo descanço
Em tudo o que se-vê, e que se-goza;
Se desejas, que o povo acolha um Drama,
E uma vez, e outra vez o-applauda e peça,
Cinco actos lhe-dá, nem mais, nem menos,
E se não fôr a solução do enrêdo
Tal, que só possa desatal-a um Nume,
Deve escusar-se a mediação celeste:
E, se quarta pessoa entrar em scena,
Falle mui pouco, e raras vezes falle,
Que assim se-evita a confusão das vozes.

Bem que pareça não entrar o côro
No enrêdo da acção, deve com tudo
Tomar nelle interêsse, e dos actores
Uma parte fazer; deve entre os actos
Versos cantar, que relativos sejão
Ao proposto argumento, que prosegue.
Elle exalte a virtude, elle aconselhe
Firmeza d'amizade entre os amigos;
A moderar a cólera, e se-mostre
Propicio áquelles, que ás paixões se-esquivão.
Louve a mesa frugal, e o nenhum luxo,
A salutar justiça, as leis, e os doces
Fructos da paz benéfica, e risonha,
Que tem abertas da cidade as portas.
Jámais revele o trágico desfecho,
Ponderoso segredo, que lhe-fôra
Como a actor confiado, pois sería
Roubar assim ao público suspenso
D'alta surpreza o preparado lance.
Rogue aos Deoses, que a sorte os bons proteja,
Que abandone os soberbos, e os-humilhe.

De auricalco não era a flauta antiga
Como agora embocada, e guarnecida,
E á trombeta pequena igual em vulto;
Porêm simples, delgada, e fraca em vozes,
E respirando os sons por poucos furos.
Era naquelle tempo idónea ao côro
E o côro acompanhava; ella se-ouvia
No pequeno theatro, a que só poucas
Pessoás concorrião, porque o povo

Era menos então, e a maior parte
Gente sincera, e comedida gente.

Mas tanto que os dominios se-alongárão
Pelas vastas conquistas, e a cidade
Opulenta as muralhas pôz mais longe;
Depois que ao génio impunemente os dias
Em glotónica mesa, e farto vinho
Começárão a dar-se, ésta licença
Dos costumes passou tambem aos versos,
E á musica dos Dramas, inventando
Mais variados sons, e sons mais fortes.
Era bem de prever ésta mudança,
Pois que havia a esperar de plebe rude,
Que, deixando a lavoura, procurava
Divertir-se, ficando misturados
Rustico, e cidadão, brutal, e urbano?
Que cousas pediria, que não fossem
Proprias do gôsto seu, e seus principios?
D'aqui veio o flautista unir á arte
Da primitiva musica singela
Um certo ar pantomimo, e iguaes requebros,
Que o luxo introduzio nos sons, nas danças,
Pelos novos tablados arrastando
A longa cauda de custosas vestes.
De igual geito cresceo na grave lira
O número das cordas, augmentados
Já os furos da flauta, e um novo estilo
Tomou a locução, mais violento,
Tão prophetico, e rapido, que as uteis
Doutrinas e sentenças, que exprimia,

Predizendo o futuro, semelhavão
A's frases dos oraculos de Delphos.

O Poeta, que em públíco certame
O premio vil d'um bode conseguíra,
Pouco depois á scena trouxe um côro
De nús agrestes Sátiros, que vinhão,
Illesa da Tragedia a gravidade,
Divertir o Auditorio, pois cumpria
Por attractivos taes, inda não vistos,
Conciliar a attenção d'um povo infrene,
Que em tumulto o theatro frequentava
Depois dos sacrificios, cambeteando
Distrahido e loquaz, sem lei, sem termos.

Mas visto permittir-se que figurem
Nas Tragedias os Sátiros, e soltem
Ditos jocosos, e grosseiros ditos,
Salve-se sempre a trágica decencia;
E de tal sorte ao sério as zombarias
Se-accommodem, se-liguem, que não desça
Qualquer Nume, ou Heróe, que visto ha pouco
Fôra ao régio salão ornado de ouro,
Sobraçando o real paludamento,
A' sordida linguagem baixa, e usada
Pela plebe nas infimas tavernas;
Ou que, fugindo á locução rasteira,
Suba tanto, que ás nuvens se-remonte
Nas leves azas de guindado estilo.
Entre o trágico, e o cómico se-escolha
Frase idónea, que d'ambos participe.
Pois inda que a satirica Tragedia

E' d'especie diversa, ella não deve
Soffrer versos indignos da grandeza
E nobre gravidade, que professa;
Antes hade entre os Satiros mostrar-se
Um tanto estranha, e vergonhosa um tanto,
Qual a honesta matrona, que, rogada
Sendo a dançar em público festejo,
Sahe complacente a campo, e taes medidas
Toma em tudo o que faz, que em gesto e modos
Nada se-nota, que indecente seja.

Se eu, O' Pisões, taes Dramas escrevesse,
(Satiricos dos Sátiros chamados)
Nem sempre a tudo, e sem ornato, e ás claras
Pelos seus proprios nomes chamaria;
Mas em termos cobertos me-expressára,
Termos, que o pejo, e que a decencia inspirão.
Nem do trágico estilo me-descêra
Tanto ao cómico estilo, que nenhuma
Dessemelhança no fallar houvesse
Do servo davo, ou da ladina serva
Pythias, que ao velho descuidado Simo
Estafára um talento, ou de Sileno
Aio de Baccho, e companheiro antigo.

D'um conhecido facto eu teceria
A satírica fábula do Drama,
E tanto ao natural me-houvera em tudo,
Que dissesse qualquer: *eu faço aquillo*;
Mas dando-se á tarefa, e relidando,
Suasse em vão, sem dar um passo ávante.
Tanto podeis, ó bem travada e urdida

Cadêa de engenhosos incidentes!
Tantas bellezas ajuntar se-podem
Aos já tratados, triviaes assumptos!

Fiel imitador da natureza
Deve em tudo o que faz ser o Poeta;
Eis-aqui, pois meu voto: nunca os faunos,
Entre selvas nascidos, e criados,
Se-verião em scena gracejando
Em cultos versos, expressões polidas,
Como se fossem flóridos mancebos
Usados á cidade, e que soubessem
Tudo, o que em praças se-pratíca e ruas.
Bem se-vê, que os ouvintes de bom senso
Impropriedades taes não soffrerião.
Não se-pense por isto, que pretendo,
Que o actor, que fizer de fauno a parte,
Para entrar em caracter, pronuncie
Torpes dicterios, immodestos ditos,
Pois se agradão á plebe, desagradão
Ao probo cavalleiro, ao nobre, ao rico.

Duas syllabas juntas, breve e longa,
Formão o pé veloz chamado *jambo*,
Que por sua presteza dera o nome
Aos jambicos de *trimetros*, ainda
Que estes versos por seis iguaes compassos,
Compostos de seis pés, o ouvido firão.
Outr'ora o verso jambico constava
De meros jambos, mas depois tentando
Ostentar melodia e gravidade
Cedêo dos seus direitos, e de grado

Quiz benigno admittir por companheiro
O moroso espondêo de sons mais brandos,
Sem que ao novel consocio concedesse
O segundo lugar, e o lugar quarto.
E'sta união de pés d'especies duas,
Este moderno jambico mais doce,
Raras vezes nos trimétros se-escutão,
No metro sentencioso d'Accio, e d'Ennio.
Um verso posto em scena, carregado
De muitos espondêos, revéla ao certo
Nimia pressa em compôr e negligencia,
Ou ignorancia d'arte, o que é mais feio.
Conheço que não coube em sorte a todos
Um delicado ouvido attento e fino,
Que, por cima da emphatica e dolosa
Modulação, aponte os versos duros,
E do métro loução estreme o frouxo:
Vem desta causa, que os Poetas nossos
Tenhão sido atéqui, no que escrevêrão,
Com sobeja indulgencia sempre ouvidos.
Mas que deve fazer o escritor habil?
Sábio aviso será, que solte a penna,
E que a-deixe voar, negando aos metros
Os devidos harmonicos accentos.
Persuadido que são quantos o-escutão
Uns pouco finos, e indulgentes outros?
Ou, só fiado em si, deverá antes,
Sem que se-lembre de perdão ou graça,
Lidar seus versos diligente e cauto,
Assentando, que o público não deixa
De observar os defeitos mais pequenos?
Dou que assim mesmo não lhe-dêm louvores,

Mas sequer evitou ser censurado.
Emfim se pretendeis ser instruidos
Em proficua doutrina, os livros gregos
Lêde, e relêde, e folheai constantes,
Desses que mais em mérito se-erguêrão,
As obras de primor, de noite e dia.

Sei que os nossos maiores exalçárão
De Plauto o metro, e insulsas chocarrices;
Forão mais que benignos, sem que deva
Dar-lhes por isto o nome de insensatos.
Mas nós, que n'outro seculo vivemos.
Que sabemos pesar quanto differe
Um dito agudo, d'um grosseiro dito;
Nós pois, cujos ouvidos mal soportão
Uma falsa cadencia, e que vezados
Por nossos dedos a contar estâmos
A medida dos versos, nós devemos
Não ser tão faceis em render applausos.

E' voz que fôra de Tragedia ignota
Thespis o inventor; que os vinhateiros,
Co'a lia do vinho mascarados
Os contrafeitos rostos, sôbre carros
Com musica, e acções representavão.
Veio Eschylo depois, e ergueo tablado
Fixo, pequeno, de encruzadas vigas;
Creou segundo actor, pôz dous em scena
D'altos cothurnos, e vestido honesto,
E, em lugar de canções, ou rudes trovas,
Dêo á Tragedia magestoso estilo.

Succedêo a Comedia antiga a ésta,
Foi com geral estima logo aceita;
Mas passando a licença, e feio abuso
A liberdade cómica, ultrajando,
Por seus nomes, os homens e a virtude,
Quando o vicio em geral punir devêra;
Interpôz-se o Govêrno, impondo as penas,
Que a tão negras injúrias respondião.
A lei se-promulgou, calou-se o côro,
E, de infamar, vedada a liberdade,
Da scena se-ausentou corrido, e mudo.

Nada os nossos Poetas intentado
Deixárão, do que os gregos escrevêrão
Nestes diversos generos de Dramas;
Nem pequeno louvor lhes-deve a fama
Por haverem deixado o trilho destes,
As romanas acções expondo em scena:
Já celebrando aquellas, que erão dignas
Da trágica excellencia, ou já tratando
Outras, que o estiló cómico pedião;
E bem era de crer, que o Lácio fôsse
Não menos pelas lettras, que por armas,
Pelo valor das armas extremado,
Se os latinos Poetas dessem tempo,
E trabalho, e mais lima, e mais esmero
Com attento fervor ás obras suas.
Vós, de Numa Pompilio, ó clara estirpe,
Vós, illustres Pisões, negai o aprêço
A's producções daquelle, que não risca,
E retoca uma vez e outra os versos;
Que os não guarda e revê de tempo a tempo,

Que os não torna a polir até que os-suba,
Sem que nada lhe-escape, a um gráo perfeito.

Como o jovial Democrito sustenta,
Que um éstro ardido mal carece d'arte,
E veda a entrada do Helicon frondoso
A'quelles, que flegmaticos não sentem
As furias do enthusiasmo desenvolto;
D'aqui vem que alguns loucos se-persuadão,
Que este furor poético se-alcança
Por via de aturados desvarios,
Taciturnos mostrando-se, e fugindo
Do commercio dos homens, desprezando
Os commodos da vida, e o proprio aceio:
E é por isto que pallidos passeão
Por ermos sitios, e jámais se-lavão
D'unhas compridas, e comprida barba.
Tem para si que o nome, estima, e dotes
Gozarão de Poetas, se teimosos
Ao barbeiro Licino nunca derem
O cabello a cortar das vãas cabeças,
Para as quaes d'Anticyras tres sería
Fraco remedio o helléboro potente.
Oh! que loucura a minha de purgar-me,
Da bile ao despontar da Primavera!
Pois se um semblante pallido, e desfeito
E' quem faz o Poeta, eu já lhes-fico,
Que ninguem me-levára a palma em versos;
Mas por tal preço o ajustamento é caro.
Antes irei melhor fazendo o officio
Da pedra d'amolar que, não podendo
Cortar, afia o ferro, e faz que corte,

Qualidade que dá, sem que a-possua.
Assim eu mostrarei, que partes devão
Formar o escritor bom, e de que fontes,
Sem que eu seja escritor, extrahir possa
As difficeis poéticas riquezas:
Qual estudo o Poeta nutra e forme;
Como ha de discernir a verdadeira
Eloquencia da falsa, e até que ponto
Possa d'arte o primor abalançar-se,
Ou conduzir-nos uma errada escolha.

Senso e bom gôsto são principio e fonte
De escrever com acêrto. Util doutrina
Beberás na lição dos virtuosos
Discipulos de Socrates; e, tendo
De maximas moraes enriquecido
A mente e o coração, verás de prompto
A' materia as palavras occorrerem.
Aquelle que, instruido em seus deveres,
Sabe o que á patria, o que aos amigos deve;
Com que respeito e amor os pais se-tratão,
Com que amor os irmãos, com que bondade
E civil modo os hospedes se-hospédão;
Qual seja o cargo, e as funções, que exerce
O probo Senador, o Magistrado,
O General que em chefe os mais commanda;
Aquelle ha de acertado em seus escritos
Dar o caracter proprio a qualquer delles.
E' por ésta razão, que eu recommendo
Ao douto imitador, ao bom Poeta,
Cujo empenho, em geral, da natureza
Consiste em copiar fiel os quadros,

Que fite attento os olhos perspicazes
No original da vida, e dos costumes,
E que extráia d'ali o esp'rito e as côres,
Com que as mesmas acções descreva e pinte.

Um Drama, que em geral tem partes boas,
Proveitosas sentenças, graves ditos;
Que os costumes e modos d'uns e d'outros
Ao natural retrata, inda que muito
Lhe-falleça o artefìcio, a graça, a fôrça,
O doce métro, o castigado estilo,
A's vezes mais deleita, e apraz ao povo,
Mais lhe-prende a attenção, mais o-interessa,
Do que uns versos cadentes, mas sem *cousas*,
Uns enganosos, lisongeiros *nadas*.

Engenho, e elocução as Musas derão
Em gráo subido aos nomerosos gregos,
Que sómente o louvor, e a glória amavão.
E os meninos romanos o que fazem?
Por estirados calculos aprendem
A dividir a libra em partes cento.
Ouça-se o filho do onzeneiro Albino,
Habil em cambios, e em recambios habil,
Como conta de cór: se eu tirar uma
Onça de cinco, quantas onças ficão?
Vamos, respondei prompto? *fica um terço*.
Bello! quem assim conta já dá provas
De saber conservar seus bens herdados.
E, se ajuntarmos uma onça ás cinco,
Quanto fará? *metade d'uma libra*.
Ora quando ésta ardente sêde de ouro

Desde a mais tenra idade principia
A inficionar os animos, podêmos
Esperar, que se-escrevão versos dignos
Do verniz do fragrante oleo de cedro,
E de ser com desvelo conservados
Em caixas de cipreste incorruptivel?

Os Poetas que tem na glória a mira,
Põe todo o empenho em dar nas obras suas
Instrucção, ou deleite, ou tudo a um tempo.
Se é teu fim instruir, tem sempre em vista
Ser nos preceitos breve; explica em poucas
Frases as cousas, que ensinar pretendes,
Afim de que o espirito perceba
Com clareza o que expendes, e o-conserve;
Tudo o mais redundante, que ajuntares,
Não cabendo no estomago, trasborda.
Se intentas deleitar, lida por serem
Verosimeis as cousas que fingires;
Que a ficção ser verdade se-figure;
Não queiras que em teus Dramas se-acreditem
Monstruosas, subtis extravagancias,
Taes como aquella de extrahir do ventre
Da Fada, que a puericia esquiva e teme,
Vivo um menino ha pouco devorado.

Como da voz do público dependa
A approvação do Drama, e não concordem
Segundo a educação e idade os gôstos;
Deve o habil Poeta pôr o estudo
N'arte difficil de agradar a todos.
A ordem senatoria, que é composta

De conspicuos varões de largos annos,
Não approva os Poemas, que não rendão
Proveitosa instrucção, util doutrina:
Os mancebos illustres, e fogosos,
Os nimiamente austeros aborrecem.
Neste empenho se-vê, que é necessario,
Afim de conseguir geral applauso,
Tecer com destra mão, e primor d'arte
O agradavel e util, instruindo,
E ao mesmo passo sempre deleitando.
Eis-aqui o caracter verdadeiro
Dos livros, que os livreiros enriquecem;
Estes de mão em mão lidos, relidos,
Passão de terra em terra, e além dos mares;
Estes ao seu autor dão glória e nome,
Nome que pelos seculos se-espraia.

Ha comtudo alguns erros que, por leves,
São de desculpa e de indulgencia dignos;
Nem sempre o habil musico das cordas
Tira a voz, que deseja; um som agudo
Lhe-torna ás vezes, quando fere um grave;
Nem o agil bésteiro dá no alvo
Sem errar uma vez um tiro e outro.
De igual modo o escritor; por isto em lendo
Grandes bellezas em qualquer poema,
De bom grado escureço as poucas faltas,
Que escapão por descuido, ou que são filhas
Da humana imperfeição; evitar éstas
Fôra difficil, pois comsigo trazem
Gravado o cunho da fraqueza nossa.
Porêm ésta indulgencia tem limites:

E assim como não deve perdoar-se
Ao copista de livros, que nas mesmas
Faltas recahe, por vezes admoestado;
E do escarneo geral se-torna objecto
O citharédo que, esquecido sempre,
Na mesma corda e ponto desafina;
De igual modo o Poeta descuidado
De rever, corregir as obras suas,
Que engroza nellas, sem ter tento, os erros,
Parece-me outro Chérilo escrevendo,
Do qual com riso, e com abalo admiro
Um ou outro lugar, quando o-merece;
Assim como ao contrário me-enraiveço
Sempre, que o vasto Homero tosqueneja.
Mas onde está quem possa em obra longa,
Sem que uma vez tropece, andar attento?

Vê-se em Poesia o mesmo que em Pintura,
Segundo o gráo de luz, que é competente,
As imagens ali representadas:
Partes ha que se-devem ver de perto,
Outras agradão só vistas de longe;
E'sta quer luz escaça; est'outra pede,
Sem que os golpes da crítica receie,
Grande por si, aberta claridade.
Umas assim para agradar são feitas
Só á vista primeira; outras lidadas
São com tanto primor, que aprazem sempre,
Uma vez e outra vez, vistas, revistas.
Eis-aqui como os Vates, e os Pintores
Atavião seus quadros, exprimindo
D'arte os prodigios, escondendo a arte.

Tu, que de teus irmãos és o mais velho,
Tu, ó claro Pisão, posto que tenhas
Sazonada razão, sérios estudos,
Em frequente diálogo polidos
Co'a paterna vastissima doutrina,
Ouve attento ésta maxima, e te-rogo
A-graves na memoria: ha certos cargos,
Ha certas profissões, em que se-deve
Suportàr d'algum modo a mediania;
Soffre-se um orador, inda que diste
Do elegante Messala em siso agudo;
Tolera-se o jurista, que em sciencia
De Aulo Cascelio ao merito não chega;
E, posto que ambos optimos não sejão,
Como precisos são, lá tem seu preço.
Mas Poetas mediocres não soffrem
Deoses, nem homens, e as columnas mesmo
Negão-se a dar aos seus annuncios campo,
Pois tudo o que ao prazer é dedicado
Deve ser no seu genero excellente.
Bem como em lauto, esplendido banquete,
Offende o ouvido a musica discorde;
Faz tedio o cheiro podre, que evapórão
Derrancadas essencias nauseativas;
E do mel de Sardanha confeitada
A semente das brancas dormideiras,
Molesta o paladar com ruim gôsto;
Pois que sem éstas cousas, que só prestão
Quando são agradaveis aos sentidos,
Se-podia passar em bom convite,
E prolongar-se mais o prazer delle;
De igual modo a Poesia, cujo objecto

Consiste em deleitar, dar fôrça ao esp'rito,
Se desce, inda que pouco, do mais alto
Ponto de perfeição, que lhe-compete
Cahe no extremo do pessimo insoffrivel.

Quem as armas subtil jogar não sabe,
A terreiro não sahe; nem de igual modo
Em público se-expõe, quem se não sente
Da pélla, e barra, e trôcho habil nos jógos.
Satisfeito de ver jogar quem joga
Demora-se assentado, porque teme
As devidas risadas, e os apúpos
Do espectador congresso circunstante.
Em Poesia pratica-se o contrário:
Quem tudo ignora contumaz e afôuto
E' o primeiro a compôr; e com que causa
Ha de alguem estranhar, que faça versos
Se é livre, e nobre, e abastado, e probo?

Tu, discreto Pisão, como se-espera
Da tua reflexão, e siso agudo,
Nada sem genio emprenderás, e nada
Sem o espontaneo auxilio de Minerva.
Se com tudo algum dia pretenderes
Dar qualquer obra á luz, que hajas escrito,
Eu te-aconselho que, modesto e franco,
A-sobmettas primeiro ao sábio exame
De Mécio, e de teu pai; ambos consulta,
E a mim mesmo, depois de ouvidos ambos.
Não sigas os desejos não cuidados,
A impaciencia de alguns, que se não podem,
Mal escrevem, conter e presurosos

Dão a público os versos, que escrevêrão;
Antes por largo tempo os-fecha e guarda,
Pois debaixo de mão sempre te-fica
Lugar de os-corregir; mas publicados
Não tem remedio algum, bem similhantes
A' despedida voz, que atrás não torna.

Orphêo, sagrado interprete dos Deoses,
Fez, que os homens selvagens se-abstivessem
Do alimento brutal de carne humana.
D'aqui veio dizer-se, que soubera
Amansar co'a doçura dos seus versos
Dos tigres e leões a horrivel sanha.
Igualmente se-disse que, pulsando
O Poeta Amphion da lira as cordas,
E aos sons della o suave canto unindo,
Abalára os rochedos que, attrahidos
Pela doce harmonia, se-elevavão
Uns sôbre os outros, a seu moto erguendo
Soberbas fortalezas, e cingindo
D'altas muralhas a famosa Thebas.

A sapiencia, em geral, nos priscos tempos,
Teve por orgão da Poesia as vozes;
Os Poetas aos homens ensinárão
A extremar do bem público o privado,
Os actos santos dos profanos actos;
Fugir d'um trato illicito e inconstante;
Vincular o consorcio perduravel;
Fundar cidades, e gravar nas táboas
Leis, que no estado social guardassem.
Foi assim que os Poetas se-endeosárão,

E seus versos divinos conseguírão
Vasta reputação, constante estima.
Logo após estes o lustroso Homero,
E o célebre Tyrtêo logo após este,
Se-valerão dos metricos accentos
Para excitar os animos na guerra.
Tambem depois em verso respondêrão
Os ambiguos oraculos concisos,
Predizendo os diversos accidentes,
Que matizão da humana vida as quadras.
Por mediação das Musas se-obtiverão
Nos palacios reaes dos Reis as graças.
Finalmente ellas mesmas inventárão
As fábulas e os jógos, que divertem,
E dão vigor aos animos oppressos
De continuos trabalhos enfadosos.
Olhando assim os preciosos fructos,
Que a Poesia produz, pejo não tenhas
De te-dar, ó Pisão, de grado á Musa
Habil na lira, e ao numeroso Apollo.

Talvez queiras saber se á natureza,
Ou dos preceitos d'arte ao desempenho,
A perfeição dos versos é devida.
Quanto a mim, eu não sei de que proveito
Possa o estudo servir sem fertil veia,
Nem que valha o engenho falto d'arte.
Cumpre que, as mãos se-dando, imperem ambos,
E se-prestem reciprocos socórros.

O Athleta veloz, que na carreira
A todos se-avantaja, e que consegue

Chegar primeiro á méta desejada,
Desde a mais tenra idade infatigavel
Suou por se-tornar robusto e leve*;
Dêo-se a calmas e frios, e privou-se
Com austero rigor de Baccho e Venus;
Tambem esse, que vai nos Pythios jógos
Cantar doces canções ao som da flauta,
Antes de expôr-se em público, exercêo-se
Nos improbos ensaios da arte sua,
E por vezes tremêo á voz do mestre.
Um Poeta ao presente não carece
De ensaios, nem lições, basta que diga:
Pomposos versos são estes, que eu faço:
Sarna dê no que atrás ficar de todo.
Ser somenos é cousa vergonhosa,
E inda mais affrontoso, inda mais feio,
O que aprender não quiz, dizer — ignoro —

Outros ha, que só mostrão seus escritos
A quem deva peitado elogial-os.
E' facil ao Poeta, que tem fundos
Em fazendas, que dá dinheiro a juro,
Ver-se de lisongeiros rodeado,
Assim como acontece ao pregoeiro
Que, mal desata a voz, o-cerca o povo
Em grande multidão, levando em vista
Lucrar na compra do que expõe á venda.
Pois se é franco, se tem mesa abundante,
Se abona o pobre devedor, e o-salva
Das trapaças dos pleitos enredados,
Grão prodigio será se venturoso
Destinguir entre tantos, que o-circundão,

Quem ingénuo lhe-falla, ou quem o-adula,
Qual seja o falso, ou verdadeiro amigo.
Tambem se alguma cousa houveres dado,
Ou promettido a alguem, nunca te-sirvas
De tal occasião para mostrar-lhe
Os versos, que fizeste; pois movido
Da dádiva, ou promessa inda recente,
Hade a cada hemistichio, ou fim d'um verso
Bulliçoso, exclamar: *Que bella frase!*
Excellente! melhor ninguem se-exprime!
Vêlo-has, como em extasi enfiado,
Applicando o ouvido, e mudo, e terno,
Soltar dos olhos lagrimas de gôsto;
Dar saltos de contente, e vivo applauso
Fazer tambem co'o pé no chão batendo.
Se tens visto essa gente, a quem se-paga
Para carpir nos funebres enterros,
Mostrar no gesto e voz acções e pranto
Mágoa maior, que os mesmos enojados;
De igual arte o que applaude por lisonja,
Zombando assim d'aquillo, que nos-louva,
Mais se-transporta, e finge commovido,
Que o mesmo louvador sincero, e franco.
Dizem que os Reis (vivendo sempre expostos
Aos embustes de vis aduladores,
Pelos bens, que das mãos dos Reis se-esperão)
Desejando indagar se algum é digno
Do seu conselho, e graça, em cópia larga
O-fazem beber vinho, e assim descobrem
A verdade que, só como em tormento,
Não receia sahir de sombras limpa.
Compondo qualquer obra, toma tento

Em sondar o caracter dos ouvintes;
Não succeda, que sejas illudido
Por alguns desses muitos, que se-valem
Das finas traças da raposa arteira.

Se teus versos outr'ora recitasses
Ao discreto Quintilio, elle dizia:
Faze por corregir isto, e mais isto.
Se affirmasses, que havias pretendido
Emendar já por duas ou tres vezes,
Mas que para melhor fòra impossivel;
Mandava riscar tudo, e que tornassem
Os confragosos versos á bigorna.
Se visse que, bem longe de emendares
Os unhados defeitos, porfiavas
Em lhes-dar certa côr, e defendel-os;
Desabria mão logo, e no silencio
Se-fechava, deixando-te á vontade,
Sem sombra d'um rival, revêr nas tuas
Mimosas producções, como autor dellas.

O Censor entendido, homem de conta,
Reprehende os versos frouxos, nota os duros;
Co'a penna transversal risca os incultos,
Faltos de lima, e de cadencia faltos:
Corta os ornatos d'uma falsa pompa,
Quer que se-tornem claros os lugares
Onde escuro o sentido mal se-entende:
Culpas as frases equivocas, e tudo
O que deve mudar-se aponta, e nota.
E' um recto Aristarcho, que não torce,
Que não diz: *Por tão leves ninharias,*

Que podêra accusar, *sería justo*
Desgostar um amigo? E'stas, que chamas
Ninharias, ou *nadas* relevados,
Podem trazer funestas consequencias;
Podem tornar-te o entonado amigo
Alvo constante da irrisão de todos.

Assim, como de subito se-evita
O contacto d'aquelle, que enfermára
De lepra, ou d'ictericia, ou que ferido
Pela irosa Diana se-enfurece;
De igual modo o prudente se-acautela,
Quando lhe-assôma ao longe um máo Poeta:
Só gente incauta, e leve rapazia,
Correndo as ruas, sem temor o-acossão
E se quando, enfunado, arrota versos,
Movendo o passo incerto á similhança
De absorto caçador, que espreita os melros,
Por acaso cahir em pôço, ou cova,
E chamar: *Cidadãos! ó lá*, *valei-me*,
Não achará um só, que se-decida
A tiral-o d'ali. Mas caso houvesse,
Quem lhe-acudisse com propicia corda,
Para acima o-trazer, eu lhe-diria:
Que fazes? Sabes tu se por vontade
Se-lançou onde está, e que recuse
Ser por ti socorrido? E em prova disto
Lhe-narrára do Siculo Poeta
A decantada morte — Desejando
Empedócles, que todos inferissem,
Não achando seu corpo, que elevado
Havia sido aos ceos, e lhe-rendessem,

Como Deos immortal, honras divinas;
De propósito firme, e a sangue frio,
Do Ethna âs frágoas se-arrojou d'um salto.
Dê-se pois aos Poetas liberdade
De acabar a seu modo. E' tão violento
Salvar da morte, a quem morrer deseja,
Como a quem quer viver privar da vida.
Nem cuidem, que foi ésta a vez primeira,
Que se-portou assim: nem mesmo quando
O-salvassem do p'rigo deixaria
De insistir mais e mais, porque appetece,
Sem que perca a mania de endeosar-se,
Pôr termo á vida, e conseguir, morrendo,
Ser d'alta fama glorioso assumpto.
Não se-dá razão certa, que declare
A causa do frenetico prurido
De fazer sempre versos. Té se-julga,
Que enfadados os Deoses lhe-impozerão
Esta pena cruel, para que possa
Deste modo expiar enormes crimes:
Ou já porque o sepulchro revolvesse
Em que as cinzas paternas descançavão;
Ou porque emfim sacrilego pisasse
O prohibido cêreo fulminado.
Seja o que fôr, que se-enfurece é certo;
E, quando assôma furioso em campo,
E similhante ao urso que, rompendo
As grades da prisão, leva diante
Doutos e indoutos, que em tropel se-escapão
Do implacavel Poeta recitante;
Triste d'aquelle, que fugir não pôde,
Que, afferrado ao passar, fatiga e mata

Co'o enfadoso aranzel das obras suas!
E' qual a sangesuga, que não larga
Sem que não possa mais de sangue cheia.

Um nome bom, ou máo, desdouro, ou glória,
Como acabais de ouvir, póde o Poeta,
Que tal pretende ser, haver por premio;
Que o bipartido monte alcantilado,
Onde Apollo co'as nove Irmãs impera,
D'espinhos se-rodêa, e é riscos todo;
Mas por diversas, íngremes, veredas
Tem sempre accésso franco os genios grandes.
Ha na Poesia generos distinctos,
Cabe em distincto gráo louvor a muitos;
Anachreontes, Pindaros, e Saphos,
Euripedes, Theócritos, e Homeros,
Vivem na tradição, e entre nós vivem,
E viverão, em quanto houver no mundo
Quem vigilias crueis tribute ás lettras.
Assim, claros Pisões, das fôrças vossas
Calculai o podêr, este preceito
Gravai no coração, gravai na mente;
Nada sem genio commetter se-deve,
Constrangida Minerva é tudo inutil.

ANNOTAÇÕES.

ANNOTAÇÕES.

Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius.
TERENT. EUNUCH. Prol. verso 41.

Nenhuma cousa emfim jámais foi dita,
Que muito d'antes já dita não fosse.
LEONEL DA COSTA, Traduc.

(1) *Humano capiti.* = Principia Horacio ésta collecção de preceitos da presente epistola por nos-dar o mais importante de todos, que é a unidade da acção. Parece, que o Poeta haveria pouco antes altercado sôbre ésta materia com os seus amigos Pisões; pois que, sem introducção alguma, vai rapidamente colhêr a similhança da Pintura com a Poesia, sua irmãa, e dá comêço á epistola, como se dissesse assim: *Voltando ao nosso assumpto; figurai que um pintor etc.* O Padre Sanadon como que hesita sôbre os motivos, que produzírão ésta obra prima; pois que ora a-considera como parto da indignação, que lhe motivava o insoportavel orgulho d'alguns versejadores do seu tempo, que sem pejo se-arrogavão os honrosos titulos de *poeta*, não possuindo, se-quer, os necessarios elementos d'arte, seguindo por este modo a opinião de Francisco Robortello; ora deffinitivamente affirma em a nota a este mesmo lugar, que, dando o Poeta princípio á presente epistola sem preambulo al-

gum, revelava que o Pisão Pai, homem de consummada doutrina, lhe-haveria pedido algumas illustrações para si, ou, como é mais de crer, para seus filhos. Nós seguimos, em parte, ésta segunda opinião, por nos-parecer mais razoavel; pois é fóra de toda a dúvida, que o nosso Poeta não arriscaria perder o seu tempo com similhante gente, contra a qual se-mostrava tão praguento, e que era, como elle descreve nesta mesma epistola, e em outros lugares, ambiciosa de louvores não merecidos, indocil, incorrigivel, e até louca. Temos sim por mais seguro, que fôra sua intenção instruir os Pisões filhos, mui principalmente o primogenito, para o qual exclusivamente se-volta do versó 366 por diante, espraiando-se em lhe-dar os preceitos mais precisos para a composição da tragedia; talvez por haver este, como dizem, já composto alguma; e isto em um tempo, no qual estava como em moda em Roma fazer versos, de que dava o mesmo Augusto exemplo ás pessoas de differentes classes, que se-banqueteavão laureadas, como se-colhe da Epist. 1.ª, do Liv. 2.º verso 108.

Matavit mentem populus levis, et calet uno
Scribendi studio: pueri, patresque severi
Fronde comas vincti cœnant, et carmina dictant.

Deve porém notar-se de passagem, que Horacio não falla aqui só da unidade do Poema Epico, ou Dramatico, como alguns erradamente se-tem persuadido, mas sim de toda a composição litteraria, seja de que natureza fôr; o que se mostra com evidencia, quando logo no verso sexto diz *Librum*; isto é discurso em prosa, ou verso, pois que, para se não presumir, que se-limitava a fallar só das obras poeticas, não quiz dizer *poema*. O illustre autor do Telémaco, digno preceptor dos Netos do grande Luiz XIV, cuja autoridade

de pêso por vezes citaremos nestas nossas fracas annotações, lembrado deste preceito do nosso Poeta, explica-se na sua Carta sobre a Eloquência, pag. mihi 339, pelo seguinte modo: = O discurso (diz elle) deve ser todo um, e este se-reduz a uma só proposição, exposta no maior gráo de luz por variados modos. Ésta unidade de desenho, faz que se-veja d'um só *golpe de vista* a obra inteira, do mesmo modo, que d'uma praça pública d'uma Cidade se-vem claramente todas as ruas, e portas, quando aquellas estão direitas e em simetria. = E logo em outro lugar accrescenta: = Não se-póde asseverar, que uma obra tem uma verdadeira unidade, se não quando nada se-lhe-póde tirar sem cortar no vivo. Tambem se não póde dar uma verdadeira ordem, se não quando nada se-póde tirar do lugar onde se-acha, isto é, parte alguma, sem enfraquecer, sem tornar escuro, e sem desordenar o todo. = Mr. de Fontenelle, nas suas Reflexões sobre a Poética, pag. mihi 151, expende a seguinte doutrina: — Cumpre que á unidade (diz elle) se annexe a simplicidade. Chama-se acção simples aquella, que é facil a seguir, e que não fatiga o espirito por uma grande série de incidentes. A simplicidade não agrada por si só; ella nada mais faz, que poupar o trabalho ao espirito, mas apraz por se-tornar variada, sem que deixe de ser simples; e quanto mais vária, e sempre simples, mais agrada. Não se-admira a natureza por haver composto o semblante humano d'um nariz, uma bôca, e dous olhos; mas admira-se porque, compondo todos os rostos destas mesmas partes, os-fizesse differentes entre si. Eis-aqui a simplicidade, e variedade, que agradão pela sua união, = Os Commentadores de Corneille, no 2.º Discurso ácerca da Tragedia, pag. 476, chamão á unidade um bello edificio, cuja estructura se-goza toda á primeira vista, e da qual se-vê com prazer os dif-

ferentes corpos, ou partes de que se-compõem. = O Padre Le Bossu, se acaso é possivel, ainda torna mais clara ésta definição, no seu Trat. do P. Ep. Liv. 1.º, Cap. 2.º : = Como os preceitos (diz elle) afim de se-perceberem com facilidade, e gravarem de prompto na memoria, precísão de brevidade, e nada havendo que possa produzir melhor estes effeitos, que propôr uma só idéa, e reunir todas as cousas de tal modo, que se-possão vêr todas presentes ao mesmo tempo; é por isto que os poetas tem reduzido tudo a uma só acção, debaixo d'um só desenho, constituindo um corpo, que não admitte membros, nem partes, que lhe-sejão estranhos : =

Quidquid præcipies esto brevis etc.
Denique sit quod vis simplex dumtaxat et unum

= Segundo a idéa (repete o mesmo Padre), que tenho formado da unidade da acção, persuadó-me, que tres qualidades se-lhe-tornão indispensaveis. A primeira é a de não empregar episodio algum, que este não seja tirado do plano, e do fundo da acção, e que não seja membro natural deste mesmo corpo. A segunda está em ligar bem estes episodios, e membros uns aos outros. E a terceira consiste em não acabar episodio algum de maneira, que possa parecer uma acção inteira, mas sim deixar sempre ver cada um em particular, na sua natureza de membro de um corpo, e de parte não acabada. =

(2) *Varias inducere plumas* = Pennas de diversas aves, e por isso de differentes côres.

(3) *Turpiter atrum etc.* De todos os Traductores, que consultámos, nem um só nos-quiz explicar precisamente a força de que participa este adverbio *turpi-*

ter, unido ao adjectivo *atrum*. Não nos-causaria isto grande admiração se todos houvessem traduzido em prosa; mas notâmos, que os melhores traductores em verso nada achárão, ou igualmente nada nos-quizerão dizer. Metastásio, em quem haviamos posto nossas esperanças, traduz simplesmente ésta frase por — *sozzo pesce* — isto é *peixe disfórme*, e nas suas excellentes notas nada nos-diz a este respeito. Dacier traduz em prosa *vilain poisson*, e, nas competentes illustrações, nos-diz, sem fazer caso do termo *turpiter* — *Aterpiscis* — um peixe negro, por um grande peixe; isto é, *um peixe horrivel*, como são todos os grandes peixes. — Ficámos na mesma ignorancia. O Padre Sanadon, e o Abbade Batteux traduzem *poisson hideux*; e sem que uma só palavra digão ácerca do adverbio, envolve-se o primeiro em uma questão de capricho, sôbre os termos *inferne*, e *superne*; troca depois o *ut* em *aut*, por lhe-fazer assim mais geito, e resolve em tom decretorio, que Horacio pinta aqui dois monstros, e não um; desmentindo por este modo Quintiliano, que abertamente diz no Lib. VIII., Cap. III. *Id enim tale est monstrum quale Horatius in prima parte: Libri de Arte Poetica fingit.* Finalmente Dionisio Lambino, sendo aliás um commentador de bom nome, sahe-se com ésta: — *Deformem, horribilem. Talia enim fere nobis videntur quæ nigra sunt.* Pelo que vemos Lambino diz, que o peixe por ser negro é horrivel; e Dacier diz que por ser grande; como se a natureza não fosse relativamente bella tanto no grande, como no pequeno, guardadas as devidas proporções. Pelo menos Aristoteles, no Cap. VII. da sua poética assim o-dá a entender, fallando da composição trágica. = Todo o composto (diz elle) a que se dá o nome de bello, ou seja animal, ou d'outro qualquer genero, deve não só guardar proporção em todas as suas partes, como tambem ser d'uma certa gran-

deza, porque, quem diz belleza diz grandeza, e ordem. Um animal muito pequeno não póde ser bello, porque para ser visto ha de ser muito de perto; e as partes muito reunidas confundem-se. Pelo contrário, um corpo muito grande, um animal, que tenha de comprimento mil estadios, só poderá ser visto por partes, e neste caso perde-se a vista do todo. Deve pois haver, tanto nos animaes, como n'outros corpos naturaes, uma certa grandeza, que se-possa gozar de um só *golpe de olho*. — Posto de parte o parecer de Aristóteles, deveremos concluir, que se o nosso Poeta houvesse tão sómente dito *piscem atrum*, bem iría a versão de *peixe negro*, mas nunca *horrivel*, nem *grande*; assim como *ater sanguis*, *ater capillus*, *ater liquor etc.* negro sangue, cabello preto, licor escuro; mas se, por dar mais força ás palavras *piscem atrum*, lhe-unio o adverbio *turpiter*, porque não diremos com o mesmo Horacio — *peixe fêamente negro*, deixando as subtilezas de ser horrivel por ser negro, e de ser horrivel por ser grande?! Parece, que o nosso Camões pensou como nós neste particular; pois que, descrevendo uma noite medonha, achou, que o termo *negra*, só por si, teria pouca força, e para lhe dar maior vulto, diz no Canto VI. =

A noite negra, e fêa se-alumia
Co's raios, em que o Pólo todo ardia.

E no mesmo Canto, descrevendo o Tritão:

Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu Pai, e-seu correio.

Assim como tambem no Canto X.:

Põe na fama alva nódoa negra, e fêa.

Por nos-parecer mais a propósito, em a nota adiante, applicada ao verso 47 desta Poetica — *Dixeris egregiè*, daremos a este respeito um exemplo, que melhor frisa com os predítos, colhidos do mesmo Camões.

Horacio emprega este mesmo adverbio no verso 284:

Chorusque
Turpiter obticuit etc.

(5) *Amici* — Os melhores Commentadores, e com elles o Snr. Fonseca, e Petrini; e ainda mais disfarçados o Abbade Batteux, e o nosso Lusitano, porque dão á palavra, *amici*, o primeiro, o significado de *Pisões*, e o segundo de *vós*, não querendo traduzir o que vêm, que é o *amici*, parece não concordarem em que este termo esteja no vocativo; mas nenhum nos-diz o motivo porque segue ésta lição. Nós assim o conjecturâmos, e seguimos, attento o grande respeito com que o Poeta trata os Pisões, a ponto de os-nomear no verso 292 *Pompilius sanguis*; e até por não se-topar em toda ésta epistola com outro igual *amici*. Mr. de Brueys diz: *Quelques amis que vous fussiez de celui qui l'aurait fait.*

(9) *Reddatur uni formæ* — Isto é, a uma só natureza.

(9) *Pictoribus atque Poetis* — Os Poetas, e Pintores sempre tiverão liberdade de inventar, mas ésta liberdade deve ser bem entendida, não traspondo os limites do verosimil; pois se tanto aquelles, como estes copião a natureza, como imitadores della, não devem, abusando da concedida faculdade, soltar os vôos á sua imaginação, apresentando-nos extravagancias, e confundindo tudo. Muito embora inventem, finjão por-nos-dar prazer, más venhão a propósito, e sejão

2

verosimeis éstas mesmas ficções. Figuremos, que um Pintor nos-apresentava um quadro de mar, no qual se-vissem os navios arfando pelo embate das ondas, e por entre éstas pastando um rebanho d'ovelhas, vigiadas pelo seu ovelheiro, e os peixes voando, librados nas barbatanas, pelo céo ou ar do painel, e outros pousados pelos topes e ramos das arvores, igualmente dispostas éstas pelos combros das agoas; quem poderia conter o riso á vista desta desordem? Pelo contrário, se o mesmo pintor nos-figurasse no seu painel o diluvio, acobertadas as terras d'agoas, e os peixes nadando a-custo por entre as folhas e ramos das mesmas arvores, — *hic summa piscem deprendit in ulmo* — como os-descreve Ovidio, ou como o mesmo Horacio disse: =

Piscium et summa genus hæsit ulmò,
Nota quæ sedes fuerat columbis.

Se vissemos os Delfins nadando por entre os bosques, e nesta inundação vergarem os troncos pelos cegos e duros encontrões daquelles, que se-dão pressa a abrir caminho:

. . . . . *silvasque tenent delphines et altis*
Incursant ramis, agitataque robora pulsant;

Longe de nos-provocar o riso admirariamos o maravilhoso primor do pincel, que nos-apresentou, com côres expressivas, o verosimil em uma tal calamidade, e tão proprio neste lugar, como ridiculo no outro. Isto mesmo expressa o Abbade Dubôs nas suas *Reflexões criticas sobre a Poesia e Pintura*, *Sac.* 24: = Os pintores (diz elle) em todo o tempo tiverão liberdade de pintar Tritões, Nereidas nos seus quadros, posto não os-haverem jámais visto na natureza. Muito em-

bora: = *Sed non ut placidis coeant immitia*; = mas ésta licença não se-deve entender ajuntando em um mesmo quadro cousas incompativeis. Eu não disputo aos pintores (conclue elle) o direito e posse em que estão de pintar Serêas, Tritões, Nereidas, Faunos, e todas as Divindades fabulosas, nobres quimeras, de que a imaginação dos poetas tem povoado as agoas, os bosques, e enriquecido toda a natureza, mas só o que pretendo é que venhão a propósito. =

(14) *Incœptis gravibus etc.* Metastásio, em a respectiva nota a este lugar, sustenta, que pela palavra *incœptis* se não deve só entender *principios*, pois que em similhante engano se-póde cahir em toda a continuação d'uma obra; pelo que se-admira de que muitos expositores se-persuadissem, que só aos principios houvesse limitado Horacio este preceito. Mas, que entendendo-se pelo termo *incœptis*, não *principios*, mas *obra intentada*, poderemos acreditar, que o poeta quiz comprehender todo o decurso d'um poema. Passa depois Metastásio a provar com exemplos, que o termo *incœptum*, se-acha com frequencia usado em Salustio na accepção de *empreza*, e produz estes exemplos: *Inventus pleraque, sed maxime nobilium, catilinæ incœptis favebat.* = De bello Catil. = *Sic incœpto suo occultato, pergit ad flumen sanam.* = De bello Jugurt. = As narrações (prosegue ainda Metastásio) e as moralidades entendem-se encerradas neste preceito. Éstas, bem como as descripções, são materiaes precisos, e mesmo brilhantes atavios d'um poema, quando são empregados, e distribuidos opportunamente. = O Padre Rapin, assim como outros expositores, sustenta, que Horacio falla aqui dos episodios, que não tem relação com o assumpto. Tasso, no seu *Poema da Jerusalem*, é accusado pelos críticos do defeito de continuadas descripções, pouco a propósito.

2 *

(19) *Et fortasse cupressum scis simulare.* — Este lugar, assim como outros mais, é entendido diversamente por um grande número d'interpretes: o nosso Lusitano applaude a interpretação de Dacier, que tem pela mais genuina, e é justamente ésta com a qual de nenhum modo nos-podemos conformar. Não só Dacier, mas algum commentador mais, querem, que Horacio diga, que um pintor por saber só pintar bem um cipreste, não deve presumir-se por isto habilitado para se-encarregar de qualquer obra, que se-lhe-offereça pertencente á sua arte, sem que se-avalie com forças sufficientes para desempenhar com perfeição aquillo, que se-lhe-pede; e tão seguros estão neste seu parecer, que seguem a nota d'Acron, em que este diz: = *Irrisio pictoris cujusdam, qui nihil aliud quam cupressum noverat depingere. Proverbium est in malum pictorem, qui nesciebat aliud pingere quam cupressum. Ab hoc naufragus quidam petiivit ut vultum suum exprimeret, ille adjecit num ex cupresso vellet adjici aliquid etc.* = Eis-aqui o que nos-parece, que o Poeta não diz, pois que até ésta mesma interpretação está em parte incompleta, e como tal imperfeita. Horacio emprega os primeiros 23 versos em fallar da harmonia da unidade e da simplicidade da fábula, pelo que respeita ás partes, de que se-deve compôr, diz que todas éstas deverão ser da mesma natureza do todo, como membros proprios do corpo, a que vão pertencer. Quer dizer, que deverão ser verosimeis, ligarem-se á verdade, que é a acção principal, e construirem um todo, que pareça verdadeiro, olhado em todas as suas partes. Elle não reprova as descripções senão só por não virem a propósito, por serem remendos de côr tão differente do panno da peça, que dão logo nos olhos. Seja muito embora magnifica a descripção do bosque, e altar de Diana; d'um regato, que vai serpeando por entre a relva d'um

campo ameno; do Rheno caudaloso; do arco Iris; dou que tudo seja excellente, mas com propriedade, porque se não póde ligar ao assumpto, que é de mui differente-natureza. Tu és um grande pintor de paisagens, desenhas maravilhosamente ciprestes, e outras quaesquer arvores; mas onde pretendes collocar éstas, se tens a pintar um naufragio? Eis-aqui o sentido, que damos a este lugar, nem póde ser outro. Para maior prova do que asseguràmos veja-se o que diz o Calepino na palavra *cupressus*, ácerca do tal proverbio Latino: = *Cupressum simulare, proverb. dictum Horat. de arte poet. deiis, qui id unum quod sciunt, quovis loco, et tempore obtrudunt, quemadmodum pictor, qui scit cupressum pingere, etiam in mari pingit.* Fica bem claro, que o poeta falla aqui dos lugares communs mais gabadinhos, que os máos poetas, assim como os pintores, procurão encaixar, como se diz, *á queima-roupa*, embora não venhão a propósito. Pois dando-se a este lugar a interpretação de Dacier, assim como dos outros commentadores, quem poderia persuadir-se, que o mais insignificante borrador, a quem se-encomendasse um painel de voto, representando um naufragio, pintava unicamente um cipreste, presumindo satisfazer assim o que se-lhe-havia pedido? Em uma palavra o que o Poeta diz é, que estes lugares communs, inda que bons, não vindo a propósito, são remendos de côr differente, que não pódem produzir um bom effeito: *nunc non erat his locus*. Voltaire no seu Dic. Fil. Let. A. fallando de uma passagem de Pluthařco, diz com este.

Tu tiens sans aprópós beaucoup de bons própós.

(20) *Expes* — Fóra de toda a esperança de recuperar o perdido; assim como *exles*, verso 224, sem lei, fóra da lei.

(23) *Simplex* — Não duplicado ou multiplicado; isto é, que fórma no espirito uma idéa geral e pura de todo o mixto, que possa torna-la particular.

(25) *Decipimur specie recti.* — O Poeta não diz, que a apparencia do bello nos-engana, mas sim que a acquisição, que pretendemos fazer do que é verdadeiramente bom, nos-leva, as mais das vezes, a abraçar só a apparencia desse mesmo bello; como por exemplo = Quero ser breve, passo a ser escuro; quero limar, polir os meus versos, para que lhes não chamem duros; tiro-lhe a energia, e o fogo; quero subir d'estilo, passo a ser empolado; faço por evitar este extremo, cáio no estilo rasteiro etc. — Metastásio na respectiva nota explica este lugar claramente: = O maior número dos escritores (diz elle) e quasi todos os homens, errão por defeito de discernimento, pouco apto para distinguir os termos ou limites — *quos ultra citraque nequit consistere rectum.* = Outro tanto diz o nosso Poeta na Sat. 2.ª, Liv. 1.º v. 24:

Dum vitant stulti vitia, in contraria currunt.

Não será fóra de propósito expôr aqui a maneira, com que se expressa Mr. Prepetit de Grammont, traduzindo ésta passagem do nosso Poeta:

Souvent pour le droit sens nous prenons le contraire;
Je voudrais être court, et je deviens obscur:
Je suis sans feu, sans force, évitant d'être dur:
Qui veut s'élever s'enfle; et qui craint trop l'orage
Pour ne point s'exposer, rampe prés du rivage.

(32) *Faber imus* — Sôbre ésta palavra *imus* tem havido differentes interpretações. Uns, lembrando-se, que as artes e sciencias havião mais que núnca flore-

cido no seculo d'Augusto, sustentão, que os officios tinhão arruamentos designados, assim como vemos hoje entre nós os ourives, retrozeiros, mercadores, algibebes etc. e por isto querem que *faber imus* seja, em quanto ao lugar, o ultimo escultor junto á escola d'esgrima d'Emilio. Outros pretendem, que seja nome proprio d'um escultor chamado *imo*, sem se quererem lembrar, que Horacio dá a inicial maiuscula até ao barbeiro Licino. Acron diz ser um escultor de baixa estatura. Algum ha, que affirma se-deve lêr *faber umbirus*. Outros mais sem ceremonia, afim de evitarem controversias, engolem o termo *imus*. Porfirio assevéra, que a officina do escultor (como se a estivesse vendo) estava a um canto da escola d'Emilio. Bentlei levado, segundo elle diz, pela lição d'alguns manuscritos assegura, que se deve lêr *unus*, e ésta singular opinião é logo abraçada e applaudida por muitos Commentadores. Mr. Dacier acha dura a emenda de Bentlei. O Padre Sanadon, pelo contrario, segue este parecer, e com certeza decretória nos previne, de que outra qualquer interpretação será ridicula. O Sr. Fonseca não hesitou em adopta-la. O anonimo traductor francez, que nos-deo a sua excellente traducção em verso no anno 1752, sustenta, que se á palavra *imus* se der a significação do *mais somenos*, e *mais ordinario dos escultores*, não haverá motivos de se-estranhar. Metastásio, que, depois de toda ésta risibilidade, dá ao termo *imus* a significação de *dozzinale*, — *mediocre*, *mediano*, *meão*, — confessa, que lhe parece impossivel, que entre tantos, e tão oppostos pareceres, não tenha lembrado a algum dos expositores dar ao termo *imus* não o significado proprio, que ordinariamente equivale a *baixo*, *ultimo*, *infimo* no lugar, mas sim o figurado, que póde muito bem passar dos gráos fisicos de grandeza, excellencia, ou distancia aos metaphoricos de mérito, de riqueza, de

nobreza, de sciencia, ou de valor, dizendo, por exemplo, o ínfimo dos capitães, dos poetas, dos artistas etc. Pois inda, que inteiramente (continúa elle) se não encontrasse exemplo nos escritores latinos do uso da palavra *imus* no sentido figurado, quem disse jámais, que um traslato precise d'exemplo para ser permittido, ou para ser usado? Porém no nosso caso (conclue elle com ésta saboleta) temos o exemplo no mesmo Horacio; elle na Ode 1.ª do Liv. 3.º põe figuradamente em opposição a palavra *imus*; não com os mais altos de estatura, ou mais distantes no lugar, mas com os homens insignes e distinctos:

Æqua lege necessitas
Sortitur insignes et imos.

Até aqui o douto Metastásio: porém nós sem sahirmos desta epistola, achâmos com uma leve modificação, igual exemplo no verso 378: =

Sic animis natum, inventumque poema juvandis;
Si paulum à summo discessit, vergit ad imum.

Que equivale a dizer: = do mesmo modo a poesia inventada para recrear o espirito, se-descahe, por pouco que seja, do summo gráo de perfeição, precipita-se no extremo ínfimo. = Que vem a significar = se o poeta não é excellente, é baixo, é ínfimo, porque se não admitte mediocridade = Soares Barbosa tambem traduzio *um baixo escultor*, o que não é de admirar, porque Vicente Espinel, sendo um máo traductor, tambem disse: — *un mui baxo oficial*, o que Yriarte reprova. ¿ E haverá ainda quem duvide, que os Commentadores, a acinte, são os que tem lidado porfiosamente por tornar escuro o nosso Poeta?

(37) *Spectandum nigris oculis, nigroque capillo.* = A erudita e incomparavel poetisa Condessa d' Oeynhausen, na sua versão desta epistola, traduzio o verso acima, que Metastásio diz ser o fecho do preceito da unidade, por ésta maneira:

A compôr deste modo, antes quizera
Ter disforme o nariz, os olhos vesgos.

Não posso resolver-me a crer, que uma Senhora tão lida não entendesse o que diz Horacio, pois que este, como já dissemos, falla da harmonia do todo, e por isso o que quer dizer é: = Se eu tratasse de compôr alguma cousa, quereria ser tanto esse escritor, como ter um nariz disforme, ao mesmo passo, que todos me-vissem com olhos e cabellos pretos, que erão titulos de gentileza entre os romanos e gregos. Veja-se a Ode 32 do Liv. 1.º, v. 11.; assim como tambem a Epist. 7.ª, do Liv. 1.º, v. 26, do nosso Poeta.

(40) *Cui lecta potenter erit res.* — Nos dous versos antecedentes, e hemistichio, recommenda o Poeta ao escritor, que não lance mão de pêsos com que não possa; isto é, que calcule por longo tempo, e com madureza até onde poderão chegar as suas forças; e quando tiver escolhido assumpto compassado ás *suas posses*, que é a força, que tem aqui o termo *potenter*, poderá persuadir-se, que não faltarão nos seus versos eloquencia, e boa ordem. Este conselho salutar, que o Poeta converte em preceito, mas que é ao meu ver inexequivel, todos o-deverião abraçar, pois mais vale fazer uma oitava boa, que uma tragedia má. Porém, pela maior parte, os nossos poetas modernos querem ser universaes em todos os differentes ramos de poesia. O meu cordial amigo, e mestre, Manoel Maria Barbosa de Bocage, compôz excellentes Cantatas,

Idilios, Sonetos e Elegias; era incomparavel nas traducções, principalmente da lingua latina, idiôma, que professava ás claras, mas nunca passou de mediocre nas Odes. Francisco Rodrigues Lobo perdeo no Poema da Condestabre o que havia adquirido no-pastoril. — Antonio Diniz da Cruz, e o Padre Francisco Manoel do Nascimento, fizerão magnificas Odes, mas avultão pouco nos Sonetos, principalmente o segundo. Mas já que fallámos em Filinto Elysio, vem a pello expôr aqui a interpretação, que elle dá a ésta passagem do nosso Poeta, no seu discurso ácerca de Horacio e suas obras: = Quem, segundo suas posses (diz elle) tiver escolhido materia, a-houver bem estudado, e *digerido na mente*, nem ordem, nem facundia tem de lhe-fallecer; e as palavras virão de seu proprio móto acudir ao discurso. = Ora como disse ser inexequivel o cumprimento exacto deste preceito, bom será, que me-abone com o parecer de Metastásio a este respeito: = Não sei (diz elle) como se-poderá formar juizo certo, e seguro do podêr do proprio merecimento. São tão attenciosas, tão subornadoras as Musas a todos, e tão excitantes, que qualquer se-persuade (como affirma Cicero) ser o seu mais distincto protegido: — *Neminem adhuc cognovi Poetam... qui sibi non optimus videretur*. Cic. Tusc. Lib. V. Se um homem pois tão abalisado (continúa Metastásio) que tanto honrou a humanidade com o seu sublime engenho, com a abundancia de suas doutrinas, e com a sua, sem igual, eloquencia, e, o que ainda é mais para admirar, se um tão insigne avaliador desta nossa quasi geral debilidade, não pôde reconhece-la em si proprio, enchendo com a maior animosidade tantas folhas com as suas producções poeticas, que merecêrão do fogoso Juvenal o epitheto de *ridenda poemata*; como (conclúe elle) poderemos assegurar-nos do poder das nossas proprias forças, e do nosso mesmo juizo?

= A brevidade que pede uma nota não nos-permitte levar mais por diante as reflexões de Metastásio, as quaes o leitor curioso poderá ler no seu lugar competente, *Ut pictura Poesis erit.*

(42) *Ordinis hæc virtus erit et venus* — O Historiador refere seguidamente todos os successos pela sua ordem, segundo os tempos e circunstancias, o Poeta inverte-os com engenhoso artificio; pois que todo este deve laborar em saber fugir da ordem natural e histórica. E é por isto, que o nosso autor lhe-recommenda, que tome em attenção o que deve dizer agora, reservar para outra occasião, ou omittir; pois que nesta judiciosa escolha é que consiste a força *virtus*, e a graça da ordem *venus*. Mr. Gaullyer, na sua obra intitulada — Regras de Poética — diz, que a ordem é o que se-encontra de mais raro nas operações do espirito. Quando a ordem, a precisão, a força, e a vehemencia se-achão reunidas, o discurso é perfeito. Mas cumpre ter primeiro bem visto, bem examinado, bem calculado tudo, para saber o lugar preciso, que compete a cada termo; e é pois isto, que um declamador, abandonado inteiramente á sua imaginação, e sem conhecimentos, jámais poderá discernir. = Ainda que bem se-conheça, que Mr. Gaullyer falla aqui unicamente da elocução, pareceo-me a propósito copiar ésta passagem, e voltarei outra vez ao preceito em questão. Virgilio no Liv. 2.º da Eneida refere a destruição de Troia, e no Liv. 3.º o que se-lhe-seguio; havendo já dito no Liv. 1.º, o que se-passou muito depois daquelles succéssos. Para tornar mais claro este lugar, servir-me-hei da imitação do exemplo do Abbade Batteux a este respeito, passando para o Poema dos Lusiadas do nosso Camões. Vasco da Gama sahe de Lisboa, por ordem d'ElRei D. Manoel a descobrir as terras do Oriente. Quem é Vasco da

Gama? Que Reino é esse donde sahio? Em que parte do mundo está situado? Quem fundou esse Reino? Que Reis o-tem regido? Que guerras tiverão esses Reis, e com quem? Que victorias alcançárão? Que gente, em summa, é ésta, e o que pretende? Lá o saberão quando surgir nas praias do Reino de Melinde, em a narração, que fizer ao Rei, daquelles estados, desde o principio do terçeiro até ao fim do quinto Canto. Por agora trata-se de descrever as Náos Portuguezas, cortando as ondas do Oceano:

Já no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão
Das náos as vélas concavas inchando:

Faça-se ésta descripção, e a seu tempo saberemos o mais.

Jam nunc dicat jam nunc debentia dici.

Horacio disse *venus*, isto é *graça*, *belleza*, e no verso 320 torna a repetir *nullius veneris*. Camões tambem no Canto 5.º, Est. 95, diz que Octavio = compunha versos doutos, e *venustos*. =

(45) *Promissi carminis* — Na interpretação do termo *promissi* discordão consideravelmente todos os Commentadores, não lhe-querendo alguns dar o significado de *promettido*; assim como quando os poetas épicos annuncião na proposição, que vão cantar isto ou aquillo:

Arma virumque cano etc. Canto l'armi pietose, e il Capitano etc. E tomão por argumento, que Horacio não falla aqui só da Poesia épica, mas tambem da dramatica. Muito embora assim seja, porque deste modo ganha mais forças a nossa opinião. Nos thea-

tros de Roma, tanto as tragedias, como as comedias, erão precedidas de prólogos, os quaes não erão outra cousa mais que uma Lôa recitada por um dos principaes actores, ou por uma deidade, em que se-referia toda a historia, relativa á Peça até ao lugar da abertura da scena. Nas seis comedias de Terencio lemos os prólogos de que fallâmos. E nem séria mister este exemplo para darmos á palavra *promissi* o significado de *promettido* ou *annunciado*, se nos-lembrassemos, que o mesmo Horacio, depois de haver fallado da vasta proposição do Poeta Ciclico:

Fortunam Priami cantabo, et nobile bellum, diz logo no verso 138: *Quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?* Que grandes cousas dirá este escritor, que nos promette (*promissor*, promettedor) cantar todos os acontecimentos da vida do velho Priamo, e a dilatada guerra Troiana, que durou dez annos?

(47) *Dixeris egregiè* — Principia o Poeta a tratar da locução, isto é, da arte de bem fallar, e move a questão se é licito ou não inventar palavras; mas antes que se-decida, deixando margem em que se-possa abusar da liberdade permittida, mas mal entendida, diz logo por cautela:

Dixeris egregiè, notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum:

Alguns interpretes, assim como Lambino, Dacier, Sanadon, e mesmo o nosso Lusitano, que de toda ésta passagem, assim como de outras, parece, que muito de propósito, nada quizera entender (como já lhe-exprobrou o nosso Garção em uma das suas orações) dando-lhe uma interpretação muito avêssa, e até disparatada, querem persuadir-nos, que o Poeta falla aqui das palavras compostas. Metastásio, chegando a

este lugar, diz na respectiva nota, que, apezar de muito instructiva, não copiâmos toda, por ser um tanto longa, as seguintes palavras: = Confesso, que me não posso resolver a persuadir-me, que Horacio podesse entender, que a arte de bem fallar consistia em saber inventar palavras compostas; principalmente tratando elle com os latinos, os quaes com muito menos abuso, que a prática dos gregos, se-servião mesquinhamente destas composições de palavras; e com effeito Quintiliano, que estava, a meu entender, bem longe de tal opinião, depois de haver largamente fallado destas uniões de palavras, no Cap. 5.º Liv. 1.º das Instituições Oratorias, termina assim: *Sed res tota magis Græcos decet, nobis minus succedit etc.* = Depois de citar por extenso a autoridade de Quintiliano, e allegar exemplos do mesmo Horacio, passa a mostrar, que o motivo deste êrro, em que cahírão alguns interpretes, nasce de não se-ter feito differença do verbo *sero, sevi, satum*, e que significa *semear, plantar*; daquelle outro *sero, serui, sertum*, e que significa *ordenar, pôr em ordem, atar, pôr unida ou successivamente*; pois daqui vem a palavra *series, continuação, seguimento, ordem etc.* Assim como tambem da significação, que se-dá ao termo *junctura*, que não se-limita só á expressão daquella conjunção, que nasce da união de duas, ou mais palavras differentes, para formar uma só; mas exprime tambem excellentemente na composição o acompanhamento das palavras inteiras, que trazem comsigo novidade, força, energia, e esplendor, com o sagaz artificio com que são uma depois da outra, ordenadas, e collocadas; e conclue assim as suas reflexões dizendo. = A tão evidentes provas accrescente-se ésta reflexão; que se não me persuadisse que Horacio fallava aqui da metaphora, não havendo ainda fallado della, deixaria reprehensivelmente de mencionar o mais precioso, o mais vul-

gar, o mais engenhoso capital da eloquencia em geral, e mórmente da poética; falta ésta, que, inda que possivel, eu me não atrevo a attribuir-lhe. = Aristóteles na sua poética, Cap. 22. nada recommenda tanto como as metaphoras, porque-as fabulas (diz o Padre Le Bossu) são ficções allegóricas, e uma allegoria nada mais é que um tecido de metaphoras amontoadas em um corpo. — Quem precisar de maior gráo de luz para entender este lugar, lêa a traducção de Mr. de Brueys, que é um seguido commentario. Mas não querendo dar-se a este trabalho, consulte o mesmo Horacio na Epist. 2.ª, do Livro 2.º, onde diz assim; a Julio Floro:

Obscurata diù populo bonus eruet, atque
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum;
Quæ priscis memorata Catonibus atque Cethegis,
Nunc situs informis premit et deserta vetustas:
Adsciscet nova, quæ genitor produxerit usus;
Vehemens, et liquidus, puroque simillimus amni,
Fundet opes, Latiumque beabit divite lingua:
Luxuriantia compescet; nimis aspera sano
Lævabit cultu, virtute carentia tollet:
Ludentis speciem dabit, et torquebitur etc.

Mr. de Fenelon, lembrado, talvez, deste preceito de Horacio diz na sua carta á Academia Franceza, sôbre a Eloquencia: = Il nous faudrait, outre les mots simples et nouveaux, des phrases, oú l'art de joindre les termes, qu'on n'a pas coutume de mettre ensemble fit une nouveautée gracieuse. = Longino no Tratado do sublime, Cap. 32, falla da engenhosa collocação das palavras, e da novidade e harmonia, que ésta produz.

Porém postas de parte éstas autoridades, cumpriremos aqui, o que promettemos em a nossa nota 3.ª, ás palavras — *turpiter atrum*. O nosso Camões, a

quem não escapárão éstas bellezas, que são frequentes nas suas obras, pelas quaes se-tornou inimitavel na sua poesia do estilo, não se-esquecendo do *turpiter atrum* do nosso Poeta, e querendo pintar com exageração a deformidade do Adamastor (citaremos só este exemplo, por frisar mais com o nosso caso, e não cançar o leitor) põe na bôca do Gigante, no Canto 5.º, as seguintes palavras:

Como fosse impossivel alcança-la
Pela grandeza fêa do meu gesto
Determinei por armas etc.

O Substantivo *grandeza*, unido ao adjectivo *fêa*, sendo aliás dois termos conhecidos e usados, formão um novo, que nenhum superlativo será capaz de exprimir; pois que, pela sua união, parece exceder tudo o que ha de grande.

(49) *Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.* O Poeta tratando da elocução nos tres versos antecedentes, e propondo se para bem fallar será preciso inventar ou criar vozes novas; decide adiante que sim, quando a necessidade fôr extrema; mas, logo antes de permittir ésta mesquinha liberdade, adverte tanto ao poeta como ao orador, que poderão expressar-se com belleza se, usando de palavras conhecidas, as-dispozerem, e collocarem com tal arte, que respirem certo ar de novidade, tornando a frase, em que se-acharem empregadas, expressiva, energica e magestosa. Nesta industriosa disposição de palavras, deve entender-se a nervosa propriedade dos epithetos; isto é a discreta escolha, e acêrto destes, que communiquem vigor, e dêm certo realce aos vocábulos; pois que é pela animada expressão do pincel do poeta ou do orador, que se-nos-figura estarmos vendo aquillo mesmo, que

se-nos-pinta aos ouvidos. O nosso Padre Antonio Vieira é inimitavel nestas bellezas oratorias, e o nosso insigne Garção, entre os poetas modernos, é aquelle, que se-exprime com a maior valentia e propriedade. Haja vista ao Soneto 16, no qual este pintor poeta nos-pinta o mesmo que nos-diz:

Brilhante açucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando;
Vermelhas brazas alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado etc.

E em estilo mais levantado:

Eis-que zunindo furacões horriveis,
Á porta arrancão dos moidos gonzos:
Corre assustado d'um fuzil que o-cega
A luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo:
Ouvio bramando, retumbar no valle
Os longos écos do trovão, que abala
Os altos montes!

E na Cantata de Dido:

Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sôbre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos etc.

E na Ode 3.ª.

Já silvando entre ondadas labaredas
A sêcca lenha estala etc.

Bastará por ora de exemplos, aliás copiaria as obras

inteiras deste grande poeta! Destas palavras pois, de que falla Horacio, acabão umas, e são substituidas por outras; tambem ás vezes se-altera a orthographia desta ou daquella, afim de tornar a pronunciação mais doce. Éstas mesmas, que estão em moda, hão de cahir, e renascer as que estavão esquecidas, conforme aprouver ao *Uso*, que é o *Juiz*, o *Reformador*, e o *Soberano* da linguagem. O *Abbade Dubos* diz, que toda a mudança razoavel, que póde haver em uma lingua, desde que a Syntaxe desta se-tornou regular, não passará das palavras. O uso (conclúe elle) é o Soberano das palavras, mas raras vezes o-é das regras da Syntaxe. = O poeta compara os vocabulos ás folhas das arvores, que cahindo umas, nascem outras; mas não só acontece isto ás folhas; as arvores passão pela mesma vicissitude. Morrem as palavras, tambem morrêrão as cousas, que ellas significavão; pois que sobrevivem ainda algumas das primeiras para nos-darem a saber, que existirão as segundas, que o uso abandonou, e das quaes apenas se-conserva uma idéa confusa. Já se não emprega o ariete, a catapulta, a balista, o escorpião, mas ainda restão estes nomes. Descobrio-se o terrivel segredo da polvora, e mudou inteiramente de face a Fortificação. Inventou-se a artilharia, e innumeraveis petrechos de guerra, até então não conhecidos, e a todas éstas máquinas, e trem, *abdita rerum*, cumpria apropriar nomes, que os-podessem designar. Inventou-se a *bussola*, ou *agulha nautica*; o *astrolabio*, instrumentos, que não conhecêrão os antigos, *abdita rerum*; convinha dar os nomes a todas as suas partes. Inventou-se finalmente a *typographia*, *abdita rerum*, e fez-se necessario dar os nomes a todos os utensilios, até então não vistos, de que se-compõe; pois que são éstas as palavras, que Horacio diz se-podem inventar sem receio, ao mesmo passo que permitte uma liberdade mui parca para a

innovação daquellas, que servem só para ataviar, e tornar opulenta a linguagem, como praticárão os dois poetas cómicos Plauto e Cecilio; e Catão, e Ennio, o primeiro orador, e o segundo poeta. Éstas ultimas diz Horacio, que se-poderão inventar só no caso de summa urgencia, mas derivadas da lingua grega, que era a mãi da latina, com recêo, talvez, da introducção de palavras barbaras no idioma pátrio. Ouça-se o que diz a este respeito o nosso Garção na Sátira 2.ª.

Imite-se a pureza dos Antigos,
Mas sem escravidão, com gôsto livre,
Com polida dicção, com frase nova,
Que a-fez, ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umas se-fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil Primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o Inverno desabrido.

Perguntâmos agora, seguindo a metaphora de Horacio; seria agradavel á vista ver uma arvore vestida de folhas velhas, e folhas novas? Do que acima deixâmos dito não se-tira a falsa illação de que Horacio pretende, que o poeta, o orador, e o homem lettrado sejão aquelles, que innovem, e apropriem os termos technicos de qualquer arte; porque ésta tarefa só naturalmente incumbe ao inventor artista; pois se attentarmos sériamente, veremos que, na vastidão do nosso idioma, os melhores escritores são aquelles, que, pela maior parte, se-achão baldos dos mencionados termos technicos, pelo que se-vem muitas vezes obrigados a usar de perifrasis e metaphoras, que, mesmo bem sustentadas, enfastião pela sua demasiada repetição; para prova do que haja vista ao nosso Gabriel Pereira de Castro, no seu Poema da Ulyssea, quando

precisa expressar-se em termos technicos maritimos:

As náos postas a ponto de partida
Vão as concavas azas despregando.

Cant. 2.º Est. 17.

E as arvores, e as vélas, com violento
Furor, rompe bramando o negro vento.

Est. 32.

Co'a proa a Capitania levantada,
Que uma torre com azas representa.

Est. 35.

Tal uma, e outra náo volatil ave
Abrindo as azas vai, porque a serena
Aura, que respirava mais suave,
Enchesse os seios da tecida penna.

Cant. 3.º Est. 77.

E assim se-expressa sempre, por lhe-faltar a precisa technologia. O mesmo não pratíca o nosso Camões, no que bem mostra haver presenciado aquillo mesmo, que tão expressivamente nos-pinta:

As ancoras tenaces vão levando
Com a náutica grita costumada,
Da proa as vélas sós ao vento dando
Inclinão para a barra abalisada.

Cant. 2.º Est. 18.

Tomão vélas; amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta. =

Cant. 1.º Est. 48.

E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gáveas tomar manda:
Álerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.

Cant. 6.º Est. 70.

Tres marinheiros duros, e forçosos
A menear o leme não bastárão;
Talhas lhe-punhão d'uma e d'outra parte,
Sẽ aproveitar d'homens fôrça e arte.

Est. 73.

Tambem alguma vez emprega a metaphora, como no Canto 4.º Est. 49:

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vão ao vento etc.

Pela mesma razão Bocage se-expressa assim, na bellissima traducção do Canto de Tripoli: =

Quasi, quasi a cahir d'um, d'outro lado
Os mastros vergão, as cavernas rangem
Nem lignea robustez, nem cabos valem:
Cahe com ruidoso estalo a rija antenna,
E batem susurrando as rotas vélas.

Do mesmo modo Gonzaga, na Lira 29:

Verás, verás d'alheta
Soprar o brando vento,
Mover-se o léme, desrinzar-se o linho etc.

O Licenciado Manoel Corrêa, nas suas Annotações

aos Lusiadas de Camões, referindo-se ao verso da Est. 73 do Canto 6.º acima mencionado:

Talhas lhe-punhão d'uma e d'outra parte etc.

Sahe-se com ésta, que provoca o riso. = Remedio é este, que se-usa algumas vezes (diz elle) em tempo de grande tormenta para endireitar a Náo, e fazer, que não se-embalance, e penda para alguma parte, rodea-la de pipas e talhas, amarradas primeiro com grandes calabres e cordas, como diz o poeta, que aqui se-faz. = Dizendo uma parvôice tão redonda, levanta um testemunho ainda em cima a Camões! Se o annotador, antes de escrever este despropósito, perguntasse ao mais insignificante gruméte o que é uma *talha*, elle lhe-diria logo, que é um cabo de laborar, de mais ou menos delgadeza, que passa pelos gornes de um cadernal e d'um moutão, tendo dois gatos nas extremidades, dos quaes um (neste caso) engata no olhal da amurada, e o outro no estropo, que se-põe na cana do leme, d'um, e d'outro bordo, não só para laborar mais doce, como principalmente para ajudar o respectivo brogueiro em occasião de tormenta. Nas Peregrinações de Fernão Mendes Pinto poderia o Licenciado Corrêa ter estudado a technologia da arte do mar, para não dizer destas tontices.

(60) *Pronos mutantur in annos.* = Na Ode 6.ª do Liv. 4.º a Apollo, diz igualmente o Poeta:

Pronos
Volvere menses.

(63) *Debemur morti nos, nostraque.* = Os homens, e os artefactos, que sahem das mãos dos homens, tudo ha de acabar. A vida (diz certo Philoso-

pho) é uma continuada enfermidade, cujo remate é a morte; e outro lhe-dá o nome d'um ponto entre duas eternidades; asserção esta, que Voltaire se-esforça em desmentir. Horacio, assim como todos em geral, tanto na Ode 31 do Liv. 1.º, como na 19 do Liv. 3.º, e n'outros lugares, lhe-chama como precisão da natureza, cruel, dura necessidade, *sæva necessitas, dura necessitas.* O Poeta empregou aqui um argumento de maior para menor, dizendo: Se os homens, e tudo o que é obra dos homens, hão de acabar, bem como as estatuas, os monumentos, obeliscos, templos, palacios, portos, molhes etc. ¿ que razão se-dará para acreditarmos, que as palavras hão de ter eterna duração? O uso é quem dispõe dellas, acabando com umas, criando e ressuscitando outras, assim como o tempo pratíca com as obras dos homens.

(63) *Sive receptus.* — O Lago Lucrino communicava-se com o lago Averno, por meio d'um canal, que Agrippa mandára abrir no anno de Roma 717. Foi neste lugar, que se-construío um magnifico porto, a que se-dêo o nome de *Portus Julius*, em honra d'Augusto, que então se-chamava *Julius Octavianus.* Alguns dizem, que se-fizera o Porto Julio cortando a terra, que separava o mar dos lagos Lucrino e Averno. A obra d'Agrippa neste lago acha-se descrita em Suctonio. O Poeta falla deste lago Lucrino, que produzia saborosas ostras, com que se-banqueteavão os Romanos, na Ode 2.ª do Liv. 5.º — *Non me Lucrina juverint conchylia*; e na Ode 15 do livro 2.º =

Undique Latius
Extenta visentur Lucrino
Stagna lacu.

Dizem que o lago Averno exhalava vapores tão pes-

tilenciaes, que as aves, que pretendião passar por cima, cahião mortas. Ao lago Lucrino dava-se igualmente o nome de lago de Licola; era famoso pela grande quantidade de peixe. Silio Italico tambem faz menção deste lago, no Liv. 12. v. 113:

Ast huc Lucrino mansisse vocabula quondam
Cocyti memorat etc.

O nosso Poeta torna a fallar deste mesmo na Epist. 1.ª, do Liv. 1.º v. 83.

Nullus in orbe sinus Bajis prælucet amœnis,
Si dixit dives; lacus et mare sentit amorem
Festinantis heri etc.

Marcial tambem falla nestes lagos nos Epig. 63 do Liv. 1.º, e 59 do Liv. 3.º e n'outros lugares.

Ora como do Lago Averno se-levantavão exhalações malignas, e este fosse de grande profundidade, persuadirão-se os antigos, que era por ali a entrada do Inferno; e talvez por esta persuasão Virgilio fizesse descer Enéas por este lugar; elle é escuro, profundo e cercado de rochedos, que parece se-estão precipitando. Estes rochedos erão antigamente cobertos d'arvoredo impenetravel, cuja silenciosa escuridade imprimia um horror supersticioso; acreditando-se por isto ser aquella a morada dos Cimmerios, nação, que vivia em perpetuas trévas; ou, como outros querem, que se-escondião de dia nas suas cavernas, e sahião de noite a roubar os vizinhos. Ninguem entrava naquelle antro sem primeiramente haver sacrificado aos Deoses Infernaes. Veja-se Homero na Odyssea, no lugar, que Virgilio imitou no Livro 6.º, da Enéada, verso 237, e de que igualmente falla nas Georg. Liv.

2.º, v. 161. Do Lago Lucrino já não resta desde o terremoto de 1538 mais que um paúl coberto de canaveáes, porém o Averno ainda se-conserva. É este o lugar, em que o nosso Poeta é fortemente censurado por alguns Commentadores pelo grande crime de haver levantado tanto a voz em uma epistola, de mais a mais, como elles dizem, *instructiva* ou *didáctica*, que demanda um estilo familiar, affirmando por isto, que cahira, naquelle defeito a que Longino, e outros gregos, chamavão *parenthyrso*, só proprio de declamadores e pedantes; e a que Boileau, na sua traducção do Tratado do Sublime, dá o nome de *fureur hors de saison*. Regra geral; aquelles, que por mais que lutem não se-podem erguer do chão, em se-lhes-offerecendo occasião, não a-perdem, e, á mais pequena cousa, tachão logo de *empollados* os que se-levantão, e os-deixão a perder de vista; bem similhantes aos anões que, pondo-se nas pontinhas dos pés, nada podem ver tendo por diante homens apessoados, que os-deslumbrão. Ora: se nos-lembrarmos (sem predilecção) que, o Poeta achando ensejo opportuno de elogiar de passagem a magnificencia de Augusto, pelas sumptuosas obras públicas, que tanto davão nos olhos, o não quizera perder, e, como Mestre, levantára o estilo á grandeza do assumpto, bem como Boileau fizera no Lutrin ao seu Augusto Francez; que haverá aqui a criticar com razão?

(72) *Quem penes arbitrium est, et jus, et norma loquendi.* Por nos-parecer tão bella como concisa a traducção deste trecho por Mr. Prepetit de Grammont, aqui a-expômos:

Juge, réformateur, et maitre du langage.

(73) « *Res gestæ etc.* — Deverá ter lugar aqui o

que Mr. Rollin diz fallando ácerca do métro, no Tom. 1.°, Cap. 2.°, art. 1.°, pag. mihi, 262 : = « Não pos- « so crer, (diz elle) que fosse o acaso quem estabele- « ceo as differentes especies de métro. Esta variedade, « sem dúvida, tem o seu fundamento na natureza, « que, havendo posto nos ouvidos um vivo sentimento « dos sons, dá franca escolha das differentes sortes de « medidas, de cadencias, e de ornatos, segundo as ma- « terias, que se-tem a tratar, e conforme as paixões, « que se-pretendem exprimir. O Poema Epico, que « representa as grandes acções dos heróes, pede um « métro grave, e magestoso; demanda versos, que « marchem a passo largo, que tenhão uma medição « mais longa, sem movimentos muito amiudados, « nem muito precipitados, e que acabem quebrando « nobremente, sustentados pela gravidade do espon- « deu. » Pelo contrario as Odes, e os Canticos, que formão uma Poesia inteiramente de sentimento, e que, de ordinario, são acompanhados da dança, e do som dos instrumentos, parece exigirem versos mais curtos, que se-abalancem expedidos como aos saltos, e que assim auxiliem, pela sua marcha pronta e rá- pida, a viveza dos transportes, a que a alma se-aban- dona etc.

(75) *Versibus impariter junctis.* — Diz Horacio, que ao principio só a Elegia era escrita em versos desiguaes, isto é, em *disticos* (dous versos, que fazem um sentido) os quaes se-compunhão d'um verso hexa- metro, e outro pentametro, de dáctilos e espondêus, constando de cinco pés, um de menos, que o hexa- metro; e por isto o Poeta lhes-chama desiguaes, por ser um maior do que outro. Estes mesmos versos fo- rão empregados depois em assumptos festivos. Home- ro, por exemplo, diz que as façanhas dos Reis, dos grandes Generáes, e os funestos conflictos da guerra,

se-devem escrever em verso heroico, que é o hexametro, mas nem por isto prohibe, que se empregue ésta especie de verso em outras peças de poesia, que não seja Poema Épico. O mesmo Horacio, sendo poeta lirico, serve-se do verso hexametro, quando lhe-convém, sem que seja na composição de epopéas, que nunca escreveo. Virgilio, e Ovidio fizerão outro tanto, assim aquelle nas Eglogas e Georgicas, como este nas Metamorphoses. Todos os poetas gregos e Latinos praticárão o mesmo, bem como constantemente os épicos de todas as nações.

(78) *Grammatici certant.* — Estes Grammaticos erão homens de bom saber, versados na intelligencia das linguas. *Proprie dicti sunt viri eruditissimi, atque elegantissimi, non qui Grammaticam docerent, sed qui Poetas, Historicos, Oratores interpretarentur:* isto é, grandes humanistas; pois assim como temos as palavras *Lettrado*, e *Lettradinho*, significando a primeira homem erudito, e a segunda homem de poucas lettras; do mesmo modo os Latinos tinhão — *Grammaticus* — e Grammatista com a mesma significação dita. Talvez lembrado destes humanistas, ou Lettrados, de que Horacio aqui falla debaixo do termo *Grammatici*, dissesse Bocage em uma das suas Epistolas:

Plaga breve os Grammaticos limita.

. . . .

Hoje (tempo de cousas, não palavras)
Por ventura o Grammatico presume
Póde acaso ostentar, qual n'outras éras
Sciencia universal?

(79) *Archilochum proprio rabies armavit jambo.* Que Archilocho não fôra o inventor dos versos jambicos o mesmo Horacio o-dá a entender neste verso,

dizendo que a ira armára Archilocho do *Jambo proprio*; isto é, que se-servíra delle com propriedade, e fina escolha, na virulenta sátira, que escrevêra contra Lycambe, que havendo promettido dar-lhe sua filha Neóbule, lha-negára depois, casando-a com outro. Ora se-fizermos attenção a ésta qualidade de versos, conheceremos por seus accentos, que elles semelhão o tom de voz de um homem enfurecido, que fulmina injurias picantes. O nosso Poeta tambem confessa, que na doce mocidade um ardor interno o-tentára, e que, indignado, o-arremeçára aos ligeiros jambos:

. . . . me quoque pectoris
Tentavit in dulci juventa
Fervor et in celeres Jambos
Misit furentem.

Ode 16. Liv. 1.

E na Epistola 19, do Liv. 1.º a Mecenas, torna a repetir:

. . . . Parios ego primus Jambos
Ostendi Latio; numeros animosque secutus
Archilochi, non res et agentia verba Licambem.

(82) *Et populares vincentem sterpitus.* — Os jambicos, pelos accentos, de que se-compõe estes versos, fazem-se sentir por cima daquella vozeria, ou susurros, que se-costuma erguer nos ajuntamentos populares. E *mesmo*, como observou Dacier, por se-parecerem muito com o modo ordinario de fallar, mais concilião a attenção do auditorio, do que outros quaesquer. O Poeta, lembrado do susurro, que se-costuma excitar nos theatros, torna a dizer na Epist. 1.º do Liv. 2.º verv. 200.

. . . . *Nam quæ previncere voces*
Evaluere sonum, referunt quem nostra theatra?
Garganum mugire putes nemus, aut mare Thuscum.

(93) *Interdum tamen et vocem comœdia tollit.* — A Comedia, tomando por objecto e fim o *ridiculo*, não é nenhuma outra cousa, que a imitação dos costumes posta em acção. Da imperfeição humana, de que nasce a malicia natural dos homens, é que tira a Comedia o seu principio. Os defeitos dos nossos similhantes (não sendo indecentes, nem atrozes) como por exemplo — a avareza — a prodigalidade, — o pendor para o jôgo, para a murmuração, para a maledicencia, para a intriga, para a jactancia, para a mentira etc. pintados estes vicios por um pincel fino e expressivo, que nos-saiba surprehender, excita em nós uma alegre commoção, que nos-faz rir; e é este pois o fim em que põe a mira a Comedia. De maneira que os costumes imperfeitos dos homens, *mettidos a ridiculo*, são aquelles mesmos, que corrigem e melhorão os nossos proprios costumes; e, póde dizer-se, do mesmo modo que o diamante lapída e pule o mesmo diamante. Ora ainda que os argumentos ou acções da Comedia devão ser baixos, e familiares; isto é, não graves, ou heroicos, como na tragedia, mas sim fábulas civis, e particulares, e alegres; torno a repetir, não illustres, extraordinarias, e sérias; e posto que os actores não sejão da ordem das altas personagens, que entrão na tragedia, como diz Viperano na sua Poetica — *de forma comœdiæ*; — nem por isto se-deverá estranhar, ou dizer que esteja fóra da natureza o uso, que poderá fazer qualquer destes, de termos fortes, energicos, e até sublimes em um transporte repentino de cólera ou de prazer. Eis-aqui pois o que Horacio diz acontecer ás vezes — *interdum* — na Comedia, sem que por isto se-torne digna de immedia-

ta censura. Os Commentadores de Pedro Corneille, no 2.° Discurso ácerca da tragedia, como que fingem se-lhes-pergunta se os Reis sómente deverão ser os Protagonistas nas tragedias, respondem: = Os Reis, Imperadores, Principes, Generáes de exercito, principaes Chefes de Republicas, todos podem ser. Com tudo (conclúem elles) note-se que na Tragedia convém homens elevados acima do commum; não só pela razão do destino dos Estados depender da sorte destas personagens importantes, como tambem porque as infelicidades dos homens illustres, expostas aos olhos das nações produzem em nós uma impressão mais viva e profunda, que as desgraças do vulgar. = Eis-aqui pois, em assumpto e personagens, a differença que ha entre a Tragedia e Comedia. Nem nos-deverá causar grande admiração, que a Comedia ás vezes suba de tom, se nos-lembrarmos, que nas eglogas e em outras obras pastoris, acontece o mesmo, posto já de antemão o Poeta previsto tenha prevenido os Leitores, ou o auditorio, de que aquelle pastor, que vai fallar, tivera bons principios, e uma educação muito acima da mediocridade. ¿ Que são entre nós as *Oratorias?* Umas Comedias sérias ao divino, nas quaes as personagens são santos, e ás vezes Rainhas, e Reis santos, cujos argumentos são tirados da Escritura sagrada, da vida particular dos mesmos santos, e da Lei evangelica ¿ E como deverão fallar estas personagens, posto ser a Comedia o terreno em que se-apresentão?

Mr. de Fenelon, referindo-se a ésta passagem do nosso Poeta, diz que = a Comedia representa os costumes dos homens em uma condição privada, e é por isto, que ella se-deve apropriar um tom menos alto, que a tragedia. O *Sócco* é inferior ao *Cothurno*; com tudo ha certos homens, que em circunstancias difficeis e humildes, assim como nas prósperas e mais elevadas, tem por seu natural um caracter firme de arrogancia. =

O nosso Poeta na Sátira IV. do Livro 1.º, movendo a questão de ser ou não a Comedia um poema, ao que elle não quer annuir, menciona a objecção, dos que a-pretendem considerar tal, no verso 48, que principia:

. . . . *At pater ardens*
Sœvit etc. Mas na Epist. 1.ª, do Liv. 2.º, falla largamente da Comedia.

(97) *Projicit ampullas, et sesquipedalia verba.* = Como o illustre autor do Telémaco, nas suas *Cartas sôbre a eloquencia*, explicasse (como sem o-querer) alguns lugares desta Poética, com uma clareza concisa; de justiça o-deveremos preferir ao maior número dos illustradores prolixos, expondo as suas judiciosas interpretações: = Nada (diz elle) ha mais ridiculo em um heróe, nas maiores collisões da sua vida, que deixar de juntar á nobreza, e á força, uma simplicidade, que é absolutamente opposta ao estilo empolado. Agamenon deve fallar com altivez — Achilles com impetuosidade — Ulysses com eloquencia, — Medéa com furor — mas uma linguagem ostentosa, e demasiada degrada tudo. Quanto mais se-representão grandes caracteres, e se-exprimem fortes paixões, tanto mais se-lhes-deve juntar uma nobre e vehemente simplicidade. = E em outro lugar, diz elle: = Uma Personagem não declama como um cómico; na conversação falla em termos fortes, e precisos; nada diz baixo, mas tambem nada profere d'affectado, e de ostentoso . . . . . . A nobreza do género trágico não deve obstar, a que os mesmos heróes fallem com simplicidade, segundo a natureza das cousas, que tratão.

Et tragicus plerumque dolet sermone pedestri.

Pelas palavras — *ampullas et sesquipedalia verba* — deverá entender-se: — palavras arrogantês, empoladas, e pomposas. =

(99) *Non satis est pulchra esse poemata; dulcia sunto etc.* = Até aqui tratou o Poeta daquellas partes, que deve ter o Poema para ser bello — *pulchrum*, — afim de contentar, e satisfazer o espirito; agora passa a dar os preceitos, que são precisos para se-tornar insinuante — *dulcia* — e mover os animos. Não está tudo, diz Horacio, em que a Poesia seja admiravel pelo seu bello estilo, por todos aquelles atavios, e figuras, que ministra a eloquencia; deve tambem mover, deve excitar os affectos; deve, por assim dizer, tornar-se animada, aliás será um corpo sem alma. O Abbade Dubos, nas suas reflexões críticas, Tom. 2.º Sec. 1.ª, diz, tendo em vista este lugar: = O sublime da Poesia, e da Pintura está em mover, e agradar, assim como o da Eloquencia em persuadir. Não basta que os vossos versos sejão bons, diz Horacio em estilo de legislador, para dar mais importancia ao seu preceito; é necessario ainda mais, que sejão feitos de modo, que possão mover os corações, e que se-tornem capazes de fazer nascer ali os sentimentos, que elles pretendem excitar. = Mr. de Fontenelle, nas suas reflexões sôbre a Poética, pag. mihi, 162, depois de haver tratado das qualidades, que se-fazem precisas na Tragedia, afim de se-tornar aprazivel ao espirito, diz igualmente o seguinte: = Até aqui temos considerado na acção, o que póde aprazer ao espirito; mas isto não é ainda bastante, cumpre attender tambem ao coração. Tendo ésta todas as qualidades de que acabâmos de fallar, poderá fazer-se interessante; mas ha ainda além disto alguma cousa mais a desejar, que vem a ser, fazer as diligencias por torna-la pathetica. O espectador quer

sensibilisar-se, quer commover-se, quer derramar lagrimas. As Personagens (conclúe elle) que pretenderem excitar a nossa compaixão, deverão ser interessantes, e amaveis ¿ Mas como se-poderão éstas apresentar taes? Bastará que se-nos-mostrem desvalidas. Os grandes infortunios, um inteiro desvalimento, são um mérito real aos olhos de todas as pessoas sensiveis. = Igualmente Mr. de Fenelon, na sua Carta sôbre a Eloquencia, pag. mihi, 368, lembrando-se deste preceito do nosso Poeta, explica-se assim: = O bello, que não é mais que bello, isto é, brilhante, é só bello metade; cumpre que exprima as paixões, afim de as-inspirar; é necessario que se-faça senhor do coração, para o-dirigir ao fim legitimo de um Poema. =

Deveremos de passagem lembrar que, havendo o Petrini deslocado e revolvido até aqui todos os versos desta epistola, a que chama — *coordenar*, — descuida-se agora com a sincera declaração, que nos-faz na seguinte nota, que transcrevemos, para mostrar a contradição em que tem elaborado, chegando a este lugar: = *Accenna Orazio in questi versi di aver già trattato della bellezza del poema, e voler ora insegnare le maniere di renderlo movente.* =

(101) *Ut ridentibus arrident etc.* = Quando por grandes philólogos, como os que tenho citado, vejo insensivelmente commentados alguns lugares desta Poetica, assento, que devo calar-me, e deixar fallar estes eruditos criticos. = As lagrimas de um desconhecido (diz o Abbade Dubos) tocão-nos ainda mesmo antes de sermos informados dos motivos, que o-obrigão a chorar. Os ais, os clamores de um homem, que só nos-é relativo por humanidade, nos-fazem voar em seu soccorro, por um movimento maquinal, que precede a toda a deliberação. Vem a nós um estranho, com o semblante banhado de alegria, e, antes de dizer

uma só palavra, excita-nos contentamento, mesmo ignorando ainda o motivo, que lhe-dá prazer. =

(102) *Si vis me flere etc.* Quinctiliano, no Liv. 6.º Cap. 1.º diz: = *Imagines rerum quisquis bene conceperit; is erit in affectibus potentissimus.* = E Mr. de Fenelon no Dial. 2.º, sôbre a Eloquencia, pag. mihi, 240, diz: = Cumpre sentir as paixões, para as-poder bem pintar. Por maior que seja a arte, jámais fallará como a verdadeira paixão. = Longino, no Tratado do Sublime, Cap. 16, declara, que = nunca maior effeito produz o pathetico, que quando parece, que o orador o não busca, mas sim que a occasião lho-offerece. =

(104) *Telephe, vel Peleu etc.* No verso 96 desta Poetica fallou Horacio aos Poetas Tragicos, recommendando-lhes, que, se pozerem em scena Telepho e Pelêo, infelizes, desterrados, e reduzidos á ultima miseria, os-apresentem humildes, abatidos, chorando a sua triste situação; que não empreguem frases, ou termos pomposos, e empolados, se acaso pretenderem mover os animos dos espectadores á compaixão. Este preceito, como fica dito, é para todos os Autores de tragedias, que pozerem em scena éstas, ou outras que taes Personagens. Mas agora falla privativamente com aquelles actores, que fizerem as partes de Telepho, e Pelêo, ou d'outros, que os-semelhem em iguaes circunstancias. Ésta doutrina é geral, e extensiva a todas as Personagens, que figurão em um drama, pelo que respeita ao estado de fortuna, e caracter das pessoas que nos-querem representar; como se dissesse assim: Eu partilharei as desgraças de Telepho, e Pelêo; eu me-compadecerei da sua situação, quando se-me-apresentarem melancólicos, em desvalimento, lamentando suas desgraças, e derramando lagrimas. Porém se-vós, actores, que em scena vos-devereis esquecer,

que sois actores, mas sim as mesmas Personagens, que representaes, possuindo-vos dos mesmos affectos, e paixões; se-vós, que devereis seguir a natureza, afim de ter lugar a illusão, fazendo-me persuadir, que é verdade, o que não passa de uma estudada ficção, vos-esquecerdes do natural, dizendo com semblante alegre, e com accionado igualmente improprio, e contradictorio, cousas de pêso, e de sentimento; ficai certos que, obrando assim, me-provocareis o somno, ou o riso. Mr. de Condillac, na sua Historia antiga, pag. mihi, 555, do Tom. 7.º expressa-se pelo seguinte modo: = O que atrahia os romanos ao theatro, diz elle, era menos a belleza dos dramas, que a maneira porque estes erão declamados. Como a declamação era a primeira, e a principal parte da Arte Oratoria, ella era tambem a primeira, e a principal parte da Arte dramatica, e é por isto que as representações dramaticas fizerão taes progressos nesta parte, que parecem quasi impossiveis. Tudo se-notava na declamação dos antigos; syllabas, e gestos; de sorte que um actor estava sugeito a uma tão restricta medida, como presentemente se-acha ligado o Musico, ou o Dançarino. =

(107) *Severum, seria dictu.* = Os pensamentos, as palavras, o semblante, o som da voz, as acções, e até os passos, devem concordar, e ser conformes com as paixões, que se-pretendem excitar. Veja-se como o nosso Camões descreve Baccho apresentando-se ás Divindades do Reino d'agoa, afim de as-indignar contra os portuguezes; e como pinta Marte, levantando-se entre os Deoses, para favorecer a súpplica de Venus. Mr. de Fenelon diz, que ha certa decencia a guardar tanto nas palavras, como no trajo. Uma Viuva triste, diz elle, não traz o vestido de luto sobrecarregado de bordados, de tufos, e listões.

6 *

(114) *Divus ne loquatur, an heros.* = Alguns Commentadores lêm *Davus*, em lugar de *Divus*, lição, que não seguimos. Horacio falla aqui da Tragedia, e Comedia, como prova Mr. Dacier. Tanto nas Tragedias, como nas Comedias antigas, entravão ás vezes Divindades, como vêmos na Phedra de Euripedes, e lêmos no Amphitrião de Plauto, em que figurão Jupiter, e Mercurio. Estes repetidos exemplos, além do parecer de pêso de Mr. Dacier, nos-levárão a abraçar ésta opinião; notando o modo especial com que o Poeta depois, em o verso 237, falla de Davo, servo nas Comedias de Menandro. Do mesmo modo, como nota o mesmo Dacier, não é extraordinario entrarem mercadores, pastores, e camponezes na Tragedia. Sophocles, diz elle para abonar a sua opinião, introduz um negociante no Philoctetes, e Euripedes abre a scena da sua Electra por um lavrador. O Lusitano não quer admittir, que Horacio neste preceito falle da Comedia, mas unicamente da Tragedia. Espraia-se, como é seu costume, em observações afim de nos-persuadir disto mesmo (Lêão-se no fim as observações do traductor.) Mr. de Brueys seguio a lição de Erasmo, — *Dives ne loquatur an Irus*, — e traduz assim ésta passagem: *Il y doit avoir de la différence entre le caractére, les expressions, et les gêstes d'un homme riche, et celles d'un homme pauvre etc.*

(120) *Honoratum.* Querem alguns Commentadores, que se-entenda por este termo — Achilles, a quem Jupiter havia honrado; — e desta opinião é o Lusitano. Bentlei diz, que se-deve lêr *Homereum* ou *Homeriacum*. Sanadon abraça e applaude ésta lição, assegurando, que será difficil achar outra correcção tão feliz. O francez anonimo, que escreveo a sua traducção em 1752, segue ésta emenda, a que rende os devidos applausos, e affirma que ha toda a apparen-

cia, de que os Escholiastes achassem ésta lição nos manuscritos. Dacier, notando ésta rabolaria litteraria, perde de todo a paciencia, e accusa Bentlei de abusar terrivelmente do seu espirito, concedendo á imaginação franca liberdade de formar quiméras. Mr. de Brueys entende por *Honoratum*, — *famoso*, — *fameux*. — Metastásio, notando o ridiculo da questão, não se atreve a dizer uma só palavra a tal respeito. Nós limitámo-nos a dar-lhe o epitheto de — *celebrado*. — Passemos agora ao que ha aqui a notar de mais essencial. Horacio diz: — *Honoratum si forte reponis Achillem*; — isto é, se tiveres a descrever, a pintar o caracter de Achilles, deverás *famam sequere*, que é o mesmo que dizer, ou seja em Poema épico, ou dramatico, deverás dar a este heroe aquelle caracter, que já lhe-dêo Homero, e depois deste outros poetas, que vem a ser: — *Impiger*, *iracundus*, *inexorabilis*, *acer etc.* — Ora o Sr. Fonseca, em a nota respectiva, entende pelo termo *reponere*, tratar segunda vez, mas quem repõe em scena uma personagem vai tratar do seu caracter, e por isto nós dizemos segunda, terceira, e quantas quizeres, seja em que qualidade de escrito fôr; pois é a fôrça, que tem aqui o verbo *repono*, como mais claramente o-diz o Poeta no verso 190: *Fabula, quæ posci vult, et spectata reponi.*

(123) *Sit Medea ferox.* Nada seria mais improprio e ridiculo, que dar a Medéa o caracter de Mãi carinhosa e terna; assim como a Achilles o de flegmatico ou medroso. Fica por tanto claro, que não podêmos neste particular alterar a historia, ainda mesmo fabulosa, mas sim, *famam sequere*; isto é apresentar estas Personagens revestidas daquellas qualidades, que a tradicção nos-ensina, que tiverão. Quinctiliano no Liv. XI, das Inst. Orat. nos-inculca ésta mesma doutrina, dizendo: *Itaque in iis, quæ ad*

scenam componuntur, fabulis, artifices pronunciandi a personis quoque affectus mutuantur: ut sit Niobe in tragœdia tristis, atrox Medea, attonitus Ajax, truculentus Hercules etc. A Tragedia, diz Mr. de Condillac, no Tom. 2.º da sua Arte de escrever, pag. mihi, 356, *não representa os homèns quaes os-vêmos em sociedade; ella pinta um natural d'uma ordem differente, um natural mais estudado, mais seguido, e mais igual.* Mr. de Fontenelle nas suas reflexões sôbre a Poetica, fallando da Tragedia, explica-se assim: = *Os caracteres virtuosos e amaveis dividem-se em duas especies; uns doces, ternos, e cheios de innocencia; outros nobres, elevados, animosos, e altivos. Uns e outros apparècem em scena em situações dolorosas. Os primeiros, que são mais sensiveis a seus males, que empregão mais termos afim de se-lamentarem, com facilidade commovem os espectadores, e desafião a piedade. Os segundos, que tem nas suas desditas tanto de valor como de sensibilidade; que como se-envergonhão de lamentar-se; que não produzem mais que admiração; estes causão só uma piedade mesclada da mesma admiração, que só tem entrada nos corações mais elevados. Admirão-se estes ultimos a ponto dos espectadores quasi suspirarem por iguaes desgraças, com tanto, que possuissem os mesmos sentimentos.* = E logo em outro lugar prosegue assim: = *As Personagens d'uma Tragedia tornão-se interessantes por suas grandes infelicidades e grandes virtudes, e muito mais interessantes se-farão quando se-reunirem éstas duas qualidades em grão elevado.* = *He necessario* (diz elle logo abaixo) *a ser possivel, que o interêsse, que se-toma pelo heroe d'uma Tragedia vá-gradualmente crescendo; pois seria insoportavel uma fria diminuição. Qualquer fraqueza, por leve que fosse, em um caracter, que até então houvesse parecido elevado; um perigo menor, uma menor infelicidade, depois de haverem precedido outros maiores,*

desagradarião por fôrça. = *Como que parece,* (contiúa elle n'outro lugar) *que os grandes interêsses se-podem dividir em duas especies; uns mais nobres, taes como a acquisição d'um throno, um dever indispensavel, uma vingança etc. Outros mais insinuantes como a amizade, ou o amor.* Uma e outra destas duas sortes de interêsses, dão o seu caracter particular ás Tragedias, e ali dominão. *E' á vista destes quadros, tocantes e terriveis, que o poeta consegue o fim de excitar o amor á virtude pelo premio dos louvores de justiça rendidos á mesma virtude; e horror ao crime pelas execrações e castigos devidos ao mesmo crime. O estilo não deverá ser empolado, nem familiar, mas sempre interessante; pois que as Personagens da Tragedia devem tão sómente dizer, o que é indispensavel, que se-diga. O Poeta Tragico deve fallar ao espirito, ao coração, aos ouvidos e, se possivel fosse, aos olhos. E' por este modo, que o Poeta se-vai gradualmente fazendo senhor do coração do auditorio.* = O Barão de Bielfeld, na sua obra intitulada: = Primeiros traços de erudição universal, tom. 2.º pag. mihi, 98, = explica-se a este respeito pelo seguinte modo. *A Tragedia* (diz elle) *é um Poema dramatico, no qual se-representa um só acontecimento, e não um tecido de diversas aventuras. Neste acontecimento deve reinar por fôrça uma triplice unidade, a saber = unidade de tempo, de lugar, e de acção. Um Poema trágico deve ser dividido em 5 actos, ou pelo menos em 3. A razão é, que, de toda a necessidade, se-precisa dar descanço ao espirito do espectador, que não póde estar por tanto tempo attento, e sem interrupção sôbre o mesmo objecto. Este prazer degeneraria em cançaço.* = Deveremos aqui lembrar ao Barão de Bielfeld, que não é só por este motivo. Verdade é, que os Hespanhoes dividião as suas peças dramaticas não em actos, mas sim em *jornadas*, o que dá a conhecer, que em um caminho

longo devem haver lugares, ou pousadas, em que os caminhantes descancem, aliás não poderião levar ao fim tão comprida viagem; mas tambem é pelo usado costume, em que está o público, de assistir a um espectaculo, que dura, por exemplo quatro ou cinco horas; pois se lhe-apresentassem outro, que durasse uma, ou duas, elle estranharia, tendo, por assim dizer, um divertimento incompleto; e isto *vice versa.* Metastásio diz, que = nada ha mais pueril, que a opinião de fazer dependentes a perfeição, e importancia da Tragedia d'uma divisão, que arbitrariamente póde ser alterada, sem que o-sinta a mesma fábula. = Pela brevidade, que pede uma nota, não copiâmos tudo o que o Poeta diz a este respeito ás palavras de Horacio — *neve minor* — nas illustrações á sua traducção desta Poetica, que tem tanto de bello como de extenso. Esperâmos, que o leitor curioso o-veja, assim como igualmente o que diz sôbre este mesmo assumpto no Cap. XII. do seu — *Extracto da Poetica de Aristóteles*, em quanto vâmos proseguindo com a doutrina do Barão de Bielfeld. = *No mundo* (continúa elle) *ha tres tribunaes para corregir os homens, cujas attribuições jámais se-devem confundir. O primeiro é o Tribunal da Justiça, que pune os crimes, e máos feitos. — O segundo é a Cadeira Santa, que supplanta os vicios, e recommenda as virtudes moraes. — O terceiro é o Theatro, que, na Comedia, castiga o ridiculo, e anima os sãos costumes; e que, na Tragedia, apresenta ora o vicio odioso, ora a virtude amavel, por seus grandes modêlos. D'aqui se-segue, que jámais convém pôr em scena na Tragedia facinorosos, que a justiça criminal puniria no cadafalso, e até mesmo moralidades, que são proprias d'um Sermão.* = *O Poeta* (diz elle n'outro lugar) *deve correr ao fim, e não se-demorar; por conscquencia o desenvolvimento ha de ser curto, vivo, natural, bem conduzido, nunca forçado, e,*

se fôr possivel, feliz. As Personagens, que figurão na Tragedia todas devem interessar mais ou menos. — Os Commentadores de Corneille, no 2.º Discurso sôbre a Tragedia, dizem. = *Um Martir, que não passasse de ser martir, seria digno de toda a veneração, e figuraria no seu lugar, e excellentemente na vida dos santos, mas muito mal no Theatro.* = Ainda que não seja propria deste lugar (segundo o meu parecer) uma nota mythológica, todavia não deixarei de mencionar aqui o variado modo, com que os Poetas figurão Medéa assassinando os filhos, visto haver fallado Horacio do caracter, que lhe-é proprio. Os que parece chegarem-se mais á exacção da fábula dizem, que Medéa os-precipitára do alto de uma torre, quando Horacio tal não diz. Mr. de Brueys, assim o-seguio, traduzindo o preceito do nosso Poeta pela seguinte maneira: = *¿ Serait-il séant, par éxemple, que Médée (pour se venger de la perfidie de Jason) precipitat du haut d'une tour, á la vûe de tout le monde, les enfans qu'elle avait eûe de lui?* = Outros querem, que os-despedaçasse. Outros que os-degolasse; outros finalmente que os-envenenasse. Em resumo, como é fábula, cada qual poderá fabular como quizer. Lêa-se com tudo, o que diz o Abbade Banier na sua obra, que tem por titulo: = *La Mythólogie et les fables, expliquées par l'histoire.* =

(127) *Sibi constet.* Se pozeres em scena uma personagem nova, não conhecida pela historia, ou pela fábula, toma todo o cuidado, em que se-conduza sempre com o mesmo caracter; isto é, que persevere em todas as scenas, em que apparecer, revestida daquellas mesmas qualidades, boas ou más, com que se-apresentou na primeira; isto é, não se-contrarie, não se-desminta, mas seja sempre constante — *sibi constet.* — Para tornar mais claro, se é possivel, este importante

preceito de Horacio, copiarei aqui o que diz Mr. de Fontenelle nas suas Reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi, 188. = *Os caracteres uma vez estabelecidos* (diz elle) *devem ser sempre similhantes a elles mesmos, porque o theatro não admitte as desigualdades ou inconstancias, o mixto ou confusão, que a natureza admittiria. Se acaso se-poserem em scena caracteres variaveis, cumpre que ésta mesma variedade tenha por si sua regra, e sua uniformidade. Desde aquelle momento em que o espirito cessasse de conhecer ali uma certa ordem, entraria a desconfiar da verdade, e o espectador reconheceria, que estava no Theatro. Pela mesma razão se as personagens não são conhecidas, pela historia, os caracteres devem ser tomados debaixo da idéa, que communmente se-tem da sua condição, da sua idade, do seu paiz etc.* Emfim o Poeta deve não perder de vista, que tem a illudir os espectadores, e que não poderá conseguir o fim de os-enganar, a não ser pelo meio de uma especie de complacencia por todas as suas opiniões.

(129) *Rectius Iliacum carmen etc.* Aristóteles, no Cap. 9 da sua Poetica, diz claramente, que o Poeta póde não só inventar a acção, isto é a fábula da Tragedia; mas tambem os nomes das personagens. Horacio não veda ao Poeta ésta mesma liberdade; diz só, que envolve mais difficuldade na execução, e que por este motivo seria mais prudente seguir as fábulas já recebidas, assim como tambem os caracteres conhecidos dos Poemas d'Homero. Um escritor moderno, Mr. Andrieux, Secretario perpetuo da Academia Franceza, e Professor de Litteratura, diz isto mesmo na Prefação da sua Tragedia *Bruto:* As imitações (diz elle) que se-fazem d'um autor antigo, ou estranho, são permittidas logo que se-executem, e desenvolvão de maneira, que produzão uma composição nova e

original, formando um todo bem ordenado. — Mr. Corneille, no seu 2.º Discurso sôbre a Tragedia, declara-se de parecer contrário ao de Aristóteles, quando nos-diz: — Não ha liberdade de inventar a acção principal, pois que ésta deverá ser tirada da historia, ou da fábula. — E mais adiante conclúe assim: — Eu não condemnarei aquelle autor, que a-houver inventado, mas ésta liberdade nunca a-permittirei a mim mesmo. — Porém os Commentadores deste grande Poeta Tragico seguem diverso parecer, dizendo, que, se é permittido inventar a acção da Comedia, tambem se-poderá criar a da Tragedia, e produzem a bem da sua opinião, razões de muito pêso. D. Thomaz d'Yriarte, em a nota á versão desta Epistola: — *Difficile est proprie communia dicere*, insiste em pretender persuadir-nos, que o nosso Poeta falla aqui só dos caracteres das personagens da Tragedia, accrescentando, que poucos são os que tem interpretado bem este verso. É fóra de toda a dúvida, que nos versos antecedentes assim o-praticou, mas agora trata mui particularmente da acção da Tragedia, o que mais explicitamente faz conhecer, continuando assim:

. . . . *tuque*
Rectius Iliacum carmen deducis in actus etc. — Mr. Perpetit de Grammont, e logo com elle outros Commentadores, affirmão, que este termo *rectius* envolve uma tal delicadeza, que nem todos os interpretes tem observado com attenção; e que consiste ésta em dizer o nosso autor, que uma Tragedia, cujo argumento houver sido tirado d'Homero, se-deverá sustentar melhor, e caminhará mais direita, sem tropeçar, *rectius*, de que outra qualquer de simples invenção, cuja fábula, e personagens, nunca tratadas, nos-sejão inteiramente desconhecidas. Será assim, ao que parece, mas notâmos que Horacio emprega logo adiante este mesmo *rectius*, no verso 140

Quanto rectius hic, qui nil molitur inepte!

sem que se-espreite e note ésta propalada subtileza, limitando-se todos os traductores á significação equipollente é obvia, que é *rectius*, melhor. Na deshonesta Sátira 2.ª, do Liv. 1.º, v. 81, diz o nosso Poeta: *crus rectius*, não só *perna direita* mas *bem feita*.

Como sempre estamos barba á barba com éstas estudadas interpretações, lembraremos agora, entre muitos, outro lugar em que Mr. Dacier, e logo com elle grande número d'interpretes, nos-querem metter á cara a fôrça de expressão do verso 6 desta epistola, quando diz: *Credite Pisones*, asseverando, que ésta maneira d'intimar inculca uma especie de recêo, ou medo, de que os seus discipulos Pisões não abraçassem a opinião contrária, que os máos Poetas seguião, e desejavão consolidar. Nós, que não desejâmos fazer alardo de penetração aguda, que não possuimos, investigando, e revelando estes e outros que taes reconditos misterios; confessâmos com franqueza, que, a pezar destas vehementes persuasivas, proferidas em tom dogmatico por escritores de tanta nomeada, achâmos no termo *credite*, neste lugar, aquella mesma fôrça, que Virgilio lhe-dá no Liv. 2.º da Eneida, verso 48, Laocoon diz aos Troianos, que se não fiem nos donativos dos gregos, disfarçados no cavallo de páo: — *Equo ne credite Teucri*. Mas já não poderemos dizer assim no verso 367 desta epistola, quando o Poeta pede ao primogenito dos Pisões, que recommende, e grave bem na memoria o que passa a dizer-lhe: *hoc tibi dictum tolle memor*, isto é, que na poesia não se-tolera mediocridade. Eis-aqui a razão, porque, respeitando muito os que pretendem levar a palma do *inveni*, nem por isto abraçâmos sempre cegamente tudo quanto querem excogitar, antes, procurando só rastejar o pensamento de Horacio, nos-resolvemos, no em-

baraço d'alguns pontos controversos, a seguir uma opinião algumas vezes nossa, e outras sustentada por poucos Commentadores, quando parece que o mesmo Poeta naturalmente assim nos-encaminha, regeitando sem escrupulo as interpretações estudadas. Este arbitrio irrevogavel foi-nos aconselhado pelo nosso cordial e litterato amigo, Francisco de Paula Cardoso d'Almeida, Morgado d'Assentis, que, ha poucos annos tivemos o sensivel desgôsto de perder, por occasião de lhe-dizermos, logo que encetámos este espinhoso trabalho, que não nos-parecia tão escuro o nosso autor, como por ahi se-exagerava, pois que notavamos, lendo com attenção as suas obras, que a cada passo elle se-estava commentando e illustrando, á fôrça de variar a doutrina e sentenças em differentes frases e figuras. Á isto respondeo o nosso chorado amigo, com certo modo risivel: — Horacio é um autor claro, faze por te-entender só com elle, porque os innumeraveis traductores e interpretes são os que tem trabalhado á porfia só com o fim de o-tornarem escuro. — Parece, que ésta especie de mania se-deverá em grande parte attribuir a Mr. Dacier, porque, apezar de se-haver estomagado tanto com Heinsio, pelas repetidas emendas, que faz a seu belprazer nos escritos de Horacio, vai sempre por diante com as suas revelações, sonhando occultos dialogos, não se-querendo lembrar este insigne interprete, que o nosso Poeta tem por uso pôr a miudo objecções a si, e resolve-las logo e explana-las com aquelle bom senso, de que nasceo dotado, como já notou Mr. Perpetit de Grammont, interpretando o verso 359, e dizendo éstas formaes palavras: — Todos sabem, que o estilo do nosso Poeta é mudar de personagens; perguntar e responder quando bem quer, sem que para isto peça licença. — Já no prologo desta epistola tocámos ésta materia, mas somos constrangidos a repiza-la porque os interpretes

acintosamente nos-estão sempre tirando a terreiro.

(132) *Nec circa vilem, patulumque moraberis orbem.* — Querem alguns Commentadores, que este lugar, assim como alguns outros, soffra dous sentidos. Dizem uns, que pelas palavras *orbem vilem, patulumque* se-deve entender aquelle afêrro, ou affinco, com que o imitador servil não ousa afastar-se nem uma só linha da obra, que presume imitar, laborando sempre naquelle mesmo circulo, sôbre um assumpto já tratado, ouvido, e conhecido por todos, que é a fôrça, que tem a palavra *patulus*, isto é, *patente, aberto, franco* a quem quizer. Outros porém querem, que o Poeta faça aqui allusão a um certo livro, que tinhão os gregos, ao qual os latinos derão o nome de *Orbis Epicus, sive Circulus Poeticus*, em cujo compendio estavão escritos varios argumentos, ou acções de poemas, muitas historias antigas, e fabulas poeticas; em uma palavra, quasi um *vade mecum*. Outros emfim espraião-se em oppostas e variadas interpretações, que, em nosso fraco entender, não tem a mais leve sombra de verosimilhança. Seja como fôr, o que temos por certo é, que o Poeta falla aqui explicitamente da imitação d'uma fábula, que já foi tratada por outrem; dizendo assim *verbi-gratia:* ó escritor, quando lançares mão de qualquer fábula, já conhecida, toma tento em não seguir, pois que só vais imitar, a ordem, que já lhe-foi dada pelo seu autor; isto é, a mesma urdidura, ou tecido, as mesmas figuras, episodios, imagens, e descripções, porque, se o não fizeres assim, não passarás vergonhosamente d'um simples copiador das obras alheias. Talvez, por se-desprezar este preceito, o nosso Poeta, em outro lugar, exclamasse: *O' Imitatores servum pecus!* Ora, os humanos acontecimentos pouco vulgares, conhecidos pela historia, ou pela fábula, tanto pela importancia das per-

sonagens, que nelles figurão, como pelo que envolvem de extraordinario, havendo estes passado por um só modo, e peculiar, que se-não póde confundir com outros, estão sempre prestando assumpto para ser discursado por novas pennas ¿ Quantas Tragedias, Comedias, Poemas Épicos, e outras obras lêmos, que, escritas sôbre o mesmo argumento no rigor, e fundo da historia verdadeira, ou fabulosa, e identicas em certas situações, não são todavia cópias servís, centões, e puros plagiatos, mas antes differem muito entre si pela engenhosa variedade, com que forão urdidas?! Tornâmos a dizer, os acontecimentos conhecidos no rigor e fundo da historia verdadeira, ou fabulosa, porque é isto a que o nosso Poeta chama *famam sequere*; pois assim como o Poeta, a não querer passar por historiador, não deve seguir o fio, e ordem escrupulosa da historia, tambem igualmente não póde a seu arbitrio desfigurar os factos mais essenciaes, sabidos em geral por todos. Para comprovar ésta asserção mencionaremos um só exemplo, e será este colhido das Obras de Mr. de La Mothe. Este illustre Escritor compôz a sua Tragedia *Castro*, que foi muito applaudida nos theatros de França, e apresenta na catastrophe Ignez envenenada pela Rainha Constança, de cujo veneno morre. Eis-aqui pois dous erros historicos, que arranhão os ouvidos e os olhos; porque nem Ignez morreo de veneno, nem a Rainha Constança lho-podia propinar, porque já não existia a esse tempo; aliás teriamos bigamo Pedro 1.º, apezar da rabularia de João das Regras. Se Mr. de La Mothe se-houve assim, por ser o assassinato de Ignez, passado á espada, um espectaculo atroz e insoffrivel, désse-lhe lugar por de traz da scena, e passasse depois a informar o auditorio, por bôca de actor facundo, como o mesmo Poeta ordena se-pratique, verso 183, e evitasse até o miseravel anachronismo no computo dos tempos. Ago-

ra nos-quererão redarguir, com a doutrina de Aristóteles, quando declara que: *Non Poetæ esse facta ipsa proprie narrare sed quemamodum vel geri quiverint vel verosimile, vel omnino necessarium fuerat.* Que é equipollente de dizer: Os Poetas não são obrigados a narrar os mesmos factos como se-passárão, mas sim como poderião, ou deverião passar, segundo o verosimil e necessario. — E nós insistimos em que devem ser exceptuados os factos principaes da historia, sabidos por todos, porque aliás seria não *famam sequere.*. Talvez nos-digão ainda, que ninguem ha que ignore, que Dido fosse uma Rainha castissima, e que Eneas e Dido existírão em tempos muito differentes; e que com tudo Virgilio, trocando éstas cousas, faz Dido amante de Eneas; e, descrevendo largamente os seus amores, como aquella famosa caçada, em que, por fugir ao máo tempo, se-recolhêrão a um lugar accommodado, vai conduzindo ésta paixão a tal ponto de Dido se-assassinar na ausencia do seductor, infamando assim perpetua e publicamente a sua propria honestidade. Responderemos: Os amores de Dido são um episodio, e não um facto principal da historia. Virgilio, para engrandecer os romanos, e rebaixar os carthaginezes, que deverião ser um dia inimigos figadaes, levantou esse vergonhoso testemunho a Dido. O Poeta póde, a seu arbitrio, inventar os episodios, mas sempre segundo o verosimil; os amores de Dido são uma refinada mentira, que ninguem ignora, perguntaremos agora, onde está então aqui a illusão, que produz o interêsse, e que tem suspenso o leitor, ou espectador? Estes querem ser illudidos, mas, com verosimilhança, que é a que se-não dá em um facto histórico, narrado todo ao contrário do que se-passou. Homero na Odyssea tambem mentio historicamente (nos dirão agora) fallando de Penélope? E quem o duvída? O mesmo Ulysses ausente se-queixava desta

dôr de cotovelada, como se-lê naquelles célebres versos, mas nisto bem se-houve o Poeta grego, porque o-fez para dar honra, e não para a-tirar, como Virgilio, descrevendo casta uma adultera, que era a contemporanea mulher do seu heroe; e por um tal motivo este êrro histórico é desculpavel em Homero. Mais um exemplo: Supponhamos, que apresentavamos em scena Heitor, levando de rôjo, prêso ao seu carro, o cadaver d'Achilles, rodante por fóra das muralhas de Troia; ou Eneas, de mãos postas, ajoelhando aos pés de Turno, supplicando-lhe que o não matasse; todos se-ririão desta mentira histórica, porque a tradicção já nos-havia informado de ser tudo pelo contrário; e ainda mais se-diria, que faltavamos ao respeito devido ao público, nosso Juiz, tratando-o assim d'ignorante e estúpido. O espectador quer que lhe-mintão, mas com arte; de modo que pareça ser verdade aquillo mesmo, que bem conhece ser mentira; mas ésta sempre coberta com o véo do verosimil, que é o que se-não póde dar em uma mentira histórica, de que sabe o contrario até a mais rude plebe. Deve observar-se, que ha dous generos de episodios, uns que são da pura invenção do Poeta, e outros históricos. Por exemplo: nos Lusiadas do nosso divino Camões o seu Adamastor, a Ilha, que Venus vai arrojando pelas ondas, demandando a prôa das Náos portuguezas, e as Nereidas nuas impellindo a Náo, que ameaça o escolho (como diz o nosso Filinto) são episodios da fertil invenção do Poeta; mas os amores de Ignez de Castro, e os doze d'Inglaterra são inteiramente verdadeiros e históricos. Veja-se pois como este grande Poeta descreve estes ultimos, e sirva este exame para abonar a nossa opinião. Voltemos agora ao ponto, que versa sôbre a imitação, e honremos esta estirada nota com a doutrina do insigne Poeta Garção, que frisa bem a materia de que se-trata: = *Devemos imi-*

8

tar (diz elle na sua Disertação 3.ª) *e seguir os antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o-confessa todo o mundo litterario. Mas ésta doutrina, este bom conselho devemos abraça-lo, e segui-lo de modo, que mais pareça, que o-rejeitâmos, isto é imitando e não traduzindo. Os Poetas devem ser imitados nas fábulas, nas imagens, nos pensamentos, no estilo; mas quem imita deve fazer seu o que imita: Se imito a fábula, devo conservar a acção, ou a alma da fábula; mas devo variar de fórma os episodios, que pareça outra nova e minha; se imito as pinturas não devo introduzir no meu poema um Polyphemo, mas do painel deste Gigante posso tirar as côres para um Adamastor....* (Perdôe-nos o Sr. Garção, mas ésta idéa não é rigorosamente exacta: Homero no Liv. 9 da Odysséa traça a pintura d'um Polyphemo, que talvez seja o melhor episodio d'ambos os seus Poemas; e Virgilio, no Liv. 3.º da Eneida pinta este mesmo Gigante. Ovídio faz a descripção do mesmo no Liv. 14 das Metamorphoses; e o nosso Gabriel Pereira de Castro igualmente o-descreve no Canto 3.º do seu poema. Deve porém attentar-se a maneira engenhosa, com que qualquer destes Poetas o-trata, sendo elle o mésmo Gigante tanto na figura, como nos modos. O nosso Homero Portuguez não se-aproveitou das côres d'um Polyphemo para o seu Adamastor; as tintas finas, que empregou no inimitavel painel, forão todas tiradas do seu grande fundo.) Desculpe-se-nos este á parte, que nos-pareceo não devermos levemente omittir, e continuemos, expondo a proficua doutrina do nosso Horacio Portuguez: = *Se imito o estilo* (vai continuando o Sr. Garção) *não devo servir-me das palavras dos antigos, mas achar na linguagem portugueza termos equivalentes, energicos, e magestosos, sem torcer as frases, nem adoptar barbarismos.* Até aqui o Sr. Garção. = Mas, continuando ésta nota, tornâmos

a repetir, que não é a grandeza da acção quem faz avultar o Poeta; pelo contrário este é que a-faz grande, quem lhe-dá todo o brilho, e realce, por meio da engenhosa ficção, que, com a maior delicadeza d'arte, sabe unir á verdade. Aristóteles diz na sua Poetica, que da imitação, e da harmonia nasceo a Poesia; e Longino no seu Tratado do Sublime, Cap. 18, diz que *nunca a arte sóbe a mais alto gráo de perfeição, que, quando escondida na natureza, pela mesma natureza a-tomão: e pelo contrário nunca a natureza mais sobresahe, que quando a arte vem mais disfarçada.* Em um Poeta engenhoso, que sabe, sem violencia, procurar as melhores situações, que grande auxilio lhe não presta o colorido dos episodios! Foi meneando este expressivo pincel, que o criador Ariosto se-fez immortal. O Barão de Bielfeld, já por vezes aqui citado, no Tom. 2.º Cap. 6.º da sua obra, que tem por titulo *Primeiras linhas de Erudição Universal*, define a Poesia pelo seguinte modo: = *A Poesia* (diz elle) *é a arte de exprimir os pensamentos por meio da ficção. As metaphoras, e as allegorias não são outra cousa mais, que uma especie de ficções, e éstas formão os primeiros materiaes do edificio poetico. E' deste modo que todas as imagens, todas as comparações, todas as allusões, todas as figuras, e sôbre tudo aquellas, que personificão os seres moraes, os vicios, e as virtudes, concorrem para a decoração d'um similhante edificio. E' essencialmente necessario*, (diz elle n'outro lugar) *que todos os episodios sejão análogos, ou pelo menos convenientes á acção, e que a arte os-conduza tanto a propósito, que pareça tudo obra da natureza.* Mr. de Fontenelle, nas suas já mencionadas reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi, 150, fallando dos episodios da Tragedia, conclúe assim: *Nós não sabemos perfeitamente o que os antigos entendião por episodio, nem o que nós mesmos entendemos por ésta palavra. Se epi-*

sodio é alguma cousa incerta na acção, e que se-póde tirar sem lhe-causar damno, bem como os amores das personagens subaltérnas em algumas Operas, onde com tudo não deixão de fazer algumas scenas galantes, todo o episodio é vicioso. Se pelo contrário por episodio se-entende os interêsses das segundas personagens, que, posto não serem as principaes motôras da acção, a-auxilião; os episodios são optimos, e com frequencia necessarios.

(135) *Pedem proferre pudor vetet, aut operis lex.* = Nestes dous nominativos (diz o Abbade Batteux) ha dous sentidos: *Lex operis vetat proferre pedem.* Vós não podeis ir adiante sem offender as regras. *Pudor vetat:* e vós não podeis retroceder airosamente.

(136) *Nec sic incipies etc.* = A proposição epica (diz o Padre Le Bossu) é a primeira parte do poema, na qual o autor propõe brevemente e em geral aquillo, que deve dizer no corpo da sua obra. Duas cousas temos ahi a considerar, uma é o que o Poeta propõe, e a outra a maneira como o-faz. = A proposição (conclúe elle) deve conter a materia do poema sómente, isto é, a acção, e as personagens, que a-executão, quer sejão humanas, quer divinas.

(137) *Fortunam Priami cantabo* = Boileau, na sua Reflexão 2.ª. ácêrca do Tratado do Sublime de Longino, diz, que o Poeta não deve prometter muito no exordio, e por este defeito crimina o *Scuderi* no seu poema de Alarico, quando principia: = Je chante le vainqueur des vainqueurs de la terre. = É ridiculo levantar tanto a voz (continúa elle) e prometter cousas tão grandes logo no principio. Foi Horacio quem me-dêo o exemplo atacando o primeiro verso do *Scuderi* do seu tempo, que começou por dizer: =

Fortunam Priami etc. porque o Poeta, por este principio, promettia mais que a Iliada e Odyssea juntas. = É verdade, (conclúe elle) que, por ésta mesma occasião, Horacio mette a ridiculo, com muito sal, a deforme abertura de bôca ao pronunciar o futuro — cantabo; — mas em substancia é pelo muito, que o Poeta promette, que Horacio accusa este verso. = O Barão de Bielfeld, na sua obra por tantas vezes citada por nós, pag. 89, explica-se assim: = *E' costume seguido, e assás prudente, começar o poema por uma exposição breve, viva, e succinta do objecto, que se-tem a tratar.* = Sirva-nos de exemplo Homero na sua Iliada, a nenhuma arrogancia e simplicidade, com que vai expondo a proposição, pedindo á Musa, que cantê a obstinada colera de Achilles, essa infausta colera, que, causando innumeraveis damnos aos gregos, precipitou nos infernos as generosas almas de tantos heroes; ficando seus corpos insepultos, prêsa, e sustento dos abutres, e dos cães. Veja-se como Virgilio o-imitou na sua Eneada, dizendo. = Conta-me, Musa, as causas; qual Deos offendido, ou porque a Rainha dos Deoses, magoada, quiz que este varão, insigne em piedade, passasse por tantas desventuras, e corresse por tantos perigos e trabalhos. = Note-se como os dous Epicos Corifeos da antiguidade

Non fumum ex fulgore, sed ex fumo dare lucem
Cogitant!

Em uma palavra, a proposição é a narração em resumo ou em minuta, assim como a narração é a proposição desenvolvida; mas tanto ésta como aquella devem ter unidade e simplicidade. Tornâmos a repetir, que Horacio nesta epistola não só dá preceitos aos oradores; não só aos que compõe, mas igualmente áquelles, que pretendem julgar das composições

alheias; pois no parecer de Pope não se-sabe qual é mais ridiculo, se escrever mal, se julgar mal dos escritos dos outros. Mr. d'Aguesseau, no seu Tratado das Instrucções, pag. mihi, 107, recommenda aos oradores a lição dos Poetas, assegurando, que não é para desprezar nestas formáes palavras: = *A Poesia* (diz elle) *inspira um fogo de imaginação, que concorre muito para animar, e dar calor ao estilo, e que se-oppõe a que possa afrôxar, principalmente quando se-tratão materias aridas e espinhosas, que insensivelmente o-esfrião, e o-tornão, por assim dizer, um estilo gelado.* = Um escritor anonimo, que merece entrar no número dos mais distinctos classicos, confessa, que do muito, que se-applicou á poesia tirou pelo menos o grande proveito de escrever menos mal em prosa. Desta mesma opinião é Mr. de Fenelon, quando no seu 2.º Dialogo, pag. mihi, 225, nos-diz: = A poesia é a alma da eloquencia, e não póde existir uma sem outra; porque a poesia ensina a pintar com viveza, energia, graça, e fôrça; pois sem ella será qualquer discurso árido, frôxo, e sem alma. A prosa deve tornar-se partecipante deste calor, viveza, e brilho até certo ponto; deve pedir emprestada á poesia certo fogo de imaginação, que dê vida ao estilo, e o não deixe afracar.

Ora: por escritor Cyclico, do verso antecedente, entende Metastásio aquelle Poeta epico, ou trágico, que, não saltando ao meio, ou quasi ao fim da fábula, principia a narrar os successos por sua ordem, isto é, chronológicamente, sem os-saber escolher, e variar, no que commette dous graves defeitos: o primeiro em não lançar mão d'um só feito obrado pelo seu heroe; e o segundo em descrever todos os acontecimentos bons e máos, por uma serie histórica, sem variação, ou alteração alguma poética. Contra este preceito, o mais essencial, peccárão Claudiano no seu

poema *de raptu Proserpinæ*, dado ha pouco em linguagem pela Condessa de Oeynhausen; Stacio nos seus dous poemas a Thebaida, e Achilleida, posto que este segundo ficasse em dous Livros pela morte do autor; Silio Italico no seu poema *Punicorum*, vertido em vulgar pelo nossó insigne Fllinto; e Lucano na sua Pharsalia tambem incompleta, em que todos se mostrárão mais historiadores, que poetas. Metastásio traduzindo a passagem do tal Cyclico, de que falla Horacio, explica-se assim:

Non cominciar così come già fece
Quel narrator di lunghe storie in versi.

O Padre Le Bossu limita-se ao significado de *un mauvais poéte*. Nós porém entendemos por Poeta Cyclico: = *Qui ordinem variare nescit, vel qui carmina sua circumfert.*

(142) *Qui mores hominum multorum vidit etc.* — Horacio na Epistola 2.ª, do Liv. 1.º, diz igualmente:

multorum providus urbes.
Et mores hominum inspexit.

(145) *Scyllamque, et cum Cyclope Charybdin.* — É o estreito, e voragem, de Scylla e Carybdes, no mar de Messina, no Mediterraneo, a que se-dá hoje o nome de Faro e Messina, do qual Homero faz a descripção no Liv. 12 da Odyssea.

(148) *Semper ad eventum festinat, et in medias res etc.* — Posto sejão os exemplos, que o Poeta aqui allega, todos colhidos da epopéa, todavia estes preceitos dizem tambem respeito á poesia dramatica, como claramente demonstra Metastásio na respectiva nota

da sua versão. Mr. Corneille, fallando da Tragedia, diz, que o primeiro acto deve conter as sementes de tudo, o que deverá acontecer, tanto pelo que respeita á acção principal, como aos episodios; de sorte, que não entre algum actor nos actos seguintes, sem que se-tenha já feito conhecer no primeiro, ou que, pelo menos seja chamado por outro, que já se-tenha introduzido. Os antigos forão muito longe desta regra, principalmente nas arguições, e peripécias das Tragedias, para bem das quaes se-servião sempre de gente, que, como por acaso, apparecia no 5.° Acto. O Abbade d'Aubignac diz, que a grande arte está em abrir o Poeta a scena o mais perto, que fôr possivel da catastrophe; afim de se-empregar menos tempo no jôgo das mesmas scenas, e deixar o campo livre ás paixões, aos affectos, e ás narrações, que possão agradar. Mas para conseguir isto convém, que os incidentes estejão engenhosamente preparados, e que vão apparecendo segundo as collisões na continuação da acção.

(149) . . . . *Et quæ.*
Desperat tractata nitescere posse relinquit. — Aquellas circunstancias, aquellas particularidades, que o Poeta conhecedor prevê não poderá tratar com dignidade, que ou se-tornarão prolixas, e cançativas ao leitor; ou, o que é ainda mais, o que é tudo, rebaixarão o caracter generoso, ardente, piedoso, mas sempre respeitavel do seu heroe, deverá despreza-las, deixando-as, como diz o nosso Padre Antonio Vieira, na *sepultura do segredo*, de modo, que pareça, que inteiramente as-ignora. Mr. de Fontenelle, tantas vezes citado nestas annotações, fere este ponto nas suas *Reflexões sôbre a Poetica*, pag. mihi, 168, explicando-se assim: O heroe (diz elle) não deve mostrar a mais leve falha em suas virtudes. O Poeta deve esconder até a mais pequena apparencia de defeito no seu he-

roe; se-tem uma face má cumpre ao Poeta occultal-la, e apresentar o seu rosto de perfil. Mostre-se, ostente-se Alexandre conquistador, mas nunca bêbado, e cruel. Por faltar a este preceito é altamente accusado o nosso Camões, no Canto 8.º, do seu poema, Est. 93, quando, fallando do seu heroe, diz:

Escreve a seu Irmão, que lhe-mandasse
A fazenda, com que se-resgatasse.

Convimos em que melhor seria haver Camões omittido ésta aviltante circunstancia, que em nada honra o seu heroe; porém — *opere in longo* — *non ego paucis offendar maculis.* — Acaso ignoraria o Poeta o preceito de Horacio? Se com effeito o-ignorava, porque não fez igualmente públicos alguns defeitos graves, que não deixárão na historia d'eclipsar parte do esplendor glorioso do seu heroe? Porque nos não apresentou este tomando vingança do Zamorim pelos desastrosos acontecimentos de Calicut, em que teve lugar a morte de Corrêa, e d'outros portuguezes; apresando o navio Méris, que o Sultão do Egipto mandava todos os annos ao Indostão, ricamente carregado, e que trazia a seu bórdo mais de trezentos passageiros d'ambos os sexos, cuja devoção os-conduzia a Méca, ao tumulo do seu Propheta, mandando abrir-lhe rombos para se-afundar; e insofrivel pela demora de tão inhumana operação, ordenando immediatamente, que se-lhe-deitasse fogo, morrendo todos queimados ao som d'um lastimoso alarido? Porque motivo, proseguindo na mesma vingança, nos não ostenta o seu heroe fazendo prêsa em 50 Indios indefensos, pobres pescadores, na volta para Calicut, mandando-os repartir pelos navios da sua esquadra, em cujas vergas forão todos, a uma voz, enforcados; e mal satisfeito ainda, ordenando se-lhes-decepassem os pés e

as mãos, estivando os cadáveres n'uma jangada, que mandou soltar, quando a revéssa da maré encostava á terra, escrevendo em arabe a seguinte carta ao Zamorim : = Que quizesse aceitar aquelle presente, que lhe-fazia, em represalia da morte dos portuguezes, e tambem em commemoração das mercancias, que lhe-ficavão em terra, e que lhe-pagaria com usura = ? E cosendo-se de noite á terra o mais que pôde, bombardéou em todo o dia seguinte a cidade tão vivamente, que, além da innumeravel gente, que pereceo nesta occasião, arruinou um grande número de edificios, inclusive um dos palacios do Zamorim, dando fim a ésta tragedia por queimar um navio d'alto bordo, que se-achava fundeado no porto, e prestes a fazer-se de véla para Cochim ! Continuemos mais : Por acaso ignoraria Camões o procedimento atroz de Gonçalo Vaz de Góes, que, saindo de Cananor, chamou á falla um navio moiro, que saía naquelle momento do mesmo porto, e apresentando-lhe o capitão o passaporte em fórma, passado por Lourenço de Brito, Governador da Cidadella, insistio obstinadamente Góes, que o passaporte era falso, só com o fim de se-apoderar do navio e carga, como se-apoderou ; e surdo ás súpplicas, e cégo ás lagrimas de toda a equipagem, mandando embrulhar, e cozer vivos nas vélas do mesmo navio, sem excepção de pessoa, todos os que vinhão dentro, e deitar barbaramente ao mar ! Tanto Camões não ignorava éstas circunstancias, que, no Canto 10. Est. 46. do seu poema, não se-pôde conter, exprobrando a Affonso d'Albuquerque a acção de haver mandado enforcar o soldado nobre Ruy Dias (dizem que parente de Camões) por lhe-entrar de noite na sua camara, namorado de uma escrava, que o mesmo Albuquerque estimava muito, como se-lê em Castanheda, Liv. 3. Cap. 99, e em Barros, Decad. II. Liv. 5, Cap. 7.º. Fica pois claro, que se Camões

não quiz referir éstas e outras proezas do seu heroe, de que faz larga menção o Padre La Fitau, na sua Historia dos *Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes em o Novo Mundo*, pag. mihi, 171, Liv. 2.º, foi por que sabia o que convinha, e não convinha dizer.

(151) *Atque ita mentitur etc.* = *Quando nós dizemos* (diz Mr. Dacier) *que a Tragedia é uma mentirosa, é só para louvarmos a verosimilhança das suas ficções, e das suas paixões.* = O Poeta não mente, *finge, inventa*, e aquellas imagens criadas por elle, não como passárão em parte, mas como verosimilmente poderião passar, não devem dar ao poeta o nome de mentiroso, se não metaphóricamente tomado, pois que não ha distancia entre ficção e mentira. O Poeta, tomando um argumento da historia ou da fábula, sabido por todos, conservando verdadeira a acção principal, e um ou outro facto mais essencial, póde variar tudo o mais a seu modo, pois que elle não é um historiador, que nos-deva miuda e circunstanciadamente informar da verdade. Vasco da Gama vai por mandado do Sr. Rei D. Manoel descobrir as terras do Oriente, como já dissemos, eis-aqui a acção principal e verdadeira do poema do nosso immortal Camões; mas tudo o mais, que succede nesta viagem, é um corpo inteiro, uniforme, e regular de ficções e de verdades. = De duas cousas se-compõe uma fábula (diz o Padre Le Bossu no Cap. 6.º do Liv. 1.º) como suas duas partes essenciaes. Uma é a verdade, que lhe-serve de fundamento, e outra é a ficção, que encobre allegoricamente ésta verdade, e lhe-dá a fórma de fábula. A verdade está occulta, e é este o ponto de moral, que o autor quer ensinar. =

(154) *Aulaea manentis etc.* O Petrini, e Dacier, assim como alguns outros traductores e interpretes

desta epistola, querem persuadir-nos, que o termo *aulæa*, significa só o pano da boca do theatro, a que os latinos chamavão *siparium*. Porphyrio assim o assegura, e diz, em abôno da sua opinião: = *Si vis te ab adstante audiri, donec aulæum levetur* = pondo o *aulæum* no singular. Nós não sômos deste parecer. Os Romanos daquelle tempo não conhecião bastidores, nem bambolinas, nem pano do fundo, nem finalmente os panos entrecalares ou intermedios, que fazem a scena maior ou menor; mas servião-se d'uns panos de raz, com que guarnecião, e ornavão os lados, e fundo do theatro, os quaes descião quando principiava o espectaculo, e subião quando acabava; guarnecendo assim, e desguarnecendo a scena; e a este ornato, em geral, é a que davão o nome de *aulæa*. Horacio torna a repetir isto mesmo na Epist. 1.ª do Liv. 2.º, vers. 189, e Virgilio na Georgica 3.ª, vers. 25; e toma mais força a nossa opinião, lendo a Ode 29, do Liv. 3.º, em que Horacio diz:

Mundæque parvo sub lare pauperum
Cœnæ, sine aulæis et ostro,
Sollicitam explicuere frontem.

Que equivale a dizer: = *E limpas ceias, na acanhada casa dos pobres, sem cortinados, nem purpura, desamuárão os rostos cabisbaixos* =

Concluimos pois, que, finda a representação, e saindo os actores da scena, subião os primeiros panos, e ficávão núas as paredes. Um dos do coro, chegando á boca do theatro, dizia ao público, *applaudi*; e depois disto subia o pano, a que davão o nome de *Siparium*. Parece-nos ser ésta a genuina interpretação desta passagem; o leitor seguirá a que melhor lhe-parecer, visto que alguns querem, que *aulæa* e *siparium* seja tudo o mesmo.

(155) *Donec cantor, vos plaudite, dicat:* = Este applauso, bem como ainda hoje se-pratíca, consistia em o auditorio bater as palmas, como o nosso Poeta diz: na Epist. 1.ª do Liv. 2.º, vers. 205.

. . . . *quibus oblitus actor*
Cum stetit in scena, concurrit dextera lævæ.
Dixit adhuc aliquid? Nil sanè. Quid placet ergo?

Os gregos tinhão um prólogo nas suas Comedias, o qual era um pequeno discurso preliminar como já díssemos, em que o Poeta fazia sciente o auditorio do argumento concebido. Os latinos seguírão o mesmo. Os inglezes tem um prólogo e epilogo nas suas Tragedias e Comedias; no primeiro pedem attenção, e indulto para o drama, que se-vai representar; no segundo chasquêão, e fazem allusões ridiculas áquellas materias referidas, que podem ter relação com os costumes e prejuizos da nação; ou, que tem analogia com algum acontecimento, que tivesse lugar em Londres; mas éstas peças nada tem com o corpo do drama, são inteiramente separadas, e recitadas por um só actor. Os francezes, antigamente, tambem tinhão seus prólogos, e ás vezes epilogos nos dramas. Moliére e Quinaut tambem por mais este caminho se-fizerão célebres. Entre elles éstas peças erão ás vezes declamadas, cantadas, e dançadas por differentes actores. Neste genero são excellentes as de Mr. de Brueys, podendo servir de modêlo o prólogo da sua Comedia, que tem por titulo — *Patelin* — A declamação, a viva opposição do diálogo, e, sôbre tudo, a boa linguagem, tem de justiça nos theatros francezes a geral estima. Algumas Comedias antigas, no idioma hespanhol, mui principalmente aquellas, que versavão sôbre objectos sagrados, como oratorias, a que davão o nome de *Autos Sacramentales*, finalizavão dizendo

um actor ao auditorio éstas palavras, — *Ite, Comedia est*. O nosso Garção tambem termina o seu drama *A Assembléa*, com a incomparavel cantata de Dido, dizendo um actor aos espectadores, — *Batei as palmas* —

(156) *Ætatis cujusque notandi sunt tibi mores*. = Pedro Corneille, mencionando este preceito de Horacio, no seu primeiro Discurso sôbre o Poema Dramatico, diz assim: = O Poeta deve ter attenção á idade, ao nascimento, ao emprêgo, e ao paiz d'aquelles, que põe em scena. Cumpre igualmente, que esteja instruido do que se-deve á patria, aos parentes, aos amigos e ao Rei; qual seja o emprêgo do Magistrado ou do General em chefe, afim de tornar conformes aquelles, que pretende se-fação amaveis aos espectadores; assim como apresentar outros, que estejão em contradicção com o seu proprio dever, afim de que se-tornem aborreciveis a todos; porque é maxima infallivel, que, para um drama agradar, convém que os principaes actores se-fação interessantes ao auditorio. O preceito de Horacio (continúa elle) relativo aos costumes de cada idade, não é todavia uma regra, de que não possa haver excepção. Elle descreve os moços pródigos, e os velhos avarentos; o contrário estâmos nós vendo a cada passo, sem que nos-cause grande admiração. É natural a um moço namorar, e não a um velho, mas isto não obsta a que um velho não appareça tambem perdidamente namorando; todos os dias estâmos presenciando destes exemplos. Loucura porém seria se o velho se-persuadisse, que era correspondido pela sua amada, não pelas suas riquezas, ou gráo de representação em que se-visse exalçado na sociedade, mas sim pela sua gentileza, e mais dotes phisicos. = Se Mr. Corneille, menciona ésta excepção, confessando não ser proprio do homem velho namorar ¿como pretenderá pôr em scena um

caracter, que está fóra do natural? É verdade, que em uma Comedia, mas de muito baixo cómico, e, ainda melhor em um entremez, lá se-poderia tolerar ésta extravagancia; mas Horacio não trata aqui destes costumes, porém dos que são proprios da Tragedia, que requer summa gravidade. Mr. Dacier, em a nota ao verso 317 desta Epistola:

Respicere exemplar vitæ, morumque jubebo,

parece opôr-se á predita observação de Mr. Corneille pelo seguinte modo: = Até ao presente (diz elle) não se-tem explicado com clareza, o que Horacio chama aqui *exemplar vitæ, morumque*; porque de certo não deve entender-se a vida de cada um em particular. Estou, persuadido, que por modêlo da vida, e dos costumes, Horacio quiz designar a *natureza*, que é a origem, e fonte de todos os differentes costumes, e de todas as vidas, que vemos no grande theatro do mundo. Deve pois o sábio imitador, isto é, o bom Poeta, que pretender pôr em scena um avarento, um ambicioso, um impostor etc. não tomar por modêlo o que faz este, ou aquelle de quem tem formado idéa; mas sim ter diante dos olhos aquillo, que deverião fazer, e o que a natureza quer que fação. Em uma palavra, deve, em geral, imitar a mesma natureza, e não um, ou outro particular, que muitas vezes são cópias imperfeitas, e confusas. =

(157) *Mobilibusque decor naturis dandus et annis.* = *Caracteres mobiles*, ou *moveis*, são aquelles, que mudão com os annos; pois, como diz Boileau no Canto 3.º, da sua Poetica:

Chaque âge a ses plaisirs, son esprit, et ses mœurs.

(162) *Gaudet equis, canibusque, et aprici gramine campi:* — Na Sátira 1.ª, do Liv. 2.º, verso 26, diz outra vez o nosso Poeta: =

Castor gaudet equis: ovo prognatus eodem
Pugnis. =

Ora: tanto Luisino, como Dacier, Sanadon, em parte o Sr. Fonseca, e outros muitos interpretes, querem persuadir-nos, que a mocidade romana não poderia refocillar o espirito, passeando a cavallo por qualquer campo, a não ser designadamente pelo Campo Marcio; e, para darem mais pêso á sua opinião, citão a Ode 8.ª, do Liv. 1.º, endereçada á meretriz Lydia, em que se-trata dos exercicios, em que se-occupava a mocidade romana no Campo Marcio. Metastásio, maravilhando-se desta engenhosa interpretação, diz que não póde atinar com a razão, pela qual deva firmemente acreditar, que Horacio restrinja, e limite a idéa a um campo particular, como se fosse restricta e limitada a inclinação dos mancebos a se-recrearem, e divertirem tão sómente no Campo Marcio, e não em qualquer outro campo proprio para as suas carreiras, e exercicios. E por ésta reflexão (conclúe elle) sempre prefiro ao parecer d'esses célebres expositores a opinião do sabio e perspicaz Milord Stormont, que me-obrigou a fixar a minha attenção nesta clara verdade. = Nós seguimos a mesma lição de Metastásio, porque, como já por vezes temos dito, desprezâmos éstas, e outras que taes estudadas subtilezas. Tanto Vicente Espinel, como o Jesuita José Morell, e Burgos, não se-pretendendo afamar por estes descobrimentos, limitárão-se a traduzir litteralmente ésta passagem pelo seguinte modo: O primeiro, dizendo *con la verde grama.* O segundo *en campo abierto.* E o terceiro *Y vastos y yerbosos campos ama.*

O Campo Marcio era aquelle, a que Lucano, no 1.º Liv. da Pharsalia verso 180, chamava venal, dizendo:

Hinc rapti pretio fasces, sectorque favoris
Ipse sui populus; letalisque ambitus urbi,
Annua venali referens certamina Campo:
Hinc usura vorax, avidumque in tempore foenus,
Et concussa fides; et multis utile bellum.

Por nos-parecer fiel a versão desta passagem por Martin Lasso de Oropesa a-copiaremos agora. = *De aqui venia vender se los officios, y el pueblo vender sus votos, y de aqui vinieron los compradores dellos, que fue para la republica una pestilẽcia no poco contagiosa, y de aqui todas aquellas contiendas y questiones á la elecion de los magistrados, y de aqui los tragadores cãbios, y los situados logros, y de aqui vino estar el credito y te desquiciado, y ser a esta causa, prouechosa para muchos la guerra.* = Sabemos, que este meio de obter cargos honrosos e lucrativos, foi punido depois com todo o rigor das leis; mas como estes máos habitos se não tem podido inteiramente extirpar até aos nossos dias, passemos adiante.

(163) *Monitoribus asper etc.* = O moço, no verdor da juventude, pelo maior número, corre cegamente após todos os falsos prazeres, para que as suas paixões o-empuxão, e gosta, que lhe-adulem os seus proprios vicios, mas não que o-admoestem, dando-lhe conselhos prudentes e saudaveis. O Abbade Dubos, por tantas vezes citado nesta obra, nas suas reflexões críticas sôbre a Poesia e Pintura, Tom. 2.º Sec. 9, profere ésta proficua sentença: = Infelizmente para nós (diz elle) estes annos tão preciosos (os da mocidade) são aquelles em que mais facilmente nos-distrahi-

mos de todas as applicações sérias. É o tempo em que começâmos a confiar em nossas luzes, que não são ainda outra cousa mais que o primeiro crepusculo da prudencia. Como que temos perdido já ésta docilidade para ouvir os conselhos, que nos-dão, e que devião ser para a mocidade um compendio de maximas de virtude; e a nossa perseverança, tão fraca como a nossa razão, por inexperiencia, não prevê o mais pequeno revez. =

(164) *Prodigus æris.* = Talvez, nos-digão, que a frase, de que nos-servimos, não corresponde á expressão do texto, dizendo — *mãos largas* — por *prodigus æris*; pois que todos traduzem amigo de fazer grandes despezas, grandes gastos, dessipador etc. É verdade que ha pródigos avarentos, para haver de tudo na triste especie humana; isto é, homens que achão tudo pouco para jogar, e para despender em vicios, e n'outras paixões e appetites; e miseraveis e mofinos em tudo o mais; bem como o Naturalista da Comedia de Goldoni, que, dando largas sommas por uma concha, se-esquecia da mulher e filhos rotos, faltando-lhes até com o indispensavel alimento. Mas note-se, que Horacio diz *prodigus æris*, e a traducção — *mãos largas* — comprehende tanto o que gasta muito em cousas superfluas, como em devassidões, e vaidades.

(170) *Ac timet uti etc.* = O nosso Poeta na Epist. 2.ª do Liv. 1.º verso 56 diz: *Semper avarus eget*; e na Ode 16, do Liv, 3.º, verso 17, torna a dizer:

Crescentem sequitur cura pecuniam,
Majorumque fames.

Assim como na Sat. 3.ª do Liv. 2.º verso 108:

. . . . Quid discrepat istis
Qui nummos aurumque recondit, nescius uti
Compositis, metuensque velut contigere sacrum?

(172) *Spe longus etc.* = Seguimos neste lugar a interpretação de Metastásio, por nos-parecer summamente judiciosa; o qual, depois de mencionar as differentes opiniões d'outros Commentadores sôbre este lugar, segue assim: = Entre pareceres tão controversos, (diz o Poeta Italiano) cabe a cada um a liberdade de emittir a sua opinião; pelo que, usando eu tambem da que me-compete, digo que nesta frase de Horacio, *spe longus*, se-me-figurão incluidas as duas explicações oppostas de Lambino, e Dacier; e que éstas, que, estando separadas, ficão imperfeitas, formão uma só unida, verdadeira, completa, e clarissima. O epitheto *longus*, acompanhado particularmente por Horacio neste lugar com os adjunctos de *dilator e iners*, *irresoluto*, ou *procrastinador*, e *preguiçoso*, visivelmente significa — *moroso*; — isto é, *difficil*, *vagaroso*, *tardo* em determinar-se. E como o velho é tal em tudo, o que opera; creio que Horacio não assevera outra cousa senão, que um tal caracter seja de velho constantemente conservado, tratando-se de esperanças; donde é tão difficil em conceber as novas, como em depôr as já concebidas. E eis-aqui a versão deste lugar por Metastásio:

. . . . Il vecchio
Querulo, indugiator, tardo non meno
A disperar, che a concepir speranze. =

(173) *Laudator temporis acti se puero.* O velho lembra-se mais do que passou nos bellos dias da sua mocidade, que daquillo, que ainda ha poucos mezes praticou. Outro tanto lhe-acontece com a vista, quasi sempre divisando melhor os objectos ao longe, que ao perto; a que se-dá o nome de *vista cançada*.

(175) *Anni venientes.* = Erão aquelles, que se-contavão até chegar aos 50, dahi por diante até á morte erão *anni recedentes.* Nores pretende, que, pelos primeiros, se-deva entender até aos 35, e pelos segundos dos 35 por diante; porém a sua opinião não tem sido seguida.

(180) *Segnius irritant animos etc.* = A vista é aquelle sentido, que os outros convocão, e para que appellão, como juiz seguro, para decidir qualquer questão em caso duvidoso. O Abbade Dubos, tanto a miudo citado nestas annotações, expressa-se a este respeito pelo seguinte modo, nas suas reflexões criticas sôbre a poesia: = A vista (diz elle) tem maior imperio n'alma, que nenhum dos outros sentidos. A vista é dos sentidos aquelle, em que a alma, por um instincto, que a experiencia fortifica, tem a maior confiança. É ao sentido da vista, que a alma chama a relação dos outros sentidos, quando recêa, que ésta informação possa ser infiel. Metaphóricamente fallando póde dizer-se, que os olhos estão mais perto da alma, que os outros sentidos. =

(185) *Nec pueros coram populo Medea trucidet.* = Se o Poeta acaba por dizer, que mais nos-toca o que presenciâmos com os proprios olhos do que aquillo, que se-nos-refere; parece por isto mesmo fóra de dúvida, que não prohibe absolutamente as mortes em scena; mas só sim as atrozes, as horriveis na sua execução; porque éstas summamente barbaras se-devem esconder da vista dos espectadores, taes como as praticadas por Medéa, e Atrêo. Dacier não quiz entender assim ésta passagem, e o Padre Sanadon accrescenta que — ver derramar o sangue humano só póde ser espectaculo agradavel a um povo cruel e feroz, que perdeo todo o sentimento de humanidade. — Tem

razão o Padre Sanadon, mas parece que, sem querer, insensivelmente falla do povo romano daquelles tempos, que se-deleitava só com divertimentos crueis, e ferozes. Outros interpretes, entrando neste número o Sr. Fonseca, lidão por persuadir-nos, que as palavras, *Segnius irritant animos demissa per aurem*, são uma objecção, a que Horacio satisfaz, antes que alguem lha-offereça. = Se a Tragedia (diz agora o Sr. Fonseca) deve mover a compaixão, e o terror, e estes affectos melhor se-excitão vendo-se as cousas, do que ouvindo-as; porque motivo se-hão de afastar da vista, quando assim principalmente se-conseguiria o movimento das referidas paixões?! por isso que a sua imitação de nenhuma sorte póde ser verosimil, e desta maneira diz o Poeta: *quodcumque ostendis mihi sic, incredulus, odi* = Até aqui o Sr. Fonseca; mas, pondo de parte a muita veneração, que nos-merece o seu nome, de nenhum modo podêmos seguir a sua tão estudada opinião: O nossa Poeta tal objecção não faz; pois que simplesmente diz, que na Tragedia, assim como na Comedia (lêa-se Terencio) algumas cousas se-praticão em scena, e outras por de trás, ou fóra della, as quaes se-narrão depois como já succedidas, ou se-ouvem de dentro, como no citado Terencio. O Padre Le Bossu, tendo em vista este lugar, explica-se assim: — Na Tragedia (diz elle) vê-se o que se-faz, e na Epopéa ouve-se. E é por ésta razão, que Horacio manda, que não se-exponhão nas Tragedias incidentes muito maravilhosos, que não se-poderão executar com perfeição, taes como as metamorphoses de Progne em andorinha, e de Cadmo em serpente. — Depois da reflexão do Padre Le Bossu, prosigamos com a doutrina do nosso Poeta: Verdade é (diz Horacio) que aquellas cousas que ouvimos tocão-nos menos, do que se-fossem presenciadas pelos nossos proprios olhos, porque mais depressa acreditâmos o que vêmos, do que aquil-

lo que ouvimos. Haja todavia fino discernimento em saber estremar as cousas, que se-devem executar por de trás da scena, ou fazer patentes; porque algumas haverá, que se-não devão apresentar aos olhos do auditorio; como por exemplo Medéa despedaçando os filhos. Atrèo cosinhando as entranhas dos sobrinhos, para as-dar a comer ao pai; ou Nero, por exemplo, mandando afogar a mâi, e abrir-lhe o ventre, para ver o lugar, em que havia estado nove mezes antes de nascer. Pois se acaso me-apresentares espectaculos tão atrozes, tão horrorosos como estes que refiro — *sic* — (traduzão este *sic*, que vale o mesmo, que se dissesse: *estes que aponto, e outros, que se-pareção com estes*) fica certo, que os-abominarei como detestaveis — *odi*; — e se quizeres persuadir-me de cousas tão inverosimeis, como são transformar-se a mulher de Terêo em andorinha, e Cadmo em serpente, praticando éstas ridiculas metamorphoses á minha vista, e abusando por este modo do senso commum; fica igualmente persuadido, que não te-darei credito — *incredulus*; porque a fábula não póde exigir, que se-lhe-acredite tudo, o que lhe-vier á cabeça; como te-recommendarei nos seguintes versos:

Ficta voluptatis causâ, sint proxima veris. = verso 338.
Nec, quodcumque volet, poscat sibi fabula credi:
Neu pransæ lamiæ vivum puerum extrahat alvo.

Ora: sendo este o sentido obvio, que se-deve dar a ésta passagem, não podemos dar ouvidos á meditada objecção, de que falla o Sr. Fonseca, e outros Commentadores, que nada mais tem feito neste lugar, que copiar-se uns aos outros, pretendendo dar-nos como certo, que o nosso autor rigorosamente prohibe as mortes em scena, o que tal não diz, pois que só falla dos casos nimiamente atrozes, como os já ditos, ou ou-

tros, que os-semelhem, assim como tambem das metamorphoses disparatadas; as quaes, podendo ter lugar em um Poema Epico, se-tornão ridiculas e despresiveis postas em scena, porque o Poeta Epico, como já se-disse, refere, e pinta o que se não vê. O nosso insigne Poeta Garção, na sua dissertação 1.ª, sôbre o caracter da Tragedia, resolve difinitivamente, ou presume resolver, a questão, assegurando ser inalteravel regra della não se-dever ensanguentar o theatro, pois que Horacio (diz elle) assim o-recommenda no preceito, que nos-dá: — *Nec pueros etc.*; e prosegue attestando, que Ferreira nos-dera este exemplo na sua Tragedia Castro; e que no Oedipo de Sophocles vêmos cumprido o preceito. Tem razão o Sr. Garção, limitando-se a estes dous casos atrozes, porque são os mesmos, que Horacio prohibe se-apresentem aos olhos dos espectadores. Pois quem poderia presenciar a sangue frio o triste espectaculo da chorosa Ignez, passada á espada por tres algozes, como um toiro no Circo dos Gladiadores? ou o do miserando Oedipo arrancando a si proprio os olhos? E poderemos tirar d'aqui a firme illação, de que o nosso Poeta não dá lugar ás mortes em scena, seja qual fôr o modo porque éstas se-apresentem? não estâmos dispostos a dar-lhe inteiro credito. Todavia, como seja grande o respeito, que nos-infunde a autoridade de pêso do Sr. Garção, não seremos nós unicamente os ousados a refutar a sua opinião, mas tambem o egregio Metastásio, que, nada nos-dizendo na respectiva nota da sua traducção desta epistola, se-reservou, para fallar mais largamente da matéria no seu Extracto da Poetica d'Aristóteles; cuja lição, por ser mais terminante, servirá de epilogo a ésta extensa nota, em quanto vâmos citando outras autoridades mais ou menos dignas de fé, em abono da nossa opinião. O já por vezes allegado Abbade d'Aubignac, na sua obra intitulada — La Prátique du

Théatre — Liv. 3.º Cap. 4.º pag. mihi, 190, fallando das obrigações do côro, fére a nossa questão nestas formaes palavras: = Deveremos confessar (diz elle) que os nossos antigos Poetas Tragicos raras vezes fazião morrer os actores em scena, pelo motivo de não ser verosimil, que, compondo-se o côro de tantas pessoas, visse este assassinar um principe sem o-soccorrer. Deste modo quando Eschylo faz morrer Agamemnon, é este apunhalado no seu palacio, do qual se-ouve gritar sem que o-vejão; por cujo motivo, o côro assustado, não sabe resolver se deverá avisar o povo, ou correr a palacio para ver o que se-passa; e é no meio desta irresolução, que Clytemenestra apparece, manifestando ella mesma o que faz, e mostrando o cadaver do Principe, o que tem feito persuadir alguns, que o Poeta o-faz morrer em scena. Sophocles porém, pelo contrário, faz sahir o côro da scena, para depois entrar Ajax, mostrando grande socêgo d'espirito, recitando um bom monólogo, e atravessando o coração com a sua propria espada, sem que pessoa alguma o-possa embaraçar, ou soccorrer, pois que está só em scena. = Até aqui o Abbade d'Aubignac, e bastaria só este exemplo para desmentir os teimosos, que, obstinadamente, pretendem sustentar, contra a verdade, não haverem os Tragicos antigos ensanguentado a scena, pois se alguma vez assim o-fizerão, foi tendo em vista a verosimilhança; para prova do que lêão-se com attenção as suas Tragedias; mas não paremos aqui: D. Ignacio de Luzan, na sua Poetica, ou Regras de Poesia em Geral, Liv. 3.º, Cap. 9, pag. mihi, 357, expressa-se por este modo: — En esta question (diz elle) me parece mui digna de seguir se la opinion y distincion del Benio. *Benius. Poet. Arist. part.* 63, *pag.* 77. Dice este Autor, que no hai duda alguna, que Aristoteles admita las muertes en publico; pero que esto se ha de entender de aquellas muertes, cuya

execucion no es mui barbara, ni cruel en el modo; assi las muertes executadas con veneno, con espadà o puñal, se podràn ofrecer à la vista del auditorio: pero quando el modo de las muertes es del todo inhumano, y barbaro; entonces se debe fingir que suceden dentro del Theatro, y se debe informar de ellas el auditorio por via de narracion. = E depois de citar o verso d'Horacio *nec puero*, proseguem assim: = De suerte que aqui Horacio solo encarga, que no se executen en publico ciertas muertes, cuyo modo trahe consigo mucha barbarie, è inhumanidad, y esto no porque sea de parecer, que nunca se hayan de executar en presencia del auditorio las muertes, y demàs acciones tragicas comprehendidas en la turbacion; sino porque tales muertes, por ser demasiadamente horribles, barbaras, y extraordinarias en el modo, serian increibles. (Parvoice! incriveis são as metamorphoses inverosimeis, mas nunca as mortes atrozes.) Y que esta sea la mente de Horacio se prueba evidentemente con lo que el mismo añade: *Quodumque ostendis mihi sic etc.* = Depois de exararmos a clara intelligencia, que estes tres interpretes Aubignac, Luzan, e Benio dão a ésta passagem, poderiamos citar aqui igualmente a judiciosa nota de Mr. Perpetit de Grammont; mas não só por ser em demasia longa, como até por já haver, em parte, feito menção della o Sr. Fonseca, o qual nem impugnou a sua doutrina, nem a-quiz abraçar, a não copiâmos. Estamos com tudo intimamente persuadidos, que a origem desta controversia vem de todos os interpretes, que tem annotado ésta Epistola, traduzirem juntos os dous termos *incredulus odi*, como se fosse uma palavra composta, não se-querendo lembrar, que *incredulus* se-refere mui designadamente ás metamorphoses disparatadas, assim como *odi* aos espectaculos atrozes; e é por ésta causa, que todos traduzem: *não soffro um tal es-*

pectaculo, porque é incrivel. Incrivel! pois tão sincero e puro se-considera o coração humano, que se-julgue incapaz de commetter actos atrozes, não havendo quem tal possa acreditar! Infelizmente vemos todos os dias acontecer o contrário: agora mesmo, que estou escrevendo éstas regras (em 13 de Setembro de 1848) vai por essas ruas, ladeada de soldados para o Limoeiro, uma mulher, que, qual outra viuva Judith, leva em punho na mão direita a cabeça de sua propria mãi, que degolára, e na outra uma bolsa com dinheiro, que fôra o incentivo, que a-compellíra a praticar este acto *incrivel.* O povo, que a-cerca em grande alarido, mas não *incredulo,* rompe as alas, e quer assassina-la, a pezar da vigorosa opposição, que lhe-vai fazendo a tropa. Oxalá, que a infeliz especie humana se-fizesse digna do dom gratuito, que lhe-pretendem outorgar estes Commentadores! Vamos pois continuando com o *incredulus,* ou, para melhor dizer, com os *incredulos.* Em uma these escrita pelos Padres do Oratorio da Cidade de Vendôme, debaixo do titulo de *Principios Geraes da Poetica,* e que Mr. Gaullier transcreve do fim do seu Tratado das Regras de Poetica, lê-se no artigo 5.º, em que trata das Perfeições da Fábula o seguinte: = A paixão (dizem elles) não é outra cousa mais, que os transes, as feridas, as mortes bem representadas em scena, com tanto, que nada haja ali de atroz, nem de incrivel. = O traductor Gargallo, expondo este lugar, porta-se com certo ar amphibológico, pois que se-explica assim:

Ciò che m'offri cosi, discredo, e abborro.

Boileau, não se-querendo involver na questão, e só como imitador, diz judiciosamente:

Mais il est des objects, que l'art judicieux
Doit offrir à l'oreille, et reculer des yeux.

Vejamos agora como se-explana Mr. Corneille a este respeito no seu primeiro Discurso sôbre o Poema Dramatico: — Não é verosimil, (diz elle) que Medéa mate seus filhos — que Clytemnestra assassine seu marido — que Orestes apunhale sua mãi — mas a historia assim o-diz, e a representação destes grandes crimes não acha incredulos. — E, na respectiva nota a ésta verdade, dizem os Commentadores do mesmo Corneille: — Todos sabem, que estes horriveis acontecimentos não são muito communs, mas nem por isto estão fóra da verosimilhança, em um excesso de furor, em que o homem perde a cabeça, e está fóra de si. Estes crimes fazem recuar de horror a natureza, e com tudo elles estão na mesma natureza; e é por isto, que convém á Tragedia, que só quer a verdade, mas uma verdade rara e terrivel. — Antes que passemos mais adiante, permittão-nos os interpretes apologistas do virtuoso coração do homem, animal que traz ligada a sua subsistencia e conservação á destruição dos outros animaes, que exclamemos aqui com Raynal, no Cap. de La Tirannie, pag. 112: = Oh! combien l'homme est méchant, et combien l'homme le serait encore davantage, s'il pouvait avoir la conviction que ses forfaits seront ignorés! — E que diremos dos hipócritas! Boileau, supra citado, pretendia, que cada meio seculo, e quasi cada lustro, precisaria d'uma Comedia nova sôbre a hipocrisía; e d'Alembert dizia, que se o Pintor era digno de tratar tal materia, nenhum recêo poderia haver, de que os quadros se-assemelhassem. Tão habil é o Protheo hipócrita em mudar de fórmas! Porém muito havemos aberrado do genuino espirito desta nota; é de razão sahir já deste immenso laberinto da applaudida perfeição da natureza humana, na qual todos reconhecem, que o mais virtuoso homem é aquelle, que tem menos faltas; porque *nemo sine crimine vivit*. Continuemos pois com a carta

citatoria dos melhores philólogos a favor da nossa opinião: Mr. de Fontenelle, nas suas Reflexões sôbre a Poetica, vol. 3.º pag. mihi, 131, declara-se assim: — A importancia da acção da Tragedia (diz elle) é tirada da dignidade das personagens, e da grandeza dos seus interêsses. Estes grandes interêsses (diz logo adiante) reduzem-se ao estado de perigo de perder a vida, a honra, a liberdade, um throno, o seu amigo, ou a sua amada etc. Ordinariamente se-pergunta se a morte de qualquer personagem se-faz necessaria na Tragedia; uma morte é sem dúvida um acontecimento importante, mas muitas vezes ésta serve mais á facilidade do desenvolvimento, que á importancia da acção; e o mesmo perigo da morte produz ás vezes igual effeito. (Já se-vê, que não prohibe as mortes em scena, não sendo atrozes) e diz mais abaixo: = A verdade não é bastante para desafiar a attenção do espirito; precisa-se d'uma verdade pouco commum. Todos conhecem as paixões dos homens até certo ponto, para lá deste é um clima desconhecido á maior parte da gente, onde todavia muitos curiosos desejarião fazer seus descobrimentos. Quantas vezes as paixões produzem effeitos implicados, e consequencias, que raras vezes acontecem, ou que, quando estes se-offerecem, não achão observadores assás habeis! Basta, que éstas paixões sejão extremas para nos-serem novas; pois que, quasi sempre, as que observâmos são mediocres. Onde estão os homens perfeitamente amantes, ambiciosos, ou avároa? Nós em nada somos perfeitos, nem ainda mesmo no mal. = E, poucas linhas mais adiante, continúa assim. = Tudo o que na sua especie é raro e perfeito não póde deixar de desafiar a nossa attenção; por isto convém sempre pintar os caracteres em um gráo elevado; nada de mediocre, nem virtudes, nem vicios. O que faz grandes as virtudes são os grandes obstaculos, que ellas ven-

cem. = Os vicios (conclúe elle) tambem tem sua perfeição. Um semi-tiranno será insoportavel em scena; mas a ambição, a crueldade, a perfidia, elevadas ao mais alto ponto, tornão-se grandes objectos. Ha uma certa arte de ataviar os vicios, e de lhes-render um ar de nobreza e de elevação. = Até aqui Mr. de Fontenelle.

Do que fica exarado podêmos inferir, que este erudito escritor, assim como os que o-precedêrão, não dizem, que Horacio prohiba que se-commettão mortes em scena, nem elles mesmo as-prohibem; antes pelo contrário nos-dizem, que as personagens d'uma Tragedia devem ser de um caracter aterrador, não receando por isto achar incredulos. Mas tornemos outra vez a consultar os Commentadores de Corneille sôbre este mesmo objecto: = Nós desejariamos (dizem elles na 2.ª dissertação sôbre a Tragedia, pag. mihi, 460) que Horacio em lugar de dizer — *incredulus odi* — houvésse dito — *aversor et odi.* — (Estes, *more pecudum*, tambem traduzirão os dous termos juntos) porque o assumpto destas peças sendo conhecido, e admittido por todo o mundo, e a fábula passando por uma verdade, o espectador não póde ser *incredulo*, mas sim elle se-inquieta, foge e desmaia á vista do espectaculo horroroso das figuras de duas crianças trespassadas por um espeto, e postas a assar. Do mesmo modo a metamorphose de Cadmo em serpente, e Progne em andorinha sería d'uma tal difficuldade na sua execução, que, por melhor que corresse, se-tornaria tão pueril e ridicula, que só poderia servir de divertimento a crianças ou a velhas tontas. = Vamos de acôrdo com o Barão de Bielfeld, quando no seu Tratado de Erudição Completa, Tom. 2.º pag. mihi, 98, nos-diz que = na Tragedia o horroroso, o atroz, o cruel não devem occupar o lugar do pathético, do sensivel, e do triste = e é por isto que detestâmos a

exposição dos quadros de Medéa, e Atrêo, lembrados por Horacio; mas nem todas as mortes se-fazem com espantosa atrocidade. Para corroborar mais a nossa opinião, de que o Poeta não prohibe se-possa ensanguentar a scena, deveremos lembrar-nos, que elle daria baldadamente um tal preceito aos romanos, no tempo em que estes se-deleitavão vendo derramar o sangue dos gladiadores, que algumas vezes erão Patricios, e Cavalleiros, e não sempre Escravos, como alguns falsamente presumem; assim como igualmente applaudindo um ûrso ou um leão, despedaçando um infeliz captivo. A generosa retribuição do Leão de Androclo, ou Androdo, no Imperio de Caligula, ainda está impressa em nossa memoria. Vejamos pois o que, em abono desta asserção, diz o Abbade de Condillac, no 7.º vol. da sua Historia antiga, pag. mihi, 555, fallando da Poesia dos Romanos: = Tanto as circunstancias (diz elle) erão favoraveis ao progresso da Poesia Dramatica entre os gregos, quanto ellas erão contrárias aos romanos, logo que principiárão as representações dramaticas em Roma. O povo nada tinha visto ainda, que lhe-podesse dar a idéa d'um poema regular e bem escrito; e é por isto, que pouco apreço fez das Comedia de Terencio. A sua insensibilidade subia a tal ponto, que, no meio das melhores scenas pedia um urso, athelétas, ou gladiadores. = (Deve aqui notar-se, que Horacio diz isto mesmo na Epistola 1.ª do Liv. 2.º, vers. 185. —

media inter carmina poscunt
Aut ursum, aut pugiles: his nam plebecula gaudet.)

= Este povo (vai continuando Condillac) suspirava unicamente por espectaculos de sangue. Os romanos estavão até ali desprovidos de gôsto, e a sua paixão pelos jogos do Circo parecia impossibilital-os de o-po-

derem vir a ter; e eis-aqui a razão porque a Poesia dramatica fez poucos progressos entre elles = Até aqui Condillac. Foi no 4.º seculo, que o Imperador Honorio, por ser dotado de piedade, prohibio os espectaculos dos gladiadores; mas estes só acabárão inteiramente com o Imperio Romano.

Parece-nos ser ésta a occasião de nos-voltarmos para o Sr. Garção, honrando éstas nossas linhas com a sua erudita, ainda, que, em nosso parecer, inexacta opinião. Diz máis este insigne Poeta na sua dissertação sôbre o caracter da Tragedia, ser inalteravel regra della não se-dever ensanguentar o theatro, afirmando, que muitos, e grandes homens tinhão interpretado mal ás palavras d'Aristóteles, no Cap 11, tirando dellas a errada consequencia, de que o theatro se-deve ensanguentar para bem se-mover a terror e a compaixão; e que deste número é Mr. Corneille, que, no exame do seu Horacio, diz éstas palavras: — Se é uma regra não ensanguentar o theatro, não é certamente do tempo d'Aristóteles, que nos-ensina, que para mover efficazmente são precisos grandes desgostos, feridas, e mortes em espectaculo. — E continúa o Sr. Garção dizendo, que tanto Corneille, como igualmente outros, havião interpretado mal o texto; porque Mr. Dacier, assim como mais alguns Commentadores, o-explicão por — *mortes evidentes, e certas*; — querendo que debaixo desta expressão geral comprehenda Aristóteles as duas especies de mortes, que succedem na Tragedia, as que se-vêem, e as que se não vêem; porque uma personagem póde vir acabar de morrer no theatro, com tanto que nelle não tenha sido ferida, etc. = A este parecer do Sr. Garção é justo, que responda o sabio Poeta italiano, como acima haviamos promettido. = Corneille (diz Metastásio no seu Extracto da Poetica d'Aristóteles, Cap. 11) define as palavras d'Aristóteles em — mortes á

vista de todos, mortes em espectaculo. — Heinsio: — mortes que se-expõe ao público — *Mortes quæ palam exhibentur*; — e quasi pelas mesmas palavras todos os mais interpretes. Mas Dacier insiste, em que Corneille entendêra mal o texto, e que as palavras d'Aristóteles signifiquem — as mortes que o espectador claramente comprehende, que tiverão lugar n'outra parte, ou que succedem, mas que o público não vê. — Porque d'outro modo, segundo elle crê, Aristóteles se-opporia á prática dos gregos de não ensanguentar a scena. Esta regra de não ensanguentar a scena (vai continuando Metastásio) que se-pretende fundada na prática dos gregos, precisa para mim de muita explicação. Eu não a posso entender em o seu sentido litteral e positivo, porque effectivamente não iria de acôrdo com a prática dos gregos, citada pelo mesmo Dacier. Pergunto, acaso não se-ensanguenta a scena quando Eschylo prega vivo Prometheo a um rochedo da Scythia, por mando de Jupiter? Não se-ensanguenta acaso a scena quando Sophocles nos-apresenta o Oedipo no theatro, havendo arrancado os olhos a si proprio naquelle mesmo momento, gotejando ainda sangue quente, tendo o rosto, o peito, e mãos banhados e immundos d'aquella recente carnificina? Não se-ensanguenta acaso o theatro, quando se-vêem em scena a mulher e os filhos de Hercules cobertos de golpes mortaes, que descarregára sôbre elles o braço deste, e ainda palpitantes? Não se-ensanguenta, em uma palavra, quando Ajax abandona o peito sôbre a espada núa, que para esse mesmo fim havia voltado com os cópos para o chão? Embora os críticos se-afadiguem quanto quizerem para embaraçar que Ajax se não assassine á vista de todos, (figurando-o em um bosque) pois nem por isso poderão absolutamente negar, que são dilatadissimas as scenas, que depois do golpe se-representão em tôrno delle ferido e

visivel; pois que sua Esposa Tecmessa, seu Irmão Teucro, e todo o côro, lidão anciosos, e apinhados o-rodeião, o-encobrem, o-descobrem, e trabalhão instantemente por levantal-o d'aquelle lugar, que está patente, e sempre o mesmo. Tal regra não póde tambem deduzir-se do preceito de Horacio, *que só prohibe se-exponhão em scena cousas horrorosas, e portentos incriveis*; pois que o motivo desta prohibição não é a effusão de sangue, mas o abuso da crença do povo. Tambem se não póde entender metaphóricamente, como se o uso de morrer na scena fosse condemnado pela prática dos gregos; porque Alceste ali morre muito lentamente, e no Hippolito termina a Tragedia com o seu ultimo suspiro. — Se finalmente se-pretende, que por ésta lei de — não ensanguentar o Theatro — seja sómente permittido mostrar uma personagem, que corre a uma morte certa; fazer que se-oução as suas ultimas palavras, e conduzil-a outra vez á scena, mortalmente ferida, e morrer ahi mesmo; se assim o-quizerem, e que a prohibição tão sómente verse sôbre o acto de dar ou receber, á vista do povo, um golpe mortal, como Dacier deseja, que se-entenda; além dos exemplos, que se não podem impugnar do Ajax e do Prometheo, oppostos ao seu parecer; eu não posso descobrir o motivo d'uma tal prohibição, e especialmente entre os gregos, que procuravão com o maior desvelo as mais funestas, e tristes situações para fazer espectaculo. Presumo (conclúe Metastásio) que as palavras d'Aristóteles — mortes na scena, ou patentes — podem optimamente significar a exposição dos cadáveres, de que os tragicos gregos se-guardavão bem de fazer uso nos seus theatros. = Parece-nos, que a éstas ponderosas razões de Metastásio nada ha a oppôr, nem a accrescentar; comtudo dirigiremos duas palavras mais ao Sr. Garção. Diz mais este egregio Poeta, na sua já citada dissertação, só com o fim de

dar maior fôrça ao seu parecér, o seguinte: = Ésta regra, de não ensanguentar a scena, os francezes a-recebêrão e adoptárão, e a-defendem com a prática e com a doutrina. = Eis-aqui uma asserção mais, substancialmente falsa, principalmente pelo que diz respeito á adopção e prática dos tragicos francezes; para prova do que consultemos os melhores, e sejão estes Racine, Corneille, Voltaire, Crebillon, La Motte, Arnaud, o anonimo autor da Vestal, traduzida por Bocage, pondo de parte outros muitos, que seria prolixidade mencionar: Em Racine, posto ser aquelle, que mais evitou apresentar mortes em scena, no seu Bajasseto, mata-se Atalida aos olhos de todos. Na Medéa de Pedro Corneille imitada, de Seneca, e que se-diz ser a melhor peça do tragico latino, apezar da morte que nos-apresenta em scena, mata-se Jason. No Cesar, do mesmo, corre Cesar a scena, sendo alvo das punhaladas, que ali mesmo recebe da mão dos conjurados, e cahe ao ultimo golpe dado por Bruto. Nos Scythas, de Voltaire, Obeida crava o punhal em si, e cahe de meio corpo sôbre a ara. Na Zaíra, do mesmo, é ésta morta em scena pelo Sultão, e este mata-se depois. Na Sofonisba, do mesmo, Massinissa arranca o punhal do peito desta, crava-o em si, e morre. No Atrêo e Thyestes, de Crebillon, mata-se Thyestes. No Idomeneo, do mesmo, mata-se Idamante. Na Alcione, de La Motte, lança ésta mão da espada do seu amante, cujo cadáver as ondas trouxerão á praia, e mata-se. Na Marthesía, do mesmo, mata-se ésta em scena, e éstas mortes se-repetem n'outras Tragedias do mesmo autor. No Fayel, de Arnaud, combate Fayel com Cuci fóra da scena, mas entra depois regando o theatro com o sangue d'uma ferida, que recebêra no duello; crava um punhal em Gabriella, que se-lançou sôbre o cadáver de Cuci, e mata-se depois introduzindo o ferro pela mesma ferida,

que já tinha recebido. Na Vestal mata-se Ericia, e depois Afranio. Não fatiguemos mais o leitor com exemplos dos tragicos francezes, e vejamos como se-houve neste particular o melhor tragico italiano, e será este o grande Alfieri. Na sua primeira Tragedia intitulada Filippe, matão-se Carlos e Izabel com o mesmo punhal. Na segunda, com o nome de Polinice, um Irmão apunhala o outro. Na Rosmunda, mata-se Ildovaldo. Na Mérope, Egisto arrebata com violencia a secure da mão do Sacerdote, e mata com o primeiro e segundo golpe a Polifonte. No Saúl, lança-se este sôbre a espada núa, e mata-se. Na Agide, mata-se Agide e Agesistrata. Na Myrrha, mata-se Myrrha. No Bruto 2.º (tudo Tragedias do mesmo autor) cahe Cesar coberto de punhaladas ainda mais repetidas, que na já mencionada Tragedia de Corneille, e vê-se Bruto com a espada núa, afflicto por não lhe-poder chegar. Bastará de exemplos, e perguntaremos ao Sr. Garção se um tragico como Alfieri, assim como os já preditos, ignorariào o preceito de Aristóteles e de Horacio de não ser permittido ensanguentar a scena? Mas não se-tire do que sustentâmos a errada consequencia de que se não póde dar Tragedia sem mortes á vista de todos, pois tudo o que pretendemos provar é que, tanto o philósopho grego como o Poeta latino, não derão o preceito, que o Sr. Garção allega; e para mais clara intelligencia não nos-esqueçâmos que Horacio muito de propósito empregou o verbo — *trucida*, — que não significa simplesmente matar, mas sim *matar cruelmente, fazer em pedaços, em postas, tagliare a pezi*, como dizem os italianos. Faça-se distincção de mortes tragicas, e mortes atrozes; as primeiras, como já acima dissemos, concorrem para o desenvolvimento do Drama, e influem na moral, pela violencia, e apêrto com que são feitas; e as segundas preparadas até ás vezes muito de-

vagar, e quasi a sangue frio, longe de se-tornarem admissiveis, e uteis, indispõe, e tornão-se dignas do maior odio, pela sua barbaridade. Horacio, como já deixâmos dito, bem sabía, que os romanos suspiravão por espectaculos de sangue. Quem desejar informar-se das crueldades, que se-praticavão entre os Gladiadores nos espectaculos do amphitheatro lêa, o que diz o Abbade Dubos, nas suas reflexões críticas sôbre a Poesia e Pintura. Parte 1.ª Sec. 2.ª, Nores, que de certo não foi da opinião do Sr. Garção, lembrado deste preceito do nosso Poeta, diz: = Tria igitur tantummodo referenda, non autem agenda in scena, quæ terribilia sunt, et miserabilia, quæ fieri non possunt, et quæ obscœna sunt. = Que equivale a dizer: = Ha só tres cousas, que se-devem referir, mas nunca praticar em scena, que vem a ser as atrozes e miserandas, as inverosimeis, que se não podem executar de maneira, que illudão, e as obscenas. = Perdoe-nos o Sr. Nores, mas o que é obsceno não se-deve praticar em scena, nem tão pouco referir. Comtudo, não se-deve tirar d'aqui a falsa e seguida opinião, de que as Tragedias tenhão sempre um fim triste e lacrimoso, porque em algumas de Euripides vemos o contrário, assim como n'outros Poetas.

(189) *Neve minor etc.* = Aristóteles nem uma só palavra disse ácerca da divisão dos actos, pois, como refere Metastásio, nenhum dos tragicos gregos conheceo o nome de acto. Horacio diz, que devem ser cinco precisos, nem mais, nem menos. É verdade, que os latinos, como affirma o mesmo Metastásio, forão os inventores desta divisão, que Horacio de nenhum modo quer seja arbitrária, como se a perfeição d'um Drama dependesse do número, e extrinseca divisão dos actos; mas estes mesmos latinos, como observa o Poeta italiano, chamavão ultimo acto de um Drama

ora o terceiro, ora o quarto, ora o quinto. O que presumimos recommendar Horacio, neste exterior preceito da construcção e belleza d'um Drama, é que o Poeta tenha em vista não só o cómmodo do público, como tambem o costume em que está do tempo que usa dedicar a estes espectaculos, como já dissemos; pois assim como, sendo menor, lhe-daria pela surpreza um prazer incompleto; de igual modo, sendo maior, lhe-causaria aborrecimento e cançasso, mas não divertimento; porque o espirito, como o mesmo Poeta diz no verso 360 desta epistola, não póde estar sempre attento em uma obra longa: = *Verum opere in longo fas est obrepere somnum* = Ora fallando Horacio tão escrupulosamente da divisão dos actos, nem uma só palavra diz pelo que respeita á unidade de lugar e de tempo; tendo-se repetido, e cançado tanto com a unidade d'acção relativa á Tragedia, assim como á Epopéa. Nem igualmente faz menção dos livros ou cantos, que deverá ter ésta ultima, mas deixa o número ao arbitrio do Poeta. Verdade é que a duração da Epopéa é muito maior que a da Tragedia, porque ésta segunda representa um vivo e violento combate de paixões, e como tal não póde ser de grande duração; e por isto Aristóteles lhe-dá o espaço d'um dia; quando pelo contrário a primeira nos-offerece uma acção extraordinaria, praticada por um heroe conhecido, perseguido por algum Deos, e protegido por outro, ou outros, levando ao fim a sua empreza, apezar dos muitos e variados obstaculos; pois que todas éstas grandes e frequentes opposições, que o Poeta relata constituem os episodios, que nascendo do fundo, e coração da fábula, se-aparentão, se-ligão por tal maneira com ésta, que compõe um todo, ao qual nada deve faltar, nem sobejar. Nas composições Dramaticas, ou fossem Tragicas, ou Comicas, alguns mestres davão por preceito, que o Drama não só deveria cons-

tar de cinco actos prefixos, mas até que cada acto teria doze scenas. Entre os Poetas modernos vemos alterada ésta jocosa regra, tanto pelo que respeita ao primeiro como ao segundo ponto, pois que lemos Dramas comicos d'um acto até seis e mais, como se-poderá ver no theatro de Kotezebue, e de outros Poetas dramaticos.

(191) *Nec Deus intersit, etc.* Posto que o Lusitano appellide este preceito summamente importante, e não se-reconheça essa importancia summa, cotejando-o com outros desta mesma poetica, devo confessar, que é este um lugar, que não entendo como desejava, e isto talvez porque o Poeta nos não quiz dizer o resto, não ignorando o quē Aristóteles expõe a este respeito na sua Poetica, Cap. 16. Lidão em persuadir-nos todos os Commentadores, que Horacio quer dizer neste preceito pouco mais ou menos o seguinte: = Poeta tragico, poupa-te o mais, que podéres a recorrer a meios extraordinarios, e sobrehumanos, implorando o soccorro d'alguma Divindade, para que ésta desça em máquina a desatar o nó, salvo se a intriga, isto é, se o enredo fôr tal, que de nenhum modo se-possa solver bem sem este auxilio Divino. = Eis-aqui o que nos-parece, que o Poeta não disse, nem é possivel que dissesse; pois que com ésta porta aberta, o Poeta dramatico, tanto tragico como comico, que deve lidar por conduzir prêsos, incertos, e suspensos os animos do auditorio até á final solução do enredo, intrigaria de tal geito a fábula, que, se alguem ousasse dizer-lhe = Enredaste bem, mas não sei como sahirás airoso dessa complicada intriga; pois que, similhante ao ladrão habil, deverás não ter só estudado os meios engenhosos de consummar um roubo, mas tambem como o mais principal, a maneira subtil de sair a salvo, e sem desar. = Elle responderia

logo: = O grande caso foi trazel-a até aqui; tenho recursos, que me-são permittidos, e posso intrigar a meu modo; farei baixar uma Divindade quando me-veja constrangido a tanto. = Isto, que affirmão os Commentadores, é o que me-parece impossivel, que Horacio désse como preceito, porque, longe de desafiar uma invenção engenhosa e criadora, auxiliava a incapacidade esteril; pois que, para intrigar mais ou menos, até os tolos imbecis tem arte; mas para deixar sagazmente occultas na intriga certas molas de segredo, pelas quaes se-puxe a seu tempo, e se-dissolva com admiração o nó, ahi é que está a grande mão de mestre. Note-se a par disto, que o Poeta diz — *dignus nodus* — se o nó fôr digno; e quando é que o Poeta tragico deverá saber se está no caso, para podêr com dignidade invocar o auxilio da Divindade, afim de que desça a desata-lo? Metastásio, para quem sempre nos voltâmos em occasiões difficeis, parece vacillar na mesma incerteza em que estâmos, limitando-se a traduzir assim ésta passagem:

Se non lo merta il nodo
Non lo disciolga un Nume

e na respectiva nota diz assim: = Horacio não declara quaes sejão as circunstancias, que devão dar-se neste nó, para que mereça que um Nume o-desate. Aristóteles quer, que seja bastante a precisão de informar o povo das cousas antecedentes, ou subsequentes á representação, não sabidas dos homens, mas sim dos Deoses, que tudo sabem. A liberdade dos tragicos gregos, pelo que respeita a se-valerem de Divindades em máquinas, não se-acha restricta, nem ainda dentro dos amplos limites Aristotélicos: pelo que eu não sei a que lei, ou a que exemplo de autoridade me-deva unir para fazer uso das referidas máquinas, se não me-

deliberar a crer, que a grandeza, e magestade de um sugeito, e a dignidade heroica das personagens introduzidas e suppostas em especial cuidado das Divindades, sejão sufficientes a tornar análogo, proprio, e connéxo este maravilhoso com o verosimil. Até aqui Metastásio. — Mr. de Fontenelle, já por muitas vezes citado, nas suas eruditas reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi, 144, declara-se ácerca deste assumpto pela maneira seguinte. Na Tragedia (diz elle) um dos grandes segredos para desafiar a curiosidade está em fazer incerto o acontecimento; para se-conseguir este fim cumpre, que o nó seja tal, que não cause summa difficuldade na solução, e que como se-suspeite; mas que ésta mesma solução seja duvidosa até ao fim, e, se possivel fôr, até á ultima scena. Tudo aquillo, que mais aperta o nó, tudo o que o-torna mais difficultoso de desatar-se, não póde deixar de produzir um bello effeito. Até sería de desejar, se acaso se-podesse conseguir, fazer suspeitar aos espectadores, que o nó se não poderia felizmente desatar — E logo mais abaixo: — O Poeta deve conduzir, e aproximar sempre o espectador, ou leitor á conclusão, ou occultar-lha com tal arte, a ser possivel, que elle ignore aonde vai, mas que conheça que vai sempre proseguindo. A acção deve marchar com presteza; uma scena, que não seja um novo passo para o fim, é viciosa. Até aqui Fontenelle. — Copiaremos ainda mais, visto vir a pêlo, o que a este respeito diz D. Ignacio de Luzan, na sua Poetica impressa em 1737, Liv. 4.º Cap. 9 pag. 474: — En la Tragedia (diz elle) se introducian Machinas para desatar el nudo, y enredo de la fabula, en lo qual corria un abuso de los malos Poetas, (que tampoco faltaban en aquellos tiempos) que no sabiendo hallar con su corto ingenio una solucion propria, y verisimil para el enredo de su fabula, recurrian à la Machina, haciendo baxar en ella alguna Deidad,

que desatasse el nudo de la Tragedia, obrando algun milagro; pero assi Aristóteles, como Horacio, reprobaron este abuso, y assentaron por regla fixa, que no se introduxesse Deidad alguna sin muncha necessidad:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus. =

Assim se-expressa o crítico Lusan, sem que todavia nos-explique quaes serão estes casos de *muncha necessidad*, e ficariamos na mesma ignorancia escura, se nos não houvesse alumiado a doutrina de Metastásio. Attenta ésta pobreza dramatica na Tragedia, bem desejariamos ver no genero comico banidas por uma vez as mortes tão improprias de similhante composição, assim como a batida estrada dos casamentos, e que as Comedias terminassem por um encontro alegre, uma reconciliação, um rasgo de gratidão etc.; deixando estes enlaces matrimoniaes, como peripécias usurpadas ás chocarrices das Farças.

(192) *Nec quarta loqui persona laboret.* — O Poeta não prohibe, que entre uma quarta personagem em scena; mas só recommenda que, dado entre, não deverá espraiar-se em continuadas e longas narrações. Corneille, fallando das difficuldades, que tem a superar o Poeta dramatico, explica-se assim, no seu 2.º discurso sôbre a Tragedia. Nós somos, diz elle, atormentados no theatro pelo lugar, pelo tempo, e pelos incommodos da representação, que nos-véda pôr em scena muitas personagens ao mesmo tempo, com receio de que umas fiquem sem acção, ou perturbem as acções das outras. — Mr. de Brueys, e com elle D. Thomaz de Yriarte, obstinão-se em pretender persuadir-nos, que Horacio prohibe claramente, que entrem mais de tres personagens em scena, afim de evitar a confusão das vozes, e nesta persuasão é que traduzem

o predito lugar; e mostra-se tão pertinaz no seu parecer o traductor hespanhol, que o-esforça impugnando a lição de Julio Cesar Escaligero, quando este inculca o contrário, assegurando, que as autoridades, que cita o referido crítico, são colhidas das Comedias gregas, e nenhuma das Tragedias, pois que só destas ultimas é que falla o nosso Poeta. Porêm Metastásio que, nos escritos gregos, andava mais com as mãos na massa, que o interprete hespanhol, mostra evidentemente, que estes exemplos tambem se-encontrão nos tragicos gregos, bem que mais raros, e traduz assim fielmente o citado lugar:

Ne si sforzi a parlar quarta persona.

E continúa dizendo, que o sentido de Horacio neste preceito não é aquelle, que se-offerece á primeira vista, isto é, que quatro personagens não devão em uma mesmo scena fallar, antes poderá significar, que quarta, quinta, ou sexta personagem, entrando em scena, além do número de tres, *non laborent*, isto é, não se-abandonem a fallar muito. — Ésta é a interpretação de Metastásio, o qual mais ao largo se-explica sôbre este assumpto no Cap. 12, do seu extracto da Poetica d'Aristóteles; e parece ser este o sentido genuino desta passagem, que os actores não interrompão as fallas uns dos outros, nem tão pouco fiquem ociosos em scena.

(196) *Ille bonis faveatque, et concilietur amicis etc.* — Estes seis versos, em que o Poeta inculca ao côro os assumptos, que deve tratar nos intervallos dos actos, não achárão em substancia e magestade cousa, que os-possa igualar. Os Psalmos de David, rendendo, como devemos, religioso culto ao seu alto interêsse, não são por certo revestidos de mais suave harmo-

nia, e de mais edificatíva piedade. Tambem lhes não cedem nestas qualidades os da Epistola 1.ª do Liv. 2.º, em que o Poeta, fallando das mesmas obrigações do côro (veja-se como este grande mestre sabia variar a mesma doutrina) e avaliando o seu interêsse, diz com effusão de coração, verso 134;

Poscit opem chorus, et præsentia numina sentit:
Cœlestes implorat aquas doctâ prece blandus,
Avertit morbos, metuenda pericula pellit;
Impetrat et pacem, et locupletem frugibus annum.

(200) *Ille tegat commissa etc.*—Horacio, fallando das obrigações do côro, recommenda, que este *tegat commissa*, guarde segredo, mas o maior número dos Commentadores não nos-quiz declarar, que segredo será este. O Lusitano, e o Sr. Fonseca alguma cousa dizem a este respeito, principalmente o segundo; porém pouco nos-satisfazem, porque nos não põe fóra da incerteza, explicando-nos com mais miudeza em que consiste o segredo, ou que segredo seja este. O Interprete Burgos diz traduzindo.

Recate los secretos que le encargan.—E Mr. de Monfaleon diz igualmente: *Qu'il cache les secrets qu'on lui confient.*—E assim todos os mais traductores, mas sempre ambiguamente. Vejamos pois se podemos dar clareza a este enigma. O nosso Poeta deixou dito no verso 193, que o côro deverá fazer a parte d'um actor, que é o que vem a significar as palavras *Actoris partes chorus*; isto é, que pelo seu Corifêu deverá exercer o emprêgo d'um actor *officium virile*. Posto em prática assim este preceito, é evidente, que está o côro, assim como outro qualquer actor, ao facto e sabedor de toda a intriga da Tragedia, e do seu final desenvolvimento. Tenha pois toda a cautela, recommenda Horacio, em não dar a conhecer aos espectadores co-

mo se-desatará o nó; qual será a peripécia, o desfecho, a catástrofe daquella intriga, por alguma palavra que, ao acaso, lhe-possa escapar. Haja nisto toda a prudencia e cuidado *tegat commissa*, guarde o segredo. Tanto nos Dramas gregos como nos romanos o côro era composto d'um certo número de homens, mulheres e rapazes presididos pelo seu Corifêu, que era ali a principal personagem. Duas erão as obrigações impostas ao côro; uma vezes cantava pela bôca do seu Corifêu, aliás sería uma confusão insoportavel; isto é, fallava, e o côro cantava o que se-dízia, fazendo todos os coristas gestos e acções durante a representação do Drama; e outros cantavão todos, nos intervalos dos actos, versos que tivessem allusão com a materia, que se-acabava de ouvir. O Poeta falla aqui d'uma e d'outra obrigação, dizendo que o côro se-constitúa um actor, pois, como já acima dissemos, é a fôrça, que tem o *officium virile*; e que só cante cousas, que tenhão íntima relação com o assumpto, que se-trata, e que venhão a propósito, fazendo parte da mesma acção; *Quod... proposito conducat, et hæreat aptè.*

(202) *Tibia non ut nunc etc.* Nestes dezoito versos até *sententia Delphis*, explica Horacio como entre os romanos o luxo fez degenerar o theatro da sua primitiva simplicidade, dizendo que não só o theatro, mas igualmente as vestiduras scenicas, os instrumentos musicos, e até a mesma musica vocal, soffrêrão alteração, assim como o estilo dos Poetas tragicos; os quaes pretendendo inculcar-se sublimes, sentenciosos, e presâgos; degenerárão em empolados, e tão escuros, e confusos como os oraculos de Delphos. Vem a propósito copiar aqui, o que a este respeito refere o Abbade Dubos nas suas reflexões críticas sôbre a Poesia e Pintura, Tom. 3.º Sec. 10; = Antigamente, diz elle,

não se-servião para acompanhar os côros de flautas d'um volume igual áquelle das nossas trombetas, as quaes se-tornou necessario ligar com fio de latão. No theatro sómente se-usavão instrumentos de vento os mais simples, cujo corpo, ou extensão de voz, era muito limitado, pois que apenas tinhão um pequeno número de buracos. Porém pelo correr dos tempos tudo isto soffreo uma notavel mudança: em primeiro lugar o movimento tornou-se accelerado, e para o-regular servírão-se de medidas, ou compassos nunca antes usados, o que fez perder á declamação a sua antiga gravidade:

Accessit numerisque, modisque licentia maior.

Igualmente se-deo, como refere o mesmo Horacio, aos instrumentos uma extensão de voz muito maior, que aquella, que precedentemente tinhão. Os tons sôbre os quaes se-declama, tendo-se tambem multiplicado, admittem mais sons differentes na declamação, que até então não entravão:

Sic priscæ motumque, et luxuriam addidit arti
Tibicen.

Por este modo a nossa declamação theatral tornou-se tão viva, e d'uma ternura tão affectada, que o actor, que deveria declamar com mais assento, e propósito, que uma personagem sabiamente discorrendo ácerca do futuro; proclama hoje as maximas mais sábias com tanta agitação, como faria a sacerdotiza de Delphos, quando publicava os seus oraculos, assentada na sua Tripode. = Posto de parte este commento do Abbade Dubos, deveremos advertir, que a flauta nos seus principios era, pela maior parte, feita dos ossos das pernas dos gròus, e tambem de buxo, de sabugueiro e

de cana; porém delgada, e simples, sem ornato algum, e com poucos agulheiros, ou furos, *tenuis, simplexque, foramine pauco*, e por isto de pequenas vozes, pois que tendo só na primitiva quatro buracos, passou depois a nove, mas assim mesmo, *adesse choris erat utilis*. A Lira sentio a mesma alteração como instrumento, que acompanhava a Tragedia, porque constando no principio só de tres cordas, passou depois a quatro, a sete, e ultimamente a dez. O Poeta diz *fidibus severis*, lira grave, severa; porque antes não erão os versos, e os côros da Tragedia acompanhados da variedade dos sons pela multiplicidade, das cordas, como depois fôrão, o que por algum modo era olhado como repugnante á sua gravidade. Os nossos Poetas liricos chamão ainda hoje á Lira *septicorde*, de sete cordas; mas enganão-se, salvo se pretendem remontar-se aos tempos de Terpandro. Este instrumento foi inventado por Mercurio, que o-fez da casca de uma tartaruga, e por isto se-lhe-deo o nome de *Testudo*, como diz o mesmo Horacio, verso 395: *Saxa movere sono testudinis*. Deveremos ainda mais notar de passagem, que o nosso Poeta dá o epitheto de *severa* á Lira, mui principalmente por ésta se-fazer participante da gravidade da Tragedia, que acompanhava, como lêmos na Ode 1.ª do Liv. 2.º, quando diz:

Paulhum severae Musa tragediae
Desit theatris, etc.

Ora se Mercurio foi o inventor da Lira, Pan igualmente o-foi da flauta, ou frauta, a qual se-diz haver sido feita d'uma cana em que fôra metamorphoseada a Nimpha Serinx, que este Deos perseguio até ao rio Ladon. Ovidio falla deste genero de flauta na Met. 15.ª do Liv. 2.º vers. 7; e Virgilio na Est. 2.ª vers. 32 e 36, dizendo:

Pan primus calamos cêra conjungere instituit.

. . . .

Est mihi disparibus septem compacta cicutis fistula etc.

Póde pois deprehender-se do que diz Virgilio, que a flauta, mesmo no seu principio, tinha mais d'um tubo, e que estes, depois de se-introduzir o luxo, passárão a ser ligados com o oricalco.

(209) . . . . *Vinoque diurno*
Placari Genius festis impunè diebus.

Os melhores interpretes dão por certo, que os banquetes erão prohibidos de dia; e que, por ésta prohibição, os romanos principiavão a banquetear-se desde o crepusculo da noite até dia claro, em cujos convites tomava o nosso Poeta uma parte activa, tanto na lauta mesa dos Pisões, como de Mecenas, e de outros Cavalheiros. Mas ésta prohibição, já posta em rigoroso costume, mesmo entre os grandes, foi pouco a pouco affrouxando nos ultimos annos da Republica; e por este abuso o povo romano, em menoscabo das leis impunido, *impune*, começou nos dias festivos a embriagar-se a toda a hora, em honra do Genio, e com a maior publicidade. Este Genio era o Deos da natureza, da hospitalidade, e do prazer, que presidia ao temperamento de todos os viventes. Em honra pois deste Deos comião e bebião largamente, e se-entregavão a toda a qualidade de divertimentos, e excessos. Diz-se, que, a derivação de Genio vem do antigo verbo *geno*, isto é, de *gigno*, que significa gerar. Presumem alguns, que, entre estes povos antigos, *Genios*, *Penates*, e *Lares* erão todos os mesmos Deoses. Tinhão para si, que entrando o Genio dentro do homem, mal era nascido, o-defendia de todos os perigos, e assim o-tinhão na crença em que nós temos o nosso

Anjo da Guarda. Horacio, fallando das offerendas, que se-fazião a este Deos, diz na Epist. 1.ª do Liv. 2.º vers. 144, pelo motivo de conservar a lembrança da brevidade da vida:

. . . . Silvanum lacte piabant,
Floribus, et vino Genium memorem brevis ævi.

(221) *Mox etiam agrestes Satyros nudavit etc.* — Aquelles Poetas tragicos, a quem se-dava um bode por premio das suas composições, fôrão os mesmos, que depois inventárão o Drama satirico. Ésta Peça bem similhante aos nossos Entremezes, era representada no theatro grego no fim d'uma Tragedia séria, como confirma Metastásio, e os côros della erão compostos de Sátiros, afim de recrearem os espectadores com as suas bufonerias, e gracejos ridiculos. Querem alguns, que éstas Peças fossem uma verdadeira parodia, em que fallavão as mesmas personagens da Tragedia, posto que em differente estilo, e é por este motivo, que o nosso Poeta recommenda a moderação, com que se-devem haver em tudo aquelles actores, que ainda ha pouco, em materias tão graves e importantes, se-tinhão mostrado tão respeitaveis, vestidos de purpura recamada de ouro, na representação d'um Drama, posto que fosse de caracter differente. Mencionaremos agora o que Mr. de Condillac, na sua Hist. Ant. Tom. 6.º pag. 28, nos-refere a este respeito, fallando dos combates dos Poetas tragicos: = Estes combates dos Poetas tragicos, diz elle, não adquirirão celebridade senão pela septuagessima Olimpiada. Cumpria disputar o premio por uma tetralogia, isto é, por tres Peças trágicas, e uma satirica. Éstas festas, ou combates, celebravão-se aos Dionisios, aos Lenèos, aos Chitriacos, solemnidades consagradas a Baccho; e aos Panathènios, festa dedicada a Mi-

nerva. Tambem havia premios para as Peças cómicas, Musica, e Eloquencia. = Copiaremos ainda mais o que este Philólogo diz no 7.º Tom. da citada Hist. Ant. pag. mihi, 549, tratando da primeira Poesia dos Romanos: = Os Romanos, diz elle, tiverão cedo uma especie de Poesia, e ésta era uma prosa cadente, que cantavão dançando no acto de offerecer sacrificios. Parece deverem elles aos Hetruscos tudo aquillo, que a arte póde ajuntar a ésta poesia, porque os seus versos se-chamavão Fesceninos, de Fescennia, Cidade da Hetruria. Como estes cantos e éstas danças se-tornárão um objecto de emulação, aquelles que pouco se-adiantavão ficavão expóstos aos motejos dos que mais se-distinguião; e por isto os romanos se-occupárão a dar-se mutuamente o ridiculo naquella mesma linguagem, que no principio havião consagrado aos canticos dos Deoses. Insensivelmente fôrão tratando de todos os assumptos em poesia, e com tanta facilidade, que pouco talento se-precisava para fazer versos Fesceninos. Foi uso entre elles offerecer todos os annos a Céres e a Baccho as primicias das colheitas. Éstas se-apresentavão em uma bandeja, a que davão o nome de *satura*, ou *sátira*, derivado de *satur*, *cheio*, porque ali accumulavão fructos de toda a especie. Ésta palavra empregou-se depois para exprimir toda a sorte de mixtão. Não sómente se-dava este nome ás comidas compostas de muitas cousas, mas tambem ás leis, que comprehendião regulamentos sôbre muitos artigos, e por uma similhante analogia se-fez extensivo ás composições poeticas, nas quaes juntavão e mencionavão tudo aquillo, que uma imaginação grosseira é bem capaz de produzir. Tal foi a Sátira na sua origem. O motejo, que havia sido o accessorio deste poema, passou a ser o principal, e degenerou em invectivas, e calumnias. Uma Lei de doze Táboas, que condemnava á morte todo aquelle,

que houvesse composto versos contra a reputação d'algum cidadão, faz ver até que ponto havia subido este abuso pelos fins do terceiro seculo. =

(234) *Dominantia verba.* = É o que nós entendemos por chamar ás cousas pelos seus nomes proprios, sem circunlocuções, sem translações, nem metáphoras.

(240) *Ex noto fictum carmen sequar etc.* O maior número dos illustradores desta Epistola, chegando a este lugar, copião-se á porfia, assegurando que o Poeta inculca, que o argumento do Drama satirico deve ser tirado de Historia conhecida; e tanto o Sr. Lusitano, como o Sr. Fonseca espraião-se para este fim em persuasivas notas. Temos para nós, que Horacio não falla com restricção só do argumento do Drama satirico, mas sim em geral; dizendo, que as ficções dos Poetas, como imitadores da natureza, devem seguir o que presenciâmos, com os nossos olhos; isto é os usos, os costumes, e os differentes caracteres, que são conhecidos por todos como naturaes; aliás serião éstas mesmas ficções umas extravagancias disparatadas, que se não dão na natureza; e parece ampliar este preceito geral especificando logo a propriedade, com que se-devem haver os Sátiros em scena, nas maneiras de se-expressarem.—*Sylvis deducti caveant, me judice, Fauni etc.* Ainda que ha lugares nesta Epistola, que podem ser differentemente interpretados, parece que neste passo o Poeta nos-conduz tão naturalmente, que não lhe-podemos dar outra interpretação. Mr. de Brueys, que tanto se-cançou em illustrar ésta Epistola, seguio ésta mesma lição, que nós seguimos, dizendo francamente, sem descobrir misterio algum neste preceito: = *L'on prend un si grand plaisir de voir que les fictions des Poétes suivent la nature des choses,*

que l'on connaît, que tout le monde s'imagine d'abord qu'il n'est rien de plus aisé que d'en faire autant; cependant ces graces naturelles sont d'autant plus difficiles á imiter, qu'elles paraissent aisées à ceux qui ne connaissent pas ce qu'elles coûtent, et qui d'ordinaire, après avoir bien sué et bien travaillé pour y parvenir, s'en trouvent bien éloignés etc. =

O insigne Metastásio segue uma opinião muito differente, dizendo, que o Poeta não trata aqui do argumento do Drama satirico, mas sim da locução, que é propria d'aquella especie de Tragedia, e traduz assim o predito lugar: =

Di note voci i versi miei formati
Vorrei così, che conseguir l'istesso
Speri ciascun; ma se l'istesso ardisci
Sudi, e s'affani in van. Tanto han di forza
L'ordine, l'union: tanto he di nuovo
Splendor capace ogni comuni oggeto!

O Padre Thomaz d'Aquino, o illustre editor de Camões, applaude e segue a interpretação de Metastásio, dizendo que já assim havia entendido este lugar, e que ésta é a sua intelligencia a mais genuina, verdadeira e absoluta; mas como Metastásio assegura não haver lido em interprete algum a exposição desta passagem da Poetica, pelo modo que elle a-apresenta, copía o mesmo Padre Thomaz a interpretação de Francisco Sanches Brocence, applicada a este lugar, a qual é summamente longa, afim d'abonar ainda mais a certeza, em que sempre esteve, da errada intelligencia, que todos os Commentadores davão a este preceito. Pelo que nos-respeita, temos algumas razões, além das já referidas, que nos-obstão a seguir cégamente a decidida opinião dos tres eruditos interpretes. Horacio no verso 46 desta Epistola já fallou

em geral da elocução, isto é da sagacidade com que o escritor, seja épico ou tragico, se-deverá conduzir, dispondo e collocando os termos usados e conhecidos por tal modo e com tal arte, que respirem certo ar de novidade, afim de tornar energica e magestosa a frase; poupando-se assim á liberdade, aguarentadamente concedida, de innovar termos, da qual só se-deverá valer em summa urgencia. Ora nesta disposição, ou arranjo dos termos, a bem da locução, é evidente que devem entrar as metáphoras, as circunlocuções e outros trópos. Além disto, do verso 225 por diante torna o Poeta mui particularmente a dizer, que, se por acaso escrevesse Dramas satiricos, faria uso de termos cobertos, isto é de metáphoras, de translatos e outras figuras; que não usaria das palavras sem ornato, chamando as cousas pelos seus nomes proprios, afim de não cahir no estilo baixo, grosseiro, e até obsceno, que offende os ouvidos dos homens de bem, e até os d'aquelles mesmos, que taes não são:

Non ego inornatá; et dominantia nomina solum,
Verbaque, Pisones, Satyrarum scriptor amabo etc.

Deverá notar-se mais que, quando Horacio no verso 46 recommenda ao Poeta e ao Orador, que usem da subtil e sagaz disposição dos termos já usados, limita-se a dizer: *Dixeris egregie*, isto é, fallarás optimamente, será bella a tua locução, e nada mais. Ora o nosso autor, como já observou o Commentador Nores, em preceitos de maior consideração e pêso, emprega o verbo *audeo*, como se-lê no verso 125:

Si quid inexpertum scenæ committis, et audes
Personam formare novam etc.

E neste mesmo lugar, que estâmos illustrando, e que

os tres eruditos interpretes querem, que se-refira á locução do Drama satirico, torna o Poeta a repetir:

Sudat multum, frustraque laboret
Ausus idem etc.

Á vista do que fica exarado não nos-podêmos resolver a acreditar, que Horacio avalie em tanto a destreza de empregar algumas figuras na locução, que pinte ésta difficuldade por tão estranho modo; e éstas objecções são as que nos-obrigão a não seguir neste lugar a engenhosa interpretação de tão grande mestre, qual é Metastásio; ainda mesmo, que o Poeta fallasse strictamente d'aquellas figuras, que Longino no seu Tratado do sublime Cap. 15 diz serem só excellentes, quando vão por tal modo encobertas e disfarçadas, que se não dão a conhecer por figuras.

Finalmente todo o motivo desta controversia nasce, em nosso fraco entender, de Horacio haver enxerido ou, para melhor nos-explicarmos, encravado estes quatro versos na ordem dos preceitos, que dá para a locução do Drama satirico, a que o Padre Thomaz chama *interrupção extemporanea*, que de nenhum modo póde admittir, não se-lembrando este Commentador, que Horacio tem certo pendor para éstas interrupções a que chama *extemporaneas*, como já lhe-notou o mesmo Padre, applaudindo a grande obra do Petrini, como já notou o nosso illustre Garção, e que a cada passo se-encontrão nas suas obras, quando se-lêrem com attenção.

O Abbade Dubos, que por certo não achou a tal *interrupção*, de que falla o interprete portuguez, lembrando-se desta passagem, limitou-se a copial-a assim: = *On sue vainement, quand on veut trouver des inventions du même genre, sans avoir un génie pareil á celui du Poéte dont on veut imiter le naturel et la*

simplicité. = O mesmo que Horacio diz da invenção, recommenda Mr. de Fenelon, fallando do sublime: = Eu quero, diz elle, um sublime tão familiar, tão doce e tão simples, que qualquer se-persuada, que facilmente faria outro tanto, quando bem poucos serão capazes de o-fazer. Eu prefiro o docé, o amavel ao estupendo e maravilhoso. Eu quero um homem, que me-faça esquecer, que é elle o autor, e que insensivelmente se-envolva em conversação comigo. =

(248) *Offenduntur enim, quibus est equus, et pater, et res.* = D. Thomaz d'Yriarte pretende salvar aqui o nosso Poeta, como elle presume, d'uma contradicção manifesta, e expõe assim as suas razões: = Horacio diz litteralmente — *os que tem cavallo, pai, e fazendas.* — Pelos primeiros entendi os cavalleiros condecorados com a dignidade equestre, pelos segundos os nobres ou patricios, e geralmente todos os filhos de pais conhecidos e decentes. Éstas duas classes estão comprehendidas nestas palavras — *gente bem nascida.* — Em quanto aos da terceira classe, entende-se pelos que tem fazendas, bens. Para julgar bem ou mal das obras theatraes nada faz, que os ouvintes sejão ricos ou não. Bem ao contrário, o mesmo Horacio desde o verso 325 até 332 da sua poetica assegura que, em quanto dominar em Roma o incansavel desejo de accumular riquezas, não ha que esperar versos dignos de aprêço e fama. Por conseguinte, quando o nosso Poeta cita como juizes de gôsto delicado os que tem bens ou dinheiro, toma sem dúvida a causa pelo effeito; querendo denotar aquelles cidadãos que, nascendo com proporções, tiverão meios para adqüirir uma educação regular. Traduzindo pois assim o mencionado verso: — *De gente bem nascida e bem criada* — dou a devída intelligencia ao texto, e evito a contradicção em que incorreria Horacio se não o-interpre-

tasse por este modo. = Até aqui D. Thomaz d'Yriarte.

Parece que estes expositores, aliás distinctos, se-limitárão a ler unicamente ésta Epistola, e se não derão ao trabalho de avaliar todas as obras do nosso Poeta, porque de certo toparião com muitas destas, a que elles chamão, *contradicções*. Quando nos-démos ao trabalho de escrever ésta Parafrase, foi nossa primeira intenção dar-lhe o titulo de — Horacio commentado por si mesmo, — como já dissemos no prefacio desta obra, pois ainda não encontrámos um Commentador de Horacio, que seja mais claro e melhor que Horacio. Elle, mais aqui mais ali, repete as mesmas maximas e sentenças, mas envolvidas engenhosamente em um certo véo allegorico, que parecem novas, e encantão. Elle ora se-inculca (e com razão, porque se-sente) como Poeta inimitavel, ora diz que não faz versos; mas que fará as vezes da pedra de amolar; ora já cançado de tanto mentir, confessa elle mesmo que mente, quando affirma que os não faz, e que antes de raiar o sol já o-ouvírão pedir tudo o que se-lhe-torna preciso para os-escrever. Pondo de parte éstas reflexões, poderiamos adiantar, que o nosso Poeta parece mostrar-se contradictorio no verso acima dito, quando na Epistola 1.ª do Liv. 2.º já por vezes citada, nos-diz verso 186, que não só a plebe baixa se-recrêa com cousas extravagantes, e ridiculas; mas que tambem nos mesmos cavalleiros todo o prazer já passou dos ouvidos para os olhos inconstantes, e para gôstos vãos, e cousas futeis e disparatadas:

Verum equitis quoque jam migravit ab aure voluptas
Omnis ad incertos oculos, et gaudia vana.

Note-se ainda mais, que Horacio, quando lhe-parece, rebaixa os seus conhecimentos em materias de gôsto, aos mesquinhos conhecimentos do mesmo povo, dizendo na mesma Epistola, verso 163:

Tu, quid ego, et populus mecum desiderat, audi.

(249) *Nec si quid fricti ciceris probat, et nucis emptor.* — O Poeta nesta frase dá a entender a plebe da infima relé, que applaudía todo o genero de ridicularias, como cousas proprias do seu gôsto depravado, o que torna a repetir na mencionada Epistola, que nos-serve de bom appendiculo a ésta, dizendo: *bis nam plebecula gaudet.* Com tudo o Poeta não deixa de reconhecer, que se o vulgo umas vezes faz aprêço do que é bom e justo, tambem n'outras se-engana:

Interdum vulgus rectum videt; est ubi peccat.

(258) . . . . *Hic et in Accî*
Nobilibus trimetris apparet rarus, et Ennî.

Pareceria palpitante contradicção dar Horacio o epitheto de *nobres* aos trimetros d'Accio, e Ennio, quando por outro lado os-tacha de defeituosos. O nosso Lusitano, que traduzio *nobilibus* por nobres, diz que este epitheto é de ironia, e não nos-admira que assim o-julgasse, porque tambem no verso 137, *nobile bellum,* traduzio nobre guerra. Pondo porém de parte éstas estudadas ironias, que Grifolo tambem sonhou, o termo *nobilis,* tanto n'uma como n'outra passagem, significa *notorio: Ponitur interdum nobilis pro noto.* Confirma ésta nossa opinião o mesmo Horacio dizendo na supra citada Epistola 1.ª do Liv. 2.º verso 56: *aufert.*

Pocuvius docti famam senis, Accius alti.

Mr. de Brueys, não duvidando do merecimento do Poeta Accio, traduz o lugar acima, em que o Lusitano, e Grifolo achárão ironia, nos seguintes termos: — *Le Poëte Accius,* diz elle, *pour avoir négligé ce*

dernier precépte, et pour n'avoir pas conservé au pied iambe les places que nous lui avons marquées, a laissé au sentiment de tout le monde de la rudesse et de la dureté dans ces grands et sententieux vers, que nous avons de lui.

(266) *Intra spem veniæ cautus.* — Seguimos aqui a lição de Metastásio, que é a mesma do Abbade Batteux, por nos-parecer a mais exacta. O primeiro diz: — *Senza bisogno di perdon.* — E o segundo: — *Comme si je n'avois nulle grace á esperer.* — Qualquer das duas versões nos-serve por fixar o verdadeiro sentido.

(270) *At nostri proavi Plautinos, et numeros et*
Laudavere sales.

Aqui vem já Dacier, o Lusitano, e o Sr. Fonseca com os seus decantados dialogos entre os Pisões e Horacio, dizendo que este é similhante ao que deixárão explicado em *Pictoribus atque Poëtis.* Estes interpretes, detestando os solilóquios, não se-querem lembrar, como por tantas vezes temos dito, que o Poeta tem por costume fazer éstas objecções a si, e responder com presteza. Horacio crimina sómente aqui o pouco cuidado em Plauto de limar os versos, assim como tambem alguns ditos desenxaibidos, pueris, grosseiros, e até obscenos; mas nunca a invenção, a linguagem, a engenhosa maneira de pintar os caractéres, e outras partes mais, que constituem um perfeito Poeta cómico; pois, se houvesse dito o contrário, sería apanhado em flagrante contradicção, quando diz a Augusto na sempre citada por nós Epistola 1.ª do Liv. 2.º verso 170:

. . . . *Adspice Plautus*
Quo pacto partes tutetur amantis ephebi.
Ut patris attenti, lenonis, ut insidiosi.

Ora: ainda que Horacio não estivesse intimamente persuadido disto mesmo, que exprobra, deveremos notar, que este defeito de Plauto era filho do gôsto depravado d'aquelle tempo, que o-applaudia; pois que escrevendo, assalariado para o theatro, via-se obrigado a imitar o gôsto do estilo satirico e licencioso das Comedias attelanas, só para armar ao dinheiro, comprazendo em tudo com a vontade do público pouco illustrado. Mr. de Brueys, lembrando-se deste lugar, em que Horacio é censurado, diz com indignação, = que se Mr. Blondel não houvesse victoriosamente justificado o nosso autor do que Escaligero, Lipso, e Turnebo achão merecedor de crítica nesta Epistola, sôbre o juizo, que Horacio faz dos versos e jocosidades de Plauto, elle se-viria aqui obrigado a tomar ás mãos a sua deffeza, e de lhès-fazer ver, que no tempo d'Augusto a versificação licenciosa — o jôgo de palavras, — os equivocos — e os ditos insipidos de Plauto já não estavão em voga. = O Padre Rapin, no seu Tratado da comparação de Pindaro com Horacio, explica-se assim a este respeito: — Grande multidão de críticos, diz elle, se-levantou contra o nosso Poeta, por este haver motejado o jôgo de palavras, e as chocarrices insulsas de Plauto, que já não erão do gôsto do illustrado seculo d'Augusto. Entre elles (críticos) o primeiro, já se-sabe, com o seu costumado emphase, foi Escaligero, assegurando, que ninguem haveria tão inimigo das Musas, que se não sentisse arrebatado pelos bons ditos de Plauto, e que a este respeito *Horatii judicium sine judicio est.* — Lipso diz quasi outro tanto, pois affirma, que, gostando muito das galanterias, e bons ditos de Plauto, nunca pôde ler sem se-affligir e indignar estes versos do homem de Venusa, que dizem o contrário. Turnebo falla ainda com mais acrimónia: Eu prefiro, diz elle, unir-me antes ao bom gôsto e approvação da gente de qualidade,

que n'outros tempos frequentava os theatros em Roma, pelo que respeita á estima que se-deve fazer dos bons ditos de Plauto; que ser da opinião de Horacio, homem nascido em Venusa, e filho de um Liberto. Finalmente Parrhasio diz, que Horacio só por inveja, fallára assim de Plauto. Não se-tornaria preciso (conclúe o Padre Rapin) que fizesse aqui uma longa digressão para deffender a reputação de Horacio, ella está mais que bem estabelecida desde o tempo mesmo em que vivia, no qual os ignorantes podião melhor avaliar as suas obras e julgal-as, que os mais atilados, e eruditos críticos dos nossos dias. — Assim remata o Padre Rapin a sua reflexão, como um tanto estomagado talvez contra aquelles Poetas praguentos, que, jactando-se de fazer com facilidade Odes, Elegias e outras obras excellentes (segundo elles presumem) em uma lingua morta, qual a grega, ou latina, jámais souberão compôr, no idioma patrio, que professão, uma decima, ou uma quadra, que valesse a pena de ler-se. Que dirião Pindaro e Horacio se, resuscitando, vissem tão monstruosas composições! Mas tornemos ao nosso ponto. Que Horacio só falla do metro, e graças insipidas de Plauto, é não do seu merecimento como Poeta cómico se-colhe claramente da classificação, que faz destes na sempre citada por nós Epist. 1.ª do Liv. 2.º verso 98; dizendo:

Plautus ad exemplar Siculi properare Epicharmi.

Isto é, que Plauto modelava o seu estilo pelo de Epicarmo Siciliano, que foi um Poeta grego, natural de Siracusa, coévo de Pythagoras; e fazendo o numeramento dos melhores Poetas cómicos, em que entra Plauto, diz que são estes, que os romanos só estudão, e admirão em grande apêrto de enchente nos theatros (que erão tres, e espaçosos no tempo de Augusto) des-

de Livio Andronico, que foi o Gil Vicente dos romanos, por ser o primeiro, que pôz Comedias em scena, até aos dias em que Horacio escreve. Não se-deve levar a mal, que o nosso Poeta criticasse Plauto nos defeitos, que o-merecião, para que seus discipulos se não persuadissem erradamente, (como diz Voltaire criticando as Tragedias de Corneille) que tudo era bom naquelle escritor; pois se nas suas 20 Comedias, que nos-deixou, se-admira a escolhida linguagem, e uma feliz originalidade; tambem se-depara com versos negligentes, graças sem graça, e obscenidades brutaes. Petrini menciona a semsaboria com que este Poeta para significar a palavra *fur*, ladrão, diz *homo trium literarum*; e para expressar *mendicus*, diz *una litera plus sum, quam medicus*, e outras bufonerias sem sal, nem agudeza, que parece impossivel ser do gôsto d'aquelles tempos, ou de tempo algum. Tudo o que se-póde dizer, como já mencionámos, é que este Poeta escrevia por dinheiro para os theatros, e que por este motivo, mesmo contra o que entendia, e em discredito proprio, se-unia ao paladar de quem lhe-pagava; ainda que, mesmo escrevendo assim, em que fazia o maior estudo, tambem ás vezes padecia naufragio, como o nosso Poeta diz, já se-sabe, na Epist. 1.ª do Liv. 2.º verso 175:

Gestit enim nummum in loculos demittere, post hoc
Securus cadat, an recto stet fabula talo.

Isto é que o Poeta cómico em que põe a mira é no estudo de metter o dinheiro na algibeira, quer vá a Comedia a terra, quer se-sustenha. Emfim deveremos colligir de tudo o que temos dito, que Horacio tão sómente critíca de Plauto *numeros et sales*, isto é o metro e as graças insipidas, mas não as outras partes do bom Poeta cómico, nem ainda mesmo as obsceni-

dades tabernárias, de que tambem não desgostava o Poeta Lirico. Affirmão alguns, que deixára o seguinte epitafio, o que nós, pelo seu conteúdo, não acreditâmos, salvo se por ser Vate tinha o dom do vaticinio; mas o que se-tem por mais certo, como se-lê no Diccionario Universal, é que fôra o sábio Varro, o mais sábio dos romanos quem o-compozéra:

Postquàm morte captus est Plautus,
Comœdia luget, scena est deserta,
Deinde Risus, Ludus, Jocusque et Numeri
Innumeri simul omnes collacrimarunt.

Quasi outro tanto diz Boileau de Moliére, o que não admira, porque sobreviveo a este.

(275) *Ignotum tragicæ genus invenisse camenæ.* — Horacio diz, que é fama haver sido Thespis inventor d'um genero desconhecido da Tragedia; e Quintiliano diz que fôra Eschylo. Se dermos credito a Platão no seu Dialogo de Minos, já se-representavão peças no theatro no tempo deste Principe. Já muitos annos antes de Thespis em Creta, e n'outros paizes os actores só representavão nos templos; pois que a Tragedia na sua origem era uma composição sagrada, o que bem se-deixa ver pelos hymnos dos côros, que são quasi sempre louvores aos Deoses, como em Eschylo, Sophocles e Euripedes. Finalmente, estes espectaculos estavão na primitiva ligados ás ceremonias da religião. Ora: concedendo, que havião principiado éstas por um Dithyrambo rustico, que os vinhateiros dos campos Atticos cantavão, em côro, em honra de Baccho; copiaremos aqui o que Mr. de Brueys, Moreri e outros Diccionaristas, acabando em o nosso Bluteau, na palavra *Tragedia*, dizem a respeito da sua origem; e que copiárão d'Hygino, e Atheneo: — É

fama, diz Mr. de Brueys, que um dia Icário, senhor d'uma pequena Aldêa denominada Icária, nas visinhanças d'Athenas, encontrando dentro das suas vinhas um bode, que lhe-vindimava e destruia as uvas, o-houvéra ás mãos, e matando-o, lhe-tirára a pelle, que fez encher de vento, e a-déra assim aos camponezes para se-divertirem. Era este o tempo da vindima, e como o vinho novo espiritualiza e alegra, coroando-se ésta gente rustica de pampanos, e tingindo o rosto com a lia do vinho, começou a foliar ao redor da dita pelle, ou ôdre com grosseiras danças, e saltos. Daqui nasceo, que, posto ser um simples acaso quem déra naquelle anno motivo a um tal divertimento, se-tornasse anniversario, e se-communicasse, como costume, a todas as povoações circumvisinhas. Ainda tudo isto aqui não ficou: estes mesmos aldeões disfarçados por este modo, e seguidos de innumeravel multidão, que de toda a parte concorria attrahida por similhante espectaculo, aproveitárão a occasião de ir impunemente cantar, e proferir injurias, com toda ésta comitiva, ás portas d'aquelles cidadãos d'Athenas de quem havião recebido algum máo tratamento; e Thespis então fez-se cargo da composição das canções satiricas para estes novéis actores, e os-ensinou a andar sôbre carros, afim de podêrem com mais facilidade ser transportados d'um lugar a outro. = Até aqui Mr. de Brueys. Por tanto, segundo ésta tradição da origem da Tragedia, que é a mesma, que nos-communica Horacio, poderemos presumir, que este falla da primeira fórma, que Thespis lhe-déra, pois que *dicitur invenisse ignotum genus*; e Quintiliano no melhoramento, que Eschylo lhe-déra erguendo tablado (o que só reconhece por theatro) criando actores, inventando a máscara; limpa o cothurno, os vestidos proprios e decentes, dando-lhe um estilo altiloco. Seguirão-se deste modo outros tragicos, e assim é que

se-foi aperfeiçoando, como se-observa em todas as artes. Quem pretender instruir-se miudamente nesta materia sôbre a infancia da Tragedia, lêa o que Mr. de Voltaire diz nas suas obras completas, ou no compendio, que depois se-imprimio em Genova, no anno de 1766, Liv. 4.º Cap. 1.º no artigo — Tragedia — Não será agora fóra de lugar mencionar aqui o que Mr. de Condil. diz a este respeito na sua Hist. Ant. Tom. 7.º pag. mihi, 553: = Quando estes Poetas gregos, diz elle, criárão a Tragedia, erão já passados mais de quatrocentos annos, que Homero havia aperfeiçoado a poesia épica. Neste intervallo escrevia-se em verso sôbre todas as materias, e se-criárão excellentes Poetas, mormente em o genero lirico. = Deveremos colligir de tudo o que fica dito, que por tres meios inteiramente seus foi Thespis o primeiro a dar fórma, e impulso ás representações dramaticas, carros, máscara immunda, e um actor, que cantava versos satiricos, da composição do mesmo Thespis, dando assim tempo a que o côro podesse descançar. Mas visto havermos fallado tão largamente da origem das representações dramaticas entre os gregos, daremos campo aqui ao que diz o supra citado Condil. tratando do principio destas representações entre os romanos: = Nós vimos, diz elle, que no anno de Roma 391, os romanos, na esperança de applacar a cólera dos deoses, e de fazer cessar a peste, chamárão da Hetruria Histriões, cujo prestimo consistia sómente em dançar ao som da flauta. Foi nesta época, que se-dèo principio entre elles ás representações scenicas. Da poesia dos romanos com a dança dos Hetruscos nascêrão as Peças do theatro, ás quaes se-conservou o nome de *Sátiras*. Éstas erão umas Farças informes e grosseiras, nas quaes os actores figuravão, e cantavão sem haver um plano determinado. Taes fôrão em Roma as representações scenicas até ao anno 514, em que Livio An-

drónico, Liberto, (escravo fôrro) de M. Livio Salinator, lhes-fez tomar uma fórma inteiramente nova. Todavia, elle nada pôz de sua casa, porque nada inventou. Grego de Nação, nenhuma outra cousa fez, que transportar a Roma um genero de Drama, que havia criado e aperfeiçoado a Grecia. Sem contradicção, foi elle muito inferior aos seus modêlos; e é mesmo verosimil, que uma imitação mais perfeita não tivesse um grande succésso, attenta a rudeza, e grosseria do povo romano. Seja como fôr, foi só desde então, que o theatro dêo aos romanos a idéa d'uma acção seguida e sustentada; e isto lhes-fez abandonar por algum tempo as suas sátiras. =

(277) *Quæ canerent agerentque.* = Metastásio, no Cap. 4.º do seu excellente extracto da Poetica de Aristóteles, demonstra com multiplicados exemplos de respeitaveis autoridades, tanto d'escritores gregos, come latinos, que os actores das Tragedias representavão cantando, não só em côro, mas em toda a continuação dos Dramas. Isto é, que toda a Tragedia era cantada, e corrobóra a sua opinião com as mui claras e positivas palavras do mesmo Aristóteles, Prob. Sect. 19 N.º 30 Tom. 4.º pag. 139, e traduz, em attenção ao que expõe, ésta passagem da Epistola, pelo seguinte modo:

. . . . il Dramma errante
Trasportando sui plaustri: il qual col canto,
E col gesto esprimean dipinti il viso.

Como o nosso erudito Bluteau seja muito affincado em narrar miudamente as cousas, não será mal logrado o tempo, que o leitor curioso empregar em ler no seu Diccionario a palavra *Tragedia.*

(278) *Post hunc personæ.* = Alguns expositores

desta Epistola, como Dacier, Prepetit de Grammont, o Lusitano, o Sr. Fonseca, e outros mais, querem que pelo termo *personæ* se-deva entender a máscara, de que Eschylo fôra o inventor, desprezando a de Thespis como sórdida, e impropria das decentes vestiduras scenicas. Não ignorâmos, que Eschylo fôra quem inventára a máscara aceiada, mas tambem sabemos, que Aristóteles, no Cap. 4.º da sua Poetica, diz que elle fôra o primeiro, que pozéra dous actores em scena, explicando-se assim, quasi no fim do dito Cap. *De origine poësis:* — *Ac histri onum multitudinem ex uno ad duos primus Æschylus produxit. Et ea, quæ ad chorum pertinent, minuit. Et orationem primarum partium instituit.* — Parece, que lembrar-se o nosso Poeta, como nos-querem inculcar os preditos illustradores, da máscara inventada por Eschylo, e calar os actores, que este mesmo introduzíra em scena, sendo este objecto mais importante, não é inteiramente verosimil; nem admittimos, ainda mais, a engenhosa evasiva, de que Horacio quizera muito de propósito omittir, o que já havia mencionado Aristóteles, assim como recommendar o que havia esquecido a este; porque em muitos lugares desta Epistola vemos, que o Poeta refere como seu e novo, o que já ensinára o philósopho; exemplo este que foi seguido por Boileau, principalmente pelo que respeita a Horacio, na sua inimitavel Poetica. Mas proseguindo a questão de que tratâmos, ainda que *persona* no sentido genuino signifique *máscara*, e só por translato, ou metonymia, (transnomeação) se-tome por Histrião; somos obrigados a adoptar o segundo significado, não só lembrados do que deixou dito o supra citado philósopho grego, como tambem coherentes com o mesmo Horacio, que, nesta Epistola dá sempre á palavra *persona* a significação de *Actor*, como se-lê no verso 125: *Personam formare novam*; e logo verso 192: *Nec quarta loqui*

persona laboret; e mais adiante verso 316: *Reddere personæ scit*; e na Epistola 17 do Liv. 1.º verso 29: *Personamque feret non inconcinnus utramque.* Mas suppondo que ésta nossa opinião é mal fundada, delatemos, como em desculpa, a Mr. de Brueys, que tambem quiz errar como nós na intelligencia deste lugar: = *Eschilus ensuite*, diz elle, *fixa cette troupe ambulante sur un échaffaut; inventa les personnages, le fameux Cothurne, les habits de Théatre, et, au lieu de chansons et invectives, leur apprit á réciter des vers graves et majestueux.* =

(281) *Successit vetus his Comœdia.* = Tres generos houve de Comedias: antiga, média, e nova. Na primeira, como emanada do genero satirico, de que participava, satirisavão-se as acções dos homens, designados estes pelos seus proprios nomes; por tanto nada menos era, que uma verdadeira sátira virulenta. Na segunda, erão os nomes suppostos, mas pintavão-se entre baldões e mófas os defeitos deste, ou daquelle, com certas gesticulações particulares, acções, maneiras de andar, e tom de voz, que bem deixavão conhecer ao certo de quem se-fallava. Prohibidas éstas, que até não poupavão os Magistrados, e as pessoas mais respeitaveis; appareceo a Comedia nova, na qual a fábula (a acção da Peça) e as personagens erão de pura invenção, e se-escarnecião em geral os máos costumes e os vicios, sem motejar designadamente de alguem.

(288) *Vel qui prœtextas, vel qui docuere Togatas.* O Lusitano diz, que não se-póde duvidar, que de todos os lugares desta arte, este é *o mais difficil de entender*; o que não admira, porque tem por costume valer-se ás vezes destas exagerações, como se-lê no verso 134: *nec desilies imitator in arctum*, assim como

n'outros, em cuja nota igualmente diz: = Ésta terceira cautela é certamente o *lugar de mais difficil intelligencia em toda ésta Poetica.* = Metastásio, que enriqueceo a sua bellissima traducção com eruditas notas nas passagens mais escuras e controversas, não achou ésta summa difficuldade, e sem a mais lacónica annotação a este lugar, traduzio assim:

. . . . Or l'umil toga
Usando in palco, or la pretesta illustre.

Apezar dos escarcéos, que faz o Lusitano, ésta passagem é quasi unanimemente bem entendida por todos os interpretes. *A Toga*, especie de opa, era a antiga vestidura dos romanos em geral, usada por todo o cidadão, tanto da ordem militar como civil; de modo que gente togada e romanos erão verdadeiros sinónimos: *Romanos rerum dominos, gentemque togatam.* A *Prœtexta* era outra Toga branca roçagante, que chegava até aos calcanhares, igualmente sem mangas, e que se-vestia por cima de tudo. Varro diz: *Prœtexta toga est alba purpureo limbo.* Com a differença de que ésta era só dada ás pessoas da primeira qualidade, como Senadores, Magistrados, Pretores, Sacerdotes, Augures, e aos filhos destes até á idade de 15, ou 17 annos, e ás filhas até se-casarem. Os Pretores, quando se-tratava de condemnar alguem, despião a *Prœtesta*, que era, como as outras, branca com barra, ou bordado de purpura. Quando pois éstas personagens entravão nas Comedias de caracter sério (porque ás jocosas pertencia a Toga) dava-se o nome a éstas Comedias *prœtestatas*; isto.é, Comedias heroicas, pela importancia dos actores, sem que por isto deixasse de se-dar sempre á Tragedia o titulo, que lhe-era inherente de *prœtexta*. Para dar mais luz a ésta passagem copiaremos aqui o que João Rosino diz

no seu tratado *Antiquitatum Romanarum*, Liv. 5.º Cap. 8.º fallando *de Comædia, et ejus atque Tragædia differentia*; lugar este, que não vimos citado como autoridade por nenhum dos muitos interpretes desta Epistola: = *Orta fuere*, diz elle, *genera fabularum, ab ornatu vestituve quem gererente nominata. Nam quemadmodum Græcas Palliatas a gentis veste, ita a Romana toga, Togatæ dictæ sunt Latinarum igitur species hæ: Nobiliores, quæ a personis primariis, Prætextatæ appellabantur. Erat enim prætexta Magistratuum toga, cui purpura prætexebatur.* = E no mesmo Liv. 5.º Cap. 33, torna o mesmo Rosino a dizer, citando Plin. 9: = *Toga prætexta et latiore clauo è Regibus primum usum Etruscis deuictis Tullum Hostilium satis constat.* = De tudo o que fica dito se-deprehende, que pelo termo *prætexta* se-deve entender tanto a Tragedia, como a Comedia de caracter, ou heroica, em que figuravão altas personagens, assim como por *togatas* as Peças de meio caracter e jocosas, taes como a maior parte das vinte, que nos-deixou Plauto, ou as seis, que nós temos de Terencio, em que representavão homens particulares, e gente do povo, que vestião a Toga. Nem é de crer que Horacio fallasse aqui sómente da Comedia *prætextata* e da *togata*, excluindo a Tragedia, como já houve quem assim o-entendesse, privando por este modo os romanos d'aquella glória, que lhes-havião adquirido tantos tragicos de nome, pretendendo ainda mais quem assim pensou fortalecer a sua errada opinião com haver dito Quintiliano *in comœdia maxime claudicamus*; e que por isto se-deve entender por *prætexta* Comedia de caracter sério, em que entravão pessoas de representação, que usavão deste trajo nobre, assim como por *togata*, se-deve tambem entender a Comedia da acção menos importante, movida entre cidadãos que vestião a Toga. Para responder a ésta falsa asserção

diremos, que o nosso Poeta não se-cança em dar aqui preceitos para a Comedia, mas sim para a Tragedia, e que só falla mais largamente d'aquella na sua Epistola 1.ª do Liv. 2.º, o que prova não haverem ainda os Poetas tragicos do seu tempo subido áquelle summo gráo de perfeição, em que se-achavão os gregos antigos, oque elle bem desejaria; e até, como é mais de presumir, por se-haver dado com especialidade a este ramo de poesia um dos seus discipulos Pisões. A Comedia, que nada havía sido entre os romanos, como já deixámos dito em a nossa nota 185, principiou a dar o primeiro passo regular com a presença de Terencio. Este célebre Poeta cómico floreceo 186 annos antes da era christã, pelos tempos do 2.º Africano, e de Lelio; foi elle quem dêo o modêlo pelo qual se-aperfeiçoou o gôsto neste genero. Antes de Terencio a Comedia, olhada em todas as suas partes, era assás imperfeita, e a Tragedia pouco se-elevava acima do mediocre; porém todos os mais ramos de poesia havião subido ao maior gráo de perfeição. As mesmas Comedias de Terencio, elogiado por Horacio na Epistola 1.ª do Liv. 2.º, por tantas vezes citada nestas nossas Annotações, verso 59, pela boa disposição, e sublime arte de as-urdir, não produzírão no seu tempo aquelle fervoroso effeito, que era de esperar; já pelo motejo dos invejosos, que o-accusavão de furtos feitos a Menandro, a Nevio, e a Plauto, de que elle amargamente se-queixa em todos os prólogos, já porque o povo romano, indócil, como já deixámos dito, só applaudia espectaculos de sangue; e só depois da sua morte lhes-derão aquella estima e louvores, que lhes-negárão em vida. E é bem de presumir, que as Comedias, que subissem á scena nos dias de Horacio fossem modeladas por aquellas de Terencio, mas assás imperfeitas, porque se-sabe, que, depois deste não melhorárão. Deverá tambem notar-se, que o nosso Poeta

não elogia os dramaticos romanos pelo grande adiantamento, que notava nas suas composições, mas sim por haverem deixado a quasi servil imitação dos gregos, que já então muito havião descahido do seu primitivo esplendor, e lidarem por subir á proporção que aquelles descião; e é por isto, que na sempre citada Epistola do Liv. 2.º verso 32; calando o gráo de adiantamento em que se-achavão os Poetas dramaticos, diz:

Venimus ad summum fortunæ; pingimus, atque
Psallimus et luctamur Achivis doctius unctis.

Só lhes-dá louvores por

vestigia Græca
Ausi deserere, et celebrare domestica facta.

E muito mais serião, diz o Poeta, se empregassem o tempo em limar as suas obras, mostrando-as, sem orgulho, a quem fosse capaz de as-corregir. Postas porém de parte éstas reflexões, como Horacio muito de propósito não quizesse designar a Tragedia, a Comedia heroica, e a de meio caracter pelos seus proprios nomes, mas sim pelo trajo de que usavão os actores, não será improprio deste lugar dizer alguma cousa a respeito da maneira, porque se-vestião os romanos, segundo a classe de representação em que se-achavão constituidos. Já fallámos da *Prætexta*, de que o menino Papirio, que soube engenhosamente illudir sua mãi, occultando-lhe as deliberações do Senado, se-revestia, assistindo sempre aos conselhos da republica, recebendo por ésta honra o nome de *Prætextatus*. Tambem fallámos da *Toga*, mas nesta havia differenças. A Toga ordinaria era como um capote de fazenda de lã, em fórma de semi-circulo, que se-vestia por cima da tunica. Éstas Togas variavão em distinctivos remarcaveis, tanto no comprimento como na côr e

ornatos; e tudo isto segundo o gráo de qualidade, de profissões, de idade, e de sexo. Os Senadores tinhão uma vestidura particular; porque Dion Cassio, nos fragmentos que nos-restão da sua Historia Romana, affirma, que quando Publio Clodio, sendo Tribuno do povo em 696, fez á fôrça de intrigas e de violencias, condemnar Cicero, este, na occasião de ir-se para o seu destêrro, despio o vestido de Senador, e vestio o de Cavalleiro. Todavia, o que é fóra de dúvida é, que havia ésta differença nas duas qualidades de vestiduras; que a dos Senadores, a que chamavão *latus clavus*, ou *lati-clavium*, ou *tunica clavata*, era um sáio, ou tunica, cujos botões tinhão muito maior diametro, que aquelles da tunica, que vestião os Cavalleiros; e ésta diversidade de vestido entre éstas duas ordens é quem dava tambem differentes nomes aos respectivos membros, de que se-compunhão. Porque chamavão aos Cavalleiros *Angusti-clavii* e designavão os Senadores pela palavra de *Lati-clavii*; segundo a seguinte expressão de Suetonio: *Binos Lati-clavios misit*, mandou dous Senadores. E *latum clavum dare ou adimere*, significa nos autores antigos, dar ou tirar a dignidade de Senador. Havia mais outra differença, que os Senadores não cingião a tunica, e por isto lhe-chamavão *tunica recta*, ao mesmo passo, que os Cavalleiros a-trazião cingida. Finalmente, *Latus clavus*, ou a tunica de botões largos, era uma vestidura tão honrosa, e de tanta distincção, que os Imperadores a-mandavão ás vezes, como signal de respeitosa estimação muito particular aos Governadores das Provincias, ou áquelles, que havião feito grandes serviços ao Estado. Outro signal não equivoco, que servia para distinguir exteriormente os Senadores, era o calçado, ou os çapatos de que usavão; que erão feitos em fórma de um çapato chinez, com o bico para cima, representando um — C —, por denotar a origem, que

ésta ordem pretendia trazer dos cem primeiros Senadores, que Romulo havia criado. Dizem porém, que os Tribunos do povo erão os unicos Magistrados, que não usavão destes signaes de distincção. A Toga das mulheres era differente d'aquellas dos homens, comprida como as samarras, tendo as extremidades bordadas de purpura ou de outra côr. Aquellas, que havião sido repudiadas pelos maridos por adulterio, erão obrigadas a vestir a Toga dos homens, como destinctivo. A Toga *prætexta*, como já dissemos, foi inventada por Tullo Hostilio, 3.º Rei dos Romanos, para significar gente de qualidade. Os filhos dos Patricios chegando aos 17 annos vestião no templo, em acto solemne, assistindo parentes e convidados, outra Toga, que se-denominava *Toga virilis*, a qual era toda branca, sem ornato algum.* Os noivos tambem usavão da Toga branca, como Horacio diz no Liv. 2.º Sat. 2.ª. O mesmo Poeta, na Ode 36 do Liv. 1.º, falla desta mudança da Toga, chegando á idade de 17 annos:

. . . . memor
Actæ non alio rege pueritiæ,
Mutatæque simul togæ.

Os Generáes vencedores unicamente no dia de triunfo vestião a Toga, a que se-dava o nome de *Toga palmata*, por ter palmas de purpura bordadas com muito ouro. No inverno fazião uso da *Toga pexa*, que era de fazenda de lã com pêllo, propria para o frio. Os Advogados vestião a *Toga forensis*, ao principio branca em quanto praticavão, e de purpura logo que se-distinguião na sua profissão. Levantavão ésta mais ou menos segundo os gráos do seu adiantamento. Tambem havia a *Toga pulla* ou *atra*, como vestido ordinario dos pobres, e das pessoas enojadas. *Toga vitrea* era a vestidura dos que havião commetti-

do culpas; dava-se-lhe este nome por ser feita d'uma fazenda transparente. *Toga militaris* era a dos soldados. Além destas havião outras, como *Toga picta*, *Toga rasa*, *Toga trabea*, *Toga regia etc.*

A Tunica era uma especie de camisa, na sua origem grosseiramente feita, á maneira d'um saco, por cujas aberturas passavão a cabeça e os braços. As Tunicas das mulheres erão mais compridas, e tinhão mangas; pois se-reputava signal de moleza nos homens trazer os braços cobertos. As mulheres mais recatadas cingião e subião tanto a Tunica ao pescoço, que nada mais se-lhes-via, que o rosto. Naquella parte das espádoas, que está mais chegada ao braço, havia uma fenda ou golpe, pelo qual se-deixava entrever a carne, e diz-se, que por ésta causa ellas usavão da fazenda mais ou menos branca segundo o gráo de brancura da tez do braço. O luxo, depois das contínuas guerras e conquistas, alterou e confundio tudo, tanto na qualidade das fazendas, como no feitio, fazendo-se uso das pedras preciosas, e ouro.

Como entre os Romanos havia, tirada dos gregos, uma Tragedia a que chamavão *Palliata*, diremos duas palavras ácerca do *Pallio* dos gregos, que era a mesma vestidura, que a Toga entre os Romanos. Desta vestidura, distinctivo dos gregos, muito se-tem dito, e muito pouco se-sabe, porque quasi todos os autores fallão só do *Pallium*, ornamento pontifical, que os Papas, e certos Prelados, usão por cima das vestes pontificáes, e que foi introduzido na Igreja grega pelo 4.º seculo. Os que pretendêrão tratar desta materia, remontando-se á sua origem, dizem que o Pallio era uma capa quadrada, de que usavão exteriormente os gregos por cima da Tunica, pois que nada mais vestião, ficando por este modo os braços cobertos. Uns dizem, que este Pallio descia mais do lado direito, outros que do esquerdo; alguns dizem que de dian-

te, outros que de trás, e finalmente outros affirmão, que com elle se-cobria a cabeça no tempo frio, pois que de todos estes modos o-tem figurado os Pintores, e Escultores nos monumentos antigos. Tudo o mais que se-sabe é, que os gregos mais ricos usavão do Pallio branco, por ser a côr mais natural e mais simples; e que não tinha um tamanho limitado, mas que era sempre quadrado, porém maior ou menor. Os Magistrados, e pessoas de qualidade, distinguião-se em usar do Pallio comprido, quasi a arrastar pelo chão, o que se-olhava como signal de affectação e pompa. Em uma palavra o Pallio era o vestido distinctivo dos gregos, que se-vestia por cima de tudo, e não quadrado em tanto rigor, que alguma das pontas não fosse mais ou menos boleada; isto é tudo o que se-sabe.

A Syrma dos gregos, a que alguns escritores falsamente tem chamado capa, era uma Tunica comprida, que descia até aos saltos do calçado. Os figurados Reis nas Tragedias sempre trazião ésta Tunica, o que denotava, que estes a-havião usado n'outro tempo como attributo da Realeza. Ésta Syrma era necessaria aos actores tragicos, afim de encobrir os altos cothurnos de que usavão, e por isso a-trazião varrendo o chão. As actrizes tambem vestião a Syrma nas Peças tragicas.

Não será fóra de propósito dizer aqui alguma cousa a respeito dos Dramas dos Romanos, visto que é nosso fim escrever não para os litteratos, mas só para aquelles, que pretendem saber.

Os Romanos, tratando das suas Poesias dramaticas, confundião ás vezes o genero com a especie, e daqui vem a causa porque alguns escritores se-tem a cada passo enganado com a sua competente classificação. Vejâmos agora se lhes-podêmos dar a verdadeira ordem, cingindo-nos ás illustrações dos melhores interpretes. A Poesia dramatica dos Romanos dividia-se

em tres generos, que se-subdividião em muitas especies. Estes tres generos erão a Tragedia, a Sátira e a Comedia. Os Romanos tinhão Tragedia de duas especies. Aquellas, cujos costumes e personagens erão gregos, chamavão-se *Palliatæ*, porque nellas se-servião da vestidura, e calçado grego, quando as-representavão. As Tragedias, cujos costumes e personagens erão romanos, chamavão-se *Prætextatæ*, ou *Prætextæ*, porque igualmente se-apresentavão os actores em scena com o trajo de que usavão as pessoas de qualidade em Roma. E isto se-observava tanto nas Tragedias como nas Comedias sérias; restando-nos apenas das primeiras uma com o titulo de Octavía, que passa debaixo do nome de Seneca, assim como outras que lhe-attribuem a Medea — o Hippolyto — a Troade, — a Thebaida etc. e não ignorando todavia, que os romanos escrevèrão um grande número destas Peças, taes como o Brutus, e o Decius do Poeta Accio, de cujas obras apenas nos-restão alguns fragmentos dados á luz por Roberto Estevão e outros, nas suas collecções.

A Sátira era uma especie de Pastoral, que alguns interpretes dizem se-representava entre a Tragedia e a Comedia. Nada mais sabemos a este respeito.

Tanto a Tragedia, como a Comedia se-dividião, no seu principio, em duas especies: a Comedia *grega*, ou *Palliata*, ou *Crepidata*, e a Comedia *Romana*, ou *Togata*. A Comedia *Palliata* (pelo dizermos outra vez) era composta pelos romanos, porém como a fábula era grega, os actores tomavão o trajo de que usava a Nação, que representavão, que era o *Pallium*, *et crepidæ*. Na *Togata* ordinariamente se-admittião simples cidadãos, cuja vestidura, como já fica dito, se-chamava *Toga*; e isto mesmo, pelo que respeita ao trajo costumâmos nós ainda hoje praticar nos nossos theatros, até remontando-nos ás épocas em que

tiverão lugar as acções historicas, que memorâmos em scena.

A Comedia Romana subdividia-se tambem em quatro especies, que vinhão a ser: a *Togata*, propriamente dita, a *Tabernaria*, as Peças *Attelanas*, e os Dramas *Mimos*. Os Dramas de primeiro caracter erão, como já dissémos, muito sérios, porque nestes entravão pessoas de qualidade, e é por isto, que se-lhes-dava o nome de *Prætextatæ*. Os de segundo caracter erão algum tanto menos sérios, e o nome destes se-derivava do termo *Tuberna*, que significava um lugar de reunião, a que concorrião pessoas de differentes classes na sociedade, e nestas Peças se-desempenhavão caracteres diversos, segundo suas profissões. As *Attelanas* erão umas Peças de baixo cómico, comparadas com pouca differença ás ordinarias Comedias italianas. Éstas versavão sempre sôbre puras bufonerias, e chocarrices. O actor quasi nunca se-ligava á parte, que deveria ter estudado; dizia tudo quanto lhe-lembrava de ridiculo afim de provocar applauso. Éstas Comedias erão de sua natureza summamente jocósas, tanto pelo enredo da acção, como pela linguagem; pois derivando-se o nome destas de *Attela*, cidade de Campania, não erão escritas na pura linguagem vernacula, ou latina, mas sim no idioma *Osco*; porque no Lació se-fallava puramente o latim; e é por ésta causa que as-comparámos com as Comedias italianas, lembrados d'algumas do facéto Goldoni, escritas neste genero, assim como d'outras do theatro francez. Todos estes actores cómicos, como já temos dito, usavão d'uma especie de calçado a que se-dava o nome de sóccos. Os cothurnos erão só dados a personagens trágicas. Os Dramas Mimos erão como as nossas farças mais grosseiras, e os actores representavão descalços. É tudo quanto se-sabe a este respeito.

(288) *Docuere.* = O Abbade Batteux diz, que este termo significa propriamente dar o Drama aos actores para se-representar; e Mr. Gaullier sustenta, que os Romanos, fallando da fábula dramatica, se-servião desta expressão — *ensinar fábulas.* — Nós preferimos ésta segunda opinião, que Mr. Gaullier diz ser sinónyma de — *representar um Drama*; — pois se este nada menos é, ou deve ser, que uma lição de moral, então muito bem lhe-accomóda o termo *docet.*

(294) *Præfectum decies non castigavit ad unguem.* — Mr. de Monfalcon, parecendo não admittir aqui a metáphora tirada dos escultores, traduz assim ésta passagem: — *Désapprouvez*, diz elle, *un poëme, que n'auront pas chatié et repoli les doigts du poëte rogné dix fois jusqu'á l'ongle, de nombreuses ratures pendant de longues veilles.* —

(295) *Misera arte.* — Não arte miseravel, como traduz o Lusitano, mas sim laboriosa, que dá cançaço, fazendo esforços penosos, como entendeo o Abbade Batteux.

(296) *Excludit sanos Helicone Poetas.* — Poeta bom e flegmatico, julgâmos ser ente, que nunca existio, nem poderá jámais dar-se; mas sim inquieto, fogoso, ardido. Horacio, na Ode 4.ª do Liv. 3.º chama a Poesia loucura aprazivel. — *An me ludit amabilis insania!* Cicero igualmente diz: — *Sæpe audivi Poëtam bonum neminem existere posse, sine quodam afflatu quasi furoris.* Mas uma cousa é ser louco, e outra possuir um engenho desenvolto (como lhe-chama o nosso Filinto) ardente e criador.

(298) *Balnea vitat.* — Tanto os gregos como os romanos prezavão muito o aceio, basta que nos-lem-

bremos do grande uso, que fazião dos banhos. Aristóteles diz, que o aceio é uma meia virtude, e entre nós, Adisson, no Capitulo em que se-trata dos banhos de París, o-recommenda muito, como uma prova de urbanidade, dizendo que é um meio de promover o amor, e que encontra nelle ainda mais uma certa analogia com a pureza do coração. Finalmente o aceio entra no número das virtudes sociaes.

(300) *Si tribus Anticyris etc.* — O nosso Poeta na Sat. 3.ª do Liv. 2.º torna a dizer: verso 82:

Danda est ellebori multo pars maxima avaris:
Nescio an Anticyram ratio illis destinet omnem.

(306) *Nil scribens etc.* — A maior parte dos interpretes desta Epistola, indo na trilha uns dos outros, insiste em nos-pretender persuadir, que o nosso autor quiz significar nesta frase, que, posto não haver escrito Poema algum dramatico ou épico, vai todavia dar as regras precisas para a sua perfeita composição; e deste parecer é o egregio Metastásio, como se-lê na sua nota ao reparo — *Pictoribus atque Poëtis*; — ainda que por outro lado vigorosamente impugne os argumentos de Lambino, e Dacier. É verdade, que não consta haver o nosso Poeta composto algum dos preditos Poemas, mas lendo com reflexão as suas obras, que necessidade haverá de estar sempre sonhando estudadas intelligencias, quando notâmos, que se em uma pagina nos-affirma não se-podêr contar entre o número dos Poetas, logo n'outra se-acclama e applaude por um dos mais distinctos! Isto mesmo já nós mencionámos em a nossa nota 248 desta Epistola; mas para que não fique ainda a menor sombra de dúvida, faremos agora uma pequena recopilação como a esmo: Logo nos dous versos ultimos da Ode 1.ª Liv. 1.º diz elle:

Quod si me lyricis Vatibus inseres,
Sublimi feriam sidera vertice.

Na Ode 1.ª do Liv. 3.º:

. . . . Carmina non prius
Audita, Musarum Sacerdos
Virginibus puerisque canto.

Na Ode 4.ª:

Vester, Camœnæ, vester in arduos
Tollor Sabinos.

Na Ode ultima:

Exegi monumentum ære perennius.
. . . . .
Non omnis moriar: multaquc pars mei
Vitabit Libitinam. Usque cgo postera
Crescam laude recens.

Na Ode 16 do Liv. 2.º:

. . . . mihi parva rura, et
Spiritum Grajæ tenuem Camœnæ
Parca non mendax dedit.

Na Ode 18:

At fides, et ingeni
Benigna vena est: pauperemque dives
Me petit.

Na Sat. 4.ª do Liv. 1.º:

Primum ego me illorum, dederim quibus csse Poëtas
Excerpam numero.

Agora, na Epistola 1.ª do Liv. 2.º verso 111, confessa o nosso autor, que mente á bôca cheia todas as vezes que affirma não fazer versos; pois que, achacado desta paixão dominante, se-assenta á mesa a escrevel-os antes de nascer o sol. Eis-aqui a razão porque nós dissémos em o nosso Prologo, que só Horacio podia ser o digno, e competente interprete das suas obras.

Ipse ego, qui nullos me affirmo scribere versus,
Invenior Parthis mendacior, et prius orto
Sole vigil calamum et chartas et scrinia posco.

Veja-se a Ode 6.ª do Liv. 4.º:

Spiritum Phæbus mihi, Phæbus artem
Carminis, nomenque dedit Poetæ.

Voltando á Epistola 1.ª do Liv. 2.º verso 219:

Multa quidem nobis facimus mala sæpe poetæ
Ut (vineta egomet cædam mea) cum tibi librum
Sollicito damus, aut fesso; cum lædimur, unum
Si quis amicorum est ausus reprendere versum.

E logo no verso 257:

. . . . *Sede neque parvum*
Carmen majestas recipit tua, nec meus audet,
Rem tentare pudor, quam vires ferre recusent.

Mas para reprovarmos o que havemos dito não se-precisa sahir desta Epistola; no verso 11 diz o nosso Poeta: *hanc veniam petimusque, damusque vicissim etc.* E logo no verso 24: *Maxima pars vatum... decipimur etc.* Nesta alternativa, que poderiamos notar ainda mais, de se-inculcar Poeta umas vezes, e n'ou-

tras desdizer-se, deveremos presumir, pelo que respeita á segunda parte, que fallava assim por impulsos de modestia. Virgilio fez outro tanto, dizendo na Ecloga 9.ª verso 32:

. . . . me fecere Poëtam
Pierides: sunt et mihi carmina, me quoque dicunt
Vatem pastores: sed non ego credulus illis,
Nam neque adhuc Varo videor, nec dicere Cinna
Digna, sed argutos inter strepere anser olores.

Homens ha que, possuindo gróssos cabedaes, ora blasonão de grandes riquezas, ora se-lamentão da mesquinhez da sua sorte, segundo a posição social dos ouvintes. Os bons Poetas fazem outro tanto em materia de Poesia.

(307) *Quid alat, formetque poetam etc.* = Assim como o alimento mantem e vigora o corpo; assim a doutrina alimenta e fortalece o espirito. Dizemos fortalecer o espirito, por instruir, ou enriquecer de conhecimentos scientificos, que é o significado, que corresponde aqui ao verbo *alo*; pois que, no sentido litteral, diz o nosso Poeta no verso 66: *vicinas urbes alit.*

(309) *Scribendi recte sapere est etc.* = Pela mesma razão que Horacio nos versos antecedentes metteo a ridiculo a opinião de Demócrito, que assegurava não poderem subir ao Parnaso os Poetas, que não fossem loucos; por essa mesma declara agora, que a primeira qualidade precisa a todo o escritor, afim de escrever com acêrto, deve consistir em *sapere*; isto é, em possuir um senso fino, um robusto estomago de cabeça (dê-se desculpa a ésta frase) capaz de digerir as idéas, que houver concebido, ou se-tiverem apresentado á imaginação. O Abbade Batteux dá ao ter-

mo *sapere* a significação de *senso, e bom gôsto.* Cicero emprega muitas vezes o verbo *sapio,* tomado neste mesmo sentido. Fica por tanto claro, que se Horacio não houvesse fallado da opinião de Demócrito por ironia, sería agora apanhado em flagrante contradição. Mas para melhor se-entender o sentido que tem aqui a palavra *sapere,* deveremos lembrar-nos, que o Poeta deixou dito no verso 31 desta Epistola: *In vitium ducit culpæ fuga, si caret arte.* Isto é, se nos-falta a arte, quando lidâmos por fugir d'um êrro, vâmos cahir n'outro. Porém note-se que ésta arte, de que falla aqui o autor, não é o conhecimento das regras, ou dos preceitos poeticos, mas sim um tacto maduro, um vivo e prudente discernimento dos limites necessarios do que é verdadeiramente bom; para que não aconteça tôrnar-me escuro, quando pretendo ser breve, como elle mesmo diz: *brevis esse laboro, obscurus fio;* e por isto se eu disser: *Sapiens sum,* deverá sobentender-se, *quia rectam sententiam, vel opinionem habeo.* E, para tornar mais clara ésta doutrina, nos-diz o Poeta na Sat. 1.ª do Liv. 1.º verso 106:

Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

Metastásio traduz este lugar pelo seguinte modo:

Il buon giudizio é il capital primiero
Dell' ottimo Scritor.

Burgos verte igualmente assim ésta passagem:

Para bien escribir, es el buen seso
La primera y mas util circunstancia.

E Monfalcon diz:

Un sens droit est le principe et la source de bien écrire.

Não esqueça neste lugar que, havendo Horacio na Sat. 4.ª do Liv. 1.º verso 9, censurado a pressa, e facilidade com que o Poeta Lucilio metrificava, pois que:

in hora sæpe ducentos
Ut magnum, versus dictabat, stans pede in uno.

diz logo:

Scribendi recte: nam ut multum, nil moror.

Que é o mesmo que dizer: fallo de escrever bem, porque de escrever muito, cousa é essa de que nenhum caso faço. Mr. Gaullyer, tendo em vista o que nos-inculca o nosso Poeta, diz: = Horacio nos-ensina, que o principio, ou a origem de tudo o que se-acha de bem em um Poema, consiste nesta sabedoria, de que Socrates fazia profissão; isto é no conhecimento e prática da philosophía moral. Ésta nos-informa do que é a virtude e o vicio; e nos-ensina, que qualidades ha que, sós por si, não sendo vicios nem virtudes, podem indifferentemente apropriar-se a estas, ou áquelles, e achar-se tanto nos homens bons, como nos máos. =

(310) *Rem tibi Socraticæ poterunt ostendere chartæ.* = Não os escritos de Socrates, pois segundo todos sabem, e o mesmo Cicero affirma, *nullam literam reliquit*, mas sim a philosophía Socrática, isto é, a sciencia da philosophía moral, como já fica dito, que Socrates ensinava aos seus discipulos, taes como Platão, Xenofonte e outros. É pois a ésta proficua doutrina d'um mestre de tanto vulto, e que se-acha exarada nos escritos dos philósophos, que elle educára, que Horacio manda recorrer, chamando-lhe *Socraticæ chartæ*. Estes philósophos académicos, posto se-divi-

dissem em differentes seitas, todavia appellidavão-se *Socraticos*, porque reconhecião Socrates como criador, tornâmos a dizer, da philosophía, mormente moral; e é por ésta razão, que o Commentador Luisino, no seu *Commentarius in librum Q. Horatii Flacci de arte poetica*, diz: *Ab uno Socrate omnes Philosophorum familiæ deductæ sunt.*

Condillac, cuja autoridade tem sido por nós tantas vezes citada, lembrando-se desta passagem na sua Arte d'escrever, Tom. 2.º pag. mihi, 324, diz: = Escritores ha, a quem foi dado ser no seu genero o modêlo do que nós chamâmos estilo elegante; e os seus escritos nos-devem servir de regra. = E mais abaixo, fallando das alterações, que ésta mesma elegancia poderá soffrer, continúa assim: = Eis-aqui a razão, porque o estudo dos escritores, que se-constituírão modêlos, é o unico meio de conhecer a elegancia, de que cada genero de poesia é susceptivel. = Do que deixâmos exposto com facilidade se-deprehenderá a razão porque o nosso Poeta não cessa de nos-recommendar a cada passo a lição dos autores gregos, bem como já nos-deixou dito no verso 268 desta Epistola:

Vos exemplaria Græca
Nocturnâ versate manu, versate diurnâ.

O mesmo Condillac traz cópiadas na sua Historia antiga, Tom. 1.º pag. mihi 162, algumas destas maximas de Socrates, para servirem de instrucção a seu discipulo o Principe de Parma.

(317) *Respicere exemplar vitæ, morumque etc.* = Eu recommendarei, diz o nosso Poeta, ao douto imitador, que aspira a ser bom Poeta, que nunca perca de vista o modêlo geral da vida e dos costumes, que é a natureza, e que tire desta as proprias, e verdadei-

ras feições. Burgos, traductor desta Epistola, verteo este lugar pelo seguinte modo:

> *Quien la naturaleza imitar quiera,*
> *En la vida y costumbres estudiarla*
> *Deberá de los hombres etc.*

E Mr. de Monfalcon, diz igualmente = Je prescrirai au savant imitateur de jeter les yeux sur les modéles vivants de la société, et de tirer de lá un langage vrai etc. =

(323) *Ore rotundo.* = O nosso Poeta diz, que as Musas derão aos gregos um atilado engenho, e a facilidade difficil de exprimirem com perfeição os seus pensamentos, *ore rotundo*; isto é, em elegante e tersa linguagem; que é a fôrça em translato, que tem aqui a palavra *rotundo.* Não está tudo em conceber grandes idéas, originaes pensamentos, não triviaes imagens, mas tambem na maneira desenvolta e elegante de os-representar com valentia e garbo. Sirvão-nos de exemplo o Polyphemo, e o cinto de Venus de Homero — o Escudo d'Enéas de Virgilio — o Adamastor de Camões — o Pandemonium de Milton, — e ali se-verá o espirito da originalidade gigante, expressado com a correspondente elegancia; bem como a formosa dama, cuja belleza mais realça ataviada com preciosos adereços. Cumpre fazer aqui uma reflexão, que muito honra o talento, erudição, e bom gôsto dos autores gregos, e vem a ser; todos sabem, que a philosophía dos gregos, ainda que autorisada por alguem, parecia contrária ao espirito do Govèrno dos romanos. Os Senadores velhos, que não havíão sido educados nas lettras gregas, olhavão as questões dos Philósophos, e os preceitos dos Rhetóricos, como materias frivolas e perigosas, e assentárão por tanto ser do seu rigoroso

dever obstar á continuação destes novos estudos; e por isto no anno de Roma 593 obtiverão do Senado um Decreto, em virtude do qual os Philósophos e os Rhetóricos gregos fôrão expulsos da cidade. O velho Catão Censor foi o que mais trabalhou para que sahissem quanto antes de Roma; no que parece não-se-haver conduzido com toda a coherencia, se nos-lembrarmos que, em idade já bastantemente avançada, pedíra ao seu amigo Ennio, que lhe-ensinasse a lingua grega, que chegou a aprender, e para a qual mostrou depois um gôsto decidido até ao resto de seus dias. = Voltem para as suas escolas, dizia elle severamente antes, vão instruir a mocidade grega com essas boas doutrinas, e deixem os moços romanos ouvir sómente aqui as leis, e os Magistrados. = Mas pelo correr dos tempos pensou-se diversamente, e a precaução de Catão para nada servio; porque a mocidade romana se-dêo toda ao estudo das lettras gregas, indo, pela maior parte, estudar á Grecia, e até escrevendo suas obras em grego, menospresando por este modo o idioma patrio.

(326) *Dicat filius Albini etc.* = Horacio não pretende significar nestas palavras, que a mocidade romana aborrecia o commercio das Musas, mas sim que se não dava toda ao estudo necessario desta arte encantadora; pois que, pela maldita ambição, prendia todo o seu cuidado em procurar meios de augmentar as riquezas, como elle torna a dizer na Epist. 1.ª do Liv. 2.º, que a miudo nos-serve de supplemento a ésta; verso 106:

> . . . . *minori dicere, per quæ*
> *Crescere res posset.*

Assim como por ironia na Epist. 1.ª do Liv. 1.º verso 53 faz o Poeta a seguinte apóstrophe:

O! cives, cives, quærenda pecunia primum est:
Virtus post nummos.

Mas nem por isto deixa de lançar o ridiculo na mania dominante de fazer versos a torto e a direito, como se-lê no verso 109 da Epist. 1.ª do Liv. 3.º.

E mais abaixo, na mesma Epistola verso 117:

Scribimus indocti doctique poemata passim.

Que é o mesmo que dizer: com estudo, e sem elle, todos fazemos versos. Mr. de Voltaire na sua Carta 240, endereçada a Boileau, fallando da mocidade franceza, faz iguaes queixumes, dizendo no sentido do nosso Poeta:

La sombre arithmétique
Succeda dans Paris á ton art poétique etc.

E logo n'outro lugar:

Aux siécles de Midas on ne voit point d'Orphées.

(332) *Posse linenda cedro etc.* Persio tambem disse nas suas sátiras:

Ex cedro digna locutus.

(337) *Omne supervacuum pleno de pectore manat.* = Paraphraseámos ésta frase conservando a metáphora, que o Poeta aqui emprega. Se o estomago, como diz o nosso Bluteau, é o almazem dos mantimentos, o lugar em que se-faz a fermentação, e o cosimento delles; tambem a nossa mente é o almazem de todas as imagens, que se-lhe-apresentão. Poderemos então dizer, que temos dous estomagos: um prepára os alimentos recebidos, o outro digere, aperfeiçôa, e enca-

minha as idéas, e os raciocinios. Tanto um como outro não se-deve sobrecarregar, aliás trasbordará tudo o que fôr de mais. Em a nossa Annotação 40 deixámos copiadas éstas formaes palavras do nosso Filinto, no seu Discurso ácerca d'Horacio, e suas obras =Quem, segundo suas posses, houver escolhido materia, a-houver bem estudado, e-digerido na mente etc. Bastará para abonarmos a nossa opinião ésta autoridade de tanto pêso. Despreaux diz, que pela maior parte a muita abundancia empobrece a materia: *Souvent trop d'abondance appauvrit la matiére.*

(338) *Ficta voluptatis causa, sint proxima veris.* =O Abbade Dubos, por tantas vezes citado nestas Annotações, na parte 1.ª das suas reflexões sôbre a Poesia, e Pintura, explica genuinamente ésta passagem, dizendo: =Tudo aquillo que inventares, com o fim de tornar o assumpto proposto capaz de agradar, seja compativel com o que ha de verdadeiro neste mesmo. O Poeta não deve exigir do espectador uma fé céga, prompta a condescender com tudo. = Mr. de Fontenelle, nas suas reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi 192 igualmente nos-diz: = Como o dever da verosimilhança na Tragedia consista em impedir, que o espirito conheça a falsidade; o verosimil, que mais enganar, ou que melhor souber illudir, será o mais perfeito, e aquelle, que se-faz competentemente necessario. = O Padre Le Bossu, fallando neste mesmo sentido, diz que a verdade, e a verosimilhança podem dar-se ambas, pois que uma cousa, por si verdadeira, póde parecer tal; e isto se-vê de ordinario. Mas ás vezes a verdade não é verosimil, (o mesmo já disse Boileau) como em alguns casos milagrosos, prodigiosos e extraordinarios. Tambem acontece dar-se a verosimilhança sem verdade, como nas ordinarias ficções dos Poetas. Em uma palavra, póde uma

acção ser sómente verdadeira, ou sómente verosimil, ou mesmo sem verdade e sem verosimilhança, ou ter finalmente éstas duas qualidades. = A admiração, diz elle n'outro lugar, é opposta á verosimilhança; ésta última trabalha para reduzir tudo á ordem mais simples e mais natural; e nós, pelo contrário, só admirâmos o que se-nos-figura extraordinario e fóra do uso commum. E é isto que illude aquelles, que para engrandecerem e tornarem dignos os seus herões, os-elevão até ao impossivel. =

(343) *Omne tulit punctum etc.* = Ésta frase é equipollente de levar todos os votos, merecendo a geral approvação. Nos certames dos Poetas romanos, á que chamavão — *Commissio poetarum*, — apresentavão-se os votos por pontos, e por isso aquelle que chegava a conseguir todos, era plenamente approvado. Diz pois Horacio, que o fim da Poesia é deleitar ou instruir: mas se o Poeta, propondo-se a deleitar, simultaneamente instrue; ou se pretendendo instruir conjunctamente deleita, occultando engenhosamente em ambos os casos o seu principal fim ou espirito, então neste caso — *omne tulit punctum*; isto é mereceo a unanime conformidade; podendo contar com todos os pontos, que sê-hão de pôr diante do seu nome, logo que a sua composição poetica fôr apresentada, e lida nos preditos certames dos Poetas romanos.

(344) De proposito empreguei o termo *encanho*, lembrado de que Socrates diz: = *Poetæ non solum verbis usitatis verum etiam novis translatis, et peregrinis, et omni denique dicendi genere suam poësin ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est.*

(345) *Hic meret æra liber Sosiis etc.* = Na Epistola 20.ª do Liv. 1.º, dedicada ás suas composições,

ou Livro, torna o Poeta a fallar destes *Sosias* livreiros, dizendo nos primeiros dous versos:

Vertumnum Janumque, Liber, spectare videris:
Scilicet ut prostes Sosiorum pumice mundus etc.

(351) *Verum ubi plura nitent in carmine etc.* Se se não póde dar perfeição na natureza humana, como poderão ser perfeitas as obras dos homens? Por ésta razão diz o nosso autor, que, notando-se muitas bellezas em qualquer Poema, não deveremos fazer caso de pequenas faltas, que escapárão por distracção, ou como filhas da natural debilidade do nosso entendimento; porque éstas, como diz Longino, são triviaes em os grandes génios, que levando sempre a sua imaginação vivissima a objectos altos, não attentão as pequenas bagatelas, que lhes-ficão abaixo; e o bom censor, torna a dizer o mesmo Longino no Cap. 29, deve desprezar uma escrupulosa e miuda anályse. O erudito Metastásio, para cuja ponderosa autoridade tantas vezes havemos appellado, tendo em vista este lugar de Horacio, expressa-se assim: = Este judicioso preceito, diz elle, é commummente o mais desprezado; porque, ou seja um effeito da nossa innata malignidade humana, naturalmente invejosa do merecimento alheio; ou seja uma frivola ostentação d'agudeza, e conhecimentos; é certo, que o maior desvélo d'um grande número de leitores, mui principalmente dos que lêem livros poeticos, é aquelle de descobrir defeitos: de modo, que se topão com algum (seja no mesmo Homero, em Virgilio, no Ariosto, no Tasso) não cabem em si de contentamento pela grande descoberta; como se fosse difficultosa empreza o achar imperfeições na condição humana: e, não mencionando as infinitas bellezas, entre as quaes está encravado o tal defeito, deste é sómente que fallão: e pre-

sumem ter por este modo excluso os mais dignos escritores d'aquelle conceito de que estão gozando em pacifica posse; e de haver feito emmudecer a autoridade dos seculos, e das Nações, que os-admirárão sempre, e admirão; e de haver, por este modo, mostrado mentirosa a fama. = Se a escacez d'uma nota désse margem a estiradas digressões, fariamos aqui a recopilação das muitas bellezas, que nos-depárão as obras d'alguns Poetas tanto antigos como modernos; mas como éstas tambem já tenhão sido avaliadas pelos homens lidos, e sejão para os principiantes uma lição prematura, tornemos ao fio das illustrações propostas. Os Poetas, que rigorosamente se-tem cingido mais em seus escritos aos austeros preceitos d'arte, são aquelles em que temos achado menos cousas, ou nenhumas, que, devendo-se encommendar á memoria, se-fação dignas d'admiração. Longino, em o Cap. 30, do *Tratado do Sublime*, refórça a nossa opinião, dizendo: = *Não te-arguirem é o mais que lucras em evitar defeitos. Subiste ao sublime? admirão-te. Um só desses brilhantes rasgos, desses sublimes pensamentos, que se-acha nas obras dos autores eximios, paga bem todos os defeitos.* = E logo no Cap. 33 ainda se-explica mais claramente, quando diz: = *E' certo, que Apollonio não tem defeitos na sua Argonautica; mas nem por isso alguem desejaria ser antes Apollonio, que Homero com todos os seus descuidos.* = Diderot, e d'Alembert, na sua Encyclopedia, definindo o termo *Crítica*, explicão-se assim: = *O Crítico superior*, dizem elles, *deixa ao genio toda a sua liberdade; elle nada mais lhe-pede, que grandes cousas, e o-anima assim a produzil-as. O Crítico subalterno o-acostuma ao jugo das regras; e só exige delle exactidão; e de tudo isto nada mais tira, que uma obediencia fria, e uma servil imitação.* =

(357) *Fit Chœrilus ille etc.* = É evidente, que Horacio falla aqui, bem como na Epist. 1.ª do Liv. 2.º do máo Poeta Cherilo, contemporaneo d'Alexandre, e não do outro Cherilo, aliás bom Poeta, que cantou em bons versos a victoria, que os Athenienses ganhárão, destroçando o exercito de Xerxes; pelo que os vencedores se-gloriárão tanto d'uma tal obra, que derão ao seu autor uma peça d'ouro por cada verso. Do que devemos deprehender, que os Cherilos erão felizes com as suas composições poeticas, quer fossem boas, quer péssimas.

(358) *Cum risu miror etc.* O bom, o maravilhoso, o sublime, que se-nos-depara em qualquer obra (posta de parte a prevenção, e a idéa associada do autor, que infelizmente ás vezes nos-céga) não nos-deve provocar riso, mas antes admiração; e é por isto, que démos á frase acima a intelligencia de — *sinto um prazer motivado pela admiração.* — Pois se nos versos de Cherilo as raras cousas boas provocão riso, tambem as muitas más deverão desafiar o pranto.

(359) *Indignor, quandoque bonus dormitat Homerus.* = É este um lugar desta Epistola, que soffre dous sentidos, alterando a pontoação, assim como outros mais que se-podem entender differentemente. Uns Commentadores, pondo um ponto final depois da palavra *indignor*, querem que ésta indignação recahia sôbre Cherilo; outros, pondo uma virgula, que se-refira a Homero. Alguns illustradores de bom nome, como são Ascensio, João Baptista Pigna, Jacob Grifolo, Mr. Perpetit de Grammont, e Mr. de Brueys dão a ésta passagem a seguinte intelligencia : = Quando leio nos escritos de Cherilo raras cousas boas, admiro-as com prazer, ao mesmo passo, que me-faz nau-

sea e perder de todo a paciencia tudo o mais, que escreve este máo Poeta. = Outros sustentão que Horacio levando em vista elogiar Homero, ao mesmo tempo que o-censura, dissera que se-enchia de indignação todas as vezes, ou quando quer que o Poeta grego escrevia mais negligentemente, como dormitando. Ora ésta segunda interpretação, parece mais estudada, que natural, mui principalmente se nos-lembrarmos, que é do estilo de Horacio pôr objecções a si, e immediatamente resolvel-as como tantas vezes temos dito, e fortalece mais ésta opinião o haver o Poeta referido no verso 347:

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus,

e logo adiante:

non ego paucis offendar maculis etc.

Que Horacio conhecia defeitos nos poemas de Homero, disso não podemos nós duvidar, porque elle mesmo mui explicitamente o-declara na Sátira 10.ª do Liv. 1.º verso 51, dizendo:

Age quæso,
Tu nihil in magno doctus reprehendis Homero?

Todavia em a nossa Paraphrase abraçámos ésta segunda interpretação, até para não privarmos Homero deste, talvez, supposto elogio. Mr. Dacier, que segue tambem ésta opinião, traduz assim este lugar: = São menos as cousas boas em Cherilo, que as leves faltas em Homero. = Mr. de Fenelon, na sua Carta á Academia Franceza, lembrado talvez destas espreitadas subtilezas, diz, como indignado: = Pretenderão acaso, por manifesta prevenção, dar á antiguidade mais do que ella exige, e que por certo não pede, condem-

nando Horacio, e sustentando, contra a evidencia do facto, que Homero jámais tivera algumas faltâs intellectuaes? = Porém o engenhoso Pope (se é que não fallava por escárneo, ou em allusão a si; pois que um erudito escritor francez, fallando do seu Ensaio sôbre a Crítica, e cotejando-o com a Arte Poetica de Boileau, profere ésta sentença, não sabemos se justa: = *On remarque de confusion et d'embarras dàns le poéte anglais. Rien n'y fixe l'esprit; il est difficile d'en lire deux chants sans fatigue.* =) diz no Canto 2.º do referido Ensaio: *Homero não dormita, tu sim é que dormitas.* Mas para que o leitor flegmático escolha neste ponto controverso o que lhe-parecer mais chegado á razão, copiaremos aqui a opinião de Mr. de Brueys, traduzindo ésta passagem: = *On l'admire* (diz elle fallando de Cherilo) *avec plaisir dans les endroits de son livre, qui sont dignes d'être admirés, mais en même temps aussi l'on a du mépris et du rebut pour les endroits qui le méritent.* = E continúa assim: = *Vous me direz sans doute qu'Homére lui même, tout grant Poéte qu'il étoit, s'est bien oublié quelquefois: je l'avoue, mais enfin dans un Ouvrage aussi long que le sien, il n'est pas possible que l'esprit veille sans cesse, et soit toujours également tendu etc.* =

(361) *Ut pictura poësis erit etc.* = Aqui não se-trata das Artes comparadas entre si, mas sim das obras destas, como diz o Abbade Batteux. Bem como na Pintura ha o *claro*, que é a parte do painel, aonde fere a claridade *Picturæ Lumen*; assim tambem na Poesia ha o *escuro*, *umbra*, que é a parte do painel privada da luz; e é por isto que se-deve olhar para a obra toda em harmonia, e não desmembradamente, parte por parte: pois que tanto na Pintura, como na Poesia e Escultura se-põe em uso a óptica.

(373) *Non concessere columnæ.* = Sendo, a nosso ver, muito difficil de explicar a verdadeira intelligencia, ainda que de pouca importancia, do termo *columnæ*; todavia para dar maior grão de luz exporemos aqui a interpretação, que lhe-tem dado differentes illustradores, e principiaremos por um anonimo francez, que traduzio ésta Epistola: não porque demos por segura a sua opinião, mas só para que o leitor, entre tantos pareceres, possa formar o seu juizo. = *Columnæ*, diz elle, *são as columnas, que repercutião o som da voz, na occasião em que os Poetas recitavão seus versos; e que coma que gemião quando estes erão máos — Ruptæ lectore columnæ.* = Francisco Cascales, na sua obra intitulada *Tablas Poeticas*, pag. mihi 166, diz decretoriamente que *columnæ* se-deve entender por theatro, tomando a parte pelo todo; e diz mais, que se-deve entender pelo termo — *Di* — os Poetas liricos, que cantavão em honra dos Deoses, e por *homines* os Poetas heroicos, que cantavão as acções dos homens illustres; bem como *columnæ*, que se-deverá tomar pelos Poetas cómicos e tragicos, que davão a representar seus Dramas nos theatros sustentados por columnas. = D. Thomaz d'Yriarte assegura, que seu Tio D. Juan d'Yriarte pretendia provar, que o termo *columnæ* significava neste lugar o mesmo que *lapidas*; de maneira, que o sentido genuino desta passagem é, que nem Deoses, nem homens, nem pedras (usando por hyperbole desta expresssão) podião soffrer Poetas mediocres: e continúa dizendo, que seu Tio, estudioso Humanista, se-fundava no texto d'um autor latino, o qual usára do termo *columna* em a significação, ou accepção de qualquer pedra. = Até aqui o Sr. Yriarte; porém como seu Tio não cita o texto, nem declara o nome do autor latino, não podêmos por isto prestar inteira fé a similhante autoridade. O Abbade Batteux diz, que são as columnas

das salas onde os Poetas recitavão seus versos. O Padre Thomaz José d'Aquino, em a nota competente da sua remexida traducção desta Epistola, diz que Horacio allude aqui ás columnas, ou pilares, (que semelhão aos que se-costumão achar na entrada, ou átrio de alguns palacios sumptuosos) que havia em certo bairro de Roma, onde assistião livreiros. Dacier e Sanadon affirmão quasi o mesmo, dizendo que são os pilares das lojas dos livreiros, onde estes fixavão os annuncios das obras, que expunhão á venda, o que ainda hoje se-pratíca entre nós; e dizem ser ésta a interpretação mais razoavel, levando em vista que o nosso Poeta, na Sátira 4.ª do Liv. 1.° verso 71, dissera:

Nulla taberna meos habet, neque pila libellos.

Mas resta só que nos-próvem, que estes pilares erão naquelles tempos as columnas, a que os Architéctos chamão hoje *Atticas*, de quatro faces; assim como igualmente o motivo, que tivera Horacio, para não empregar aqui o termo *pila*, dando um geito ao verso, mas sim *columnæ*. Seja como fôr; nós vimos, que o Poeta dissera no verso 45 desta Epistola *promissi carminis autor*; isto é, o autor que annunciou a sua obra. No verso 138, fallando da arrogancia da proposição do Poeta Cyclico, diz igualmente *hic promissor*; e agora diz-nos, que as columnas não tolérão Poetas mediocres; deixando-nos deprehender de tudo isto, que era nestas columnas, que os autores fixavão os annuncios das obras, que tencionavão dar á luz, costume, que ainda hoje se-conserva.

(375) *Et crassum unguentum etc.* Todos sabem, que os romanos se-banqueteavão ao som de musica, tendo os convidados as cabeças perfumadas com cheirosas essencias de diversas flores. O Poeta, em muitos lugares das suas obras, lembra este costume; bem co-

mo na Ode 29 Liv. 3.º, quando diz ao seu fautor Mecenas:

Cum flore, Mæcenas, rosarum, et
Prèssa tuis balanus capillis
Jamdudum apud me est etc.

E na Ode 11 do Liv. 2.º diz igualmente:

. . . . *et rosa*
Canos odorati capillos,
Dum licet, Assyriaque nardo
Potamus uncti?

Assim como em outros muitos lugares.

(377) *Sic animis natum, inventumque poêma juvandis etc.* = Aqui o termo *juvandis* não se-deve entender só por *deleitar*, mas sim como adverte Dacier, e nota o Sr. Fonseca, por *deleitar* e *instruir*, abrangendo o util e o agradavel; e talvez por ésta razão diga o Padre Le Bossu, no Cap. 8.º do Liv. 1.º, que se o Poema Épico foi inventado para formar os costumes, é por ésta primeira intenção, que o Poeta deve começar. Homero, continúa elle, tomou por fundo da sua fábula ésta grande verdade; e vem a ser, que a desintelligencia entre os Principes arruina os seus proprios Estados, e por ésta razão principia o seu Poema dizendo: = *Eu canto a cólera de Achilles, tão perniciosa aos gregos, e que fez perecer tantos heróes etc.* = É assim, que se-explica o Padre Le Bossu, não ignorando que Homero tivera aqui em vista a fábula de Esopo dos dous cães, guardadores de gado, que em quanto brigavão obstinados, os lobos lhes-devoravão os rebanhos.

(378) *Ludere qui nescit etc.* = Quem ignora os preceitos d'uma arte, não se-intromette a exercital-a

20

em público, para se não tornar alvo dos apupos dos espectadores circunstantes; só em Poesia, posto se-ignorem as regras della, todos querem metter as mãos, escrevendo algum Poema. Horacio produz exemplos iguaes a este, na sempre folheada Epist. 1.ª do Liv. 2.º verso 114, bem como:

Navem agere ignarus navis timet etc.

(380) *Pilæ, discive, trochive etc.* O nosso Poeta falla aqui destes tres jógos, em que a mocidade romana se-exercitava no Campo Marcio, provando suas fôrças, que vinhão a ser, estes: a *pélla*, o *disco*, e *trocho*. A *pélla* era similhante á nossa, tanto no feitio, como no modo de a-jogar. O *disco* era uma maça de páo, de pedra, de cobre, ou de ferro; destas umas informes, outras chatas e circulares, outras redondas e polídas. Dava-se-lhe o nome de *disco* da palavra grega *disquein*, que significa *atirar*, *lançar*. Alguns destes discos erão furados no meio, e lhes-passavão uma corda, afim de os-vibrar com mais fôrça. Commummente erão muito pesados, e com tudo os Athletas os-arremessavão ao ar, os-aparavão, e os-tornavão a arremessar com facilidade e destreza; e é deste modo, que fazião os seus preludios. O *disco* não era dirigido a alvo, ou ponto algum marcado; todo o caso estava em qual o-vibraria mais longe. Estes Athletas erão chamados *discobolos*. Ordinariamente jogavão nús, e untavão-se com azeite, assim como os lutadores. O nosso Poeta, na Ode 8.ª do Liv. 1.º verso 10, falla destes jogos, dizendo:

. . . . *neque jam livida gestat armis*
Brachia, saepe disco,
Saepe trans finem jaculo nobilis expedito?

E na Sat. 2.ª do Liv. 2.º verso 13:

Seu te discus agit, pete cedentem aera disco etc.

O *trocho* era uma róda de ferro, que pelo circulo interior tinha umas soalhas, que servião só para fazer estrondo, afim de se-desviar o povo, quando o-fazião rodar. Estes jógos passárão da Grecia a Roma. Horacio, na Ode 24 do Liv. 3.º verso 54, diz assim:

. . . . Nescit equo rudis
Hærere ingenuus puer,
Venarique timet, ludere doctior,
Seu Græco jubeas trocho,
Seu malis vetita legibus aleâ.

(383) *Præsertim census equestrem summam nummorum etc.* Todos sabem, que para ser cavalleiro romano cumpria ter pelo menos trinta mil libras de renda annual.

(388) *Nonumque prematur in annum etc.* = Não sei que razão se-dê para tomar ao pé da lettra este preceito, assegurando que o Poeta quer, que os escritos se-guardem por nove annos prefixos, sem excederem nem faltarem dias; durante os quaes deverão estar como de infusão chimica, ou decocção de pharmaceutico, até se-darem á luz. É verdade, que Horacio tem por costume fixar os números na sua quantidade, como, por exemplo, dizendo no verso 189:

Neve minor, quinto neu sit productior actu;

e no 294:

Præfectum decies;

assim como tambem no 365:

Hæc decies repetita placebit.

Mas isto não é para que os Annotadores abracem restrictamente os números indicados, sem exceder nem faltar um só; porque este sentido, que se-tem por genuino, é apparentemente ideado. Horacio o que ordena é, que se não publiquem as obras mal sahirem do bico da penna, mas sim que se-lhes-dê tempo, afim de se-podêrem rever e corrigir uma e mais vezes; pois que a cada passo estâmos descobrindo crassas imperfeições naquellas, que mais nos-havião maravilhado no tempo em que as-escrevemos. Porêm note-se, que nestas mesmas correcções deve haver fino tacto; porque, pela maior parte, sendo escrupulosamente estudadas e sevéras, servem mais para esfriar a composição, que para dar calor e aviventar os primorosos rasgos do escritor ousado. Mr. de Debruys, entendêo como nós ésta passagem, sem os estrictos annos, dizendo: = *Il vaut beaucoup mieux les garder long temps dans le cabinet, que les publier avec trop de précipitation.* =

(389) *Delere licebit, quod non e dideris etc.* — Mr. de Fenelon, lembrando-se desta passagem do nosso Poeta, expressa-se assim: = É preciso, que um autor, diz elle, resista a todos os seus amigos, e que examine e retoque muitas vezes aquillo mesmo, que já lhe-applaudírão. = E n'outro lugar: = É d'um espirito limitado, e d'um coração fraco e vão mostrar-se o escritor contente, vaidoso de si, e das suas obras. O escritor satisfeito é vanglorioso, e de ordinario elle só o-contente; *teque, et tua solus amares:* = Longino no Tratado do Sublime, fallando da maneira d'imitar, Cap. 12, dá este prudente conselho; = Todas as

vezes, diz elle, que pretendermos compôr qualquer obra, e que ésta demande o grande, e o sublime, deveremos fazer ésta reflexão: — Como diria Homero isto? Como se-haverião Platão, Demosthenes, ou Thucydides mesmo, suponhâmos em Historia, escrevendo isto em estilo sublime? Porque estes grandes homens, que nos-propômos imitar, estando assim presentes á nossa imaginação, nos-servem de luz, que nos-elevá tão alto o espirito como a idéa, que havemos formado de seus grandes talentos; e mui principalmente quando fazemos este juizo entre nós: — Que conceito faria Homero, ou Demosthenes, que idéa farião ambos disto, que estou dizendo, se me-escutassem agora? Que conceito formarião de mim? —

(390) *Nescit vox missa reverti.* = Na Epist. 20.ª do Liv. 1.º verso 6, dedicada ao seu Livro, tambem diz: — Meu Livro, que tão precipitadamente desejas sahir a público, e correr mundo, attenta bem para o que vais fazer, repara que, *non erit emisso reditus tibi.* E na Sat. 10.ª do Liv. 1.º diz, que se algum dos Poetas antigos, mesmo dos melhores, presentemente vivesse, sería elle bom corrector dos seus versos, roendo as-unhas, e dando-se a perros;

Detereret sibi multa; recideret omne, quod ultra
Perfectum traheretur: et in versu faciendo,
Sæpe caput scaberet, vivos et roderet ungues.

E diz mais:

Sæpe stylum vertas, iterum quæ digna legi sint
Scripturus: neque, te ut miretur turba, labores,
Contentus paucis lectoribus.

E na 2.ª Epist. do Liv. 2.º verso 109:

At qui legitimum cupiet fecisse poêma,
Cum tabulis animum censoris sumet honesti;
Audebit quæcunque parum splendoris habebunt,
Et sine pondere erunt, et honore indigna ferentur,
Verba movere loco, quamvis invita recedant,
Et versentur adhuc intra penetralia Vestæ:
Obscurata diu populo bonus eruet, adque
Preferet in lucem speciosa vocabula rerum etc.

(396) *Fuit hæc sapientia quondam etc.* = Havendo Horacio ponderado ao primogenito dos Pisões as grandes difficuldades, que ha a superar para merecer e conseguir o nome honroso de Poeta, as quaes parecem quasi invenciveis; passa agora, afim de o não desanimar, a tecer engenhosamente o elogio da Poesia; lembrando-lhe a gloria, e o nome eterno, que alcançárão os primeiros Poetas cultivando ésta arte seductora, bem como Orphêo, e Amphion, e depois destes Homero, e Tyrteó. Relata o proveito e vantagens, que obtivera o genero humano pela aprazivel lição destes philósophos Poetas; e faz toda ésta bem lidada narração só com o fim de estimular o animo do seu discipulo. Para dar, se é possivel, mais luz a este lugar, mencionaremos aqui a doutrina de Mr. de Fenelon, colhida das suas Cartas sôbre a Eloquencia: = A Religião, diz elle, consagrou a Poesia ao seu uso desde a origem do genero humano. Antes que os homens tivessem um só texto da Escritura, os Sagrados Canticos, que sabião de memoria, conservavão a lembrança da origem do mundo, e a tradicção das maravilhas de Deos. Nada póde igualar a magnificencia dos Canticos de Moysés. O Livro de Job é um Poema cheio de figuras as mais gigantescas, e magestosas. Os Psalmos serão a admiração e deleite de todos os seculos. Toda a Escritura está cheia de Poesia naquelles lugares mesmo onde se não acha um só vesti-

gio de metrificação. A Poesia é a que dêo ao mundo as primeiras leis; é ella quem adoçou e fez humanos os homens selvagens, e ferozes; que os-attrahio dos bosques onde vivião dispersos e errantes; que os-civilisou, que regulou os costumes, que formou as familias, e as Nações; que fez sentir as doçuras da sociedade; que pôz em uso a razão, exercêo a virtude, e inventou as bellas artes; é ella a que animava os homens á guerra, e quem os-moderava para a paz. A palavra, animada por vivas imagens, por grandes figuras, pelo transporte das paixões, e pelos encantos da harmonia, foi chamada a linguagem dos Deoses. Os póvos, ainda os mais barbaros, não lhe-fôrão insensiveis. = Até aqui Mr. de Fenelon desenvolvendo exuberantemente ésta materia; vejâmos agora como Mr. de Condillac se-explica, tratando o mesmo assumpto na sua Arte de Escrever, Tom. 2.º pag. mihi 341: = A linguagem da ficção, diz elle, veio a ser entre os gregos a linguagem da Poesia, e eis-aqui o como. As fábulas deverião ter principio entre póvos tão crédulos como os gregos; e éstas deverião ser engenhosas para agradár a homens, cujo genero de vida era simples, e que em geral tinhão costumes doces, e certo gôsto fino, que os-inclinava a cultivar as Artes, e entre os quaes a allegoria se-havia constituido a linguagem da moral, e o depósito da tradição. Como foi o mundo formado? Que culto exigem os Deoses de nós? Quaes fôrão os principios de cada uma das sociedades? Que govêrno é o mais accomodado a promover a felicidade dos cidadãos? Eis-aqui os primeiros objectos da curiosidade dos gregos, naquelles tempos mesmo em que a sua ignorancia era a mais profunda. A Poesia, que só então podia espalhar os conhecimentos e as preocupações, fez-se cargo de responder a todas éstas perguntas. Ella ensinou a religião, a moral, e a historia, e parecendo haver presidido ao Conse-

lho dos Deoses, explicou a formação do Universo. Ignorante ella mesma não podia responder por outro meio a não ser o das allegorias engenhosas; mas emfim ella respondia, e tudo isto era bastante para contentar póvos igualmente ignorantes. Foi buscar a raiz das suas primeiras ficções á tradição confusa dos acontecimentos, cuja distancia não permittia, que se-tomasse conhecimento das causas, nem das circunstancias. Assim foi imaginando outras debaixo deste mesmo modêlo, e, vendo-se applaudida, animou-se a imaginar muitas mais. É deste modo, que se-fez uma linguagem allegorica, e que ao mesmo tempo interessava tanto pelos objectos, como pelo modo porque os-tratava. = Entre os Gregos, diz elle n'outro lugar, depois da guerra de Troia os Poetas naturalmente se-constituírão os Theólogos do Paganismo. Os Poemas erão recitados nas praças públicas pelos Poetas, ou pelos Rapsodistas. O povo, que corria á leitura destes, approvava, ou desapprovava segundo a impressão, que lhe-fazia. Cotejava as obras, que tinha ouvido com as que acabava de ouvir, e por ésta aproximação aprendia a julgar o bom, e a aprecial-o. Eis-aqui os espectadores, que os Poetas tragicos tinhão por juizes. Erão uns homens cujo gôsto exercido procurava nas Tragedias a clareza, a precisão, a elegancia, e a regularidade, de que se-tinhão feito um hábito de sentir em outros generos de Poesia. Os Poetas, que compozerão as primeiras Comedias, são pouco mais ou menos cem annos posteriores a Thespis. Vivêrão no seculo de Pericles, isto é, no dos grandes architectos, grandes pintores, e grandes Poetas. Era ésta a época em que o gôsto, que se-exercia ao mesmo tempo em todas as artes, acabava de se-aperfeiçoar. =

(404) *Et vitæ monstrata via est.* = É este um dos pontos mais controversos de toda ésta Epistola entre

os Commentadores tanto antigos, como modernos; e declarâmos, que não podêmos conformar-nos com as opiniões engenhosamente estudadas de nenhum delles, sem que por isto nos-tachem de ingrato, pelo muito que nos-tem ajudado nesta tarefa tão ardua, sem cujo auxilio tropeçariamos a cada passo, sem nunca chegarmos ao fim proposto. Vejâmos pois o que dizem estes eruditos desavindos: Querem os antigos, que Horacio falle aqui da Philosophía moral, e os modernos como Dacier e Sanadon, que falle da Phisica, aliás, dizem estes, repetiria o que já acima tinha dito, que se-praticára na primeira idade; e, para melhor comprovarem o sólido fundamento da sua opinião, trazem por exemplo os dous Poemas de Phisica, um grego d'Empedocles elogiado por Cicero, e Lucrecio, e outro Latino deste mesmo Poeta, em seis livros, intitulado *De rerum natura.* Tornâmos a repetir, que não podêmos resolver-nos a abraçar nenhuma destas interpretações; porque estâmos mais que muito fatigados de ouvir tão successivos misterios, e subtilezas estudadas de expositores, que parece não tratarem d'outra cousa; para prova do que haja vista á poeira, que levantárão na interpretação da palavra *imus,* do verso 32, desta Epistola; tornando-se necessario que Metastásio viesse pôr fim a uma tal controversia, mostrando-lhes com exemplos do mesmo Horacio, cujas obras estes dous ultimos, Dacier e Sanadon, havião traduzido, o êrro em que cégamente laboravão. Voltemos ao nosso ponto: O Poeta declara, que os Oraculos respondião em verso; já se-sabe, na segunda idade; pois que até para tornar mais clara ésta idéa, fallando de Homero e de Tyrteo, diz explicitamente — *Post hoc;* — e então parece não deixar campo a dúvidas, salvo áquelles que por acinte as-quizerem provocar. Ora: para que servião estes Oraculos? Que fazião? Qual era a sua missão? Pre-

dizer futuros, que versavão sôbre os diversos accidentes da vida humana. Sendo isto assim, porque não traduziremos litteralmente ésta passagem, dizendo com Horacio, que os Oraculos respondião em verso, e que neste mesmo, como é sabido por todos, que tem lido alguma cousa da fábula, nos-mostravão a estrada da vida, vaticinando desta os perigos e os males, como futuros successos; indicados quasi sempre com sobeja ambiguidade, e jôgo escuro de palavras? *Et vitæ monstrata via est*. Que se-poderá oppôr a ésta não torcida, nem esquadrinhada, mas sim natural intelligencia? E porque céga obediencia deveremos religiosamente abraçar sempre as revelações de Mr. Dacier (como lhes-chama Boileau) pretendendo persuadir-nos, que Horacio quer, que se-entenda pelo termo *vita* a *natureza*, por ser ésta quem dá vida a tudo? É com effeito incansavel prurido de aventar esphinges!

(408) *Natura fieret laudabile carmen, an arte etc.* = O nosso Poeta, havendo exposto no verso 295 a doutrina de Demócrito, o qual affirmava que, para alguem se-avantajar em Poesia, valia mais um engenho fecundo e criador, que todos os soccorros d'arte laboriosa e cançativa, *miserâ arte*, mesmo pelo aturado e sério estudo, que se-requer para a-possuir: e, mostrando o nosso autor neste passo a errada, e avêssa interpretação, que a ésta sentença davão os denominados Poetas, como presumindo, que o philósopho negava o ingresso do monte Helicon áquelles, que não fossem inteiramente loucos; quando este só diz, que é vedado este lugar, de mui difficil accésso, e exclusos da entrada *sanos Poetas*; isto é aquelles que, aspirando ao honroso nome de Poetas, não nascêrão prendados d'um vivo fogo d'imaginação, d'um éstro luminoso e quasi divino; mas que, bem pelo contrário, são muito quietos, frouxos e flegmáticos; ou como

proverbialmente se-diz: *mar em calma*; passa agora como Mestre, depois desta explanação, á questão, por tantas vezes ventilada, se para formar um Poeta eximio, pois que se não tolera a mediocridade, contribue mais a natureza, se a arte; e imparcialmente resolve, que nem a natureza, nem a arte de per si só, separadas, tem fôrça sufficiente para constituir o perfeito Poeta; e é por isto que a todo o instante está recommendando o estudo aos seus discipulos, como indispensavel para reforçar e polir o engenho, como se-lê na Ode 4.ª do Liv. 4.º:

Doctrina sed vim promovet insitam,
Rectique cultus pectora roborat.

Vejâmos agora o que o Padre Rapin nos-diz nas suas Reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi 127, referindo-se a ésta advertencia de Horacio: = *Mais quoique la nature*, diz elle, *y fasse peu de chose sans le secours de l'art; il faut toutefois en revenir au sentiment de Quintilien, qui croit que l'art contribue moins á la souveraine parfection du Poete que la nature. Et par la comparaison que fait Longin d'Apollonius, et d'Homére, d'Erastosthenes et Archilochus, de Bacchilides et de Pindare, de Ion et de Sóphocle, dont les premiers ne font aucune faute contre l'art, et les autres en font: il paroit que l'avantage du génie est toujours préférable á celui de l'art.* = Ora se ajuntarmos fé ao que diz Pindaro, este affirma, que sábio é só aquelle, que sabe muito pela fôrça do seu natural; e fallando com ar de desprezo dos que pedem aos outros, que os-ensinem, diz que são como os côrvos, que grasnão inutilmente em tôrno da divina águia de Jupiter. Citaremos aqui ainda mais, por frisar a questão, o que por tantas vezes citado Abbade Dubos nos-revela a este respeito, nas suas Refl. Crit. sôbre a Poesia e

Pintura, Tom. 2.º Sec. 5.ª: = O Génio, diz elle, é uma planta que, por assim dizer, brota por si mesma; mas tanto a quantidade, como a qualidade dos seus frutos dependem muito da cultura, que recebe. O Génio, o mais feliz, só póde aperfeiçoar-se com o auxilio d'um grande estudo. = O nosso Desembargador Ferreira, propondo de novo a questão, sem que o estorve a decisão respeitavel e terminante de Horacio, de cujas obras imitou, ou copiou o que se-lê de melhor nas suas rimas, o que bem comprovão os côros da sua Tragedia Castro, lavra magistralmente a sentença a favor da arte, dizendo no seu acordo:

> Mas eu tomaria antes a dureza
> Daquelle, que o trabalho, e arte abrandou,
> Que dest'outro a corrente, e vã presteza.

Nós, talvez mesmo em perigo de errar, seguimos a opinião de Horacio, pela summa veneração, que nos merece o seu nome, desejosos de perguntar ao Sr. Poeta Ferreira onde se-nos-poderão deparar essas encantadas regras d'arte, que, sendo aliás necessaria, se-torna (como diz Longino) grosseira e digna de desprêzo mal se-deixa conhecer, com o auxilio das quaes se-poderá formar um engenho fertil, criador, e agudo; um ouvido fino, uma propicia Minerva para a natural e espontanea cadencia; em uma palavra o nervo, o vigor de enthusiasmo, este furor poetico, que se-póde chamar *sôbre humano*? Supponhâmos, como acaba de affirmar o Abbade acima notado, que a natureza é o terreno, e a arte a cultura, e perguntaremos ao mesmo passo de que poderão aproveitar os copiosos suores desta, quando aquelle de per si não fôr accommodado e proprio? Talvez nos-responda o Sr. Ferreira, que, apezar da sua quasi invencivel esterilidade, sempre melhorou com a assidua cultura. Convimos, mas

reperguntaremos; e com todos estes improbos beneficios subio ao gráo de óptimo? Não: logo este argumento de paridade é nullo, porque em Poesia não se tolera a mediocridade; ou excellente, ou nada. Emfim, se nos-pretenderem negar o propalado axioma *Poeta nascitur*, nós sustentaremos, que o estudo, sem uma feliz disposição, sem um talento natural, é inutíl, porque não póde por si formar um Poeta perfeito. Bocage, que é da nossa opinião, diz:

> Quem teve o dote de indole prestante,
> Ou nenhuma fadíga, ou pouca exige:
> Este de conductor carece apenas.

Vâmos maís adiante; o célebre Viperano, expondo este lugar do nosso autor, diz *De Poetica*, pag. mihi 16: = *Nec equidem nego in poeta plurimum posse naturam, et maiorem vim in hoc, quàm in aliis studiis habere etc.* O grande orador romano, que fez rir Juvenal, mettendo em versos a mão, declara-se igualmente na oração *pro Arch. Poet.* Tom. 5.º pag. mihi 403, dizendo: = *Atqui sic à summis hominibus, eruditissimisque accepimus, cæterarum rerum studia, et doctrinâ, et præceptis, et arte constare: poetam naturâ ipsâ valere, et mentis viribus excitari, et quasi divino quodam spiritu inflari. Quare suo jure noster ille Ennius sanctos appellat poetas, quod quasi deorum aliquo dono atque munere commendati nobis esse videantur.* = Parece, que o mesmo Horacio na Sátira 4.ª do Liv. 1.º verso 43, contradiz a sua opinião, pois que nos-assegura, que só aquelle, que fôr dotado de um espirito sublime, d'um génio divino, e que disser cousas verdadeiramente grandes, poderá merecer as honras de Poeta:

> *Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os*
> *Magna sonaturum, des nominis hujus honorem.*

E perguntaremos agora, poderá a arte, quasí sempre, mais material, que subtil, insinuar estes dotes, que são radicaes da natureza? Boileau não é tambem, por certo do parecer do Sr. Ferreira, quando nos-dá o seguinte desengano:

C'est en vain qu'au Parnase un téméraire auteur
Pense de l'art des vers atteindre la hauteur,
S'il ne sent point du Ciel l'influence sécrétte;
Si son astre en naissant ne l'a formé Poéte,
Dans son génie étroit il est toujours captif etc.

Se quizermos olhar atraz alguns seculos, veremos o que nos-diz Aristóteles a este respeito, na sua Poetica em fol. pag. 20 Cap. 18, quando trata *De Poetarum præstantia.* Porém, não obstante tudo isto, o Sr. Ferreira, afficado á sua inflexivel opinião, sem que ignore as leis d'Aristóteles e de Horacio, torna a dizer na sua Carta a Diogo Bernardes:

Muito, ó Poeta, o engenho póde dar-te,
Mas muito mais que o engenho o tempo e estudo;
Não queiras de ti logo contentar-te.

Examinemos ainda mais, em contraposição á teima do Sr. Ferreira, o que diz o Padre Le Bossu, no Cap. 5.º do Liv. 1.º: = Como a natureza, diz elle, não inspira as regras da Poesia e dos versos, assim tambem a arte e o estudo não ensinão este garbo, este donaire, este ar, ésta fôrça, ésta elevação em que Horacio descobre alguma cousa de divino, e que por si só é bastante para fazer, que se-mereça o nome de Poeta. É necessário, conclúe elle, haver nascido assim, ou pela excellencia de sua natureza, ou por certas agitações felizes, mas tão extraordinarias, que os antigos, e Aristóteles mesmo, lhes-dão o nome de *fu-*

ror. Cumpre com tudo suppôr um juizo justo e sólido, que seja, para assim dizer, o freio deste furor e da fogosa imaginação do Poeta. = O nosso Manoel Corrèa, Commentador de Camões, annotando o primeiro verso da 5.ª Estancia do 1.º Canto, dos Lusiadas, em que o Poeta pede ás Tagides *uma furia grande, e sonorósa*, illustra assim ésta passagem: = Ordinario é entre Latinos, e Gregos, diz elle, chamarem-se os Poetas furiosos. Donde disse Platão, *in Ione, vel de furore Poetico: Neque enim Poeta prius canere potest, quàm Deo plenus, extra se positus, ac mente alienatus sit*. O Poeta, diz Platão, não póde escrever seus versos, senão estando cheio de Deos, e arrebatado. E no mesmo lugar: *Omnes Poetæ insignes non arte, sed divino afflatu, poemata canunt*. Os Poetas insignes não fazem suas obras por arte, mas com espirito, e ajuda divina. E Cicero Lib. 2 de Oratore: *Poetam bonum neminem* (*id quod à Democrito, et Platone in scriptis relictum esse dicunt*) *sine inflammatione animorum existere posse, et sine quodam afflatu quasi furoris*. Diz Cicero referindo a Platão e a Demócrito, que nenhum Poeta póde ser grande sem furia. Pelo que nem a todos os que fazem versos havemos logo de chamar Poetas. É este um nome mui alto, e que se não deve, se não a quem fôr excellente, e insigne na Poesia = Até aqui o Commentador Corrêa. Ora, de ordinario, os que pretendem sustentar, que em Poesia póde mais a arte que a natureza, são aquelles mesmos paradoxistas, que lidão por nos-persuadirem, que as traducções de verso para prosa são as mais fieis, para prova do que ouçamos agora o que nos-diz o Sr. Fonseca, no Prólogo da sua traducção desta Epistola: = Mas para conseguir a clareza e exacção, diz elle, entendi ser mais a propósito, que a versão fosse antes feita em prosa do que em verso. Desta sorte quando a cópia não seja perfeitamente ti-

rada, no caso de conservar algum tanto a semelhança do original, sempre será cópia, fraca sim, mas parecida. E é isto o que commummente de todo deixão de ser as traducções em verso. Bellas não poucas vezes, porém com mais propriedade se-deverião dizer antes obras sôbre os mesmos argumentos, do que cópias suas. Sei que um tal parecer, conclúe elle, sofre contradicções, e se-accommoda mal ao gôsto de muitos, que severamente censurão traduzirem-se Poetas pelo modo sobredito. Porém as suas razões, diz Sanadon, são mais seductoras que sólidas.= Até aqui o Sr. Fonseca. Mas desejariamos, que tanto elle como o Padre Sanadon, e todos os que seguem ésta opinião de orgulho, nos-ensinassem aonde iremos topar com o Poeta, logo que o traductor acabar de desfiar os versos d'este em prosa? Ora escutem agora o que o Irlandez, Conde de Roscommon, traductor desta mesma Epistola, lhes-responde no seu Poema intitulado — Ensaio sôbre a maneira de traduzir em verso — por bôca do seu melhor Interprete Francez:

Ce n'est que dans les vers qu'on peut des vers d'Horace
Conserver la clarté, l'harmonie et la grace.
La prose le dégrade, et ses pinceaux trompeurs
Prètent à ses tableaux d'infidéles couleurs.
Elle peut exposer l'étoffe á notre vue,
Mais non pas le talent des mains qui l'ont tissue.

Oução mais o que diz Voltaire, que segue o parecer do Poeta Inglez:

Il ést certain, dit il, qu'on ne devroit traduire les Poétes qu'en vers. Le contraire n'a été soutenu, que par ceux qui n'ayant pas le talent, tâchent de le décrier; vain et malheureux artifice d'un orgueil impuissant! j'avoue qu'il n'y a qu'un grand Poéte qui soit

capable d'un tel travail: et voilà ce que nous n'avons pas encore trouvé. = Longe iriamos se quizessemos profundar mais ésta materia, mas não deveremos abusar mais da paciencia dos principiantes estudiosos, dando-lhes uma dissertação por nota.

(412) *Qui studet optatam etc.* Para dar a precisa luz a ésta passagem copiaremos ainda mais de Condillac o que nos-diz a este respeito, na sua por tantas vezes citada Historia Antiga, Tom. 6.º pag. mihi 10, fallando da maneira porque se-exercitavão os Athletas entre os Gregos: = Afim de formar os Athletas, diz elle, multiplicárão-se os Gymnasios, que erão as Escolas onde os Gregos se-exercitavão na luta. O Gymnasiarca era o chefe. Este tinha ás suas ordens um grande número de officiaes; e, para tornar este emprêgo mais respeitavel, havia-se-lhe unido uma especie de Sacerdocio. O Gymnasiarca, como chefe, é que regía a policia do Gymnasio: elle distribuia os premios e ordenava os castigos: tinha autoridade de fazer celebrar os jógos em seu nome. Uma varinha era o distinctivo do seu podêr. Os Athletas não erão admittidos aos combates públicos e solemnes se não depois de haverem feito pelo espaço de dez mezes seus exercicios, debaixo das vistas d'um Mestre da Palestra, a qual era uma sala pública, onde a mocidade se-exercitava na luta. Nenhuma classe era excluida, bastava ser de familia honesta, e não ser escravo, ou estrangeiro. Os Athletas (vai continuando) acostumavão-se a supportar a fome, a sede, o calor, a poeira, e todas as incommodidades d'um exercicio laborioso e duro. Com o fim de se-tornarem mais fortes tinhão feito escolha dos alimentos, que tinhão por mais pesados, assim como vacca, porco, e pão muito grosseiro. Era extrema a sua voracidade. Diz-se que o Athleta, chamado Milão de Crotona, tendo levado até ao fim

do Circo um touro de quatro annos, lhe-dera um murro, que assim o-matára, e o-comêra em um dia. Havião premios destinados para o Athleta vencedor, mas podia-se aspirar a outros ainda muito maiores. Coroado, com uma palma em punho, e revestido de uma opa coberta de flores, corria toda a praça por entre as vivas acclamações do povo, que lhe-fazia os seus donativos. Uma trombeta o-precedia, e um pregoeiro declarava em alta voz o seu nome, e o da sua Patria, e ésta lhe-preparava logo um triunfo. Rodeado de todos os distinctivos da victoria, assentado em um carro tirado por quatro cavallos, e seguido por muitos cavalleiros, entrava por uma brecha, que se-tinha feito abrir, só com o fim de fazer ver, que uma cidade, que tinha taes cidadãos, não precisava já de muralhas. Os nomes dos vencedores erão remettidos aos Archivos; suas victorias erão cantadas por Poetas; gozavão do direito de preferencia nos jógos; erão largamente sustentados á custa do público; levantavão-se-lhes Estatuas, e até ás vezes se-lhes-concedião honras divinas. Nos jógos das corridas a pé muitas vezes corrião nús, e untados com materias oleosas; como o mesmo Horacio diz no verso 33 da Epist. 1.ª do Liv. 2.º:

Et luctamur Archivis doctius unctis. =

(414) *Abstinuit Venere, et vino.* = Juvenal, na Sátira 7.ª verso 96, fallando dos Poetas seus contemporaneos, que compunhão grande número de versos, diz que tambem se-abstinhão do uso do vinho nos dias festivos, quaes erão os Saturnaes, que se-celebravão no mez de Dezembro, em que se-bebia largamente:

Tunc par ingenio pretium: nunc utile multis
Pallere, et vinum toto nescire Decembri.

(414) *Qui Pythia cantat etc.* = Aquelle Musico, que tocava flauta nos jógos ou festas em honra de Apollo, por haver morto a serpente Pytho, gerada da corrupção do diluvio, chamava-se Pythaula, ou Pythaules. O Mysico, que tocava a solo nos côros, imitava estes mesmos Canticos Pythios, que erão os taes hymnos consagrados a Apollo Pythio.

(421) *Dives agris, dives positis in fœnore nummis.* = Horacio empregou este mesmo verso na Sátira 2.ª do Liv. 1.º v. 13:

Fufidius vappæ famam timet ac nebulonis
Dives agris, dives positis in fœnore nummis.

(426) *Tu seu donaris etc.* — Longino, no Cap. 1.º do Tratado do Sublime, dá-nos igualmente o preceito de mostrarmos nossas obras sómente áquelles amigos entendidos, que não forem aduladores. E no Cap. 35, tratando da causa da decadencia dos engenhos, torna a dizer: — Como é possivel, que julgue sãmente do que é honesto e justo o Juiz peitado, em razão de que um espirito sobornado das dadivas não dá ouvidos ao que é justo e honesto, mas unicamente ao que é lucroso? La Fontaine, tendo talvez em vista ésta sentença, explica-se com mais concisão na sua Fábula da Rapoza e o Corvo, quando nos-diz:

Tout flatteur vit aux dépends de celui qui l'écoute.

(434) *Multis urgere culullis etc.* = O vinho tem o podêr de tornar o homem, que se-deixa possuir delle, sincero e verdadeiro em tudo o que diz e obra, mostrando-se tal qual é. — *In vino veritas* — diz Plinio; pois que o bebado sólta do coração os pensamentos, que a dissimulação e a astucia tinhão presos; e

por ésta franqueza é que se-dá a Baccho o nome de *Liber*, pela liberdade espontanea com que manifesta o que sente. O nosso Poeta, na Sátira 4.ª do Liv. 1.º diz isto mesmo:

Post, hunc quoque potus,
Condita cum verax aperit præcordia Liber.

(438) *Quintilio si qui recitares, corrige sodes etc.* = Este Quintilio Vário, ou Varo, de quem já fallámos no nosso Prólogo, parece que ainda parente e amigo de Virgilio, era já fallecido quando se-escreveo ésta Epistola, pois que por isto se-diz — *si quid recitares*, — era um censor atilado, sincero, e prudente; não se-parecia com o sombrio e aspero Orbilio, Mestre do nosso autor, de quem este se-queixa na sempre folheada Epist. 1.ª do Liv. 2.º verso 70:

Memini quæ plogosum mihi parvo
Orbilium dictare.

Suetonio faz menção deste Orbilio no Cap. 9.º *de Clar. Grammat.* Horacio diz que Quintilio dizia amigavelmente aos que lhe-mostravão as suas obras *corrige sodes*, isto é, se pódes vencer-te, se pódes ir por cima do teu amor proprio, *sodes*, emenda isto, e mais isto; mas vendo, que o não fazião assim, não se-cançava mais, e os-deixava, sem coacção em paz, adorando os seus versos, como obra sua.

(441) *Et male formatos etc.* — Empregámos aqui o termo *confragosos*, de que se-serve Quintiliano, *versus confragosi*, para denotar aquelles, que são asperos e duros de pronunciar. Desta palavra usa Duarte Nunes de Leão, no seu Tratado da Origem da Lingua Portugueza, fol. 132. — Ésta pronunciação, diz elle, de nenhuma maneira é aspera nem confragosa.

(445) *Vir bonus, et prudens etc.* No verso 359 desta Epistola já o Poeta empregou este adjectivo *bonus*, dizendo *quandoque bonus dormitat Homerus*; não sabemos a razão, porque os traductores traduzem ora por um modo ora por outro ésta mesma palavra, quando ésta nada mais quer significar, neste caso, que *intelligente*; assim como *bonus Grammaticus, bonus Judex etc.*

(446) *Incomptis allinet atrum etc.* = O censor lido e intelligente risca os versos, que não são numerosos; isto é, que não tem a cadencia, a gala, a desenvoltura, das privativas côres poeticas, e que são urdidos de termos baixos e prosaicos. O Sr. Fonseca abraçou a lição, que igualmente seguimos, *versus male formatos* em lugar de *tornatos*.

(447) *Ambitiosa recidet ornamenta etc.* — O Padre Rapin, nas suas Reflexões sôbre a Poetica, pag. mihi 158, tocando este lugar, explica-se assim: = Tout devient faux dans la Poésie, dés qu'il est trop brillant. Le Poéte n'est point naturel dés qu'il veut dire de belles choses: et il ne s'avise point d'avoir de l'esprit, quand il a l'esprit fait comme il faut: il ne dit rien qui vaille, dés qu'il veut trop bien dire. = Vejâmos como fere este ponto o erudito Fenelon na sua Carta sôbre a Eloquencia: = Um autor, diz elle, que pensa muito, quer tambem dizer muito; não se-resolve a perder cousa alguma, conhecendo o preço de tudo aquillo de que está possuido; e faz todos os esforços afim de fechar tudo nas estreitas balisas d'um verso. Não se-contenta com a razão simples, com as graças ingénuas, com o sentimento o mais vivo, que constituem a perfeição real; o amor proprio leva-o mais adiante. Não sabe conter-se na aquisição do bom, e ignora a arte de resguardar-se dos falsos e desne-

cessarios atavios. Os Poetas de maior vôo, de grande génio, de grandes pensamentos, e prompta fecundidade, são aquelles que mais devem temer este escolho do excésso de espirito. Talvez me-digão, que é um defeito bom, um defeito raro, e maravilhoso; convenho, mas é um defeito, e o mais difficil de corrigir... Uma obra inçada d'ornatos superfluos é o mesmo, que uma téla sobrecarregada de bordaduras; muito lucrará o escritor desfazendo-se da inutil abundancia daquelles, para se-limitar ás bellezas simples, faceis, claras e até como desalinhadas na apparencia... Tanto na Poesia como na Architectura cumpre, que todas as partes necessarias se-constituão atavios naturaes; mas todo o ornato, que não é mais que um enfeite, é demasiado, é superfluo; tire-se este, se nada falta, claro está que só a vaidade o-toléra. = Até aqui o sábio Fenelon. Deve porém notar-se, que na Architectura e Pintura os ornatos servem, a maior parte das vezes para encobrir, e ataviar os defeitos, que é já o que se não dá tanto em Poesia; e por isto se-diz, que havendo-se encommendado á um discipulo de Apelles o retrato de Helena, elle a-pintára pouco formosa, porém riquissima tanto em vestido, como em joias; e mostrando-a assim a seu Mestre, este lhe-disse sorrindo-se: = Não podendo fazel-a formosa, fizeste-a rica. *Cum non posses facere pulchràm, fecisti divitem.* = Se voltarmos para a Poesia, é este o *Assuitur pannus*, de que falla o nosso autor. Dacier, talvez por traduzir os Poetas em prosa, posto que ésta tambem demande harmonia, e os precisos ornatos, diz que ha mil occasiões em que estes são ridiculos e importunos, e que o Poeta se-torna fastidioso e frio empregando-os a miudo, visto não serem necessarios; porque neste caso não são um perrexil proprio para despertar o appetite, mas sim uma iguaria sem sabor, que só provoca tedeo nauseativo.

(450) *Cur ego amicum offendam in nugis!* = O Poeta namorado dos seus versos, como parto do seu engenho, raras vezes lhes-conhece os defeitos, e por isto se-julga mais habilitado, e com maior direito a louvores, que a correcções, as quaes quasi sempre arrastão e gérão controversias, malevolencias, odios, e vinganças. Um tal autor é bem semelhante ao Pai carinhoso que, amando disveladamente seus filhos, é cego para lhes-divisar ainda as mais inveteradas, e habituaes devassidões. A leitura familiar, amigavel, e como consultora das obras d'espirito entre os maiores génios, pela maior parte, os-tem tornado inimigos irreconciliaveis por toda a vida. Haja vista a Voltaire com João Baptista Rousseau, a um Bocage com o Padre Macedo, e a outros muitos, que sería longo mencionar. Tanto nos-deslumbra a geral philaucia humana! Horacio, que tanto reprova ésta indocilidade, diz na já tão safada por nós Epist. 1.ª do Liv. 2.º verso 221:

> . . . . *Quum ledimur, unum*
> *Si quis amicorum est ausus reprehendere versum.*

Havendo já antes dito, verso 167:

> *Sed turpem putat in scriptis, metuitque lituram.*

(453) *Morbus regius.* = Os Latinos chamavão a ictericia *morbus regius*, ou *arquatus morbus*; pois como a-reputavão procedida de melancolia, e que ésta se-combate e cura com variados divertimentos, e grandes regalos, a que nem todos podem chegar, por isto lhe-davão este nome; bem como vulgarmente costumâmos dizer: *Doença de ricos.*

(465) *Dum cupit Empedocles etc.* Este Empedocles, philósopho, poeta e historiador, foi discipulo de

Telauges, que o-havia sido de Pythagoras. Lucrecio, quasi no fim do 1.º Liv. do seu Poema *de Rerum natura*, lhe-dá o honroso titulo de ser a glória da sua Patria, a pezar de refutar em alguns lugares as suas opiniões. Escreveo alguns hymnos sôbre diversos principios de physica, e sôbre os differentes effeitos, que produz o mixto dos elementos; assim como tambem o seu Poema da Metempsycose, ou transmigração da alma, ao qual Cicero, no Liv. 1.º de Orat. dá o nome de *egregium poema*. Horacio torna a fallar deste Poeta na Epist. 12 do Liv. 1.º verso 19:

> *Quid velit et possit rerum concordia discors;*
> *Empedocles, an Stertinii deliret acumën?*

Alguns Commentadores, assim como Horacio, querem que de propósito e a sangue frio, se-precipitasse nas chammas do Ethna, outros dizem, que cahíra por desastre em idade decrepita.

(471) *Minxerit in patrios cineres etc.* O Padre Thomaz José d'Aquino, de quem já fallámos no Prologo desta Paraphrase, em a nota a este hemistichio, talvez por detestar as periphrases, ou termos cobertos, e ser naturalmente inclinado a chamar as cousas pelos seus proprios nomes, e nada ceremonioso com prolixas circunlocuções, não póde levar á paciencia o não se-traduzir fiel e litteralmente o termo *minxerit*, como elle traduz, dizendo que alguns troductores chegando a este lugar, como que tem vergonha de traduzir o que Horacio escreveo; e, para dar mais fôrça ás suas razões, allega com quatro interpretes italianos diabéticos, que são Gariglio, Redi, o famoso coordinador Petrini, e Borgianelli, que troduzio em verso rimado todas as obras do nosso autor em Veneza, no anno de 1792, e quc por isto lhe-levantou os mais ridiculos e

disparatados testemunhos; dizendo que Horacio escrevêra o que nem levemente sonhou. Ora se o Padre Thomaz se-der a traduzir fielmente, pelos seus proprios nomes, tudo o que o nosso Poeta escreveo, insensivelmente nos-copiará trechos do Poema do Camões do Rocio, cuja exposição deslustraria o caracter ecclesiastico d'um erudito homem de porte. O Padre Thomaz segue á risca o exemplo dos philósophos cynicos, que, nomeando as cousas mais indecentes pelos seus proprios nomes, escarnecião d'aquelles que, por modestia, não fazião o[illegible]ro tanto. Lugares ha, que o mesmo citado tradu[illegible] Borgianelli se-vio obrigado a omittir, e até Odes in[illegible]s, como por exemplo a Ode 8.ª do Liv. 5.º que principia: *Rogare longo putidam te seculo*, em cujo número o traductor diz: *Si tralascia per onestá*; assim como tambem os ultimos versos da Sátira 2.ª do Liv. 1.º em que torna a dizer: *Si lascia il resto per modestia*; e no mesmo supracitado Liv. 5.º a Ode 12, que principia:

Quid tibi vis, mulier nigris dignissima barris?

repete o traductor a mesma escusa: *Si tralascia per modestia*; asim como em outros lugares. Á vista do que fica exposto, e visto que não aspirâmos ás honras e privilegio de compositor de diccionarios, dizendo as cousas pelo claro, sejão ou não decentes; e notando, que o comedido Metastásio fez a versão desta passagem, dizendo: *Profanò le ceneri paterne*; e que Mr. de Brueys, com igual rebuço, igualmente dissera: *Ont violé les sepulchres, foulé aux pieds les cendres de ceux qui leur ont donné la vie*; assim como todos os interpretes, que traduzírão dentro dos limites do honesto; bem como o Hespanhol Burgos, que se-limitou a éstas poucas palavras: *Si del padre la tumba veneranda profanó ingrato*; verteremos ésta passagem,

seguindo o genuino sentido de Horacio, pelo seguinte modo:

Ora já porque o sepulchro revolvesse
Em que as cinzas paternas descançavão etc.

O Lusitano tambem traduzio com decóro o mencionado hemistichio, em dizer: = *Se foi por profanar as patrias cinzas.* = Porém na respectiva nota desenfrease, e apresenta sem rodeio a litteral significação do *minxerit*; mas logo, como arrependendo-se, continúa assim: = Bem sabido é que os romanos tinhão por grande impiedade *fazer o sobredito* no lugar de alguma sepultura etc. = O que podêmos inferir d'aqui é que este traductor respeitou a Poesia, sendo modesto em verso, e immodesto em prosa.

Finalmente são éstas as Annotações, que nos parecêo deverião quadrar com alguns lugares desta obra prima de Horacio, colhidas dos melhores philólogos, principalmente modernos; afim de prestarem maior gráo de luz aos principiantes estudiosos, para quem sómente escrevemos, e por isto com tão repizada miudeza que talvez se-tachem de cançada batologia alguns lugares, que se-poderião omittir, como já exuberantemente explicados; porém deste defeito já com prevenção pedimos indulgencia no Prólogo desta obra. Bem poderá tambem acontecer, que sejamos accusados em algumas passagens de se não cumprir exactamente na versão, o que recommendâmos nas respectivas Annotações; como já o Abbade Monnier, no Prefacio da sua excellente traducção da Comedia de Terencio, censurou, por igual descuido, Madame Dacier, pelo que respeita ás suas illustrações sôbre a identica interpretação do Poeta cómico. A ser isto assim, lembraremos em escusa dessa falta que *opere in longo fas est ob repere somnum.* Em summa talvez nos-

exprobrem ainda mais, que estes *sbaglios* bem revelão a nossa certidão de idade, e redarguiremos, que, com maior fardo d'annos passou o immortal Abbade Casti de Florença a París a dar a ultima de mão, e imprimir o seu tão aprazivel, como philosóphico Poema *Gli Animali parlanti*; e se neste, aliás, penoso trabalho a que nos-démos nos-podesse illudir ainda algum vislumbre de amor proprio, abraçando cordialmente as luminosas emendas dos censores imparciaes e de bom nome; responderiamos com Marcial áquelles, que, nada compondo de bom geito, criticão aquillo mesmo que ás vezes infelizmente não entendem: *Hæc mala sunt, sed tu non meliora facis.*

FIM DAS ANNOTAÇÕES.